

LUNA *Leitão*

INSENSATO
Coração

Da mesma autora de ISABELLE





COPYRIGHT © 2019 LUNA LEITÃO

INSENSATO CORAÇÃO

1º Edição — Brasil

Todos os direitos reservados a Autora.

Produção Editorial

CAPA: DÉCIO GOMES

DIAGRAMAÇÃO: BRUNO LIRA

REVISÃO: DANIELA VAZZOLER

ANÁLISE CRÍTICA, COPIDESQUE E REVISÃO GERAL: EDNA NUNES

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Leitão, Luna;

Insensato Coração

1. Ed. — São Paulo — SP — 2019

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. B869.3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

São proibidos o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios –
tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código
Penal.

LUNA *Leitão*

INSENSATO
Coração

SINOPSE

Se você conhece histórias de irmãs gêmeas, nas quais uma é má e a outra é boa, esqueça!

Alana e Adele vivem numa pequena e pacata cidade. Possuem personalidades marcantes, mas distintas e são capazes de tudo para alcançar seus objetivos.

Quando o belo e íntegro Joaquim chega à cidade, apaixona-se e vive um relacionamento ardente com Alana, porém em uma armadilha arquitetada por inveja e ódio, ele se casa com Adele.

Anos mais tarde, por ironia do destino, uma tragédia coloca Alana, novamente, na vida de Quim e o faz refém dos sentimentos arrebatadores que assolam seu coração e o enreda numa paixão proibida, tórrida e alucinante.

Se você conhece histórias de irmãs gêmeas, nas quais uma é má e a outra é boa, esqueça!

Alana e Adele vivem numa pequena e pacata cidade. Possuem personalidades marcantes, mas distintas e são capazes de tudo para alcançar seus objetivos.

Quando o belo e íntegro Joaquim chega à cidade, apaixona-se e vive um relacionamento ardente com Alana, porém em uma armadilha arquitetada por inveja e ódio, ele se casa com Adele.

Anos mais tarde, por ironia do destino, uma tragédia coloca Alana, novamente, na vida de Quim e o faz refém dos sentimentos arrebatadores que assolam seu coração e o enreda numa paixão proibida, tórrida e alucinante.

Mas quais são as verdadeiras intenções de Alana? Resgatar o amor do passado ou vingar-se e arruinar a todos pelo sofrimento que lhe foi causado? Até quando conseguirão levar adiante essa trama, insana e delirante?

Mas quais são as verdadeiras intenções de Alana? Resgatar o amor do passado ou vingar-se e arruinar a todos pelo sofrimento que lhe foi causado? Até quando conseguirão levar adiante essa trama, insana e delirante?

Livro único.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão vai para as muitas pessoas que me ajudaram a desenvolver esta história desde o início:

Os primeiros capítulos, eu entregava para Nalí, amiga e blogueira que formulou questionamentos bem interessantes;

Daniela Vazzoler, minha querida revisora, também foi de suma importância, com sua dedicação, foi além do seu trabalho, e como amiga forneceu conselhos valiosos;

“Insensato Coração” deu-me oportunidade para homenagear as grandes escritoras e a administradora do grupo ADA (Autoras Divulgando Autoras), criando personagens com seus nomes, o que nos divertiu muito durante a construção da história. Gratidão a todas vocês, meninas!

Antes de finalizar a obra, publiquei na plataforma digital Wattpad, na qual recebi ajuda motivadora de várias leitoras, entre as mais especiais, destaco como grandes apoiadoras: Islaneide, Daiane Aragão, Beth, Ivana, Juliana Rigão, Fabiana, Jaque e a carinhosa Angelina, que se tornou uma doce personagem na trama;

Não há palavra que defina minha gratidão e amor à minha sobrinha Juliana, aos meus filhos Isaac, Willyam e ao meu marido, vocês são especiais e peço desculpas pela atenção que não receberam;

Ao longo da minha caminhada, conheci uma pessoa maravilhosa e nos tornamos grandes amigas. Edna Nunes é uma escritora incrível e talentosa, que tenho o prazer de conviver. Com sua impecável preparação de texto e eficiente análise crítica, a minha história ficou melhor do que era. Nenhuma outra pessoa seria mais qualificada para incentivar-me e guiar-me. Seus ensinamentos foram encorajadores, imprescindíveis e essenciais para apontar o que faltava na minha obra e para as futuras. Obrigada, amiga! Beijo no coração.

PREFÁCIO

Fiquei honrada ao ser convidada para prefaciar essa história e aceitei o desafio com o maior carinho!

O que podemos tirar de bom quando algo de ruim acontece?

É preciso ter maturidade para entender, que só colhemos aquilo que plantamos. O tempo passa, o mundo gira e tudo é energia. Tudo que se emana e exterioriza, voltará. Atraímos exatamente aquilo que flui de nós, seja negativo ou positivo, bom ou ruim. É a tão famosa lei do retorno. Como um boomerang.

Luna Leitão tem o dom de criar enredos que nos fazem pensar e nos tiram da zona de conforto. Longe de ser uma trama clichê, sobre um triângulo amoroso, “Insensato coração”, é uma história ardente e, principalmente, uma lição de que vale a pena lutar pelos nossos sonhos.

Até onde vamos? O que somos capazes de fazer diante de sentimentos arrebatadores e extremos como ódio e o amor?

Alana e Adele, foram geradas na mesma placenta, têm a mesma carga genética, são gêmeas idênticas e tiveram, absolutamente, a mesma criação. Ambas são fortes, determinadas, porém ao mesmo tempo em que se espelham, também diferem.

Um ato impensado pode destruir pessoas e até uma família inteira. Nem sempre estamos prontos para enfrentar uma luta constante contra a inveja, a ambição, o ciúme e o ódio. Muitas vezes, somos desarmados pelas nossas próprias imperfeições, imaturidade ou por regras impostas por uma sociedade hipócrita. Porém, a guerra pode ser vencida, se buscarmos dentro de nós, aqueles sentimentos puros, adormecidos em cantos escuros de nossos corações, por vezes, tão insensatos. E é certo que só o verdadeiro amor sobrevive.

Vocês entenderão cada palavra desse prefácio, quando virarem a próxima página e conhecerem as tão diferentes gêmeas idênticas e Joaquim. E torçam, porque entrarão numa luta árdua do bem, contra a maldade duplicada!

Edna Nunes

Escritora

PRÓLOGO

Eu ainda não tinha visto Quim naquele dia e estava cheia de saudade. Nunca podia visitá-lo quando papai estava na cidade. Na noite anterior, tivemos que namorar na sala, comportadamente, mesmo depois de passarmos quase um mês sem nos vermos. Eu estava doida para encontrá-lo a sós. Como ele sempre me dizia: A saudade era farta! Os beijinhos no portão de casa não deram nem para aplacar uma faísca, quanto mais as labaredas do nosso corpo.

Havia passado o dia todo praticamente fora de casa. Havia ido à feira logo cedo com minha mãe. Depois fui ao salão da Etiê para aparar as pontas e fazer as unhas. Almocei na casa de Ivana. Já voltava quando vi a moto do meu namorado, estacionada em frente de casa.

Quim chegou mais cedo! Estranhei, pois ainda faltavam duas horas para o início do jantar em comemoração ao nosso noivado.

Apressei o passo e entrei, larguei as sacolas na mesa da cozinha. Quando cheguei à sala, congelei com a cena à minha frente. Quim estava sentado no sofá de cabeça baixa, exatamente como Adele, que estava ao seu lado. Minha mãe mantinha-se de pé e chorava, desesperadamente. Meu pai, sentado na poltrona de frente para minha irmã e meu namorado, tinha uma expressão inédita para mim. Seu semblante me deu medo, pavor. Quando minha presença foi percebida, o único som audível, naquela sala, foi dos pés de minha mãe correndo em minha direção. Com um olhar de lamento ela me tomou em seus braços e por cima de seu ombro, pude ver que Adele e Quim não reagiam. Seus olhos não deixavam de mirar o chão.

Por que Quim não olhava para mim? Aquilo parecia um filme de horror, em câmera lenta.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? Que caras são essas? — Minha voz saiu trêmula e o nó em minha garganta, só aumentava. — Morreu alguém, é isso? Meu Deus! Foi a tia Dandara?

Meu pai se levantou da cadeira, limpou a garganta e soltou de uma vez, a frase, que achei ter sido a mais dolorosa que já ouvira em toda a minha vida.

— Alana, não haverá mais casamento.

Minha mãe deu um soluço e meu pai continuou a me sepultar, porque se ele

parasse, talvez também não conseguisse mais falar.

— Ou melhor, haverá sim, mas será de Quim e Adele.

— O senhor está brincando, não é?

— Seu namorado engravidou a sua irmã e vai se casar com ela. Ponto final e não se fala mais nisso nessa casa. Você vai hoje mesmo morar na casa da sua tia em Vitória e... — Ele falava, falava, mas eu não ouvia mais nada.

Quando finalmente consegui reagir, gritei a toda voz, esperando que eles acabassem com aquela brincadeira horrorosa.

— Vocês estão malucos?! Será que não veem que isso tudo é uma mentira monstruosa da Adele? Ela sempre foi uma invejosa e venenosa! — Olhei para Quim, suplicando que ele desmentisse, mas ele continuava cabisbaixo.

— Pelo amor de Deus! — pedi, atirando-me aos pés dele. — Fale pra eles Quim. Diga que você nunca dormiu com essa megera. Que jamais faria isso — gritei, o sacudindo — Diga que não engravidou essa louca!

Quim começou a chorar!

Deus! Não! Não! Quim está chorando? Não pode ser verdade!

Ele levantou a cabeça. As lágrimas escorriam por seu lindo rosto que agora estava inchado e com uma vermelhidão em um dos olhos. Chorava, derrotado, como uma criança. Meu pai se pôs ao seu lado, o intimidando. Trocaram olhares. Quim respirou fundo e então sim, eu ouvi a frase mais dolorosa de toda a minha vida. Nada seria capaz de me magoar mais do que aquilo.

— Per- perdão, Alana! E-Eu vou sim me casar com a Adele. Sinto muito, mas esse filho é meu!

CAPÍTULO 1 ALANA

DIAS ATUAIS

Desde o primeiro raio de sol daquela manhã, no momento em que abri os olhos, pressenti que o dia não seria tranquilo. Começou a desandar quando recebi uma mensagem da dona Ivone, avisando que faltaria ao trabalho, pelo terceiro dia consecutivo. Não tive o meu reforçado desjejum e tomei somente um café puro antes de sair.

Meu estômago roncava, mas só tive certeza de que as coisas poderiam ficar piores, quando atendi ao telefone e me obriguei a ouvir as lamúrias de minha irmã. Era tudo que eu não precisava.

— Eu estou ocupada agora. Seja breve.

— *Poxa, Alana! Você nunca tem tempo pra conversar comigo. Sou sua irmã! Custa me dar um pouco de atenção?*

Estava sem tempo e minha paciência com Adele, especialmente naquele dia, estava abaixo de zero.

— Mais? O que mais você quer? Sempre que posso, tento ajudá-la. Ainda não é suficiente? Já foi feito o depósito da mesada da minha sobrinha. E semana passada eu te enviei um extra para os remédios! — A impaciência transparecia em minha voz. Apertei dois dedos na têmpora, estava com muita dor de cabeça.

— *Mas é justamente sobre esse extra que preciso falar. É que fiz os cálculos errados e ficou faltando o valor da consulta com o novo neurologista e ele cobra supercaro.* — Sua voz, falsamente doce, me enjoava.

— Outra? Mas, não foi um neurologista, que Maria Eduarda consultou em Vitória, semana passada?

— *Caramba, Alana! Deixa de ser mesquinha! Esse é outro doutor que me indicaram. Dizem que é o “bam bam bam”, quando o assunto se refere a transtornos mentais em crianças e adolescentes. Queria muito que a Duda fosse examinada por ele também, e...*

— Tá, tá! Quanto mais você quer? Fala logo, estou atrasadíssima! Ah! Eu quero os recibos, ouviu? Até hoje, você não me enviou nenhum! — Já começava

a desconfiar das verdadeiras intenções de Adele.

— *Droga, Alana! Já falei que o Quim pegou todos no nome dele, pra descontar no imposto de renda. Falei pra ele que você queria os recibos, mas ele disse que você é rica, não precisa dessa merreca para fazer acertos com o leão.*

Enxerguei tudo em vermelho. Meu sangue ferveu e eu explodi:

— Merreca?! Esse morto de fome não tem noção de dinheiro? Não sabe quanto vale, porque não foi do suor dele! Cara de pau! Até quando você vai aguentar essa merda de marido? — gritei com a infeliz, mas nem a minha irritação pareceu lhe abalar, pois continuou a falar, com sua voz manhosa.

— *Minha irmã, depois você passa o sermão, tá bem? Preciso do dobro do que você depositou na semana passada.*

— O que? Que médico de ouro é esse? — Senti que a dor em minha cabeça só aumentava.

— *É um especialista renomado e é muito difícil conseguir uma hora com ele. Tem fila de espera de quase um ano. Foi uma amiga, que trabalha na clínica dele, quem conseguiu esse encaixe, e...*

— Tá, tá, tá... Mais tarde a Carol deposita, mas me envie depois o nome deste médico e da clínica. Quero saber quem é e como foi o atendimento. — Precisava desligar, Adele continuava insuportável.

— *Aham... tá! Depois eu passo pra sua secretária. Obrigada, minha irmã. Não sei o que seria da minha filhinha se não fosse por você. Porque se dependesse do Quim, a Duda não teria nem escola, quanto mais um tratamento digno.*

— Tchau, Adele! Beijo na Maria Eduarda.

Possessa, não esperei pela resposta e desliguei em sua cara. Estava indignada e quando me sentia assim, precisava desabafar e nada melhor do que arremessar algo bem longe. Escolhi meu porta-lápis e o fiz voar para o chão.

Não era o dinheiro que me importava, mas o ódio que meu cunhado, vagabundo, despertava-me. Como minha irmã continuava com um homem como aquele? Já havia lhe convidado para morar aqui, no Rio de Janeiro e trouxesse a Maria Eduarda. Entretanto, insistia em ficar enterrada naquela cidade, ao lado daquele “João ninguém”.

— O que foi, Alana? De novo esse “encosto” da sua irmã? — Dei um pulo na cadeira. Estava tão enfurecida, que nem vi quando Xandy entrou.

— Que susto, droga! Agora fica escutando conversa alheia?

— Bom dia! A porta estava aberta e do jeito que você gritava, até os pombos

lá do telhado ouviram a ladainha. Não precisa descontar em mim, Angel.

— Não estou boa para bater papo, Xandy!

— Nossa! Que mau humor logo cedo! Adele pegou pesado outra vez? — Sem ser convidado, sentou-se e cruzou as pernas.

— Dinheiro, dinheiro e dinheiro! Ela pensa que sou um banco. Não sei... — Pensei por um segundo. — Estou achando que tem carço nesse angu! Adele é muito ardilosa, mas a ocasião para pegar um trambiqueiro é quando ele acha que está tudo na calmaria. Aí, caro amigo, é a hora do crocodilo dar o bote!

— E o crocodilo, nesse caso, será você, lindinha? — Solto a sua piada junto com uma gargalhada, o que era típico dele.

— Investigarei a fundo pra onde está indo tanto dinheiro! Se Adele pensa que ficarei pagando eternamente por aquilo que não estou vendo retorno, ela pode começar a retirar o seu filhote de equino da perturbação pluviométrica!

— Hã? Filhote? Alana, quando você começa a falar com essa língua de nerd é porque está péssima mesmo.

— Por favor, Xandy! “Ela pode tirar o cavalinho da chuva”, entendeu agora?

— E como deixar de ajudá-las? Você falou que o imprestável do seu cunhado não põe grana em casa e é você quem está arcando com o tratamento da sua sobrinha. Não é sobre Adele, mas sobre a Duda que estamos falando.

— Tem razão! — admiti, sem saber direito o que pensar. — O problema Xandy, é que ali juntou a fome com a vontade de comer! São duas sanguessugas. Minha irmã e aquele inútil, morto de fome! Mas, como proteger minha sobrinha deles?

Ainda me lembrava com clareza que, há alguns anos, ela me procurou aos prantos, dizendo-me que sua filha recebeu o diagnóstico de transtorno mental, com suspeita de síndrome do pânico. Prontifiquei-me a ajudá-la no que minha sobrinha precisasse. Após nosso “reencontro”, comecei a custear todas as consultas e exames médicos de Maria Eduarda. Quando me dei conta já sustentava a menina.

Adele me contou que o marido não se importava e não aceitava a doença. Fiquei chocada com a mudança de personalidade de Quim. Nunca poderia imaginar que um dia ele fosse negligenciar os cuidados com a própria filha. Apesar de tudo que ele me fez, pensava que com a própria família ele fosse agir diferente.

Levantei da cadeira e abri todas as persianas. Minha sala só tinha paredes para manter a privacidade do banheiro, em todo o resto era envidraçada. Tanto para se observar a vista externa do edifício, como para controlar os meus colaboradores.

Meus olhos de águia não podiam perder nada. Sempre em alerta a quem estivesse fazendo corpo mole.

Abri a porta e gritei por Carol. Quando nervosa, jamais usava interfone. Ficava louca para gritar! Voltei, mas não consegui sentar. Andei de um lado para o outro, pisando nos objetos caídos pelo chão, enquanto desabafava com Xandy.

— Eu fico aqui me matando de trabalhar, dia e noite, acabando com minha pele perfeita, pra depois ser explorada por essa dupla de trapaceiros? Adele sempre foi manipuladora, ardilosa e aproveitadora. Aquela cara de santinha do pau oco não me engana... Aí tem! Pode apostar, Xandy!

Carol entrou correndo e sua cara de sono não me surpreendeu.

— Bom dia, Alana! Precisa de algo? — indagou e arrumou os seus óculos, com seu tique nervoso.

— É claro que preciso de algo. Por que mais eu a chamaria, então? Recolha essas coisas do chão!

Tinha consciência de que não era fácil de lidar com o meu gênio, o que me fazia pensar que Carol só aguentava pelo gordo salário depositado em sua conta, todo fim de mês.

Xandy fez uma careta, provavelmente reprovando a grosseria com que tratei a minha secretária, mas continuou com o assunto indigesto que era a minha família.

— Adele, com cara de santinha? Aquilo tem cara de mulher vamp que te suga até a última gota de sangue e...

— Epa! Está falando que tenho cara de vampira? Porque somos gêmeas, ou você já se esqueceu desse pequeno detalhe insignificante?

— Não minha amiga... Vocês são as gêmeas idênticas mais diferentes que vi na minha vida! Você é mais bonita, inteligente, culta, exala classe e poder.

— Xandy, às vezes eu acho que você ainda tem uma quedinha por mim! — Um pouco mais calma, sentei-me, contagiada com o bom humor de meu amigo.

— Sempre tive, Angel! — Xandy deu uma piscadela e um sorriso debochado, sendo observado atentamente por Carol.

Ela era uma moça bonita, inteligente e até onde pude perceber, rolava um interesse por Xandy. Pudera! Ele era um homem lindo, charmoso, porém jamais olhava para ela com o mesmo interesse. Eu duvidava que seus óculos tinham mesmo algum grau, porque não era segredo para ninguém a bissexualidade do meu amigo, além de que a garota não era o seu tipo. A sua preferência era por mulheres mais experientes e homens jovens e musculosos.

Conheci Xandy no mundo dos desfiles. Ele também era brasileiro e capixaba da gema, pois nascera na capital Vitória. No início, rolou um clima entre nós, no entanto não levamos adiante. Preferi não colocar em risco a nossa amizade. Alexander foi um modelo internacional, mas sempre no nível mediano e enxerguei nele uma virtude imprescindível para se formar uma parceria: a fidelidade! Sua carreira já estava em baixa, então fiz o convite. Ele não só se tornou o meu braço direito, como também o meu fiel escudeiro.

— Tenho muito trabalho à minha espera e acho que você também. Por favor, saia. Você também, Carol.

Ela levantou e recolocou o porta-lápis sobre a mesa.

— Mas eu nem acabei de pegar todas as canetas e lápis... — Arrumou os óculos novamente.

— Não precisa mais, obrigada. Eu faço isso. Quero ficar sozinha.

Depois que Xandy e Carol saíram, eu fiquei na sala pensando num jeito de verificar se Adele estava sendo correta comigo. Coisa rara, mas não impossível. Afinal tratava-se da saúde da sua própria filha. Se bem, que vindo de minha irmãzinha, nada de bom saía daquela cabeça maligna.

Fui olhar um pouco a vista da janela. Rio de Janeiro. Nem acreditava que estava de volta ao Brasil. Senti saudades e amava o meu país, mas odiava a cidade onde nasci e vivi até os meus 17 anos. Tinha horror quando me perguntavam sobre a pequena Campos Verdes, que ficava no estado do Espírito Santo.

A única coisa que ainda me ligava àquele lugar era a minha adorada sobrinha, pois meus pais faleceram em um acidente. Adele? Não sabia o que sentia por ela, mas sim o que não sentia. Não me fazia falta alguma! Apesar de sermos idênticas, nunca tivemos aquela sintonia que dizem que os gêmeos sentem um pelo outro. Pelo contrário, a inveja da minha irmã sempre me perseguiu. Toda vez que conversávamos, aflorava em mim a lembrança daquele local, onde fui tão infeliz.

Perdida em pensamentos, ouvi quando Xandy aproximou-se por trás de mim e me abraçou.

— Eu disse que queria ficar sozinha, teimoso — reclamei, mas fiz o contrário do que minhas palavras afirmaram. Encostei a minha cabeça em seu ombro e fechei os meus olhos.

— Alana, toda vez em que a sua irmã liga, você fica mal. Vamos conversar um pouco?

— Por favor, meu amigo. Não quero mais falar nesse assunto.

— Você devia voltar a fazer análise. Quando retornarmos a Miami, posso marcar um horário com a doutora Luana?

— Não!

Ele era o único que sabia tudo que havia acontecido no meu passado. Foi quem me incentivou a procurar a ajuda de um profissional para tentar tirar o peso que tinha no coração. Mas cansei da doutora Luana, do seu mesmo discurso sobre o perdão e sua frase preferida e decorada: “Aquele que não pode perdoar destrói a ponte sobre a qual ele mesmo deve passar.” Ela devia ter tirado o seu blá blá blá do Google. Pura balela, pois eu atravessei a ponte e ainda galguei montanhas e cheguei ao topo.

Consegui tudo com muita garra, determinação, e claro, dinheiro! Porque sem o bendito, nem minha cara bonita e nem meu cérebro privilegiado iriam me levar ao patamar onde estava. Era uma mulher arrojada nos negócios e muito requisitada no meio *fashion*. Consegui concluir a faculdade de administração e com os contatos e conchavos que fiz no mundo da moda, criei em Miami a grife *Alana Shultz* que então chegava também ao Brasil, com novas filiais no Rio de Janeiro.

A verdade era que nem o sucesso profissional fora capaz de preencher o vazio que se instalou no meu peito desde os meus 17 anos.

— Angel, porque não tira uma folga hoje e vai fazer um Spa, ficar ainda mais linda e gostosa? — Xandy me trouxe de volta de meus devaneios.

Sorri com o seu comentário e me aninhei mais em seus braços.

— Obrigada, amigo, mas prefiro ir para casa. Estou indisposta e com fome. — Desvencilhei-me dos seus braços e dei um beijo no seu rosto. — Vou comer algo na rua e ficarei bem, prometo! — Peguei minha bolsa e fui embora.

Cheguei em minha cobertura, que ficava na Barra da Tijuca, de frente para o mar. Tirei os sapatos no hall de entrada mesmo. Caminhei pela suntuosa sala do lugar que adquiri tão logo me instalei no Rio.

Liguei o som ambiente e a primeira música que tocou não amenizou em nada a minha angústia. Christina Aguilera cantava “*Walk Away*”, tão perfeita para mim.

O que você faz, quando você sabe que alguma coisa é ruim pra você e mesmo assim não pode esquecê-la?

Eu era ingênua

Seu amor era como doce

Artificialmente doce

Eu fui iludida com a embalagem

Fiquei presa na sua teia

E aprendi como sangrar

Eu era uma presa na sua cama

E fui devorada completamente

E isso machuca minha alma

Pois eu não posso esquecer

Todas essas paredes estão enfraquecendo

Eu não consigo parar com meu sofrimento...

Abri a porta da varanda e senti a brisa que vinha do mar. Voltei para a sala e continuei a me torturar, ouvindo a música.

Mais uma vez, naquele dia, as lembranças vieram como um tornado, devastando as minhas muralhas.

CAPÍTULO 2 ALANA

13 ANOS ATRÁS

O despertador tocava alto e com muito esforço consegui esticar a mão e silenciá-lo. Tentei acordar a minha irmã, que continuava dormindo, apesar do som estridente do despertador. Fui até a sua cama e a sacudi.

— Vamos, Adele! Nada de enrolação hoje. Não podemos atrasar, temos prova logo na primeira aula.

A preguiçosa mantinha os olhos fechados, só deu um grunhido e abraçou o travesseiro.

— ADELEEEE! — gritei bem próximo ao seu ouvido. — Estou farta de precisar te acordar todo santo dia!

Ela começou a choramingar algo indecifrável.

— Deixa de ser chata Alana. Só mais um pouco — resmungou, cobrindo a cabeça com o edredom.

— Você que sabe! Já não basta ter de dividir o quarto com você e suas bagunças a minha vida inteira? Ainda tenho que te fazer levantar todos os dias? Já falei mil vezes pra você estudar à tarde, mas eu sei muito bem porque você não quer.

Adele nunca quis mudar para o turno vespertino, porque queria ficar na mesma turma que eu, mas se pensam que era porque gostava da minha companhia, doce engano! Ela sempre queria ficar nas minhas costas, copiando meus deveres de casa, plagiando meus trabalhos, colando nas provas.

Estava farta daquilo! Ela bem que tentou me convencer a mudar para a tarde, mas eu gostava de ir pela manhã, pois achava que o dia rendia mais. Podia fazer meus trabalhos, dar minhas aulas particulares e estudar mais tranquilamente. Esforçava-me muito nos estudos.

Tracei planos grandiosos para o meu futuro e sabia muito bem que vivendo naquela cidadezinha não ia muito longe. Tinha que passar no vestibular e sair de Campos Verdes. Desde criança sentia que não pertencia àquele lugar. Queria vencer profissionalmente, viajar, ganhar o mundo! Sempre fui muito

determinada, ambiciosa e como não nasci em berço de ouro, a única chance de vencer era deixando a cidade e frequentando uma boa universidade. Não conseguia me imaginar tendo a vida da minha mãe.

Dona Vallentina, ou Vall, como a chamavam, era uma mulher muito bonita e bem mais nova do que o meu pai. Dona de casa, fazia bolos e pães para fora, e assim, ajudava no orçamento.

Meu pai era caminhoneiro e mesmo sendo proprietário do caminhão, sua vida era muito dura e, principalmente, no Brasil, era complicado. Enfrentava rodovias precárias, fretes mal remunerados e prazos desumanos para a entrega da mercadoria. Sem falar na insegurança das estradas, com roubos de cargas e, às vezes, até o assassinato dos motoristas. O sonho de mamãe era que meu pai largasse aquilo, mas para alguém que não teve oportunidade de estudar, ficava difícil abandonar a única profissão que conheceu.

Adele não pensava como eu, aliás, só quando éramos crianças e gostávamos de aprontar nossas traquinagens é que combinávamos em nossos pensamentos, mas então crescemos; eu tinha sonhos e objetivos a alcançar, mas ela parou no tempo. Continuava inconsequente. Não gostava de estudar, só pensava em baladas e namoros. Seu único sonho era fazer um bom casamento e viver às custas de algum marido idiota. Do jeito que se exibia, achei que seria modelo, mas não rolou. Não que ela não quisesse, mas meu pai nem podia ouvir falar em carreira artística. Isso ficou claro quando ele nos levou a um passeio na casa de tia Dandara, sua irmã caçula, que morava na capital.

Aproveitamos para curtir um cineminha no shopping. Quando estávamos na praça de alimentação, lá fomos abordadas pelo proprietário de uma agência de modelos, que nos fez um convite para um teste, de um comercial. Ele disse a papai que tínhamos grande potencial para fazermos um enorme sucesso, pois além de possuímos uma beleza impressionante, éramos gêmeas idênticas. Seu Giovanni Bianchi, truculento e totalmente ogro, colocou o homem para correr e disse que suas filhas não eram putas! Santa ignorância!

Meu velho tinha o sangue quente dos italianos e conheceu minha mãe, descendente de alemães, numa viagem que fez para Santa Catarina, mais precisamente em Blumenau, onde ela nasceu. Dessa mistura interessante, não poderia deixar de sair um par de filhas loiras e lindas!



Estava pronta e a traste da Adele continuava dormindo. Que se danasse! Desci para tomar café e minha mãe foi logo me interrogando.

— Alana, você não acordou a sua irmã? Sabe que precisa insistir com aquela menina!

— Bom dia, dona Vall! Nem vou discutir mais sobre isso, mãe. A senhora está cansada de saber que a preguiça parou ali e ficou! Tentei acordá-la, mas naquela peste, só jogando um balde de água fria! — Sentei para engolir algo rapidamente.

— Não fale assim de sua irmã, filha! O organismo dela é mais lento, e...

— Ah não, mãe! Não acredito que vai repetir as desculpas esfarrapadas que Adele inventa. Por favor!

Caramba! Às vezes, eu achava que Vall era muito desligada ou fingia, apenas para viver em paz. Ela bufou, impaciente, e foi para o quarto acordar a molenga da minha irmã.

Eu não podia nem sentir mais o cheiro do pão caseiro que minha mãe tanto fazia, então, tomei somente um café puro, peguei uma banana e saí.

Enquanto caminhava para o colégio, respondi a alguns cumprimentos, mais por educação, pois sabia que a maioria era pura falsidade. Não tínhamos fama de gêmeas boazinhas. Sempre recebíamos algum apelido, e naquele momento, éramos chamadas de Maligna e Mortífera. Aqueles rótulos não me incomodavam, pelo contrário, eu adorava e sorria pensando que aquela gente, ainda iria ouvir falar muito sobre mim. Meu lema era vencer ou vencer! Não admitia nada menos que isso.

Cheguei ao colégio, não parei para conversar com ninguém e fui logo sentar na minha cadeira, bem na frente. Aproveitei para repassar um pouco do conteúdo da prova. A turminha de Adele entrou e, como sempre, foi para o fundo da sala, exceto Rebeca, que parou na minha frente, para saber notícias de minha irmã que era sua melhor amiga.

— E aí, Mortífera? Adele não vem hoje?

— Bom dia, “Rebrega”! A Maligna não quis acordar — respondi e olhei com cara de nojo para suas roupas ridículas. Deus! Que menina insuportável!

— Imagino. Ontem a nossa noitada foi fogo puro. Mas eu tô aqui, né? Acordada e prontinha pra prova.

— Nossa! E você acha que estou interessada em suas proezas? Vaza daqui “Rebrega”, me deixe estudar.

— Credo! Sempre mal-humorada. Tomara que leve um zero! — Deu as costas e saiu rebolando aquele traseiro cheio de celulites.

Gargalhei gostoso e fiz um sinal de dedo para a brega. Coisa impossível, no

meu caso, era tirar um zero. Sempre fui a melhor da turma e ela sabia muito bem disso.

Já havíamos iniciado a prova quando uma Adele esbaforida chegou à sala e fez aquele teatrinho de coitada, que tanto gostava.

— Bom dia, professor Cirilo! Desculpe o atraso, mas precisei fazer uma entrega de bolos para minha mãe. Coitada, hoje ela estava com a coluna arreventada e...

— Tá, tá, Adele! Já entendi. Entra logo.

Ela entrou e deu um sorriso de mil watts para o tonto do Cirilo, que ficou se achando. Coitado. A sonsa com seu rebolado vulgar, foi para os fundos da sala, pegou uma cadeira e levou-a próxima à minha e, rispidamente, ordenou à tímida Jaqueline, que estava sentada atrás de mim:

— Jaque! Chega sua cadeira pra trás, que eu vou sentar perto da minha irmã!

— A garota se levantou, prestes a obedecer.

— Nada disso, mocinha! — O professor a impediu. — Eu já permiti você entrar quando já havia iniciado a prova e agora quer sentar perto de Alana? Hoje, não estou a fim de ficar te vigiando o tempo todo. Vá sentar onde sempre sentou. Nos fundos! — ordenou com o indicador apontado em direção à carteira dela.

A turma caiu na gargalhada, enquanto minha irmã, enfurecida batia seus saltos ao retornar para seu lugar, junto à sua turma do balacobaco. Sim, ela usava saltos altos na escola.

Dei Graças a Deus! Era irritante fazer uma prova com Adele me cutucando o tempo todo, pedindo cola. Jaque que estava atrás de mim, nunca me incomodava.

CAPÍTULO 3

ALANA

A rotina seguia irritantemente chata, mas naquela manhã, no horário do recreio, eu voltava da biblioteca quando um desavisado me deu um esbarrão e deixei meus livros caírem. Já estava preparada para xingar o infeliz que me atropelou, quando vi um par de olhos verdes cristalinos, tipo o mar do Caribe.

Que homem lindo! pensei, admirada com aquele bronzeado e corpo atlético, com aquela boca carnuda. E aqueles olhos!? Quem era aquele gato que também me analisava dos pés à cabeça e parecia estar sentindo o mesmo encantamento que eu? Ficamos nos encarando, até ele quebrar o silêncio.

— Desculpe. Estava com pressa e acabei me atrapalhando todo.

Tudo era perfeito. A voz deliciosa, o corpo malhado, realçado pelo jeans claro e a camiseta azul, já seriam suficientes para me deixar sem ar, mas ainda havia seu cabelo castanho escuro e meio bagunçado para acentuar sua beleza! Fiquei paralisada como uma boboca. Não conseguia desviar o olhar daquele rapaz lindo.

Acorde, Alana! Desde quando um rostinho bonito e um corpinho sarado te distraem? Nunquinha!

— Da próxima vez olhe por onde anda, seu estabanado!

O cara arregalou seus lindos olhos do caribe, quando ouviu minha “delicada” resposta. Eu tentava imaginar de onde havia surgido aquele homem tão gostoso. Sabia que ele não era de Campos Verdes, com certeza aquele tigre tinha vindo de fora.

Caribe, sem nada falar, abaixou e pegou os meus livros. Quando se levantou, o fez vagarosamente, observando meu corpo. Mirou cada detalhe de meu jeans justo e da blusa branca do uniforme, que colada, marcava os meus seios. Quando nossos olhares se encontraram novamente, eu arqueei minhas sobrancelhas, deixando bem claro que percebi seu escrutínio.

Ele sorriu de lado e me entregou os livros. Peguei sem desgrudar os olhos dele e mais uma vez ele tomou iniciativa e puxou conversa.

— Oi! Acho que começamos mal. Meu nome é Joaquim, mas todos me

chamam de Quim. Vim fazer a matrícula para o curso de...

— Olha bem, *Quincas*, não estou com tempo para ouvir o seu colóquio sonolento pra gado bovino repousar. — O gato fechou a cara e antes que eu pudesse continuar, revidou a gentileza

— Porra! Você é sempre assim? Mal-educada e mal-humorada? Nós ainda nem conversamos pra você achar que minha conversa é mole pra boi dormir.

Ele era astuto. Diferente de todos os demais, que jamais entendiam o que eu falava. Definitivamente aquele espécime não era de Campos Verdes!

— Aí Galega, você deve se achar a última bolacha do pacote, hein? Mas fique sabendo que você não faz o meu tipo, garota! E meu nome é Quim!

Comecei a rir! Primeiro de nervoso, depois pela falta de criatividade do caipira... Última bolacha? Eu queria matar aquele garoto, porque estava mais para a última esmeralda da mina!

— Veja bem “Quimmmm”! Eu sei que não sou a mulher dos seus sonhos! Você não seria capaz de sonhar tão alto! — adverti, abusando de minha criatividade.

Foi a vez do gato caipira gargalhar com vontade e me deixar ainda mais pasma com tanta beleza. Como conseguiu ficar ainda mais lindo?

— É Galega, eu acho que vai ser divertido morar nessa cidade. A gente se esbarra ainda, garota.

Deu-me as costas e me deixou com cara de idiota. Caribe ainda não sabia que a última palavra era sempre minha.

Voltei para sala e não sei por que não conseguia me concentrar em mais nada, além da lembrança daqueles olhos, daquela boca. Estava sentindo uma excitação como nunca senti por nenhum homem. Somente por ouvir a sua voz grossa, fiquei arrepiada. Era virgem ainda, mas já havia dado uns amassos, obviamente, não foi com nenhum dos rapazes de Campos Verdes. Tive uns *ficantes* em Vitória, quando passava as férias na casa da tia Dandara, nas raras vezes em que o meu pai deixava. Mas nunca me sentia excitada a ponto de ir além de uns beijos.

Sempre critiquei aqueles caipiras de minha cidade e acabei me comportando como eles. Como um verdadeiro burro xucro. Estava tão acostumada a ser arrogante, que acabei espantando o único cara que me fez sentir algo diferente. Então, eu me dei conta de que não sabia nada sobre ele, porque não o deixei falar. Duvidei que viesse morar na cidade, mas achava ter ouvido algo sobre um curso. Deixei os pensamentos com o forasteiro de lado e foquei na aula do professor Gustavo.

— Então turma, vou aproveitar e entregar os trabalhos da semana passada. E o seu, Alana Shultz, será o primeiro. Veja se, da próxima vez, capricha mais. Você já fez melhor que isso.

Eu não podia acreditar no que ouvia! Passei dias me dedicando àquelas pesquisas e elaborando aquilo tudo. Tinha certeza de que havia ficado melhor do que se ele próprio o fizesse. Então, ocorreu-me algo que fez meu sangue subir à cabeça. Gustavo não passava de um grande filho da puta e estava se vingando por eu não ter aceitado mais uma de suas cantadas. Além de ter lhe dado um passa-fora eu devia tê-lo denunciado.

— Adele, venha buscar seu trabalho, meu anjo!

Anjo? Eu não acreditava que aquele nanico, toquinho de amarrar jegue, teve a ousadia de dar uma nota maior para Adele, sendo que a infeliz me plagiou porcamente. O que significava que minha irmã, deu... Sim, ela fez o serviço completo. E aquilo era nojento.

A gêmea do mal caminhou até a mesa do professor, com seu gingado vulgar e lhe deu uma piscadinha.

— Parabéns! Muito bem! Continue assim.

— Obrigada, professor Gugu! É que eu adoro suas aulas, sabe? — A sala inteira gargalhou, deixando o toquinho na cor do pau-brasil.

— Está vendo, minha irmã? Você deveria ler menos romance hot e se dedicar mais às aulas do Gugu. — Gargalhou e mais uma vez, a turma se divertiu e naquela hora, às minhas custas.

A caminho de casa, bufava de ódio! Uma coisa que me tirava do sério era uma nota abaixo de dez! Não admitia! Adele precisou trotar com seus saltos para me alcançar. Não entendia como conseguia andar nas ruas de paralelepípedos, que ainda existiam em Campos Verdes. Tagarelava, irritantemente em meu ouvido, como se não tivesse feito nada, mas fiquei calada. Apenas pensava numa maneira de fazer o professor Toquinho pagar pelo que fez.

Enquanto nós três almoçávamos, porque como sempre, papai estava viajando, mamãe tagarelava junto à Adele, mas em determinado momento, um assunto me fez parar de comer e prestar atenção.

— Hoje conheci a esposa do novo gerente do Banco. Ela é uma simpatia. O marido veio transferido da cidade de Castelo e eles mudaram essa semana, com o filho, que estuda no IFES em Cachoeiro. Pelo que ela falou, o rapaz é muito estudioso e está quase terminando o curso técnico de edificações e assim que se formar, vai fazer uma faculdade de engenharia civil.

Imediatamente fiquei alerta, torcendo para que não fosse do Caribe que ela

estivesse falando. Não queria a curiosidade da minha irmã aguçada.

— Eca! Pelo visto é mais um nerd chato! — disse Adele, enquanto devorava sua comida.

— Nerd pode ser, mas chato eu duvido. Com aquele rosto? É um rapaz muito bonito!

— Então você viu o nerd, mãe? É bonito mesmo? — Os olhos de Adele cintilaram.

— Quando estávamos saindo do mercado, ele estava indo buscar a mãe. Um “pão”!

“Pão”? Quem ainda elogia a beleza de alguém o chamando de pão?

— Acho que o nome dele é...

Meu coração já galopava no peito de tanta expectativa e curiosidade para saber se era o “meu” Quim.

— Joaquim! Isso mesmo! Mas, ele se apresentou como Quim! Ali está um belo partido.

Meu coração parou!

— Humm... Futuro engenheiro? Já basta ter que aguentar uma nerd em casa, imagina namorar com um outro! Deus me livre!

Senti um alívio momentâneo pelo desinteresse da minha gêmea, porque certamente estaria ferrada se Adele partisse logo para abocanhar o forasteiro, antes que eu tivesse chance de me redimir da grosseria. Perdi o apetite só de lembrar do meu vacilo com ele. Fui para o quarto, pois não queria mais ouvir as fofocas. Meu humor estava do cão, ainda pior do que em outros dias.

Tentei estudar um pouco, mas meus pensamentos eram todos voltados para o homem delicioso e inteligente, que botei para correr. Passar no Instituto Federal do Espírito Santo não era para qualquer um. Mas o meu Quim, além de estudar em uma excelente escola, ainda tinha planos de cursar engenharia civil. Lindo, de boa família e o mais importante, inteligente! Era perfeito! Deixei escapar a chance de conhecê-lo melhor e talvez de nos tornarmos amigos ou algo mais.

Talvez fosse melhor. Não queria me ocupar com nada que me tirasse o foco. Não tinha tempo a perder. Precisava passar na universidade e tinha que ser na federal da capital, pois era a única cidade que meu pai me permitiria estudar, já que ficaria aos cuidados da minha tia. Estava certa de que passaria em outras, até melhores do que a UFES, mas seu Giovanni não deixaria que uma de suas filhinhas fosse morar sozinha, muito menos em outro estado.

Naquela noite, mamãe nos obrigou a acompanhá-la na missa das dezenove

horas. Nem com a desculpa de estudar consegui me livrar do sermão do padre Assis. Adele só não reclamou, porque depois, sempre ficava com sua turminha na pracinha. Mas, daquela vez valeu a pena. Pelo menos, no início, eu achei isso.

Já havíamos saído da igreja quando encontramos a dona Cidinha, a digníssima esposa do professor “Toquinho”. Fofoqueira de carteirinha e chata, como ele.

— Oi, Vallentina! Tudo bem? Giovanni como sempre deixando as suas mulheres sozinhas, né?

Ela disse para alfinetar minha mãe, pois conhecia o seu ponto fraco, que era ficar sem meu pai por muito tempo. Pura implicância, caminhoneiro era o que mais tinha na cidade.

E aí, Mortífera? Vamos matar dois coelhos com uma cajadada só?

— Boa noite pra senhora também, dona Cidinha — cumprimentei, interrompendo a conversa. — E por falar em marido, gostaria de pedir que a senhora conversasse com o seu e pedisse para ele parar de me assediar durante as aulas. Enquanto não prejudicava minhas notas, eu fiquei calada, mas hoje ele se vingou por eu ter recusado sentar-me em seu colo, rebaixando meu desempenho num trabalho.

Só ouvi um ÓhÓhÓhÓhÓh em coro! Minha mãe, Adele e dona Cidinha estavam boquiabertas.

— ALAAANA! Que falta de respeito é essa, minha filha? Peça desculpas agora pra dona Cidinha! — A bruaca ainda me olhava em estado de choque.

— É isso mesmo, Alana! Peça desculpas pra dona Cidinha e desminta essa infâmia contra o nosso professor! — Minha irmã correu em defesa do safado, possivelmente com medo de que sobrasse para ela. Obvio que era porque seu belo rabo estava preso.

— Qual é, Adele? Defendendo o seu Gugu? — provoquei aproximando meu rosto ao dela. — Não é assim que você o chama? Por que não diz a elas que conseguiu uma boa nota com uma porcaria de trabalho, por ter sentado no colo daquele escroto, que por acaso é seu marido! — completei, desviando o foco para a fofoqueira. — Então está avisado! Mais uma daquele tarado e darei queixa por assédio sexual.

Outro sonoro ÓhÓhÓhÓhÓh e a venenosa de cabelo pintado de vermelho, começou a chorar e soluçar em plena praça.

— Alana! Agora você passou de todos os limites! Já pra casa! As duas! AGORA! — Minha mãe estava pálida e praticamente nos empurrava pela rua. — Vocês me matam de vergonha!

Quase me arrependi. Dona Vallentina Shultz Bianchi agarrou o meu braço

como se eu ainda fosse uma criança e me arrastou até em casa, com Adele em nosso encalço.

Assim que entramos, mamãe bateu a porta e enquanto eu esperava levar até umas chineladas, ela simplesmente sentou-se no sofá e começou a chorar com as mãos no rosto. Então, eu me arrependi. Apesar de todas as nossas dificuldades, ela sempre foi uma mulher alegre e sorridente, não merecia passar por aquilo.

— Mãe... Também não é pra tanto, né? Eu só falei a verdade, juro!

— Você é uma mentirosa e vingativa, Alana! Mãe, não acredite nela! Eu não me sentei no colo do Gugu, quero dizer, do professor Gustavo.

— Calem a boca! As duas! — ela gritou, com impaciência. — Eu não entendo onde errei tanto com vocês! Quando soube que seria mãe, foi a maior felicidade da minha vida, principalmente quando soube que seriam gêmeas. Mas desde pequenas vocês se comportam diferente das outras crianças. — Dona Vall tentava conter as lágrimas. — No início seu pai me culpou por mimá-las demais, mas não era isso. — Respirava fundo, se esforçando para manter o controle e continuar seu desabafo.

— Se não fossem tão parecidas comigo, diria até que foram trocadas na maternidade, porque não é possível duas meninas tão maldosas terem saído de mim e de Giovanni, que somos pessoas do bem. Aprontavam quando crianças, mas eu achava que era normal, coisa de meninas travessas, mas agora são moças adultas, porra!

Putz! Nunca na minha vida tinha ouvido essa palavra da boca de minha mãe. Jamais ela havia se queixado de nada.

— Alana, você pode ser estudiosa e inteligente, mas é uma moça vingativa e arrogante. E você Adele, é mentirosa e periguetete, pois eu sei muito bem que quando seu pai não está em casa, você foge na calada da noite para as suas noitadas e sei também, que só não namora sapo porque não sabe qual é o macho! — Minha mãe nos surpreendia a cada frase.

Ouvi o gritinho de susto de minha irmã, mas continuei de cabeça baixa.

— Só tenho a dizer que estou envergonhada e muito decepcionada com vocês. Vão para o quarto! Estão de castigo até a volta de Giovanni.

Minha mãe se recolheu e da sala ainda ouvíamos os seus soluços. Assim que entramos em nosso quarto, Adele destilou seu veneno, como eu já esperava que fizesse.

— Alana, sua frígida, eu só tenho uma coisa pra te falar. É melhor você dormir com um olho fechado e o outro bem aberto, porque vai ter troco, minha querida irmã. E quer saber? Transei com o Gugu mesmo e ainda pedi pra ele te

dar uma nota mais baixa, sua otária!

Não havia como não quebrar-a-cara dela. Era fácil imaginar como aquela noite terminaria. Com minha mãe enfiada entre nós, tentando apartar, mais uma vez, a briga que rolava no chão de nosso quarto. E foi o que aconteceu.

CAPÍTULO 4 QUIM

Desde o esbarrão que dei em Alana no corredor da escola, minha vida nunca mais fora plácida. Após o nosso primeiro contato, de imediato, fiquei encantado com a sua beleza, mas também chocado em perceber que, apesar de tão bela, era extremamente arrogante e antipática ao mesmo tempo. Nem por isso deixei de pensar na galega desaforada. Como era um novato na cidade, ainda não havia feito muitos amigos, somente Jorginho, pois já estudávamos juntos no IFES em Cachoeiro. Meu pai era gerente de um banco e havia sido transferido para Campos Verdes. Só não fiquei muito chateado com a mudança, porque quase não curtia mais a cidade de Castelo. Os estudos eram intensos e não havia tempo a perder.

Fiquei muito animado ao saber que iríamos morar na terra do meu grande amigo. E foi conversando com ele que investiguei sobre certa galega de olhos azuis. Jorginho me passou a ficha completa. Descobri que além da Mortífera, como ele a chamava, também existia a Maligna. Como se não bastasse uma deusa equipada com um tridente, havia duas idênticas!

Munido com os dados do relatório de meu quase irmão, resolvi que iria quebrar a crista da galega nerd. De acordo com ele, a certeza de eu ter encontrado com a gêmea Alana, fora por ter contado que ela estava saindo da biblioteca com muitos livros, no momento do esbarrão. E também, como ele bem pontuou, se fosse com a gêmea Adele, eu não teria saído da escola com minhas calças.

Mais tarde, fiquei sabendo pela nossa nova funcionária tudo sobre a família Shultz Bianchi. Não que me interessasse por fofocas, mas estava almoçando quando ouvi a conversa em que minha mãe lhe contava sobre o encontro simpático que teve com uma tal dona Vallentina, por acaso, mãe das gêmeas malvadas. Oscarina imediatamente se apressara em passar a ficha da família. Quando o nome de Alana surgiu, parei até de comer, curioso, para saber o que diziam sobre a minha galega.

Quer dizer que a Mortífera, além de linda, inteligente, não dava mole para os caras da cidade?

Mas, como nada é perfeito, a bela Alana era uma fera! Eu já havia sentido na pele a sua arrogância, mas não imaginava que a sua soberba fosse de nascença.

E naquela mesma noite, sonhei pela primeira vez com a minha loira. Acordei suado e muito excitado! No dia seguinte, já havia decidido que a queria, de preferência, na minha cama. Não poderia imaginar que aquela decisão iria modificar para sempre a minha vida de maneira definitiva e irreversível.

Eu a reencontrei na festa de Santo Antônio, padroeiro de Campos Verdes. Logo de início me deparei com a sua gêmea, imediatamente eu soube que não era a minha. Apesar de idênticas, a minha galega tinha uma altivez que transmitia sua autoconfiança. Enquanto a irmã parecia ter escapado das páginas de revistas *teens* ou masculinas. Sua maneira de vestir era extravagante e vulgar, enquanto Alana era elegante e discreta. Na verdade, ela seria linda até usando qualquer trapo, porém, estava linda, toda de preto como a irmã, mas esbanjava classe. Vestia uma calça justa com botas de cano curto e uma blusa bonita sob a jaqueta. Seus lindos loiros estavam soltos, sua pele limpa, usava pouca maquiagem. Perfeita!

Assim que eu e Jorginho chegamos à rodinha que havia se formado na barraca de bolos e doces da Talita, a mais famosa da região, ele me apresentou à família Shultz Bianchi. Eu ainda só não havia sido apresentado à Adele. Enquanto dona Vallentina me cumprimentava com um doce abraço, a gêmea má se atirou em cima de mim, com seus dois beijinhos melosos e sorriso fácil. Alana me deu a mão para um cumprimento discreto, mas era claro que eu não perderia a oportunidade de dar um cheiro gostoso na menina que invadiu meus sonhos. Puxei sua mão e aproximei nossos corpos e beijei o seu rosto demoradamente.

Aproveitei que o meu futuro sogro não estava na festa, o que era ótimo. Havia chegado a hora de cercar a fera e domá-la.

— A sua mãe não veio à festa, Quim? — perguntou a minha “futura sogra”.

— Ela virá mais tarde dona Vallentina. Está esperando o meu pai que já deve estar voltando de Castelo.

Enquanto falava com dona Vallentina, Jorginho puxava assunto com Alana. Começava a ficar incomodado com o sorriso sacana de Adele, que me média dos pés à cabeça. Pelo visto não respeitava nem a presença da sua mãe, era muito descaramento. Tudo que eu precisava era de uma oportunidade para falar a sós com Alana. E por isso Jorginho era o meu melhor amigo e cúmplice. Deu-me de bandeja a oportunidade que eu tanto almejava.

— Adele, eu acabei de passar por Rebeca e ela pediu pra te avisar que está à sua espera no coreto. Parece que vai rolar uma cantoria por lá. — Ele me olhou

para se certificar de que eu entendia o que fazia. — Eu e Quim, só vamos passar na barraca do Zeca e já vamos pra lá também.

— Que massa! Então encontro vocês lá. Tchau mãe. — Escandalosa, ela me deu uma piscadela ridícula e saiu trotando em seus saltos altíssimos.

— Então, dona Vall, a minha mãe estava precisando falar com a senhora sobre as encomendas de amanhã. Ela está na barraca do Zeca. Eu levo a senhora até lá, enquanto isso, Quim faz companhia a Alana — convidou-a lhe oferecendo o braço: — Vamos?

No momento em que Jorginho disse isso, Alana que até então olhava para todos os lados, menos para mim, virou seu rosto abruptamente e dirigiu-me um olhar que congelaria até o inferno. Eu retribuí, só que com um que derreteria até a geleira do pico do Everest. Era um duelo de gigantes, no entanto eu não estava ali para perder. Dei-lhe o meu melhor sorriso a fazendo corar novamente. Assim que saíram dona Vall e Jorginho, ela me mostrou suas presas.

— Por acaso isso foi alguma artimanha de vocês dois para que eu ficasse sozinha com você?

— Opa, loira! Você continua se achando a última bolacha do pacote, hein? — Sabia que não deveria cutucar a onça, mas não resisti. O que tinha de gostosa tinha de petulante e grossa.

— Nossa, Quincas... Você continua sem criatividade. Bolacha?! Vamos lá! Mostra que você pode ser melhor que isso. — Quando terminou a provocação, já havia um sorriso malicioso em seu rosto, antes fechado e taciturno.

— Adoro um desafio! — Pensei um pouco e a provoquei. — A última perereca do brejo? Ou a última onça da Amazônia? Já sei! A última mulher da minha vida. — Finalmente, consegui arrancar gargalhadas gostosas da loira linda.

— A última mulher da sua vida? Você está pra morrer e por isso quer que eu seja o seu último desejo, ou vai virar gay?

— Não! Gosto mesmo é de loiras marrentas e minha saúde está ótima. A última mulher da minha vida, porque depois de você, tenho certeza de que não terei mais nenhuma. Será pra sempre, você! — A galega continuou rindo, porém o que respondeu depois foi estimulante.

— Aí, Caribe, eu gostei! Além de rápido no gatilho, ainda é espirituoso. Vamos começar de novo? Muito prazer, Quim, eu sou Alana Shultz Bianchi, mais conhecida como Mortífera. — Estendeu-me a sua mão delicada.

Porra! Enlacei a fera, então, era só domá-la. Foi o que senti ao receber sua mão macia e quente entre as minhas.

— É um prazer, Alana Shultz Mortífera Bianchi. Sou novo aqui e estava pensando se você poderia me apresentar à cidade e aos seus amigos. Mas, antes uma pergunta: Por que Caribe? — Ainda não havia soltado a sua mão.

— Hum... Não será hoje que te darei essa munição. Um dia eu te conto.

Seu sorriso era contagiante. Eu que havia sido capturado e estava doido para ser devorado pela fera mais linda já vista. A Mortífera era só “AMORTífera”. Certamente, eu também não lhe daria essa munição ainda!

Após aquela noite de festa e reencontro, depois de mais alguns esbarrões e encontros, consegui conquistar a bela e domar a fera e nos tornamos inseparáveis. Não demoramos a estar perdidamente apaixonados. Esperei o Giovanni chegar de mais uma viagem e fiz o correto, pedi a sua filha em namoro. O sogro era durão, mas a sogra era mais sensata e fez logo a cabeça do marido para não se opor ao nosso namoro. A única pedra em meu sapato era a gêmea de Alana. Sua irmã não me dava folga. Não perdia a oportunidade de se jogar sobre mim. Precisei ser enérgico e a ameacei, afirmando contar para sua família que estava sendo assediado. Pensei ter tido sucesso, até aquela fatídica noite.

Fora o ano mais intenso da minha vida. Havia passado no vestibular para uma faculdade do Rio de Janeiro e estava namorando a garota mais bela e desejada da cidade. A paixão foi ganhando corpo e quando vimos, era amor! Arrebatador e profundo. Éramos muito jovens ainda, mas eu sempre soube que sentimento igual, muitos passam pela vida sem sentir, sem ter o coração batendo descompassado por alguém. Apaixonamo-nos loucamente e fazíamos planos para nosso futuro. Só esperava que a minha garota passasse no vestibular, na capital, para providenciar a minha transferência para a mesma universidade. Não queria ficar estudando no Rio, enquanto a minha namorada ficava em Vitória.

Tínhamos planos de nos casarmos assim que ela completasse dezoito anos, pois só assim o senhor Giovani, aceitaria que ficássemos juntos na mesma cidade e longe das suas barbas. Tínhamos maturidade suficiente para darmos um passo tão importante, como o casamento. E tínhamos total apoio das nossas famílias.

Mas, o tempo todo, sonhos e planos são desfeitos em nossas vidas. Nem sempre é uma questão de escolha. Cometi um erro e precisei seguir um caminho e abrir mão de outro. Precisei aceitar as consequências. Foi inevitável. Tive que me adaptar e sobrevivi a tudo de ruim que me aconteceu. A pior de todas as consequências foi perder Alana. Da mesma forma inesperada que apareceu na minha vida, ela se foi.

Durante muito tempo, o meu sofrimento foi pungente, mas a minha dor maior não advinha somente da culpa que me corroía, mas dos sonhos e projeções irrealizados. Por todos os beijos, pelas noites de amor, viagens, filmes, livros, filhos e pela vida que não compartilhamos.

Dizer que esqueci Alana, totalmente, seria uma inverdade. Eu sequer havia deixado de sonhar. Nas inúmeras noites insones, lembrava os nossos bons momentos. Eu tinha uma cópia fiel dela em casa, mas aquilo não me trazia acalento algum. Pelo contrário, era um martírio para mim, saber que era a sua imagem, mas não era a mulher que eu tanto amava. Que tanto amei.

CAPÍTULO 5

ADELE

Desliguei o celular e fiz uma dancinha comemorando mais uma bolada na minha conta bancária. Assim que me virei, dei de cara com Rebeca me olhando com divertimento.

— O que é isso, Adele? Por que tanta felicidade logo cedo? — Sentou-se no sofá.

— Adivinha, Beca? Consegui a grana! Se prepare pra viajarmos. Iremos nesse show em grande estilo, minha amiga!

— Caramba! Então você conseguiu a grana, de novo? Precisamos avisar a turma da excursão antes que acabem as vagas! — O entusiasmo da minha amiga era contagiante. Estávamos preocupadas em ficarmos de fora do show do ano. A nossa diva Beyoncé estaria no Rio de Janeiro. — Mas, o que foi que aprontou dessa vez, Adele? — perguntou e seguiu comigo para a cozinha

— Nada demais. Só precisei dar um telefonema.

— Conseguiu enrolar a Alana novamente?

Rebeca abriu a geladeira e tirou uma cerveja long neck. Abriu, tomou duas goladas e a passou para mim. Ela sempre teve total liberdade em minha casa, mesmo com as reclamações de Quim.

— Você sabe, há anos, que consigo o que quero com a minha querida irmãzinha. Desde que descobri que minha filha é o seu ponto fraco.

— Não sei, Adele... Tenho receio que o Quim descubra, mas o que mais temo é a vingança da sua irmã. Só eu sei o que passei na mão dela. Se Alana descobrir, vai ser caixão e vela preta pra você.

— Ai, Beca! Vira essa boca pra lá! — Fiz o sinal da cruz e ainda bati na madeira três vezes.

— Ouvi a bocuda da Ivana falando no salão da Etiê sobre a Duda. Que está tirando notas baixas, que anda muito calada e está isolada dos amigos na escola. Isso não é bom!

— Esquisitices da pré-adolescência, frescura! Quim já levou a garota ao psicólogo. Eu não tenho culpa, se é isso que estão insinuando. — Ela só ergueu

uma sobrelha em sinal de descrédito, porque me conhecia muito bem.

A opinião da minha amiga, da Ivana ou de qualquer um, pouco me interessava. Levantei e peguei mais duas cervejas para nós. Merecíamos comemorar.

— Adele, até hoje não entendo; por que você continua casada com Quim? Tudo bem, ele é um gato, lindo de viver, mas faz anos que esse casamento fracassou. Não tem vontade de ser livre? Toda a cidade já sabe que você pegou um baú furado.

Mas que chatice! Será que teria que explicar tudo de novo para aquela burra?

— Beca, minha querida, eu já te falei. — Revirei os olhos, impaciente. — Não vou sair desse casamento com uma mão na frente e outra atrás! Não dei golpe do baú e nem da barriga. Eu só queria tirar aquele sorrisinho de felicidade, de superioridade da cara da Alana e dar uma lição no caszinho apaixonado. Aconteceu uma gravidez que não estava nos meus planos e o resto você já sabe.

— Já entendi, Adele! Você foi pegar o troféu e se esqueceu do coice do burro! — disse e gargalhou feito uma hiena.

Não a acompanhei em suas gargalhadas, pois eu ainda carregava as marcas do coice e as consequências de tudo que havia aprontado. Mesmo após muitos anos da morte do meu pai, ainda me arrepiava a lembrança daquele dia terrível em que ele soubera que eu estava grávida do quase noivo da minha irmã. Na época fora um escândalo na cidade. Principalmente porque Quim e Alana já namoravam firme há um ano e eram vistos como o casal modelo da cidade. Jovens, lindos, inteligentes e apaixonados.

É claro que eu queria o Quim para mim, mas não à custa de uma gravidez indesejada. Ainda éramos muito jovens para sermos pais. Não tive o apoio da minha família. E fui praticamente escorraçada de casa. Fui obrigada a me casar e morar na casa dos chatos dos meus sogros. Tive que aguentar a cobrança da minha sogra, que exigia uma postura mais responsável e os seus discursos moralistas. Consegui terminar o ensino médio a muito custo e parei por aí.

O primeiro ano de casada foi tenso. Quim fazia faculdade no Rio de Janeiro e só vinha para Campos Verdes uma vez no mês. Após o nascimento de Maria Eduarda, ele começou a vir todo fim de semana. O resto do meu tempo era tomado por mamadeiras, fraldas, xixi, cocô, choros de criança. Um sufoco! Para piorar ainda mais a droga de vida que eu levava, tinha que aguentar uma sogra megera.

Minha mãe quase não podia me ajudar, já que estava sem as filhas em casa,

viajava sempre com o meu pai. Alana fora morar em Vitória logo após perder seu lindo namorado para mim. Aguentei lambada de todos os lados. O meu pai que mal olhava na minha cara e só se importava com a neta, minha mãe que ainda guardava mágoas, acusava-me de ter roubado o noivo da minha irmã e meus sogros eram intransigentes. Mas o pior era a indiferença de Quim.

— Sabe, Adele, cheguei a pensar que um dia vocês se acertariam. Que você pudesse ter um casamento de verdade.

— Quim nunca me perdoou pelo que eu fiz no passado. Planejei muito mal a lição que queria dar nele e na minha irmã.

— Mas, no final, deu uma baita lição na sua gêmea.

— Não acho, Beca. Não queria ter ganhado a guerra com uma gravidez, mas sim porque eu era a melhor. Queria que ela sentisse pelo menos uma vez na vida o que é perder.

Após a morte dos meus pais e com a transferência do meu sogro para outro estado, foi que a situação complicou drasticamente. Quim precisou trancar a faculdade e arrumou um emprego em Campos Verdes.

Eu não trabalhava e como não tínhamos mais a mordomia da casa dos meus sogros, tivemos que morar na casa que era dos meus pais. Alana não quis a parte dela. Já estava rica e famosa. Eu fiquei enterrada nessa cidade com uma criança no colo e um marido que jamais amei, que não seria mais um engenheiro e ainda por cima pobre!

— Ainda acho que você deveria se livrar logo desse casamento e deixar a Duda com o pai.

Suspirei, cansada demais para argumentar. Tinha muito em jogo para entregar os pontos naquele momento.

— Merda! Você bem sabe que já fiz uma proposta tentadora e ele não aceitou.

— Eu sei muito bem porque ele não aceitou a sua tão “generosa” oferta. Ele quer a guarda da filha. Quim pode ser um péssimo marido, mas como pai é excelente. Os dois são muito apegados. — Concordei com ela.

— Desde o início fui excluída da vida deles. A verdade é que eu não faço questão nenhuma de fazer o papel de esposa e mãe dedicada. Você, mais do que ninguém, sabe que descobri, a duras penas, que essa vida não é pra mim.

— Eu ainda acho que... — exasperada, eu a interrompi.

— Amiga! Se fosse em outras condições, ele poderia levar a Duda com ele, hoje mesmo! Não estou disposta a abrir mão da minha galinha dos ovos de ouro. Essa é a questão.

— Não sei se aguentaria viver por tantos anos com um marido que me despreza. Que nem ao menos é homem na cama!

— Só eu sei...

Depois de muito tempo de casada, foi que o meu lindo marido resolveu cumprir com suas obrigações na cama. Mas eu sei muito bem que isso só aconteceu porque ele decidiu esquecer Alana de vez, quando ela deixou o Brasil para seguir carreira de modelo.

Seu sucesso foi estrondoso e ela começou aparecer nas revistas de moda e fofocas. Logo a mídia divulgou o seu namoro com um ator de Hollywood. Acho que foi isso que fez, finalmente, Quim olhar para mim. Eu já estava numa seca tremenda, porque minha sogra vigiava até a minha sombra! Agarrei o gostoso com unhas e dentes, mas mulher sabe, sente...

Ele nunca mais foi comigo na cama como na nossa primeira vez.

Estávamos indo até bem, mas houve uma noite, que foi a gota d'água! Fazíamos sexo com fervor. Quim se dedicava a me dar prazer com entusiasmo, mas quando chegou a hora de gozar, ele me chamou de Alana. Era nela que ele pensava e aquilo me deixou possessa. Nunca senti tanto ódio. Desde essa noite, nunca mais tivemos nada mais íntimo, só vivíamos na mesma casa, mantendo as aparências e quase nem nos falávamos.

Então, continuávamos naquele impasse. Eu tinha minha liberdade fora de Campos Verdes e quanto a vida dele, eu sabia que tinha uma peguete em Cachoeiro. Uma arquiteta chamada Paola, mas não assumia o seu caso com ela, porque sabia que ainda era o MEU marido! Quim sempre foi uma pessoa muito discreta e certinha demais.

Rebeca já tinha saído e eu nem percebi, perdida em pensamentos e meu sossego acabou na hora que o meu querido marido chegou.

— Adele! Eu não aguento mais! Olhe isso aqui! — berrou e jogou várias notas promissórias assinadas por mim, em nome dele.

— Deixa de ser pão-duro, Quim! Foram umas comprinhas que fiz na loja da Giovana. Eu estava precisando de umas roupinhas novas — disse e revirei os olhos.

Saco! O que ele tinha de lindo, tinha de ogro.

— Roupas, Adele? Olha a fortuna em dívidas que você “mais uma vez” fez usando meu nome, porra! Você sabe que a empresa está passando por uma crise, que as despesas aumentaram com a psicóloga da Duda e com a mensalidade da minha faculdade! Já passou da hora de você arrumar um emprego e...

— Emprego? Tá louco? Já não basta ter que cuidar da droga desta casa e de

criança?

— Essa criança é a nossa filha e desde quando você cuida da casa? Se não fosse eu pagar a dona Regiane para vir limpar toda semana, nossa casa estaria um chiqueiro, se dependesse de você!

— Minha casa! A casa pertence a mim. — Levantei do sofá e disse-lhe batendo a mão no peito. — Foi herança dos meus pais!

— Não quero droga de casa nenhuma. Não quero nada que venha de você! Aliás, quero poder cuidar da minha filha num ambiente tranquilo e limpo. Onde a gente não precise dar de cara com seus amigos arruaceiros que ficam aqui fazendo zorra!

— São meus amigos e a casa é minha! Foda-se se não está satisfeito! E tem mais, não vou mais buscar a Duda na escola. Chega! Ela já está bem grandinha pra vir sozinha. Você mima demais essa garota! Eu não tenho tempo pra isso! Se quiser vá você mesmo.

— O quê? Eu tenho uma obra em Rio Novo pra vistoriar e Jorginho está em Vitória, hoje. Não posso buscar a Duda. Alguém tem que trabalhar para manter essa casa, porra! Ela não está bem e não pode andar sozinha.

— Se vira paizão! Tô saindo pra Cachoeiro. Marquei um cinema com a Beca.

Na verdade, eu tinha um encontro com um gatinho que conheci na festa da cidade de Vargem Alta uma semana atrás

— Adele, por favor, não faça isso! Eu tenho um compromisso importante em Rio Novo. — Ele bufava, andando de um lado para outro atrás de mim.

— Liga para aquela chata da Ivana. Ela deve ter tempo disponível pra pegar a protegida dela na escola.

— Caralho! Eu não aguento mais essa vida! — Saiu pisando duro para a cozinha

Ouvi quando ele pegou o celular e ligou para Ivana. Ela era esposa de Perê, um dos seus funcionários e foi uma grande amiga da minha mãe. Estava sempre ajudando o Quim quando o assunto era Duda.

Enquanto ele estava ao telefone, fui até à porta da cozinha e observei seu corpo másculo. Suas pernas musculosas, seu quadril estreito. Quim era ainda mais lindo do que quando novo. Tinha um porte de homem decidido e muito, muito gostoso. Houve algumas noites em que eu bebia todas com a minha turma e chegava em casa “medindo a rua”, como dizia Beca. Naquelas ocasiões, eu tentava abocanhar o meu marido, mas o jumento me rechaçava como se eu fosse uma puta. Eu sentia muito ódio!

Sempre quis saber se ele era apaixonado pela arquiteta ou se ainda pensava em Alana. Achava que não. Principalmente porque sempre que eu tinha oportunidade, inventava algo deplorável sobre a vida de minha irmã. Cheguei a mentir que ela foi vista com artistas drogados, que sua vida era regada a baladas e pura libertinagem. Fazia qualquer coisa para desmoralizá-la. Ele fingia não me ouvir, mas eu tinha certeza de que ouvia tudo. Seu rosto vermelho e seus punhos cerrados não me deixavam dúvidas.

Deixei Quim se virando com Ivana e fui ao salão da Etiê. Precisava fazer as unhas e uma escova. A noite prometia! Quando já estava na rua, meu celular tocou. Poxa! Já havia falado com Alana naquele dia. Atendi de má vontade, certa de que estava me ligando para falar sobre os malditos recibos de novo.

— Oi, Alana! Não matou toda a saudade ainda? — Brinquei com ela, mas já estava com o “cu no prego”. Morrendo de medo de que ela desse pra trás no extra que havia pedido.

— *Não! Eu só me esqueci de avisar que no mês que vem, a minha grife, Alana Shultz, irá participar de um evento de moda em Vitória. Quero que você leve a Duda até lá para eu vê-la. Não terei tempo de ir a Campos Verdes, porque no dia seguinte seguirei viagem para Milão.*

— Co-Como? Vo-Você em Vitória?

Agora lascou! Foi o que pensei. Não podia deixar as duas se encontrarem. Resolvi concordar por ora, para ganhar tempo. Depois, bolaria alguma desculpa para não levar Duda até a tia.

— Que maravilha, Alana! Adoraremos te ver! Qual dia será o evento?

— *Depois a Carol enviará todos os dados. Vou mandar um carro com motorista para levá-las até Vitória. Não quero a Maria Eduarda andando nesses ônibus sucateados de Campos Verdes. Afinal, você disse que nem uma bicicleta o imprestável do seu marido tem, né?*

— Pois é! — Fiz minha voz de vítima e meu teatrinho particular. — Nossa situação é lastimável minha irmã. Mas eu e a Duda adoraremos o passeio.

— *Era só isso, Adele. Tchau!* — Desligou na minha cara de novo!

Muita calma nessa hora, Adele.

Pense!

Ainda tinha algum tempo. Até lá, pensaria em algo para impedir que Alana estivesse com a Duda.

CAPÍTULO 6 QUIM

Enquanto dirigia, olhei novamente para a pedra do Frade e a Freira. Não me cansava de admirar o cartão postal de Rio Novo. Desde criança, quando passava naquela estrada, ficava encantado com a forma, impactante e bela, delineada pela natureza. Eram quase 700 metros de altura. Dizia a lenda que há muitos anos, um frade e uma freira peregrinavam juntos semeando a fé cristã aos povos nativos da região sul do Espírito Santo. A cumplicidade dos dois era tanta, que aos poucos perceberam que o sentimento que carregavam era amor entre homem e mulher. Tentaram resistir, mas o sentimento tomou conta do coração e da alma, e acabaram se entregando um para o outro. As pessoas da região contam que diante do sofrimento de ambos, divididos entre o rigor do celibato e o fogo do amor, Deus condenou-os a viverem juntos pelo resto da vida, colocando-os frente a frente, em posição de respeito ao ato de oração. Foram transformados em uma gigantesca montanha granítica natural.

O sol se pondo iluminava o casal, deixando a paisagem com uma aura poética, principalmente para os que sabiam da sua lenda.

Já voltava para casa, após a vistoria da reforma do hospital em Rio Novo do Sul. Antes de encarar o tráfego da estrada, liguei para Ivana. Eu precisava saber se ela já havia buscado Duda na escola, como o combinado e se minha filha estava bem. Eu andava muito preocupado com o comportamento dela, que sempre foi uma menina doce, alegre e espoleta, no entanto desde que começou a se fechar para o mundo, perdeu o brilho e a alegria.

As sessões com a psicóloga, até aquele momento, não haviam apresentado resultados. Duda continuava indo mal nos estudos e cada vez mais calada e cabisbaixa. Aquilo estava me tirando o sono e o sossego. Já havia ido à escola, conversado com os professores, diretora, até com seus amiguinhos e nada! Pensava seriamente em trocar de psicólogo. Precisava ajudar a minha filha. Era nítida a sua infelicidade.

A psicóloga chegou a cogitar que o motivo fosse o abandono afetivo materno, mas essa lastimável situação ocorria desde o seu nascimento. Adele constantemente deixava os cuidados da nossa filha com os meus pais, mas com o

passar do tempo, percebemos que a sua negligência não era movida apenas por imaturidade e sim por total falta de empatia com a maternidade e pura irresponsabilidade. Mas, nem por isso a Duda deixou de crescer alegre e saudável. Nunca havia deixado faltar amor para minha garotinha.

Eu já estive às portas de um divórcio por várias vezes, mas sempre tinha algo para impedir a minha liberdade. Minha e da minha filha, pois já vivíamos os dois, sem nunca contarmos com Adele, que exigia aquilo que eu ainda não tinha condições de dar-lhe. Enquanto não terminasse a minha faculdade, não poderia acabar a casa que eu havia começado a construir e minha participação na sociedade na empresa ainda era menor que a de Jorginho, pois como eu ainda não era formado ficava impedido de assumir a responsabilidade em grandes projetos.

Mesmo sendo sócio de uma pequena construtora, tendo a facilidade de contratar mão de obra e comprar os materiais com preços mais acessíveis, ainda não podia me dar ao luxo de custear a finalização da obra. Todo o meu dinheiro era para o sustento da casa, a faculdade, o tratamento de Duda e os desatinos de Adele.

Ansiava em terminar a minha graduação, pois só assim poderia ter mais participação nos lucros e acatar às exigências de Adele. Para me livrar dessa mulher em nossas vidas, faria tudo que estivesse ao meu alcance. Às vezes, me deparava pensando em como seria se não tivesse cometido o maior erro da minha vida. Só não sucumbi à tristeza de ter perdido o meu grande amor, porque tive a satisfação e felicidade de ser pai de uma linda e adorável criança.

CAPÍTULO 7

ALANA

Chegamos em um dia nublado. O que era uma pena, pois gostaria de admirar a cidade enquanto o avião se preparava para a aterrissagem. Não podia afirmar que sentia saudades de Vitória. O tempo que passei nessa cidade fora penoso. Uma época da minha vida que eu gostaria de esquecer, mas inevitavelmente, ao pisar em solo capixaba, as lembranças transbordavam dos recônditos da minha mente. Precisava ignorá-las. Tinha muito trabalho pela frente.

Seguimos direto para o hotel e após uma breve reunião, chegaram as vans alugadas para levar a equipe para o local do evento. Xandy preferiu alugar um carro para ele. Eu só segui para lá após resolver algumas pendências com Carol. Queria que tudo estivesse impecável e não admitiria erros, mínimos que fossem, que pudessem atrapalhar nossa programação.

Naquela noite o desfile seria somente de moda praia, porém a grife *Alana Shultz* também tinha outros segmentos. Investi em outras tendências, como a fitness, calçados e bolsas e já tinha projetos com meu atual affair, Olivier, um renomado perfumista francês, para lançarmos uma fragrância com meu nome. Sem falar na minha mais recente parceria com uma conceituada joalheria, onde recebia altos royalties pelo uso da minha marca na publicidade de sua nova coleção.

Após me assegurar de que tudo estava encaminhado, deixei o Xandy cuidando dos últimos detalhes do evento e voltei para o hotel. Carol avisou-me que, seguindo as minhas instruções, já havia providenciado um carro com motorista para buscar Adele e Maria Eduarda.

Estava ansiosa para abraçar a minha sobrinha. Apesar das circunstâncias em que ela veio ao mundo, nada tirava o amor que eu nutria por aquela doce menina. Mesmo nos poucos momentos que tivemos contato pelo *Skype*, senti que havia muita tristeza em seu olhar e aquilo me preocupava. Tinha dúvidas se a apatia e melancolia transmitidas pelo seu semblante eram devido ao seu problema ou aos medicamentos que tomava. Pesquisei sobre o assunto e descobri que o prognóstico para o transtorno era bom com o tratamento. Sem ele a criança podia desistir da escola, afastar-se da sociedade e tornar-se solitária e

suicida. Li também que os distúrbios do pânico aumentam ou diminuem de gravidade sem nenhuma razão. Alguns pacientes passam longos períodos de remissão espontânea dos sintomas com recaídas anos mais tarde. Eu ainda tinha muitas dúvidas e perguntas. Precisava falar com o médico para entender a real situação da menina. Por isso ansiava em vê-la pessoalmente.

Almejava também desvendar a verdade por trás das atitudes de Adele naqueles últimos anos. Pretendia descobrir até onde o meu cunhado estava de acordo com as atitudes dela. Se é que realmente existia alguma farsa naquela história, mas em se tratando de minha irmã, tudo era possível. Se não fossem os compromissos firmados em Milão e Paris, certamente iria passar um tempo em terras capixabas, somente para investigar o casal. Mas, na volta da viagem, iria pedir a Xandy para reservar em minha agenda, alguns dias para voltar ao Espírito Santo, ou até mesmo contratar um investigador profissional.



Já havia providenciado um quarto para as duas no mesmo lugar em que eu estava hospedada, na Ilha do Boi, localizado em um dos endereços mais caros da capital. O hotel se distingue como único em seu estilo pela grandiosidade de sua arquitetura, espaços cuidadosamente projetados e com vista deslumbrante das varandas da suíte para a baía de Vitória.

Avisei a Adele, que o carro já estava a caminho. Reservei algumas horas livres antes do evento para passar com a minha sobrinha e observar mais de perto o comportamento da minha irmã.

Assim que fui informada da chegada delas, segui apressada para a suíte reservada. Bati à porta e Adele me recebeu com um largo sorriso, mas nem o tempo que nós ficamos separadas, fora o bastante para que eu deixasse de ler cada olhar da minha irmã. E o daquele momento, não condizia com o seu falso sorriso.

— Minha querida! Quanta saudade, minha irmã...

Com o abraço, eu logo senti seu perfume enjoativo e barato. Tentei corresponder com o mesmo entusiasmo, mas me sentia travada. Ainda não entendia o que podia ter acontecido no dia do parto, para que duas irmãs que foram geradas juntas, fossem tão incompatíveis.

— Oi, Adele. Foi tudo bem com a viagem de vocês? Onde está a Maria Eduarda? — Corri os olhos pelo quarto e só avistei uma mala em cima da cama.

— Ai, Alana, eu já te falei que a Duda detesta ser chamada de Maria Eduarda!

— Sem embromação, Adele! Quero ver a Duda! — frisei bem o nome e fui

até o banheiro, mas estava vazio.

Quando olhei para Adele, a safardana tinha os braços cruzados e cara de choro.

— Poxa, minha irmã! Não sei nem como te dar essa notícia. — Abaixou a cabeça e colocou a mão na testa.

— Explique-se, Adele! Onde está a menina? — Nem havia escutado a resposta e já estava tremendo de raiva, pois sabia que vinha aborrecimento.

— Ai, Jesus! Não foi minha culpa, Alana. Estávamos de malas prontas, quando o Quim chegou na hora e descobriu que estávamos vindo te ver. Ele não me deixou trazer a Duda. Chorei, insisti, mas não teve jeito. Ele foi irredutível!

— Como é que é?! Com que direito esse biltre acha que pode impedir a vinda de Maria Eduarda? — Eu já estava bufando de ódio.

— Direito? Direito de pai! Ou você esqueceu esse pequeno detalhe? Eu já te contei como ele é grosso e autoritário. Não ajuda em nada, só faz atrapalhar as nossas vidas.

— Que ódio! O que ele alegou para impedir a menina de vir?

— Ele disse que uma promiscua como você não poderia ser boa companhia para a filha dele. — Soltou essa bomba e ainda levantou os braços em sinal de rendição.

Minha vontade era jogar o abajur na cabeça dela, já que na falta do pulha do seu marido, só me restava ela mesmo.

Calma Alana, muita calma nessa hora... Respire ... Respire ...

Andei pelo quarto, enquanto me acalmava, sobre o olhar atento de Adele. Pois bem, se Quim achava que podia impedir-me de ver a minha sobrinha, mostraria a ele do que eu era capaz. Por ora iria deglutir o batráquio, mas na hora certa iria vomitar esse sapo na cara dele.

Não alertaria nada para ela, mas no dia seguinte teria algumas horas antes do embarque para Milão e daria um jeito de ir até Campos Verdes para enfrentar o meu cunhado. Precisava avisar a Carol para providenciar um helicóptero, pois eu não poderia perder muito tempo indo de carro. Até então deixaria Adele pensar que eu havia me conformado com a situação.

— Você continua a mesma molenga! Deixou que ele interferisse, sem nem ao menos lutar. Estou decepcionada, Adele. Tsc, tsc, tsc... — Como sabia que a minha querida irmã continuava uma parva, nem precisei enfeitar muito para disfarçar os meus reais pensamentos.

— Poxa, Alana, assim você me magoa. Eu até chorei, implorando para o

Quim. Mas, já que eu estou aqui, que tal curtir um pouco a companhia da sua gêmea? Vamos matar as saudades, Mortífera! — Gargalhou como se há poucos minutos não estivesse fingindo estar aos prantos. — Estou louca para conhecer aqueles famosos com quem você trabalha.

Eu já desconfiava que nem tudo que ela relatou, era verdadeiro. Foi então que a pulga que estava atrás da minha orelha virou uma formiga-de-fogo. Porém, naquele momento, eu nada poderia fazer.

— Sim, gêmea! Vamos sacudir Vitória, hoje! Quero que você me acompanhe ao desfile e depois à festa.

Seus olhos brilharam. Assim eu não precisaria me preocupar mais com Adele, pois o seu deslumbramento já daria conta do recado.

— Ah, minha irmã, não trouxe roupa pra esse evento. Achei que eu fosse ficar no hotel com a Duda, enquanto você estivesse no desfile. — Sua carinha de decepcionada com direito a biquinho era de cortar o meu doce coração.

— Imagina, querida! Isso eu resolvo num estalar de dedos. Vamos até a minha suíte. Eu te emprestarei um dos meus vestidos e pedirei a Carol para marcar hora no salão do hotel para que você possa fazer cabelo, unha e maquiagem. Fique à vontade para usufruir o que esse lugar oferece. Tudo por minha conta, faço questão!

Subimos para a suíte presidencial, liguei para Carol e passei as ordens, enquanto Adele percorria os cômodos, estarrecida com o luxo. Como dizia o nosso pai, ela estava *quinem um pinto no lixo*. A suíte possuía sala e varanda grande, com atenção impressionante aos detalhes, a sua decoração era suntuosa, ao mesmo tempo em que passava conforto, requinte e tranquilidade.

Aquele luxo não me deslumbrava. Já estive hospedada nos melhores hotéis do mundo, mas nunca me deixei seduzir. Claro que adorava o conforto, mas sempre priorizava outras coisas.

Precisei dar uns telefonemas e quando desliguei encontrei Adele no closet, segurando um vestido em frente ao corpo e se admirando no imenso espelho.

— Aiiii, Alana! Que vestido maravilhoso! Será que pode ser esse?

O vestido era feito de um tecido leve, que fluía com delicadeza, em dois tons de azul, além da fenda na longa saia que era, ao mesmo tempo, reveladora e elegante.

— Ah, gêmea! Sinto muito, mas esse é o vestido que separei para usar hoje, no desfile. Mas, pode escolher entre esses outros que estão pendurados. Fique à vontade. Quando for ao salão, peça uma hidratação para os seus cabelos. Seus fios estão sem vida e opacos. E mais, quando for escolher o sapato, por favor,

não toque na sandália *Manolo Blanc* que está logo abaixo, de onde você tirou esse vestido. — Com um sorriso amarelo, Adele concordou com um aceno de cabeça.

Deixei-a à vontade, experimentando as minhas roupas, enquanto ligava para Olivier. Havia prometido fazê-lo assim que chegasse a Vitória, mas acabei esquecendo. Nós tínhamos marcado de nos encontrarmos em Milão para um novo lançamento de joias e de lá seguiríamos para Paris. Depois de alguns dias de descanso, poderíamos continuar com o projeto do perfume.

Olivier era um homem maduro, bonito, inteligente, refinado e louco por mim. Depois de alguns meses de muita insistência, por parte dele, resolvi dar-lhe uma chance. Uma boa companhia, um sexo morno, mas muito influente no mundo dos negócios.

Almoçamos na suíte mesmo. Não estava disposta a enfrentar os jornalistas de plantão. Adele não gostou muito, mas sugeri que saísse com o motorista para dar umas voltas na cidade. Retornou do passeio na hora marcada.

— Você não vai para o salão também, Alana?

— Não. Trouxe a minha equipe de cabeleireiros e maquiadores para o desfile. Eles é que fazem a minha produção. Só não te incluí também, porque o tempo dos meninos é escasso.

— Imagine, meu bem, pra quem faz cabelo e unha no salão de Campos Verdes, esse salão do hotel é o paraíso.

Conversamos mais um pouco e quando Adele se despediu, deu-me um sorriso e um olhar. Se não estava enganada, aquele era o olhar diabólico de quando a Maligna entrava em ação. Eu precisava estar atenta.

O que ela poderia aprontar naquela noite?



Desci com Xandy para seguirmos ao desfile, mas não encontrei Adele como combinado.

— Xandy! Você viu a minha gêmea? Liguei para sua suíte para avisá-la que já estava aguardando aqui na recepção e ela não atendeu. Precisamos chegar mais cedo. Ela vai acabar nos atrasando.

— Calma, Angel. Não a vi e nem sei se quero ver. Passei o dia trabalhando feito um burro de carga. Está tudo impecável para você arrasar. Esqueça sua irmã. Já providenciei com a Carol para ela entregar uma credencial para o seu clone do mal não perder o desfile.

— O quê? E você acha que eu acredito nesse sumiço? — Eu sabia que Adele estava aprontando algo. — Faça alguma coisa, Xandy! Vá agora, procurar o meu clone. — Ele saiu reclamando e apressado.

Eu estava apenas desconfiada. Talvez fosse mesmo coisa da minha cabeça. Esperava que o meu radar para detectar as “merdices” dela estivesse enferrujado, mas não estava. Logo Xandy descobriu que a maligna havia partido fazia tempo, corremos para o evento.

Tão logo chegamos, não demorei a perceber o que minha querida irmãzinha havia aprontado. Coitada! Tive até vontade de rir de sua cara. Tantos anos se passaram e ela não amadureceu. Seu repertório para me atormentar continuava o mesmo. Que mulher limitada, sem criatividade, monótona até. Se ela achava que comprando um vestido longo e no mesmo tom azul do meu, copiando o meu penteado e maquiagem, iria me fazer passar raiva como antigamente? Enganou-se!

Ela sempre soube que eu detestava andar como dois pares de vasos, como a nossa mãe fazia questão de nos vestir. E quando ela queria implicar comigo, vestia-se como eu. Adele não mudaria nunca! Sempre querendo andar na minha aba. Iria deixá-la ter seu dia de celebridade e de quebra, tiraria vantagem da brincadeirinha da minha gêmea.

Os jornalistas ficaram em polvorosa, quando perceberam que teriam duas Alana Shultz no evento.

É claro, que era do conhecimento de todos que eu tinha uma irmã gêmea, mas naquele desfile eram somente duas Alana Shultz que importavam para eles, porque quem era Adele? Quem? Somente a irmã caipira!

Fingi que fora uma combinação nossa, pois queríamos relembrar os velhos tempos de criança. A deslumbrada circulou por todo desfile e depois pela festa. Não toquei no assunto das roupas com ela. Nem tive tempo para essas trivialidades. O desfile foi um sucesso! As novas peças da coleção estavam um arraso. Já a festa era a mesma de tantas que já fui. Só precisaria marcar presença por um breve período, antes de retornar para o hotel. Estava com uma dor de cabeça infernal, exausta e precisava acordar cedo para ir a Campos Verdes.

Xandy, mais cansado do que eu, já havia ido embora com o motorista e deixou o carro para que fôssemos mais tarde. Ele havia bebido algumas taças de champanhe e eu só havia ficado na água e no suco. Não tinha o hábito de beber. Raras vezes saboreava um bom vinho quando não estava a trabalho ou algo mais forte quando estava sob pressão. Costume adquirido com a disciplina da vida de modelo.

Quando procurei por Adele, a encontrei jogando charme, ou melhor, jogando o corpo para um dos organizadores do desfile. Pelo visto, minha irmã não perdera o seu jeito vulgar de ser. Nem aliança ela usava mais.

Fui ao toalete e quando estava lavando as mãos, ela apareceu.

— Maninha, me tire uma dúvida... Como você descobriu que tipo de maquiagem que eu usaria hoje e que eu viria com o meu cabelo preso? — Ainda não era hora de tirar satisfações da sua provocação, mas não resisti.

— Foi ótimo, não foi? Acho que hoje eu me superei! — gargalhou — Poxa, Alana, assim você me decepciona. Não conhece mais os meus truques? Digamos que na sua equipe tem gente que jamais negaria um pedido da sua gêmea. Ser irmã de uma celebridade tem lá o seu prestígio, querida!

Deus! Como minha irmã era patética!

Nem me dei ao trabalho de revidar a provocação. Estava com uma enxaqueca horrível. Precisava do meu remédio e cama. Eu bem sabia o motivo do meu mal-estar. Toda vez que não conseguia extravasar a minha raiva, as dores vinham. E naquela noite, mais uma vez, o meu cunhado havia conseguido me tirar do prumo. Que sina!

Assim que saímos, o manobrista trouxe o carro, e percebi que o câmbio não era automático.

— Droga! Não entendi por que Xandy alugou um carro com o câmbio manual — esbravejei.

Fazia anos que eu não dirigia um carro como aquele. Quando Xandy me levou ao desfile, mais cedo, eu nem prestei atenção nesse detalhe. Estava mais preocupada com o que Adele poderia estar aprontando no meu evento, do que com as besteiras que meu amigo fazia.

— Senhorita Shultz, prefere que eu chame um táxi? — perguntou o coitado do manobrista, tentando me ajudar.

— Não precisa! Obrigada! Vou dirigir essa carroça mesmo!

Após alguns quarteirões, arrependi-me de não ter ido embora de táxi. Estava totalmente desacostumada com aquele tipo de carro. Depois de muitos trancos, Adele se ofereceu para dirigir.

— Puta merda, Alana! Assim vão acabar batendo em nossa traseira. Deixe que eu dirijo.

Aceitei de imediato. Ela saiu do carro e eu pulei para o banco do carona. Eu só precisava chegar logo ao hotel e tomar o meu remédio milagroso para enxaqueca.

Logo os meus pensamentos se voltaram para o dia seguinte. Fui tomada por uma apreensão em reencontrar Quim após tantos anos. Lembrei-me de verificar se estava tudo certo para a viagem a Campos Verdes. Peguei o meu celular, que estava no painel do carro e de cabeça baixa comecei a digitar uma mensagem para Carol. Estava distraída, quando senti um solavanco e a pressão do cinto de segurança reteve meu corpo que havia sido arremessado para frente. Os pneus se arrastaram pelo asfalto com a freada brusca e estridente. O grito histérico de Adele reverberou e misturou-se ao som do forte impacto. Senti as vistas escurecerem. Apaguei!

CAPÍTULO 8

QUIM

Já passava da meia noite quando cheguei a Campos Verdes. Fora difícil para Paola entender que eu não poderia passar em seu apartamento. Tive um dia complicado. Aborreci-me novamente com Adele. Ainda custava a acreditar que aquela irresponsável pensou em levar Duda para Vitória sem falar comigo. Eu já sabia pelos através dos jornais que Alana estaria na cidade, para um evento, mas pensei que a celebridade fosse reservar um tempo em sua agenda para visitar a sobrinha. Duda não estava bem e seria muita imprudência deixar que ela viajasse com a mãe. O que me admirou foi a rapidez com que concordou comigo. Até me pareceu que não tinha mesmo a intenção de levar a filha. Resolvi deixar Duda na casa de Ivana, com medo que Adele voltasse para buscá-la na minha ausência.

Paola não entendia meus problemas. Nosso caso já durava um ano, mas a situação começava a se complicar com as cobranças dela. Eu até tentava compreender a sua ansiedade, porém era fato e ela sabia que eu não poderia me libertar do meu tumultuado casamento tão cedo. Tínhamos um caso baseado em sexo. Ela era linda, fisicamente, o oposto das gêmeas. Era morena, tinha pele dourada, inteligente, sexy, arquiteta de renome em Cachoeiro, muito gostosa e envolvente, mas eu ainda era um homem casado. Apesar de saber dos comentários sobre a promiscuidade de Adele, eu jamais poderia assumir meu relacionamento com Paola, até porque meu coração não tinha espaço para abrigar um novo amor. Ele não estava fechado, mas havia encolhido, desidratado. Era como se ele estivesse velho e rugoso. Todos os dias, todos aqueles anos, sonhei em encontrar alguém que o conseguisse desfibrilar, mas esse alguém não era a Paola. Eu precisava ser sincero e dizer a ela que não a amava. Era chegada a hora de acabar com o nosso relacionamento.

A presença de Alana no Espírito Santo não me fez bem. As lembranças vinham como enxurradas que, de tão fortes, arrastavam os muros de arrimo erguidos com tanta solidez e derrubavam as estacas pregadas com tanto afinho.

Éramos um só coração, o amor dominava nossas vidas. Estranhamente aquilo era o que mais me machucava.

Passei na casa de Ivana e Duda já dormia. Preferi não a acordar e por

insistência da avó, deixei que passasse a noite lá.

O dia havia sido cansativo e tudo que eu precisava era descansar. Abria a porta de casa quando ouvi o toque do celular. Imaginei ser Paola e relutei em atender, mas o fiz ao perceber que era um número desconhecido e com código de área diferente do sul do estado.

A notícia que recebi fez meu coração dar um soco no peito!

Não!

Deus!

Por favor! Ela não...

Com as mãos trêmulas liguei para Ivana, voltei para o carro e parti rumo a Vitória.

Chegando ao hospital, corri para saber de mais informações, porém foi difícil atravessar a barreira dos jornalistas de plantão, sedentos por notícias. Assim que me identifiquei, fui levado a uma sala, onde encontrei um homem alto, careca, sentado, de cabeça baixa e parecia estar chorando. Ele ergueu a cabeça e revelou os olhos inchados e vermelhos. O reconheci imediatamente. Era o fiel escudeiro de Alana, como a mídia o denominou.

— Boa noite. Você está esperando o médico também? Tem alguma notícia? — perguntei, deixando minha voz transparecer toda minha aflição.

— Sim. — Ele enrugou a testa e respondeu-me com certa animosidade. — E você deve ser o marido de Adele, certo?

— Sou. Como está Alana? Fui informado que ela está mais machu...

— Você devia é se preocupar com a sua mulher! — Levantou e me encarou com a raiva estampada em suas feições.

Minhas mãos estavam trêmulas, minha cabeça doía, mas não me deixei abalar pelo cara à minha frente. Era evidente a sua tristeza. Antes que eu pudesse respondê-lo, fomos abordados por dois homens, vestidos com jalecos, cujos crachás os identificavam como médicos.

— Boa noite, senhores. Eu sou o Dr. Juarez Pretti, neurologista e esse é o Dr. Ricardo Castro, o clínico responsável pelo plantão. Vamos sentar, por favor.

Estava ansioso e muito nervoso por informações, mas o careca se sentou, a contra gosto, resolvi sentar também.

— Vocês são os parentes das pacientes, certo? — Perguntou o neurologista.

— Eu sou Joaquim, marido de Adele e cunhado de Alana Shultz. — Senti a boca amargar ao citar essa frase.

— Eu me chamo Alexander, mas podem me chamar de Xandy. Sou o melhor

amigo de Alana. Por favor, doutores, como está a minha amiga? — Sua voz estava trêmula.

— Vamos passar as informações do quadro clínico de cada uma. Conforme os paramédicos, Alana Shultz dirigia o veículo na hora do acidente.

— Sim! Era a minha amiga que dirigia. Eu não devia ter deixado o carro com ela. Mas, eu estava cansado e... — Xandy foi interrompido pelo neurologista, o que me deixou aliviado, pois eu estava ansioso para saber sobre o estado das gêmeas.

— Senhor Alexander, vou pedir que mantenha a calma e deixe que expliquemos sobre o estado de saúde das pacientes. O quadro da Adele não é grave, mas requer cuidados. Ela teve várias escoriações pelo corpo, mas nenhuma fratura. Seu rosto está bastante machucado, mas sem gravidade. Precisou levar alguns pontos no supercílio direito devido aos cortes causados pelos estilhaços de vidro. Ela passou por uma tomografia e por outros vários exames. Ficará em observação sob tranquilizantes nas próximas horas, mas logo vocês poderão vê-la.

Eu e o tal Alexander mal respirávamos, ansiosos para saber de Alana. Fechei os olhos e roguei a Deus que estivesse tudo bem com ela.

— Quanto a Alana, foi quem sofreu o maior impacto por estar dirigindo. Infelizmente, as notícias não são boas. Ela sofreu um traumatismo craniano importante. Os exames detectaram claramente um edema. Devido ao inchaço do cérebro, optamos por uma cirurgia de emergência, para assim reduzirmos a pressão intracraniana. Após a cirurgia ela será encaminhada para UTI e vocês serão informados. Por favor, aguardem no hall de espera do centro cirúrgico.

— Doutor — perguntei, sem conter meu desespero. — É grave? Ela corre risco de morte?

— Infelizmente, sim!

Logo chegamos na sala de espera indicada pelos médicos. Sentei-me ao lado de Xandy e lhe pedi detalhes sobre o acidente.

— Parece que um carro ultrapassou o sinal vermelho, atingindo em cheio o lado de Alana. Adele estava no banco do carona, sofreu menor impacto. Esse “clone do mal” é que devia estar com a cabeça rachada! — desabafou e começou a chorar.

Alexander chorou sem nenhuma vergonha de expressar seus sentimentos. Não havia dúvidas de que amava minha galega. Quanto a mim, pedi que Deus me perdoasse, mesmo sabendo que Adele era a mãe da minha filha, todos os meus temores e preocupações eram por Alana. Temia por sua vida. Senti muito medo

de nunca mais vê-la e de não ter a chance de pedir-lhe perdão. Tudo era muito triste. Meu coração apanhava com a dor dilacerante só de imaginar que algo pior pudesse acontecer com ela.

Apesar da distância que nos separava, inevitavelmente, fui obrigado acompanhar a sua jornada ao estrelato e sucesso estrondoso.

Adele sentia um prazer cruel em esfregar-me na cara as conquistas de Alana. Apesar de não mais fazer parte de sua vida, não deixava de admirar e sentir orgulho de sua trajetória, mas o que acabava comigo era saber que ela estava feliz nos braços de outro homem. Nunca dei muito ouvido às fofocas da sua irmã, quando dizia que a galega havia se perdido na vida de glamour que a rotina de modelo lhe oferecia. Conhecia as suas ambições, e se perder em noitadas, promiscuidades e drogas, não era a sua praia.

O que eu não aceitava, era o fato de Alana ter se desligado totalmente da sua família no Espírito Santo. Em todos esses anos, nunca veio visitar os pais, (somente depois de mortos. Ainda me lembro da sua única e curta visita. Eu estava muito preocupado com a tristeza de Duda, devido a morte repentina e trágica dos avós e, portanto, somente de longe tive a chance de ver a minha loira. Estava decidido que falaria com ela, após o enterro, apesar dela nem sequer me direcionar um olhar. Fiquei afastado, enquanto Adele lhe apresentava nossa filha. A saudade me corroía o coração, ainda em pedaços. Tinha saído para levar Ivana e Perê em casa, voltei correndo para ver e falar-lhe, mas não tive a chance, pois ela já havia partido. Aquela noite, ao entrar no banho, chorei mais uma vez.

Alana...

Ela não se tornou a minha mulher para sempre como um dia lhe prometi, mas naquela noite, tive a certeza de que para sempre ela seria o meu grande e único amor

CAPÍTULO 9

ALANA

Pra sempre, meu amor... Você será a minha última mulher... Eu te amo Alana... Eu vou me casar com você, Galega... Eu te amo pra sempre... Pra sempre...

Sentia que estava acordada, entretanto a minha confusão mental misturava o passado com o presente. Seria um sonho? As lembranças se misturavam com os sonhos.

Quim... Você prometeu, meu amor... Que dor imensa...

Era uma sexta-feira e naquele dia, após as aulas, eu não fiz mais nada. Só à espera do meu Caribe. O turbilhão de sentimentos, a grandiosidade do meu amor por Quim ainda me surpreendia, mas sobre tudo, me assustava. Um amor que achei ser inabalável e infinito, assim como o poema que recebi dele em sua última mensagem:

“O amor que eu tenho por você

É inabalável e jamais se esgota

Porque ele é imenso e verdadeiro

E retém em si a própria essência do tempo

E do universo:

É imortal,

É infinito,

É eterno.»

O amor é só meu, mas o autor do poema é Augusto Branco. Me espera loira, hoje a saudade é farta. Sinto sua falta cada dia, cada hora, cada minuto. Um grande beijo, do seu Quim.

Não tive como não sorrir largamente e encaixar o celular no peito. Meu amor chegaria do Rio de Janeiro, onde fazia faculdade. Ele vinha todo fim de semana, mesmo com todas as nossas dificuldades, pois estávamos economizando cada centavo para o nosso casamento. Assim que eu completasse dezoito anos, que seria em dois meses, iríamos ficar noivos oficialmente e marcar a data. Tínhamos lindos planos para o nosso futuro. Ele, como já era técnico de

edificações, fazia pequenos projetos em Campos Verdes e Rio Novo. Eu já ganhava uma grana com as aulas particulares. Somente nas sextas eu não lecionava, porque era o dia que me preparava para sua chegada. Para o meu amor.

Quando saí do banho, encontrei Adele com o meu celular na mão, lendo as minhas mensagens. Enrolei a toalha na cabeça e corri para tirar-lhe das mãos.

— O que é isso agora? Você deu pra bisbilhotar as minhas mensagens?

— Credo, Alana! — debochou, mantendo as mãos no ar como se ainda segurasse o aparelho — Só dei uma espiadinha. Queria me divertir um pouco, esse seu namoradinho é meloso demais! Nossa, estou até enjoada de...

— Não se meta no meu namoro, Adele! Vai achar um namorado pra você também. Se é que alguém aqui na cidade vai querer um material tão usado. — Ela bem que tentava disfarçar sua raiva, mas o seu olhar invejoso sempre me perseguia e a entregava.

Em vez de revidar como sempre, deu-me um sorriso falso que me gelou a espinha, como se fosse um mau pressentimento. Esperei ela sair, bati na madeira três vezes e ainda fui aos pés da imagem de Nossa Senhora da Penha que ficava na minha mesa de estudos, e fiz uma breve oração.

Assim que sequei os cabelos, meu celular tocou e era a prima de Rebeca, a Kelly de Rio Novo, a quem eu dava aulas particulares.

— Fala, Kelly!

Meu bom humor transparecia na minha voz. Ultimamente isso era uma constante. Desde que comecei o namoro com Quim, deixei muito das minhas rabugices de lado. Como ele mesmo dizia, eu agora era “amor-tífera”. Só tinha amor e felicidade na minha vida.

— Alana, você precisa me salvar! Estou precisando urgente de uma aula de matemática. Amanhã terei uma prova extra, em Cachu. — Sua agonia era exagerada.

— Calma, Kelly! Uma prova em pleno sábado? Poxa! Amiga, esqueceu que não eu não dou aulas nas sextas? Principalmente nesse horário. Quim deve estar quase chegando.

— Não! Alana, por favor, é uma emergência. Estou muito ansiosa com a prova, porque ela não estava agendada. O professor fez essa surpresa, e se eu não for bem, você sabe o que vai me acontecer.

Então a menina estava aos prantos. Kelly era de uma família de posses em Rio Novo. Sua mãe, a tia de Rebeca, havia se casado com um fazendeiro da região. Ela estudava no melhor colégio de Cachoeiro, mas não estava

mandando bem nos estudos, por isso seu pai havia me contratado. Caso não conseguisse alcançar notas boas em todas as provas, o seu castigo seria perder a tão sonhada viagem à Disney.

— Por favor, Alana. Nunca te pedi nada! Estou desesperada! Pago o dobro, não, o triplo por essa aula de hoje. E ainda mandarei o Zelito te buscar. Diga que topa!

Aí ela conseguiu chamar a minha atenção. Zelito era um funcionário da fazenda e com uma carona de ida e volta seria perfeito. O dinheiro seria de grande ajuda para a poupança do meu casamento.

— Tudo bem, Kelly. Ligarei para o Quim, avisando que não poderei esperá-lo na rodoviária hoje. Fale pro Zelito me esperar na praça, porque antes preciso passar na papelaria da Jaque para comprar uma calculadora nova. A minha pifou. Beijos!

Liguei imediatamente para Quim, mas caiu na caixa postal. O sinal na estrada era péssimo e em alguns trechos, nem tinha. Sabia que ele não gostaria muito dessa mudança de planos, mas o meu lindo era um namorado muito compreensivo. Entenderia que era por uma boa causa. Não abriria mão de esperar o Quim na rodoviária e estar com ele o quanto antes só para ajudar a Kelly. Certamente, fiz pela grana extra. Eu mudei bastante, mas ainda era Alana Shultz!

Arrumei-me correndo, peguei o meu material e desci para fazer um lanche rápido. Assim que terminei de comer, subi para escovar os dentes. Quando desci, lembrei que ainda não havia conseguido falar com o Quim. Seria melhor enviar-lhe uma mensagem, pois assim, quando ele estivesse próximo à cidade já leria.

— Mas onde coloquei o meu celular, droga! — falei enquanto revirava a cozinha e a sala.

Minha mãe desceu e me ajudou a procurar. Eu estava com muita pressa. Ainda tinha que passar na papelaria. — Mãe, me faz um favor, avisa ao Quim, que precisei ir a Rio Novo dar uma aula extra para Kelly, mas que chegando, eu explico tudo. — Pedi-lhe já cruzando a porta.

— Claro, minha filha. Eu dou o recado. Vai com Deus! Deixe que eu fico procurando o seu celular, deve ter caído em algum lugar em meio àquela tranqueira da sala.



Que noite agonizante! Primeiro a Kelly estava muito desconcentrada, nem

parecia estar tão ansiosa. Precisei repetir tudo umas mil vezes! Na volta, acabou o combustível do carro, estávamos quase chegando a Campos Verdes. Que droga! Já dei um esculacho no cabeça-de-vento do Zelito. Precisei esperar um tempão para o estrupício ir buscar gasolina.

Assim que cheguei à cidade, pedi para ele me deixar na casa de Quim. Estava louca para encontrá-lo. Encontrei a dona Francine e o senhor Raul, meus sogrinhos, assistindo televisão na sala. Cumprimentei, pedindo licença e perguntei se o seu filho estava em seu quarto.

— Quim? Não... Ele chegou aqui, tomou um banho e foi para à casa do Jorginho. Até estranhei vocês não estarem juntos! Vocês estão bem, Alana?

— Sim, dona Francine. Eu tive um compromisso mais cedo e não pude esperá-lo na rodoviária. Na certa ele foi jogar conversa fora com o amigo. Vou até lá. — Expliquei e acenei me despedindo com pressa.

— Boa noite — Eles disseram ao mesmo tempo.

Pensei que Quim me esperaria, mas pelo visto cansou ou ficou chateado. Assim que cheguei à casa de Jorginho, sua mãe me avisou que eles estavam ouvindo música no quarto e me autorizou a subir. Dei duas batidinhas na porta e tão logo a abri, de imediato, senti um clima estranho.

Jorginho, que estava sentado, de cabeça baixa, assustou-se e pulou fora da cama. Quim, estava largado no chão, encostado na parede, com os olhos fechados e uma garrafa de vodca entre as pernas. Algo de muito grave havia acontecido, pois ele não tinha o hábito de ingerir nada tão forte. Ainda mais de se embriagar, porque era inegável que estava muito alcoolizado. Assim que me viu, seus olhos inchados congelaram ao se encontrarem com os meus.

— O que você veio fazer aqui, porra! — Solto as palavras com a língua enrolada, típica de todo bêbado.

Sua grosseria me assustou e me deixou completamente sem ação.

— O-Oi, Alana! Você chegou! — Jorginho tinha um sorriso amarelo que era desconcertante.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

Antes que Jorginho respondesse, Quim se levantou com dificuldade e cambaleante, colocou-se ente mim e seu amigo. Puxou-me para ele e me prendeu num abraço apertado.

— Minha Galega... É você?! Eu te amo, Alana, pra sempre meu amor.

Senti os cabelos de minha nuca se arrepiarem. Não era desejo, mas medo. Algo muito grave havia acontecido com Quim. Aquilo não era normal. Levei-o

para cama. Precisei da ajuda de Jorginho, pois ele ficou pesado em meu abraço. Foi o tempo de ele cair na cama, murmurar meu nome novamente e adormecer.

— Pois bem, senhor Jorginho! Desembucha! O que houve com o Quim? Porque pelo visto foi só com ele que aconteceu algo, você está sóbrio e com essa cara de paspalho!

— Alana, por favor! Isso é não é assunto meu, e só diz respeito a vocês. Quando acordar, ele te explica, está bem?

— Bem, porra nenhuma! Eu quero saber agora Jorginho ou então ligarei para os pais dele! — Ele esbugalhou os olhos e respondeu, sem me encarar, enquanto fingia juntar a garrafa e o copo que Quim havia acabado de esvaziar. — Parece que é algo com um estágio que ele precisa fazer e com isso só poderá vir a Campos Verdes uma vez no mês. Ele está chateado e preocupado em como contar isso pra você... Ah! Porra! Espere ele curar esse porre e converse com ele.

— O quê? E isso é motivo pra dar um vexame desse? Nem parece que me conhece!

— Talvez seja exatamente por isso! — resmungou, querendo me irritar.

— Jorginho, eu não posso passar a noite fora de casa, então você vai cuidar do Quim pra mim. Ligue para os pais dele e dê uma desculpa qualquer. Diga que o Quim adormeceu porque estava muito cansado. E amanhã quando ele abrir os olhos, quero que vá para minha casa. Precisamos conversar!

— Sim senhora! Mais alguma coisa?

Virei as costas, ignorando a piada e assim que cheguei em casa, encontrei um bilhete da minha mãe, avisando que estava na casa de Ivana. Na certa, jogando canastra. Elas adoravam aquele jogo. Quando cheguei ao meu quarto, senti um cheiro forte do meu perfume. Adele havia tomado banho com ele. Era sempre assim, não adiantava esconder dela, que sempre achava. Deus! Ansiava em ter a minha própria casa. Minha e do Quim.

Tomei um banho, mas demorei a pegar no sono. Sentia-me agoniada. Não gostei de vê-lo naquele estado. Nunca imaginei que ele pudesse achar que eu não o apoiaria no seu novo estágio. Mesmo que tivéssemos que ficar o mês inteiro sem nos vermos, eu entenderia, pois nós tínhamos nossos projetos para o futuro, nosso casamento. No dia seguinte conversaria seriamente com ele e o faria entender que podia confiar em mim, que eu o apoiaria em todas as decisões.



Minha cabeça doía muito. Sede, eu sentia muita sede... Ouvia vozes... Queria abrir os olhos, mas não conseguia... O sono me venceu... Adormeci novamente. Estava sonhando ... Não era um sonho... Eram lembranças...

Assim que acordei, a primeira coisa que fiz, após tomar o café, foi ligar para meu namorado. Somente pela manhã, minha mãe achou o meu telefone atrás do sofá. Queria saber como ele foi parar naquele lugar, mas não tinha tempo para pensar naquilo. O celular de Quim estava na caixa postal. Tive que tentar o de Jorginho.

— Oi, Alana. Quim foi pra casa dele. Eu dei o seu recado, sim! O cara precisava de um banho e disse que depois vai passar aí.

— Tá,Tá! Já entendi. Tchau! — Desliguei na cara dele. A impaciência gritava na minha cabeça. Precisava descobrir o que estava acontecendo. Quim estava me evitando ou já teria me ligado.

Não ficaria esperando sentada que meu namoradinho chegasse. Mudei de roupa correndo e topei com Adele saindo do banho.

— Bom dia, irmãzinha! Você viu como o dia está lindo? Eu e Beca vamos à Cachoeira de Concórdia com a turma. Por que não vem com a gente? Você e o seu namorado, é claro! — Seu sorriso debochado chegava a ser intrigante.

— E desde quando eu saio com sua turma, Adele? Bateu a cabeça?

— Gêmea, você nem imagina como hoje estou feliz. Preciso aproveitar esse sábado maravilhoso!

— Deve ser um passeio e tanto, pra fazer você pular da cama tão cedo.

Sem me dar ouvidos ela entrou no quarto cantarolando. Deixei a chata se arrumando e fui falar com a minha mãe. Dona Vall estava em seu quarto, fazendo cachos em seus cabelos lisos.

— Eita! A senhora também está bem animada, hein? Se arrumando logo cedo, aposto que o senhor Giovanni chega hoje, acertei?

— Acertou minha linda! A previsão seria só para daqui a dois dias, mas ele conseguiu um frete pra Vila Velha, então antecipou a volta. Agora tenho que correr pra deixar tudo preparado pra ele.

A vida da minha mãe era esperar pelo meu pai.

— É isso aí, dona Vall! Fique bem gata pro pai. O senhor Giovanni deve chegar faminto! — Gargalhei com seu rosto corado.

— Que isso, Alana? Você anda muito exibida. Será um “pão” de olhos da cor do mar que está te deixando assim? Tome juízo, menina! — Então, foi a minha vez de enrubescer.

Acabei o papo com minha mãe assim que percebi que Adele havia saído. Peguei minha mochila e, de bicicleta, corri para casa de Quim. Só encontrei Oscarina lá. Abri bem devagar a porta do quarto dele e o encontrei deitado com as mãos atrás da cabeça e com os olhos perdidos no teto.

Quando percebeu a minha presença, sentou rapidamente e me deu um sorriso morno. Fiquei parada, esperando que ele falasse algo. Meu coração batia loucamente. De repente, senti medo de que o Quim fosse terminar comigo. Não havia o mesmo brilho em seu olhar. Ele se levantou e me deu um forte abraço e beijou o meu pescoço.

— Eu te amo, Alana... Pra sempre, vou te amar — sussurrou em meu ouvido e apesar das palavras, eu sabia que algo havia mudado.

Eu não costumava ser chorona, mas naquele momento senti um aperto no peito e também o apertei em meus braços.

— Que susto você me deu, amor. Por um momento achei que não me quisesse mais...

Deixei as lágrimas escorrerem livremente pelo meu rosto e molhei a sua camisa.

— Isso nunca irá acontecer. É uma promessa, Alana. Nada vai nos separar. Nosso amor é inabalável. Nunca esqueça isso! Agora vamos aproveitar que os velhos saíram e vamos matar a saudade. — Puxou-me para deitar a seu lado.

Eu também o desejava, mas antes eu teria uma conversa séria com ele.

— Espere, Quim. Eu preciso saber o que houve ontem pra você beber daquele jeito. Você estava muito estranho. Esse tipo de atitude não combina com você. Jorginho me falou algo sobre um estágio.

— Desculpe, amor. Eu estava muito chateado. Não queria ficar tanto tempo longe de você e também fiquei com receio de te falar. Surgiu um estágio com uma bolsa muito legal, aceitei sem te consultar, mas me arrependi. Devia ter pedido sua opinião. Nem eu sei por que bebi tanto.

— Não entendo, Quim! Devia mesmo ter falado comigo, mas de qualquer maneira, eu jamais iria me opor. Isso será bom para o nosso casamento. Quanto antes juntarmos a grana, mais cedo poderemos alugar um cantinho só nosso, em Vitória. Por que esse drama todo?

— Eu sei. Mas só de imaginar te ver somente um fim de semana no mês, eu já sinto saudade antes de ir.

— Vamos ter todo tempo do mundo, meu Caribe. Não sofra por antecipação. Vamos aproveitar o tempo que temos agora — pedi, sorrindo e levando meus lábios ao encontro dos dele.

Deixamos para resolver depois os detalhes de nosso futuro, e caímos nos braços um do outro. Matamos a saudade, que era enorme. Ainda bem que Oscarina era nossa fã. Nunca contou as vezes em que aproveitamos as saídas e viagens dos pais de Quim para apagarmos o fogo que nos consumia.



Faltavam três semanas para completarmos dezoito anos. Já havia saído o resultado do vestibular e por isso iríamos fazer uma festa tripla. O nosso aniversário, a comemoração por eu ter passado na UFES e o meu noivado com Quim. Eu estava muito ansiosa com os preparativos.

Quando cheguei à papelaria para comprar o material das lembrancinhas que eu e Ivana iríamos fazer para a festa de noivado, Jaque me chamou num canto, para falarmos com privacidade. Nós sempre estudamos juntas e fizemos alguns trabalhos em parceria, mas só fui me aproximar mais dela depois que conheci o Quim. Fiquei uma pessoa mais sociável e podia dizer, até mais simpática.

— Alana, você se lembra da tarde que passou aqui pra comprar uma calculadora e me disse que estava indo à casa de Kelly para dar uma aula extra?

— Sim. Claro que me lembro. Ela tinha uma prova no dia seguinte que o professor havia marcado de surpresa e... Espera! O que tem isso, Jaque?

— Era mentira dela! — afirmou com raiva e bateu a mão no balcão.

— Como assim, Jaque? Como sabe que era mentira?

— Comentei com Aline, a minha sobrinha, que estuda na mesma turma da Kelly. Ela garantiu que nunca houve nenhuma aula, muito menos uma prova em dia de sábado na turma delas.

— Não compreendo... Por que ela mentiria pra mim? — Na mesma hora me lembrei da falta de atenção de Kelly. Como demonstrou desinteresse pela tão necessitada aula.

— Não sei, Alana. Estava pra te contar isso faz um tempo, mas acabei esquecendo. Kelly é prima de Rebeca e a mentira deve estar nos genes daquela família. Fique esperta!

— Obrigada, Jaque. Vou investigar isso direito. Agora fiquei curiosa com o motivo que levou Kelly a mentir pra mim.

— Se você quiser falar com a safadinha, logo ela vai encontrar com Aline na minha casa, pra irem a uma festa.

— Vou ver, Jaque! Obrigada, mais uma vez — despedi-me e segui meu

caminho, muito pensativa.

A princípio, não falaria nada com Kelly, até porque naquela noite meu pai estava em casa e minha mãe estava preparando um jantar especial, para Quim e seus pais. Seria uma reunião em família, para definirmos os preparativos do noivado.

Eu ainda não tinha visto Quim naquele dia e estava cheia de saudade. Nunca podia visitá-lo quando papai estava na cidade. Na noite anterior, tivemos que namorar na sala, comportadamente, mesmo depois de passarmos quase um mês sem nos vermos. Jesus! Eu estava doida para encontrá-lo a sós. Como ele sempre me dizia: A saudade era farta! Os beijinhos no portão de casa não deram nem para aplacar uma faísca, quanto mais as labaredas do nosso corpo.

Havia passado o dia todo praticamente fora de casa. Havia ido à feira logo cedo com minha mãe. Depois fui ao salão da Etiê para aparar as pontas e fazer as unhas. Almocei na casa de Ivana. Já estava voltando quando vi a moto do meu namorado em frente de casa.

Quim chegou mais cedo! Estranhei, pois ainda faltavam duas horas para o início do jantar.

Apressei o passo e entrei, larguei as sacolas na mesa da cozinha. Quando cheguei à sala, congelei com a cena à minha frente. Quim estava sentado no sofá de cabeça baixa, exatamente como Adele, que estava ao seu lado. Minha mãe mantinha-se de pé e chorava, desesperadamente. Meu pai, sentado na poltrona de frente para minha irmã e meu namorado, tinha uma expressão que eu jamais tinha visto. Seu semblante me deu medo, pavor. Quando minha presença foi percebida, o único som audível, naquela sala, foi dos pés de minha mãe correndo em minha direção. Com um olhar de lamento ela me tomou em seus braços e por cima de seu ombro, pude ver que Adele e Quim não reagiam. Seus olhos não deixavam de mirar o chão.

Por que Quim não olhava para mim? Aquilo parecia um filme de horror, em câmera lenta.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? Que caras são essas? — Minha voz saiu trêmula e o nó em minha garganta, só aumentava. — Morreu alguém, é isso? Meu Deus! Foi a tia Dandara?

Meu pai se levantou da cadeira, limpou a garganta e soltou de uma vez, a frase, que achei ter sido a mais dolorosa que já ouvira em toda a minha vida.

— Alana, não haverá mais casamento.

Minha mãe deu um soluço e meu pai continuou a me sepultar, porque se ele parasse, talvez também não conseguisse mais falar.

— Ou melhor, haverá sim, mas será de Quim e Adele.

— O senhor está brincando, não é?

— Seu namorado engravidou a sua irmã e vai se casar com ela. Ponto final e não se fala mais nisso nessa casa. Você vai hoje mesmo morar na casa da sua tia em Vitória e... — Ele falava, falava, mas eu não ouvia mais nada.

Quando finalmente consegui reagir, gritei a toda voz, esperando que eles acabassem com aquela brincadeira horrorosa.

— Vocês estão malucos?! Será que não veem que isso tudo é uma mentira monstruosa da Adele? Ela sempre foi uma invejosa e venenosa! — Olhei para Quim, suplicando que ele desmentisse, mas ele continuava cabisbaixo.

— Pelo amor de Deus! — pedi, atirando-me aos pés dele. — Fale pra eles Quim. Diga que você nunca dormiu com essa megera. Que jamais faria isso — gritei, o sacudindo — Diga que não engravidou essa louca!

Quim começou a chorar!

Deus! Não! Não! Quim está chorando? Não pode ser verdade!

Ele levantou a cabeça. As lágrimas escorriam por seu lindo rosto que agora estava inchado e com uma vermelhidão em um dos olhos. Chorava, derrotado, como uma criança. Meu pai se pôs ao seu lado, o intimidando. Trocaram olhares. Quim respirou fundo e então sim, eu ouvi a frase mais dolorosa de toda a minha vida. Nada seria capaz de me magoar mais do que aquilo.

— Per- perdão, Alana! E-Eu vou sim me casar com a Adele. Sinto muito, mas esse filho é meu!



Tum-tum, tum-tum, tum-tum...

— QUIMMMM!! — gritei, histericamente. Deus, não sei dizer se a dor física era maior do que a causada por minhas lembranças. O que acontecia comigo? Por que estava sonhando com ele novamente?

Meus olhos percorreram ao redor e me dei conta de que estava num quarto de hospital. Eu tinha curativos em meu braço, segurando a agulha por onde eu tomava soro. Apertei a campainha e não demorou muito para uma enfermeira entrar.

— Que bom que acordou, Adele. Está tudo bem! Vou localizar o doutor e chamar seu marido.

Adele? Marido?

A enfermeira saiu. Tentei sentar, mas a minha cabeça estava doendo horrores.

Esforcei-me para lembrar o que havia acontecido. Tudo parecia embaralhado em minha mente. Quim, a festa, o carro, o desfile, minha enxaqueca e Adele pegando a direção do carro. Meu Deus! Adele! Sofremos um acidente!

Sim! Tudo estava claro, então! Lembrei nitidamente, da freada brusca, dos pneus cantando no asfalto, o barulho imenso e o grito de minha irmã. Após aquele momento, não fazia mais ideia do que acontecera.

Passei a mão no meu rosto e senti a pele estranha, como se tivesse tomado uma anestesia no dentista, mas doía muito. Passei os dedos nos meus dentes e graças a Deus constatei que estavam inteiros e foi naquele momento que entrou um homem magro, calvo e vestindo um jaleco branco. Deu-me um sorriso e se aproximou.

— Bom dia, Adele! Sou o Dr. Ricardo Castro. Como se sente hoje?

— Bem, bem, eu não estou, como pode comprovar, doutor Ricardo. Gostaria de saber o que aconteceu. Minhas lembranças estão muito embaralhadas ainda.

— Você e sua irmã Alana sofreram um grave acidente. Eu as recebi quando deram entrada no hospital e logo depois o doutor Juarez, o neurologista, uniu-se à equipe. Ele também virá vê-la mais tarde. Por ora, preciso avaliar os seus sinais vitais e depois conversaremos mais sobre o que aconteceu.

O médico e a enfermeira estavam me chamando de Adele. Estava ainda meio aturdida com tudo, porém estava lúcida o bastante para ter certeza absoluta de que eu não era ela.

— Doutor, por favor, antes de me examinar, gostaria de saber como está a minha irmã.

— Bom...

O médico deu um suspiro quase inaudível, mas ouvi e senti sua incerteza. Insisti e ele então relatou todos os procedimentos feitos até a nossa chegada ao Pronto Socorro e o quadro clínico crítico de Alana, ou melhor, Adele. Deus! Era para eu estar dirigindo aquele carro. Será por isso a confusão com as nossas identidades? Liguei um ponto a outro e consegui clarear a minha mente. Só precisava alertar para aqueles idiotas, que eles haviam trocado as nossas identidades.

Consegui sentar e deixei o médico me examinar. Depois acabaria com a palhaçada. A enfermeira entrou e quase desmaiei novamente quando reconheci o homem que a acompanhava.

CAPÍTULO 10

QUIM

Na capela do hospital, encontrava-me sentado e exausto, de tanto rogar a Deus pela vida de Alana e pelas horas que lá havia passado. A cirurgia acabou e pelas informações do médico, ela ficaria em coma induzido, mas a pressão no cérebro foi controlada. Ainda não tinha permissão para vê-la, porém não sairia daquele lugar sem colocar os meus olhos nela. Eu precisava daquilo para acreditar que tudo ficaria bem, mesmo que ela nunca mais quisesse falar ou olhar para mim.

Eu desejava profundamente que Alana sobrevivesse e que fosse muito feliz. A minha Galega merecia viver intensamente os seus sonhos, curtir suas realizações e concretizar todos os seus projetos, mesmo que longe de mim, como vinha sendo feito.

A saudade imensa já era uma visita constante à minha dor. Nem mesmo ter os nossos corações apartados, foi suficiente para me distanciar de Alana. O meu amor era imenso, mas estava escondido. Submerso em mim mesmo, por todo o tempo. Eu não queria trazê-lo à tona, mas naquele dia, a proximidade dela, era como uma corda para que se agarrasse e emergisse de minhas profundezas.

Cada detalhe angustiante do que passamos nos últimos meses de convivência, estava ali diante de meus olhos, alimentando minha existência naquele momento.

Sentia-me tão angustiado por notícias dela, quanto naquele dia que voltava para a casa e não via a hora de apertá-la bem forte em meus braços.



Estava louco de saudade do seu cheiro, da sua pele macia, dos seus sedosos cabelos. Foi uma semana tensa nos estudos. A nossa troca de mensagens trazia acalento, mas ao mesmo tempo atiçavam o meu desejo louco por aquela menina, que logo seria minha para sempre. Tudo que eu mais queria era poder casar-me com Alana e viver em Vitória, construir e realizar os nossos projetos e sonhos. Formar uma linda família, com o meu amor.

Eu tinha uma questão para resolver com ela. Havia recebido uma excelente proposta de estágio em uma renomada construtora, com um valor de bolsa

considerável. Só não dei uma resposta, pois dependia da conversa que teria com minha namorada. Não queria fazer nada que não fosse de comum acordo. A grana era boa e seria de grande valia para a poupança. Mas, só em pensar que teria que ficar muito mais tempo longe da minha Galega, o meu peito já sentia uma saudade angustiante.

Assim que cheguei à pequena rodoviária de Campos Verdes, olhei para todos os lados e não a vi. Desconfiei que algo muito importante havia acontecido para que ela não estivesse me aguardando como sempre fazia.

Assim que olhei no celular, vi que havia uma mensagem dela:

Amor, minha mãe foi jogar cartas na casa de Ivana e não voltará tão cedo. Adele também já saiu pra uma festa, então resolvi te fazer uma surpresa. Venha direto pra minha casa. Estou ansiosa por você, meu Caribe.

Sua Galega

Opa! Estava explicado! Mataria a saudade da minha garota mais cedo do que imaginava. Teríamos a casa só para nós durante horas, pois quando dona Vall resolvia jogar canastra na Ivana, passava a noite com as cartas e a minha cunhada quando saía para uma balada, só chegava com o nascer do sol. Aquilo acontecia sempre que meu sogro não estava na cidade. Ainda bem que havia pintado aquela chance de ficarmos a sós na casa dela, porque meus pais já haviam me avisado que não iriam para Castelo, naquele final de semana.

O portão e a porta da residência de Alana estavam abertos, quando cheguei. A sala encontrava-se na penumbra. Somente um pequeno e antigo abajur com uma luz fraca iluminava o ambiente. Uma música suave vinha do andar de cima, provavelmente do quarto de Alana, ainda assim resolvi chamá-la antes de subir.

— Alana! Ei, Galega! Está aí?

— Ei, amor! Pode subir!

Consegui ouvi-la, apesar da música. Quando entrei no quarto que dividia com a irmã, percebi o clima sedutor. Uma vela crepitava uma chama fraca, sobre a sua mesa de estudos. O perfume de Alana, que eu tanto adorava, impregnava o ar, assim como os acordes suaves da música. Meu coração deu um salto no peito ao ver sua silhueta sobre os lençóis. Meu coração e outras partes do corpo também. Estava louco de saudade da minha namorada e durante a semana inteira nos instigamos muito através de mensagens, mas me recusei a resolver o meu tesão se não fosse com ela. Não queria me masturbar, queria guardar tudo para a minha Galega.

Com a respiração arfante, deixei a minha mochila no chão e tranquei a porta. Alana estava seminua, apenas com uma blusa colada ao corpo, revelando a sua

barriguinha lisa e uma minúscula calcinha de renda preta. Aproximei-me, já tirando a camiseta.

— Então era essa a surpresa, minha gostosa?

— Não gostou meu Caribe? — respondeu com uma voz baixa e rouca de desejo. — Queria te fazer uma surpresa especial e por isso comprei um vinho. Beba um pouco. Está uma delícia.

— Ah, Galega! Eu estou louco pra beber outra delícia.

Antes de chegar até ela, aceitei a taça, deixei as boas maneiras de lado e virei tudo de uma só vez. Eu tinha pressa, pois meu desejo por aquela mulher era insano.

— Nossa amor, quanta sede! Agora vem aqui que tenho algo muito gostoso pra você. Tire a calça e a cueca também. Não temos muito tempo. A mãe disse que hoje não vai demorar na casa da Ivana.

Arranquei o restante das roupas e o tênis. Alana já estava com os braços abertos me chamando. Beijeí a sua perna e fui subindo, sentindo a maciez e o seu perfume. Deus! Como amava aquela mulher e logo eu a teria só para mim, todos os dias.

— Amor, quero você agora, venha logo! Já estou ponta pra você. Sempre estive...

Deixei os preliminares de lado, afinal os nossos momentos de privacidade estavam contados.

Deitei sobre Alana e quando fui beijar a sua boca, ela virou o rosto e me deu o seu pescoço. Fartei-me naquela pele macia e cheirosa. Quando puxei a sua pequena camiseta, ela segurou a minha mão.

— Depois eu fico peladinha, Caribe. Agora vem que estou explodindo de saudade e uma vontade louca de sentir você dentro de mim.

Obediente, tirei a sua calcinha e deslizei o meu pau no seu interior já encharcado e quente. Senti seu corpo retesar, mas o meu tesão era maior. Meti fundo e tive a sensação de que tudo ali era diferente. Alana estava me devorando, aflita para que eu a possuísse, selvagem, porém deixei as impressões de lado, assim que ela me agarrou e prendeu em suas longas pernas. Quando tentei beijá-la novamente, mais uma vez ela mudou a nossa posição e mordeu o meu queixo e o chupou. Alana estava enlouquecida e seus gemidos eram altos e me matavam de prazer.

— Não pare, Quim! Mais forte, amor! Ahhhh!

Estoquei mais fundo, mais rápido, forte, e senti quando ela me apertou e

gozou loucamente. Não demorei a me derramar dentro dela.

Nossas respirações estavam arfantes. Recuperei o fôlego e procurei sua boca, com sede. Beije-a e enfiei a mão por baixo de sua camiseta. Ainda estava louco de desejo e queria sentir seus mamilos durinhos em minhas mãos, em meus lábios. Assim que toquei o seu seio direito, senti um metal. Descolei meus lábios dos dela e a olhei nos olhos e encontrei um rosto malicioso e um sorriso de zombaria.

— O que é isso, amor? — interroguei, já lhe arrancando a camiseta e sem acreditar que Alana havia feito aquilo.

— Quando foi que colocou esse piercing? Ficou louca? Logo você, que criticou pra caralho a sua irmã quando colocou um? — Uma gargalhada explodiu pelo quarto. Senti um calafrio na alma. Algo aterrorizante passou por minha cabeça, mas me recusei a acreditar. Saí de dentro dela, e num pulo, deixei a cama e fui em busca do interruptor de luz.

— O que é isso meu cunhadinho? Já terminou? — Continuou com as risadas. — É só isso que tem pra me oferecer? Poxa! Pensei que você tivesse um desempenho melhor do que esse de adolescente carente! Que decepção!

Fiquei em choque! Pelado, parado e mudo. Perdi a voz, perdi o chão. A Maligna continuou com o seu escárnio e eu cada vez mais aterrorizado.

— Pra te falar a verdade, eu quase desisti quando percebi que não ia usar preservativo. Então quer dizer que vocês já estão com toda essa intimidade, de transar até sem camisinha?

Conseguí sair da inércia que me encontrava.

— Adele, sua ordinária, vagabunda! — Possesso, fui em sua direção, queria matá-la.

—Epa! Epa! Epa! — Ela espalmou as mãos para se defender. — Olha como fala comigo cunhadinho. Onde fica o respeito, hein? Afinal eu ainda estou com a sua porra escorrendo pelas minhas pernas!

Deus! Eu estava num pesadelo. O pior que já tive em minha vida!

Vesti-me rapidamente e dei alguns passos ainda encaixando os pés nos tênis, atordoado. Minha cabeça girava, sentia náusea, nojo, agonia. Tinha um nó em minha garganta que me tirava o ar. Eu queria gritar, chorar, mas o ódio superou o desespero. Parei e me virei para encarar aquela desgraçada, a ponto de perder a cabeça.

— Sua maldita! — esbravejei. — Se abrir essa sua boca imunda pra Alana, eu juro que mato você! Eu sempre soube que não valia um traque, mas jamais imaginei até onde iria. Como pôde armar um plano tão repugnante, só pra

atingir a sua irmã?

— Ai, Quimmm! Como você é ingênuo. Por isso caiu na minha arapuca rapidinho. Não entendo como um homem tão lindo pode ser tão burro. Mas, é óbvio! Você é igual a todos, só pensa com a cabeça de baixo.

Meu Deus! Eu estava a ponto de bater naquela louca, ato que sempre abominei, mas que era o que ela merecia. O desespero tomou conta de mim, ao imaginar o que aconteceria se Alana descobrisse. Ela jamais me perdoaria! Eu ia perder a minha Galega, para sempre.

— Querido cunhadinho, não foi só pra irritar a minha irmã. Se isso te consola, eu sempre te achei gostoso e tinha muita tara de te provar. Pronto! — ela provocava, enquanto eu vestia a camiseta e caminhava até mim. — Provei! Mas, não se preocupe querido, não vou falar nada pra minha gêmea. Será um segredinho só nosso. Até porque, eu nem curti tanto assim.

Empurrei-a para longe de mim, com medo de perder a cabeça. Esfreguei as duas mãos pelo rosto. Eu queria acordar daquele sonho macabro. Porra! Transei com Adele! Aquela cobra maligna não ficaria calada. Afinal, para que tanto empenho em fazer um gol e não poder sair para comemorar? Era fato que a infeliz iria espalhar para a cidade e a primeira pessoa com certeza, seria a minha loira.

— Agora vaza, “meu Caribe”. Eu te dou a palavra que nunca contarei pra ninguém. Não quero confusão com o meu pai. O que eu queria eu já consegui. Te sentir dentro de mim e te ouvir urrando de prazer. Agora você viu o que perdeu quando preferiu a irmã insossa.

Senti como se o meu mundo estivesse desmoronando. Em câmera lenta, peguei a minha mochila e deixei a casa das gêmeas, derrotado. Ainda ouvi as gargalhadas da bruxa, quando saí por aquela porta.

Saí pelas ruas e não consegui sequer cumprimentar quem passava por mim. Ainda sentia um nó na garganta. O medo de perder a minha Galega chegava ser pungente. Queimava em meu peito. Doía em minha alma.

Nem sei como consegui chegar em casa. Entrei rápido e fui direto para o banheiro. Precisava me lavar. Esfregar qualquer vestígio que ainda tivesse daquela mulher. E foi embaixo do chuveiro que me permiti chorar de medo, de ódio, de raiva de mim mesmo.

Saí do banho, passei rapidamente por meus pais e só avisei que estava indo para a casa de Jorginho. Precisava falar com alguém ou ia explodir em milhões de pedaços. Meus pensamentos estavam todos na minha menina.

Alana! Alana! Perdoe –me! Eu devia ter notado que não era você, meu amor...

Eu devia... Eu te amo, Galega! Tenho tanto medo de te perder.

“Porque amor é justamente isso, é ficar inseguro, é ter aquele medo de perder a pessoa todo dia, é ter medo de se perder todo dia. É você se ver mergulhado, enredado, em algo que você não tem mais controle.” (Fabrício Carpinejar)



Voltei ao presente quando fui surpreendido por uma mão que tocava em meu ombro.

— Senhor Joaquim, a sua esposa acordou e o doutor Ricardo pediu a sua presença. — A enfermeira avisou e parecia feliz por me dar aquela notícia.

— Tudo bem. A senhora tem notícias da Alana Shultz, também?

— Somente lá na Unidade de terapia o senhor poderá obter essa informação, no horário de visita. Vamos? O doutor Ricardo nos espera.

Assenti e segui pelos longos corredores, até o quarto de Adele. Ela estava sentada em seu leito e tinha o rosto mais inchado do que quando a vi mais cedo enquanto ainda estava sedada.

O médico examinava os seus sinais vitais. Ela arregalou os olhos quando me viu. Coloquei as mãos nos bolsos do jeans e dei-lhe um sorriso contido.

— Oi, Adele. Como está se sentindo? — Ela não respondeu e continuou a observar-me como se eu fosse um fantasma. Parecia que ainda estava aturdida com o acidente.

Doutor Ricardo explicou-me sobre o estado de saúde de minha esposa, o que me deixou aliviado. Ela estava bem, mas ficaria internada por mais uns dois dias, o que me fez decidir voltar para Campos verdes. No momento que o médico saiu, voltei minha atenção para ela.

— Adele, vou para casa. Preciso saber como está a Duda. Ela ficou com a Ivana. Tudo bem?

Se não a conhecesse, diria que reagiu bem ao ouvir o nome de nossa filha.

— Pode ir. Ficarei bem — respondeu com rouquidão na voz, certamente proveniente dos efeitos colaterais do acidente.

— Eu volto dentro de algumas horas. Ok?

— Ok.

Lentamente, aproximei-me e dei-lhe um beijo leve na testa. Seu rosto estava com muitos hematomas. Ela fechou os olhos e apertou as mãos no lençol. Virei às costas e sai rapidamente, pois ainda tentaria conseguir uma brecha para ver

Alana. Encontrei Xandy, sentado, apático, na sala de espera da UTI.

— Oi. — Antes que ele respondesse o cumprimento, continuei a falar. — Adele acordou. Preciso ir a Campos Verdes pra pegar algumas roupas e ver a nossa filha. Mas, antes gostaria de ver Alana.

Ele descruzou as pernas, levantou e me encarou. Parecia exasperado.

— Ouça, eu acho melhor você cuidar da sua esposa, porque da Alana, eu cuido. Inclusive, Olivier, o namorado dela, está chegando da França a qualquer momento e a dona Dandara, tia dela, está a caminho, portanto, não precisamos de você aqui.

— Xandy, se você ainda não compreendeu, eu vou explicar. Eu não estou te pedindo autorização! Eu sou o único parente de Alana presente neste hospital, até o momento e não me importo se você é o melhor amigo, se o namorado ou a tia dela vêm do inferno. Eu vou vê-la e ninguém vai me impedir. Portanto, se você quer mesmo cuidar dela, não se intrometa onde não foi chamado, porque se eu ficar irritado, posso proibir até mesmo que fique por aqui. Fui claro?

Seu rosto ficou vermelho e suas pupilas dilataram.

— Fique você sabendo, que não tem direito nenhum sobre Alana! — grunhiu com o dedo em riste. — Ela não quer te ver nem pintado de ouro. Eu vou dar parte de você agora mesmo à direção do hospital!

— Ótimo! — Cheguei mais perto e o encarei nos olhos. Fui duro nas minhas palavras: — É tudo que eu preciso pra te provar quem tem o direito de família aqui nesse hospital. Vamos?

O homem esbugalhou os olhos, seu maxilar trincou, para logo em seguida, explodir de raiva.

— Você é um canalha, assim como a minha amiga sempre falou. Você não presta! Isso não vai ficar assim! Ela vai acordar e te enxotar daqui seu merda.

— Porra! Sem drama, cara! Eu só quero ver Alana e você agora está ciente que não poderá me impedir. Então relaxa!

Dei-lhe as costas e fui à procura do doutor Juarez. Não o encontrei, porém fui informado dos horários pré-estabelecidos para visitas. Não pude entrar, mas consegui vê-la através da parede que separava o leito do corredor. Encostei a minha testa no vidro e rezei. Alana estava irreconhecível. Seu rosto e seu pescoço pareciam ser uma massa só. Muito inchada, ligada a vários aparelhos e a um respirador artificial.

Saí daquele corredor, pior do que entrei.

CAPÍTULO 11

ALANA

No instante em que o Quim saiu, fechei os olhos e respirei fundo várias vezes, tentando me acalmar, mas para isso o meu coração precisava voltar a bater em compassos ritmados, pois ainda estava descontrolado, como se dançasse, pulando loucamente. Eu não estava preparada para revê-lo, não assim, deitada numa cama de hospital, totalmente vulnerável e machucada.

Ele estava muito diferente desde a última vez que nos vimos. Perdeu a fisionomia de rapaz e tornou-se um homem forte, com traços marcantes no belo rosto. Estava mais bonito, tinha que admitir. Somente os seus olhos da cor do mar do Caribe não tinham o mesmo brilho de antes. Mais do que nunca, eu sabia que eles tinham exatamente a cor do mar caribenho. Estive lá e lembrei-me dele.

Fiz um grande esforço para reagir à surpresa de estar em sua presença. Sua voz ao me cumprimentar era rouca. Só havia conseguido murmurar uma resposta, porém quando ele se aproximou lentamente e beijou-me na testa, senti o seu cheiro e o toque de seus lábios macios. Uma tristeza me invadiu quando pensei em seu carinho com minha irmã. Talvez ele tenha aprendido a amá-la, pela forma com que demonstrou preocupação.

E foi naquele exato momento que resolvi não revelar, por ora, a minha verdadeira identidade. Minha cabeça fervilhava com os pensamentos borbulhantes e um deles era me aproveitar daquela situação ridícula.

Após o banho, vesti outra camisola do hospital, pois teria que esperar pelas minhas roupas.

— Angelina! — pedi delicadamente, após ler seu nome no crachá. — Eu gostaria de um favor. Preciso falar com o acompanhante da minha irmã. Se eu estiver certa, deve ser o senhor Alexander. Será que pode chamá-lo, discretamente?

— Claro! Irei, agora mesmo. — Deu-me um doce sorriso e saiu.

O alívio que senti foi imediato. Nada como ter Xandy ao meu lado e então, colocar o meu plano em prática!

Tomava um suco aguado com umas bolachas insossas, sentada na cama, quando Xandy entrou, receoso.

— Com licença, Adele. Você quer falar comigo? Está precisando de algo? — perguntou-me secamente.

O semblante do meu amigo estava bem pior do que quando ele foi traído por sua ex-namorada. Ele tinha olheiras, olhos vermelhos e inchados e barba por fazer. Fora as roupas amarrotadas, para alguém que sempre estava impecável, ele parecia um lixo. Meu coração ficou apertado, por vê-lo naquele estado. Era óbvio que estava sofrendo, imaginando que eu estava em coma e não Adele.

Sem esperar pela minha resposta, começou a andar pelo quarto, observando ao redor, evitando me encarar.

— Se você me chamou aqui pra falar sobre as despesas do hospital, pode ficar tranquila que a empresa de Alana está arcando com tudo.

Ele continuava andando próximo da porta do quarto, com as mãos no bolso, de cara feia. Senti vontade de rir, e o faria se não fosse trágico. Ele estava tão desolado que não pude deixar escapar a oportunidade de provocá-lo um pouquinho.

— Eu até poderia pagar a minha parte, mas acho justo que a empresa pague todos os custos, afinal, a culpa de eu estar aqui, nessa situação foi toda de Alana. Vocês não fazem mais do que obrigação! — O meu amigo parou abruptamente de rodopiar pelo quarto e olhou-me com brasa nos olhos.

— Veja bem, seu clone do mal, nem se você raspasse o seu cu com a unha, teria dinheiro pra pagar a conta exorbitante desse hospital e todo mundo sabe que o seu marido é um “a pé e descalço”. Portanto, vocês deviam se ajoelhar e agradecer!

Precisei segurar o riso, diante das palavras chulas do meu amigo. Ele era o cara mais leal que eu conhecia. Estava ali, me defendendo com unhas e dentes. Resolvi tirá-lo logo daquele sofrimento.

— Xandy, querido! — Ele interrompe-me com saliva saindo dos cantos da boca:

— Escute aqui, sua caricatura malfeita de Alana, fique sabendo que na ausência dela, eu respondo por toda a parte financeira da empresa e posso muito bem te mandar para uma enfermaria do pior hospital de Vitória.

— Xandy, nem mesmo sob a possibilidade de a fêmea bovina espargir fortes espasmos laringo-bucais, eu sairei desse hospital e desse quarto maravilhoso! — Dei-lhe um sorriso e uma piscadela, certa de que ele me reconheceria.

— Hã? Co-como? — Ele estava incrédulo.

Sabia que fui cruel ao não contar imediatamente para o meu amigo sobre a troca, mas era impagável ver a sua cara de abobado.

— Ai, Ai, seu lerdo! Nem que a vaca tussa, eu sairei desse quarto maravilhoso! Entendeu a minha língua nerd, agora? — Ele ainda ficou um bom tempo boquiaberto e com os olhos arregalados. — Xandyyyy!!

— Caralho! Que brincadeira de mau gosto é essa, Adele? Você está querendo se passar por Alana novamente? Não basta tudo que já fez no passado por conta dessa mesma atitude insensata? Só que eu não sou o idiota do Quim. Comigo não rola, sua gêmea do mal.

— Xandy! Desculpe por não ter revelado logo que entrou aqui. Sou eu, cara! Trocaram nossas identidades. Sei lá que merda de confusão fizeram, mas acho que pensaram que eu estava dirigindo.

— Você é mentirosa, ordinária! Eu não acredito que quer tomar o lugar de Alana, de novo! Você sabia que posso desmascará-la num piscar de olhos? Só comprovar as impressões digitais das duas. Eu posso te denunciar para a polícia, sua impostora!

— Ok. Xandy! Você pediu por isso! Eu sei que você me fez jurar aos pés de São Sebastião, que eu nunca falaria sobre isso novamente, mas não vejo outra saída. Lembra de quando estava com o Rick, num hotel na Bahia e comeu muito vatapá? Você não aproveitou nada, porque ficou muito mal e o bofe desistiu de você, porque...

— ALANAA?!? — ele gritou, não sei se porque se convenceu de que era eu ou para me fazer calar sobre o seu segredo. — Eu não acredito! — Abraçou-me e chorou, copiosamente.

— Xandy... Ai,ai! Você está me machucando. Estou quebrada, meu amigo...

— Desculpe, Angel. Eu devo estar sonhando. Vou pagar a promessa que fiz a São Sebastião de...

— De nunca mais comer vatapá?

— Cale a sua boca, Alana! — Ríamos e chorávamos ao mesmo tempo.

Passados os momentos de grande emoção junto ao meu melhor amigo, contei-lhe o meu plano. Xandy ficou horrorizado e perplexo com as minhas palavras.

— Agora fiquei preocupado novamente, Alana. Só pode ser efeito da batida em sua cabeça. Vou chamar o médico pra refazer todos os exames, porque só pode estar com sequelas.

— Cale a boca, Alexander! Você não vai fazer droga nenhuma! Eu vou explicar os motivos e entenderá que tenho razão e ainda vai me ajudar a colocar o plano em prática.

Após lhe explicar tudo, por duas vezes, ele soltou o verbo.

— Insensato! Totalmente insano, doido e delirante! Alana, minha amiga, você não deve estar falando sério. — Colocou as mãos nas têmporas, esfregando como se estivesse com dor. — Se a gêmea malvada morrer, Alana Shultz é que será enterrada para sempre. Consegue entender isso?

— Xandy, por favor, entenda. Eu terei de ficar fora do circuito por um tempo mesmo, por conta da minha cara amassada. Preciso me recuperar e farei isso em Campos Verdes, na casa deles!

— Até aí, ainda dá pra engolir esse seu plano, mas se infiltrar na casa deles e se passar por Adele? Pior! Com a desculpa esfarrapada de investigar se os dois estão te usando?!

— Não é uma desculpa esfarrapada. Pare com isso! Vou fingir por pouco tempo, só até descobrir a verdade e depois invento qualquer coisa, digo que estava atordoada com o acidente e me lembrei de quem sou. Simples assim. — Dei-lhe um sorriso e umas piscadelas.

— Simples assim, é o caralho! Você anda assistindo novela mexicana? — Soltou mais uma de suas pérolas e começou a andar em círculos pelo quarto, outra vez. — E se ela morrer?

— Não tenho tempo pra novelas. Droga! Ela não vai morrer. Só quero saber o que está acontecendo com a Maria Eduarda! — Pensei que fosse ser mais fácil convencer o meu amigo.

Sabia que era uma ideia louca e eu poderia me dar muito mal, mas eu tinha que tentar descobrir algo.

— Eu tenho uma amiga que numa hora dessas diria que isso não passa de prosopopeia tenra pra acalentar bovinos.

Xandy, queria mesmo me irritar. Como ousava me imitar daquela forma?

— Por que conversa mole pra boi dormir? Não estou te entendendo.

— Alana, você acha que eu vou acreditar que quer pôr em prática esse plano insano, correndo risco de ser desmascarada e ainda manchar a sua imagem, só porque supõe algo? Está claro como as águas das Maldivas!

— Pare de comparações ridículas, Xandy. Vamos falar sério agora! Eu não estou supondo nada. É quase evidente que algo está errado naquela casa e eu tenho que descobrir o que é. Se eles estiverem usando a Duda para tirar proveito de qualquer situação, não terei outra oportunidade de descobrir.

— Eu estou falando sério desde que entrei nesse quarto. Você que está delirando desde que abriu a sua linda boca. Você está fazendo isso pelo Joaquim também! Confesse de uma vez! — falou, com rispidez.

— Isso é uma pergunta ou uma afirmação? Desnudar a farsa também está nos meus planos. Eu acho que estão me usando esses anos todos.

— Desnudar! Aham, entendi! Deixar o seu cunhado pelado, nu com a mão no bolso, ou melhor, com a mão no...

— CALA A BOCA! Não é nada disso! Não estou com segundas intenções com o meu cunhado. Eu já decidi Xandy. Só preciso que você segure as pontas aqui no hospital e na empresa até eu retornar de Campos Verdes. A Carol também pode dar conta de tudo lá no Rio de Janeiro. As lojas e os ateliês de Miami, já ficam mesmo por conta do Rick, mas não conte a nenhum deles, nem sob tortura, quem realmente está naquela UTI, entendeu?

— Preferia que nem tivesse me colocado a par dessa maluquice. Eu não deveria ter cancelado minha viagem, mas como sempre deixei tudo em segundo plano, preocupado com seu bem-estar e o que eu ganho? Uma ideia absurda como essa. Você pode ser presa, louca! — Sua carranca podia botar medo em muita gente, mas em mim, não fazia nem cócegas.

— Também tive que desistir de minha viagem a Milão e a Paris. Assim que eu melhorar e retornar ao Rio, você poderá dar a volta ao mundo, por minha conta, ok?

— Porra! Ainda não acredito no que estou ouvindo. E não pense que poderá comprar o meu apoio com viagens.

— Por favor, amigo! — implorei com cara de vítima.

— Angel, você está se esquecendo de alguns detalhes: Seu namorado francês já está a caminho de Vitória, sua tia Dandara, daqui a pouco estará aqui também.

—Tia Dandara está em um cruzeiro pela Grécia com seu novo namorado e ainda vai demorar um pouquinho para chegar. Mas até lá já estarei em Campos Verdes. Quanto a Olivier, é só deixá-lo visitar e chorar um pouquinho em cima do meu clone.

— Você às vezes me assusta, Angel. Não tem compaixão pelo cara? Você sabe que não vou muito com a fuça daquele francês, mas agora estou até com pena dele. Ele ficou desesperado quando soube do acidente. Não merece sua falta de consideração.

— Xandy, do meu namorado eu cuido depois. Daqui a pouco o neurologista chega. Terei que fazer um teatro, dizendo que estou um pouco esquecida e tal. É melhor que não te vejam por aqui.

— Não vou mesmo aguentar assistir essa encenação ridícula. Ainda acho que você só pode estar com sequelas do acidente.

— Nem precisa! E pare de ser tão certinho! Vai. Seu lugar é ao lado de Adele.

Pode ir! — Recebi uma careta de volta.

— Você não está preocupada com sua irmã?

— Estou, Xandy. Juro que estou. Doutor Ricardo já me informou do estado clínico dela. Adele é forte, vai sair dessa.

— Sei! Anham! - Sua ironia conseguiu me irritar.

— Só eu sei dos meus sentimentos ou da falta deles, então não me julgue. Faça somente aquilo que te pedi. Já estou com dor de cabeça.

Apertei a campainha ao lado da cama. Assim que Angelina entrou, Xandy saiu, trombudo. Que se danasse! Nem ele e nem ninguém me impediria de fazer o que havia planejado. Insensato ou não, eu iria até o fim!

CAPÍTULO 12

QUIM

Na volta para casa, eu dirigia no automático. Por vezes, nem localizava em que ponto da estrada estava. Meus pensamentos só me levavam à Alana. Como ainda amava aquela mulher. Sua imagem no leito da UTI me fez sentir um enorme aperto no coração. As lembranças dos nossos beijos, carinhos, promessas. Senti um medo gigantesco só de imaginar minha vida sem a existência de Alana no mundo.

Mesmo separados por tantos anos, eu sempre soube que ela estava lá, em algum lugar, respirando, realizando os seus sonhos e vivendo plenamente.

Estava preocupado também com a conta do hospital. Adele teria alta em dois dias e eu precisava dar um jeito de levantar a grana para pagar as despesas.

Naquele ano, a situação da empresa ficaria ainda mais complicada. Fazíamos muitas obras públicas para as prefeituras das redondezas, mas muitas delas sofriam com a queda progressiva de arrecadação de impostos. Levávamos meses para receber por um trabalho realizado. O que nos salvava no final do mês eram os projetos particulares, que mesmo assim eram escassos. O país enfrentava uma de suas piores crises econômicas. A construção civil foi uma das áreas mais afetadas. Muitos dos investimentos no setor foram paralisados.

Pensei em recorrer ao meu sócio e amigo Jorginho, mas sabia que ele havia investido boa parte da sua grana na compra de uma nova retroescavadeira para substituir uma sucateada. Recorrer aos meus pais também estava fora de cogitação. Desde que meu pai iniciara as sessões de hemodiálise, minha mãe vinha sempre reclamando do excesso de despesas, motivo pelo qual suas visitas se tornaram raras.

Quase chegando a Campos Verdes, já havia pensado numa solução. O único jeito seria vender o meu carro. Sabia que necessitava muito dele para o trabalho, a faculdade e levar a Duda para as terapias em Cachoeiro. Não achei outra solução para fazer dinheiro rápido, a não ser vendê-lo. Para não ficar a pé, teria que desentocar a minha velha motocicleta, fazer alguns pequenos reparos e virar-me com ela, até poder financiar um novo carro.

Pensar na minha velha moto fez-me lembrar novamente de Alana. Ainda era a

mesma que a levava para os passeios por Iriri, Guarapari, Piúma, Castelhanos, Marataízes... Fora um verão inesquecível que passamos juntos. Às vezes, em um único dia, andávamos por várias das cidades litorâneas, visitando as praias mais bonitas do estado. Mas a galega gostava mesmo era dos passeios no campo.

Tínhamos um cantinho especial, que ficava em Princesa, um pequeno vilarejo no interior, próximo a Campos Verdes. E foi lá que comprei um terreno e comecei a construir a casa dos nossos sonhos. Fiz pouquíssimas modificações no projeto inicial que eu e Alana idealizamos. Nosso plano era estudar e trabalhar na capital, ou até mesmo em outro estado, mas sempre teríamos o nosso cantinho especial longe da cidade. Princesa ficava próximo de onde morávamos e também de onde viviam nossos pais. Era um belo lugar e foi o nosso escolhido.

Loucura? Tentar realizar um sonho sozinho? Sem a pessoa que mais se importava com o projeto? Não! O nome daquilo era amar para sempre.

Adele quando soube onde eu iria construir a casa, ficou louca. Ela odiava o lugar, mas levei a Duda até o vilarejo e ao contrário da mãe, ela adorou.

Assim que cheguei à cidade, fui direto para a casa de Perê e Ivana. Quando saí do hospital, liguei e eles já me aguardavam. Estava louco de saudade da minha filha. Assim que encostei o carro, Duda me viu e correu ao meu encontro. Mesmo com todos os problemas que ela estava passando, nunca deixou de expressar o seu carinho.

— Paiiiii!!!! Você demorou tanto! — Abraçou-me pelo pescoço, enroscou as suas pernas na minha cintura, demonstrando sua alegria.

— Desculpe, minha filha. — Afaguei os seus lindos cabelos loiros e lhe beijei o rosto.

Passava da hora do almoço e Perê saía a caminho de seu turno da tarde no trabalho.

— O que é isso, Dudinha? Se a Ivana escutar essa sua choradeira, vai pensar que você não gostou de ficar com a gente. Você não disse que estava adorando me ajudar a cuidar dos passarinhos?

— Desculpe, vô. Eu adorei mesmo, mas estava com muita saudade do papai. — Desceu do meu colo e foi abraçar o seu avô postiço.

Perê trabalhava na construtora desde a sua fundação, mas acima de tudo, sempre foi o melhor amigo do meu falecido sogro. E foi através do seu Giovanni que ele conheceu a Ivana, sua esposa. Ela e minha sogra já eram grandes amigas. Eles não tiveram filhos, mas em compensação, Ivana adorava os seus cachorros e, Perê, os seus passarinhos. Alguns eram raros e por isso, valiosos. Eu não era muito a favor de manter as aves presas em gaiolas, mas ai de mim se falasse isso

para Perê, principalmente, porque ele cuidava muito bem de suas aves e lhes dedicava muito amor.

No interior, principalmente em Campos Verdes e Rio Novo, ainda se cultivava muito o hábito de criar passarinhos raros. Volta e meia, seus donos desfilavam com suas gaiolas na praça, trocavam ideias ou até mesmo faziam negócios com as belas aves. Mas, o que mais os divertiam, eram os desafios. As gaiolas eram enfileiradas, umas próximas das outras. O vencedor era o passarinho que mais cantasse, “tapando” o canto dos demais.

— Tá bem, Dudinha. Agora deixa o vô pegar no batente de novo.

— A cobra se salvou, né? — disse baixinho após me cumprimentar. — Ainda não foi dessa vez que essa maligna da Adele foi comer grama pela raiz.

— Filha, vá chamar a sua avó. — Esperei ela sair e o respondi: — Que isso cara? Não vamos falar de Adele perto da menina, antes que eu explique a ela tudo o que aconteceu. — Ele fez uma careta e como se não me ouvisse, continuou com seus elogios.

— E você acha, Quim, que a Dudinha iria sentir falta daquela va...

Fui salvo com a chegada de Duda e Ivana, que interrompeu os tantos adjetivos que Perê tinha para Adele. Ela me abraçou demoradamente, tinha lágrimas nos olhos.

— Fez boa viagem, meu filho? Vamos entrar. Vou servir o seu almoço. Você deve estar cansado. — Olhou para o marido e deu-lhe um sorriso. — Pode ir, amor. Bom trabalho.

— Fique bem minha tchutchuca. — Perê deu-lhe um selinho, abraçou a Duda e tascou-me um tapa nas costas.

— É meu camarada, não fostes desta vez que ficastes viúvo.

— Que isso, Perê?! Olha o respeito com a tragédia! Vamos, Quim, preciso saber das meninas.



Levei a Duda para a escola, a muito contragosto, pois ela continuava desanimada com os estudos. Principalmente depois de me ouvir contar para Ivana sobre as gêmeas. Encheu-me de perguntas sobre a tia e notei quando seus lindos olhos brilharam com as lágrimas contidas. Não sabia que a minha filha tinha tanto apreço por uma tia que viu somente uma vez, há muitos anos, no enterro dos seus avós. Fiquei comovido com a sua preocupação. Por diversas vezes fantasiava ou mesmo sonhava que ela poderia ser a minha filha com

Alana. Era muito parecida com as gêmeas, mas o temperamento era todo meu. O que eu dava graças a Deus!

Chegando à escola, Jaque, a professora de Maria Eduarda, estava no portão e quando me viu, fez um sinal para que eu a esperasse.

Na certa queria conversar novamente sobre o problema da Duda ou então saber notícias de Alana, que pelo visto era o assunto do momento na cidade e no país. Pelo que a Ivana me contou, já havia até alguns jornalistas xeretando em Campos Verdes.

— Sei que está voltando do hospital. Gostaria de ter mais notícias das meninas. Só o que sei é o que passou na TV e o que li na internet.

— A Ivana já me contou que os jornais locais não falam noutra coisa. Adele está bem, Jaque. Sofreu algumas escoriações e está fora de perigo, mas a situação de Alana... — Não consegui completar a frase. Novamente senti aquele nó na garganta. Abaixei a cabeça e apertei os olhos. Eu não queria que a Jaque e nem ninguém percebesse o meu sofrimento. Ela colocou a mão em meu ombro, com olhar comovido.

— Tudo bem, Quim. Não precisa explicar nada. Se precisar de ajuda com a Duda ou até mesmo com Adele, quando ela retornar, pode contar comigo, está bem?

— Obrigado, Jaque. Toda ajuda será bem-vinda. A Ivana tem o trabalho no posto de saúde. Posso pedir ajuda à Regiane, minha vizinha, mas ela também tem o Lukinha pra cuidar. Talvez Adele precise sim, de alguns cuidados e a última coisa que quero, são aquelas amigas dela perto de minha filha na minha ausência.

— Está certo, Quim. Também acho que não será bom pra Duda ter que conviver com a Rebeca e aquela turma. Vou combinar com a Ivana para revezarmos e assim que Adele retornar, eu passo em sua casa.

— Obrigado, Jaque. — Quando estava entrando no carro, ela me chamou novamente.

— Quim! Por favor, quando Alana puder receber visitas, você me avisa?

— Claro! Obrigado, mais uma vez. Tchau.

Saí da escola e fui direto para o escritório. Estava louco por um banho, mas primeiro eu precisava me aconselhar com Jorginho sobre a venda do carro e desabafar também. Só ele sabia de tudo que o que passei, antes e depois de Alana. Era assim que a minha vida se dividia: Em antes e depois de Alana Shultz.

Assim que estacionei, precisei driblar alguns jornalistas de plantão. Entrei

rapidamente e me deparei com a Francisca, muito nervosa.

— Quim! Graças a Deus você chegou! Já não aguento mais esses urubus me enchendo de perguntas sobre a família Shultz.

— Calma, Francisca. Logo aparece outra notícia mais interessante. — Passei por ela e fui direto à cafeteira. Precisava de cafeína para tentar me levantar um pouco.

— Quim, você sempre foi lindo, meu amigo, mas hoje, está um horror! Um caco!

— Obrigado pela força. — ironizei. — Preciso falar com o seu namorado. Ele está na sala dele?

— Sim, Jorginho acabou de chegar de Vargem Alta. Vai lá, mas se eu fosse você, depois iria para casa descansar um pouco. — Francisca sempre falava demais. — Depois quero saber todos os detalhes das gêmeas. Como elas es...

— Tudo que a mídia divulgou é verdade, Francisca. Nada de novo pra acrescentar. — Ela revirou os olhos e demonstrou certa desconfiança. — É só?

— Tá legal, Quim. Não precisa me contar, depois o Jorginho me põe a par de tudo. — Deu-me uma piscadinha e voltou para sua mesa, finalmente me deixando sair dali.

Encontrei o meu amigo debruçado sobre um projeto. Quando me viu, levantou-se para me abraçar.

— Porra, Quim! Sinto muito. Enviei algumas mensagens, mas você não me respondeu.

— Foi mal, cara. Não estava com cabeça pra atender ninguém. Só liguei pra Ivana porque precisava saber da Duda. Desculpe.

— Tudo bem. Agora senta aí e me conta o que aconteceu.

Depois de contar tudo para Jorginho, sentia-me até mais leve. Não podia desabafar sobre Alana com a Ivana que, como toda a cidade, achava que ela era uma página virada em minha vida.

— Eu sinto muito por ela, mas você precisa ser mais prático agora. Ligue para a tesouraria e se informe sobre o valor do tratamento, antes de sair por aí vendendo o seu carro por qualquer tostão.

— Depois que vi Alana por através daquele vidro, saí muito mal de lá. Acabei me esquecendo de perguntar sobre os valores. Uma conta no melhor hospital particular de Vitória deve ser uma pequena fortuna.

— Vamos saber agora. Liga pra lá e se for o caso, corremos atrás de um comprador. Depois podemos financiar outro veículo através da empresa. Não se

preocupe com isso, ok?

Fiz como ele sugeriu e quando desliguei o telefone, meus pensamentos voavam ainda, muito distante dali.

— Que cara é essa? A conta é tão exorbitante assim?

— Não! A Empreendimentos Alana Shultz já pagou parte das despesas e continuará arcando com tudo até a alta de Adele.

— Caralho! Que sorte! — Ele interrompeu a comemoração quando observou meu descontentamento.

— Não gostou de saber que não vai precisar mais vender seu carro pra pagar a conta?

— Não é isso, Jorginho! Não me sinto à vontade sabendo que a minha cunhada está arcando com um gasto que é meu

— Brother! Se liga! Não é hora pra ter orgulho ou crise de consciência. Alana é irmã de Adele, portanto mais parente do que você, que nem é marido de verdade. Vá pra casa e descanse um pouco. Você tá uma merda!

— Porra! Até você? — Levantei-me e saí da sala. Assim que passei pela recepção dei de cara com Rebeca e Francisca se encarando.

— O que está acontecendo aqui? — As duas imediatamente olharam para mim e ficou difícil saber qual delas soltava mais faíscas pelos olhos.

— Ela quer falar com Jorginho ou com você — foi Francisca quem respondeu

— Rebeca, eu estou muito cansado, então seja breve.

— Caramba, Quim! Eu só quero notícias da minha amiga. Liguei para o hospital, mas não quiseram me informar nada.

Suspirei impaciente, não aguentava mais falar a todo momento sobre a situação de Adele.

— Ela já está fora de perigo. Machucou o rosto e o braço, mas não foi nada grave. Em dois dias no máximo ela terá alta e você poderá visitá-la — respondi friamente.

— Não precisa me tratar assim. Nunca vai me perdoar por eu ter ajudado Adele naquela farsa, não é?

— Não estou em condições de discutir isso agora, Rebeca. Estou exausto. — Abri a porta de vidro e saí sem me despedir.

Ao chegar em casa, tomei um banho demorado e depois fui separar algumas peças de roupas para levar ao hospital. Eu não dividia mais o mesmo quarto com Adele havia anos. Deixei os cômodos existentes no segundo andar do pequeno sobrado, um para ela e outro para Duda e construí uma edícula nos fundos da

casa. Lá, eu tinha um dormitório, um pequeno escritório para trabalhar em meus projetos. Era um pouco solitário, mas de grande valia quando não dava para suportar as loucuras da minha esposa. Por vezes Dudinha vinha dormir comigo ou eu ficava com ela, principalmente quando a mãe saía para suas baladas.

Depois de pegar o que precisava também separei uma pequena mochila para Duda. Havia combinado com a Ivana, que ela ficaria lá até eu voltar de Vitória. O quarto era o mesmo que as gêmeas dividiram no passado. Já havia conseguido exorcizar todos os maus sentimentos que tinha ao entrar naquele cômodo. O lugar havia passado por uma grande reforma e tinha a cara da Duda. Os móveis brancos, com algumas paredes pintadas em lilás e as cortinas floridas davam um ar suave e juvenil. No canto tinha uma mesinha para estudos e sobre ele, o seu notebook, que estava aberto.

Liguei e decidi entrar na internet para saber o que falavam sobre o acidente, mas antes de acessar, notei um ícone na tela nomeado de: “Tia Angel”. Resolvi abrir e meu coração deu um pulo. Era uma coletânea de vários desfiles de Alana como modelo exclusiva de uma grife de lingerie.

Fiquei ali, sentado assistindo aquela que um dia fora a minha garota, a minha mulher.

Linda!

Brilhando!

Não estava com ela quando se tornou aquela celebridade tão exuberante. Não estava por perto, quando alcançou o sucesso, nem quando se formou na faculdade. Não estava, quando ela realizou o grande sonho de se tornar uma megaempresária. Aquela pessoa linda no vídeo, tirando a sua altivez, em nada se parecia com a minha Alana. Era um ser inacessível para todos os homens, mas na verdade ela era mesmo inalcançável.

Para mim.

CAPÍTULO 13

ALANA

Decidi sentar na poltrona e ficar olhando a vista pela ampla janela do quarto. Já estava cansada de ficar deitada. Sempre fui uma pessoa muito ativa e ficar ali, parada em um leito de hospital esperando a hora passar era angustiante. O dia que recebi a visita do neurologista, iniciei o meu teatro. relatei os meus sintomas e principalmente a angustia por não lembrar claramente dos fatos recentes e passados. Ele me informou ser comum acontecer em pacientes pós-trauma. Só não gostei da parte em que me disse que talvez não fosse possível a alta ser mantida em dois dias.

Quase precisei implorar para o médico me deixar ir para casa, alegando que lá, a memória poderia fluir naturalmente. Sabia que estava tentando ensinar a missa ao padre, mas deu certo!

A meu pedido, a enfermeira Angelina avisou Quim, que ele não precisava ir ao hospital, pois Xandy já havia me levado as roupas que Adele tinha deixado no hotel, o que não era mentira. Claro que não queria usar aquelas coisas vulgares da minha irmã, então pedi que meu amigo também trouxesse algumas peças minhas. Também deixei claro que não queria receber visitas, de ninguém, absolutamente.

Uma característica bem peculiar da minha personalidade era me juntar a quem poderia me ser muito útil para um determinado momento. Hábito de uma empresária perspicaz e arrojada. E foi o que fiz com a Angelina. Vi nela uma ótima qualidade para uma boa aliada; a sua competência, associada à sua bondade desmedida. Pensava nela, quando surgiu no quarto com seu sorriso fácil.

— Bom dia, Adele! Passou bem a noite? — Observava-me com atenção. — Estou percebendo que o seu rosto já está desinchando. Que bom!

— Bom dia, Angelina — devolvi a cordialidade. — Passei muito bem, obrigada! Só senti a sua falta, querida. Mas, sei que precisa do seu descanso. — Precisava bajular bastante, pois o que eu iria lhe propor não era algo muito simples.

— Angelina, daqui a pouco o meu marido estará aqui para me levar para casa,

e gostaria muito de pedir sua ajuda. — Fiz a carinha mais doce e meiga que consegui.

— Claro, Adele! Pode falar. — Ela ainda conseguia ser mais doce do que eu, a diferença era a sinceridade.

— Tenho muitas preocupações com o estado da minha irmã e principalmente com os jornalistas. Esses abutres devem estar loucos pra chegarem mais perto de Alana. Será que você poderia ficar de olho pra mim? Informar-me de todas as visitas que ela vier a receber?

— Eu não tenho acesso às visitas da UTI, mas fique sossegada. Tenho uma amiga que pode resolver isso para mim. Comunicaremos a você, quando qualquer pessoa procurar por Alana. Se bem que, você como irmã dela, pode limitar o número de visitas e fazer uma lista com os nomes das pessoas autorizadas a vê-la.

— Não! Eu prefiro que você me conte. Assim teremos motivos para continuarmos em contato. Eu gostei tanto de você, querida! Vou te dar meu número.

— Tudo bem! — respondeu com satisfação e apreço. — Pode deixar comigo. Serei os seus olhos aqui nesse hospital, enquanto estiver no meu turno.

Se fosse outro tipo de pessoa era só oferecer uma grana, mas o pouco que percebi da personalidade de Angelina, dinheiro não funcionaria tão bem. Tinha que jogar com o seu lado sentimental e o seu lado de tiete, já que era uma grande fã da megatop Alana.

Minha mente vagava. Meus planos tinham que dar certo. Eu estava muito preocupada com a chegada de Olivier. Não queria topar com ele no hospital e muito menos com a tia Dandara. Para ela eu teria que revelar o meu plano, para poupá-la, ainda mais depois de ver o estado lastimável em que o Xandy ficara. Esperava não ser outra a me tratar como louca e insensata ou até mesmo como uma interesseira.

A minha ansiedade maior se dava por conta da chegada de Quim. Eu precisaria de muito sangue-frio para fingir ser Adele e ficar ao seu lado sem demonstrar os meus sentimentos conflitantes.

A porta abriu abruptamente e eis que o motivo da minha angústia e preocupação estava na minha frente, parado, olhando-me com aqueles lindos olhos. Meu pobre coração estava tão acelerado, como se eu tivesse acabado de ter um orgasmo.

Deus!! De onde surgiu esse pensamento libidinoso? Não posso associar orgasmo e Quim numa mesma frase!

— Bom dia, Adele. Você já teve alta. Vamos? — Sua voz tinha um tom tão gélido que me fez lembrar as palavras de minha irmã, quando me dizia que ele era frio e indiferente com a sua família. Imediatamente percebi que ela falava a verdade. De repente, a frieza de Quim, para com a sua esposa acidentada, tornou-se explícita e repugnante.

— Bom dia! Vou me vestir. Você me ajuda, Angelina? — A enfermeira olhava para Quim, com cara de poucos amigos. O que me fez deduzir que não fui a única que notou sua atitude.

— Claro, Adele. Senhor Joaquim, por favor, pode nos dar licença e esperar no corredor? — Ele nada respondeu, virou-se e saiu como se fosse um robô. Seu rosto parecia uma escultura de gelo. Dura e fria!



Saí do quarto numa cadeira de rodas e encontrei Quim conversando com Xandy, que sorriu ao me ver, e deu alguns passos em minha direção, porém parou, tão logo, percebeu o olhar stop que lhe dirigi.

Desde quando Alexander abraçaria Adele ou lhe sorriria tão afetuosamente? Xandy me contou o embate que travou com meu cunhado na porta da UTI. A menos que ele estivesse exagerando, achei muito estranho Quim sentir-se aflito por notícias minhas. Na certa, estava com medo de perder a sua mesada. Despedi-me de meu amigo, com uma piscadinha discreta. Estávamos quase chegando na saída e mais uma vez a preocupação de Caribe me surpreendeu.

— Você não quer passar na UTI pra ver a sua irmã? — Seu lindo rosto estava abatido e com olheiras. Ainda era difícil encará-lo, mesmo depois de tantos anos. Lindo!

Foco Alana!! Não olhe para esse homem!

— Já fiz uma visita ontem. Agora quero ir embora. — respondi entredentes e desviei o olhar.

— Eu não entendo a sua frieza em relação a sua irmã. Não fica preocupada com o estado dela?

— Frieza? Você me falando de frieza? Quem está se comportando como um iceberg aqui é você. Está me ignorando desde que chegou, ou melhor, desde que acordei no dia do acidente.

— Francamente, Adele! — Em sua testa se formou um vinco. — Não estou te entendendo. O que quer de mim, caralho?

Ogro! Por isso minha irmã suportava tanto aquele homem grosseiro, era o

par perfeito para ela.

— Nada, Quim! De você, eu não quero nada!

— Ótimo! Nesse caso, vamos embora. Eu ainda preciso trabalhar hoje. — Encerrou e voltou a empurrar a cadeira bruscamente.

Começava a me arrepender daquele plano maluco. Talvez tivesse sido melhor ir para Campos Verdes sem aquele disfarce, para poder vomitar na cara desse infeliz tudo que pensava a respeito dele. Minha vontade era dar uma voadora na lixeira ao lado da porta. Precisava extravasar a raiva que sentia daquele troglodita. Ele não se parecia em nada com o meu Caribe. Era claro que não! Aquele homem foi eu quem idealizou, mas não passava de uma fraude, um traidor, um engodo.

Viajamos num completo silêncio. Fiquei com o rosto virado para a paisagem durante todo o percurso. O estado do Espírito Santo era lindo. Não sei dizer se era por encontrar-se em faixa de planície. Tinha uma variação de altitudes grandiosas e relevos desenhados. A paisagem era mesmo maravilhosa e impressionava qualquer viajante.

A última vez que passei pelas estradas capixabas foi para ir ao enterro dos meus pais. Um dos dias mais tristes de minha vida. Nem eu tinha noção do tamanho do amor que sentia, até perdê-los. Eu estava em Miami quando recebi a notícia, numa ligação de Ivana. Foi um choque! A vontade de minha mãe, sempre foi de acompanhar papai em suas viagens, mas ela jamais abriu mão de cuidar da gente. Então crescemos e quando ela finalmente podia usufruir da companhia do marido, era tarde demais. O tempo deles havia esgotado. Graças ao motorista escroto de uma carreta que fez uma ultrapassagem irregular e bateu de frente com o caminhão em que viajavam. Foi uma grande tragédia, toda a cidade sentiu. Ao contrário das filhas, eles sempre foram amados e respeitados em Campos Verdes.

Era impossível passar por aquelas estradas e não lembrar, o que fez minha enxaqueca dar sinal de vida. Fechei os olhos e tentei descansar, mas a energia e o cheiro daquele homem ao meu lado não me deixavam relaxar. Era impossível desligar o cérebro da sua forte presença. Após tantos anos, eu estava com ele novamente, mesmo que em circunstâncias inimagináveis.

— Você não vai perguntar pela Duda? Não quer saber se ela está bem?

— Hã? — Assustei-me com a pergunta repentina. — Sim... Claro! Como ela está? Está sentindo a minha falta? — Olhei para seus braços fortes, suas mãos grandes ao volante e não resisti, desci o olhar para as suas pernas musculosas marcadas pelo jeans. Subi o olhar mais um pouco e... Puta merda! Que homem!

Não pude deixar de pensar.

— Você deve estar de brincadeira ou é o efeito do trauma? Porque nós dois sabemos que a Duda jamais sente a sua falta. Ela acostumou-se com a sua total ausência.

Ausência? Como assim? E por que aquela rispidez gratuita quando falava comigo, ou melhor, com Adele?

Minha cabeça ia explodir de dor, de dúvidas e arrependimento. O que eu estava fazendo? Se aquela conversa continuasse, Quim descobriria de imediato que eu estava fingindo ser minha irmã. Ao invés de responder, fechei meus olhos novamente e recostei de novo na janela.

Precisava dar um tempo no turbilhão de sentimentos que estavam tomando conta de mim. E para piorar a situação, Quim ligou o som do carro e a primeira canção a tocar, por crueldade do destino, foi a música que embalou a nossa primeira noite, a treze anos atrás. Aconteceu num daqueles finais de semana em que seus pais viajavam e ficávamos sozinhos ouvindo música em seu quarto e então, foi inevitável. A noite mais incrível e inesquecível, de minha vida. Fizemos amor ao som da voz de Bryan Adams, cantando (Everything I Do) I Do It For You.

— Por que você colocou essa música? — Eu tive que perguntar, não pude resistir.

Quim me olhou no mesmo segundo, como se não tivesse entendido muito bem o motivo da minha pergunta.

— Por quê? Ela sempre fez parte da minha playlist. Esqueceu isso também?

— Acho que sim... quer dizer... Por que você gosta dela? É uma música antiga. Nem é do nosso tempo. — Seu sorriso discreto me deixou mais curiosa ainda.

— Pode não ser do seu tempo, mas do meu, ela é com certeza! Fez, faz e sempre fará parte da minha vida. Ah! Não enche, Adele. — Ele mudou de assunto, bruscamente. — Estamos quase chegando. Tenho que visitar uma obra em Piúma, então você ficará com a vizinha até eu voltar.

Eu podia jurar que Caribe estava recordando nosso passado. E tive certeza quando ele apertou o botão para repetir a música. Olhei para ele por mais alguns segundos e fechei meus olhos, quase sorrindo. As lembranças dançavam em minha mente.

Estávamos namorando há alguns meses e a cada dia ficava mais difícil segurar a nossa libido. Pegávamos fogo quando ficávamos sozinhos. Já tínhamos feito quase tudo em nossos momentos íntimos, mas não havíamos

chegado tão longe, como naquela noite. Já não cabia mais em nosso relacionamento vivermos somente de amassos. Ele nunca me pressionou, mas eu sentia que havia chegado o momento e quando soube que ficaríamos sozinhos por toda a noite, fui à sua casa decidida a me entregar completamente, ser dele para sempre.

Assim que cheguei, Oscarina, que estava saindo, deu-me uma piscadinha, deixando claro que sabia das minhas intenções. Senti o rosto corar diante da expectativa. Devia estar escrito em minha testa que naquela noite, eu perderia a virgindade.

Quim tomava banho. Entrei em seu quarto, liguei o som com uma música bem romântica e suave, apaguei as luzes deixando somente à meia-luz do abajur que havia ao lado da cama. Senti minhas mãos trêmulas. Esperei tanto tempo por aquele momento e então sentia-me como uma menina medrosa e insegura.

Ainda estremecida, tirei a roupa e fiquei apenas de lingerie. Quim já tinha me visto assim em outras ocasiões, mas eu queria surpreendê-lo e pretendia ficar nua, mas antes que eu terminasse de me despir, ele surgiu e ficou paralisado na porta. Tentou dizer-me algo, no entanto desistiu. Meu corpo todo arrepiou com a intensidade de seu olhar. Eu fiquei em chamas.

Com passos lentos, porém firmes, Caribe caminhou até mim. A música romântica, a luz fraca do ambiente e o olhar quente que meu namorado passava por todo o meu corpo me fez derreter de desejo. Tornou-se urgente me entregar por inteira ao meu lindo. Ele já possuía o meu coração e naquela noite eu também lhe entregaria o restante de meu corpo.

— Alana, meu amor! — Suas mãos tocaram meu rosto. — Eu já conheço todos os seus olhares e por isso só preciso que me responda: — Os lábios roçavam nos meus. — Você tem certeza?

Eu sentia sua ereção, sabia o quanto estava excitado e louco, mas ainda assim, ele se preocupou primeiro comigo.

— Toda a certeza do mundo, meu Caribe! — Mordisquei sua boca. — Hoje eu quero ser sua, para sempre.

— Adele! — Quim me sacudiu e me trouxe de volta. — Adele! Acorde. Chegamos!

Dei um pulo ao me dar conta do quanto fiquei fora, em minha viagem ao passado. Avistei a casa que um dia foi nossa e que naquele momento pertencia a minha irmã e sua família. A construção era antiga, mas estava bem cuidada. Só a cor havia mudado. Eu preferia a cor amarela de antes. Senti um aperto no peito ao lembrar-me dos meus pais, da minha infância e adolescência.

Espantei as lembranças para debaixo do meu tapete de frieza. Abri a porta do carro, encarei ao Quim e sorri dissimuladamente, como se a serenidade reinasse em meu semblante e nos meus pensamentos.

CAPÍTULO 15 QUIM

A viagem de retorno a Campos Verdes foi extremamente tensa. Antes de apanhar Adele em seu quarto, não pude deixar de ir até a UTI para dar uma olhada e saber notícias de Alana e isso me deixou sem chão. As dores de minha alma eram tão imensas, que afetavam também meu coração e todo meu físico. Estava esgotado e perdido. Além de ter Adele ao meu lado, totalmente fora dos eixos, o que me fazia pensar que o médico se precipitou ao dar-lhe alta, tinha uma preocupação com tudo que aqueles problemas poderiam causar a Duda. Ela sim merecia toda a minha atenção. Como juntar forças e equilíbrio? Jorginho era um amigo e tanto e fazia tudo que estava ao seu alcance na construtora, mas era humanamente impossível ir até a faculdade em Cachoeiro. Isso me mantinha distante de Paola e suas cobranças me tiravam do sério. Ela foi mais um erro em minha vida e tão logo estivesse mais aliviado, passaria em seu apartamento para resolver a nossa situação.

Assim que entramos em casa, encontramos a vizinha Regiane. Eu sempre deixava uma chave extra com ela.

— Bom dia, Joaquim! Olá, Adele! Fizeram boa viagem? — Levou a mão à boca ao disfarçar o susto com a aparência de minha esposa. Seu rosto ainda estava inchado e com hematomas.

— Bom dia, Regiane. A viagem foi tranquila, obrigado. O Lukinha está na escola?

— Está. Não se preocupe, porque já me programei pra ficar com ela até você chegar. Preparei o almoço pra vocês. Fiz seu prato predileto!

— Obrigado, mas não precisava. Eu pretendia pedir algo no restaurante da Beth. — Notei Adele parada na sala, ainda muda e com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Está se sentindo mal, Adele? — Deixei a mala no chão e toquei-lhe o braço. Ela se assustou, enxugou as lágrimas e se voltou para Regiane.

— Obrigada. Dona... É... é...

— Regiane! Esqueceu o meu nome, querida? Ah! É mesmo! Você bateu a cabeça! — A ironia ao falar não deixava passar despercebido que ela também

não tolerava Adele, assim como muitos na cidade.

— A viagem me deixou muito cansada — explicou, ignorando o comentário maldoso — gostaria de ir para o meu quarto. Não quero almoçar. — Terminou ainda com os olhos marejados e subiu.

Regiane deu de ombros demonstrando que não se importava com o seu comportamento mal-educado.

— Vou levar a mala e acomodá-la. Depois eu desço para almoçarmos.

— Eu aguardo, querido. Vou colocar a mesa pra gente.

Tinha muito que agradecer a Deus por ter colocado a Rê em nossas vidas. Uma ótima pessoa e apesar de todo o trabalho que tinha com o filho, ainda encontrava um jeitinho e disposição para ajudar e a socorrer quando a louca da minha mulher deixava a casa uma desordem. Eu fazia questão de pagá-la, mesmo sabendo que ela fazia o trabalho apenas por amizade, já que vivia muito bem financeiramente, com a generosa pensão do seu ex-marido.

Não encontrei Adele em seu quarto. Fui até o banheiro e também não estava. Só restava o quarto da Duda, onde a encontrei sentada, alisando, delicadamente, a colcha.

— O que está fazendo aqui? Venha deitar na sua cama, logo mais a Rê traz algo pra você comer. Ainda está tomando remédios e não pode ficar com o estômago vazio. — Ela balançou a cabeça em afirmativa e deu um longo suspiro. Pelo visto, ter escapado da morte a deixou mais emotiva.

— Maria Eduarda está na escola? — perguntou com o olhar perdido.

— Está. Hoje ela virá com a Jaque. Coloquei a mala no quarto. Se precisar de algo é só chamar a Regiane. Como eu já disse, preciso visitar uma obra em Piúma. Fique bem, Adele.

Após um almoço agradável, corri para tomar banho. Entrei no chuveiro e, mais uma vez no dia, veio à minha mente, Alana naquela UTI. Os últimos acontecimentos estavam mexendo muito comigo, especialmente, o lado que guardava as lembranças boas da nossa história. Tantos anos se passaram, mas a nossa primeira vez estava lá, escrita nas páginas amareladas pelo tempo e cravada no meu coração para sempre.

Naquela noite, ao entrar no quarto, avistei a mulher mais linda do mundo. Seus olhos brilhavam e as maçãs do rosto enrubescidas foram suficientes para decifrá-la. Minha ereção foi imediata. Meu pau latejava por aquela garota há meses, contudo, não deixaria de perguntar se ela realmente tinha segurança para dar aquele passo.

Acaricieei o seu rosto e senti sua pele quente arrepiar. A minha excitação só fez

aumentar, no entanto, precisava ir devagar para não a assustar. Apesar dos nossos amassos ardentes, eu sabia da importância do momento para ela, para nós.

— Meu amor... Eu já conheço todos os seus olhares e por isso só preciso que me responda: tem certeza? — Com o rosto corado e um sorriso doce, ela disse o que todo homem apaixonado sonha em ouvir da sua garota:

— Toda a certeza do mundo, meu Caribe! Hoje eu quero ser sua para sempre.
— Fechei os olhos e saboreei as palavras mágicas. Meu pau pulsava e implorava pela libertação e o coração batia em sintonia com ele. Os dois, desesperados por Alana.

— Minha loira... Desde que te vi pela primeira vez, desejei e sonhei com esse momento. — Cheirei sua pele, mordisquei a sua orelha e enterrei as mãos em seus longos e sedosos cabelos. Segurei o seu rosto, olhei firme em seus olhos.

— Eu te amo, Alana! Pra sempre vou te amar. — Com o coração ainda aos pulos, beijei suavemente e suguei os lábios macios. Ela agarrou o meu pescoço e com as pernas, circundou o meu quadril. Não consegui manter o ritmo lento e o desejo se impôs. Foi uma explosão! Não me dei ao trabalho de ser suave e a beijei com desespero, faminto!

Era como lenha na fogueira e o tesão nos consumiu. Quando tirou o sutiã, revelou os seios, com mamilos duros e carentes. Antes que tirasse a calcinha, a interrompi:

— Eu faço isso, amor. — As batidas dos nossos corações ressoavam aos meus ouvidos.

Mordi levemente por cima da calcinha e ouvi o seu gritinho. Senti o cheiro adocicado e a umidade. Seu corpo inteiro tremeu em resposta.

Deslizei a peça delicada, sentindo a maciez das suas pernas. Voltei a dar atenção à sua intimidade, quente. O cheiro da sua excitação era o combustível para o meu tesão. Segurei seus quadris e mantive o olhar no dela. Então, abri as suas pernas. Linda! Deslizei o rosto entre as suas coxas e passei a língua bem devagar, lambendo a fenda saborosa. Alana embrenhou as mãos em meus cabelos, me pressionou contra si, enquanto gemia. Lambi toda a sua extensão, chupando, sugando o seu ponto mais sensível. Sua pele ardia no rastro da minha boca. O seu gosto e o seu perfume faziam o meu corpo arder. Aumentei a intensidade e com respiração ofegante, lábios separados, ela gemeu o meu nome e gozou deliciosamente. Tirei a roupa e deitei sobre ela, suguei os seus seios, deixando-os mais rígidos e vermelhos.

— Quim... por favor... eu te quero, agora... — Sua voz era só um sussurro. Ela

estava muito quente. Mapeei o seu corpo com os lábios e mais uma vez, saboreei a sua intimidade, então meladinha com o seu gozo. Meu pau iria explodir se não entrasse logo naquela mulher.

— Vem, amor... — implorou. Sem resistir ao apelo, peguei um preservativo, encapei o meu pau sob o seu olhar assustado, mas ao mesmo tempo excitado. Ajustei o quadril nas curvas do seu corpo e deslizei, penetrando somente a cabeça.

— Tudo bem, amor? — Eu ofegava, as sensações do meu corpo pareciam se estreitar. Estava trêmulo de tanto tesão e ainda nem havia começado.

— Sim... estou pronta pra você. — Entrei e senti a barreira do seu hímen. O prazer se expandiu quando senti as pernas enroscadas intensificarem o aperto, o que fez nossos corpos ficarem perfeitamente alinhados. Fiquei louco com o seu calor! Dei um tempo para ela se acalmar e finalmente penetrei fundo, e a tomei para mim. Parei quando ouvi o seu grito, porém o seu rebolado foi o incentivo para continuar e iniciei as estocadas. Entre gemidos roucos, rocei o lábio em sua orelha.

— Deliciosa! — sussurrei. — Sabe que esse lugar quente e apertadinho é o meu preferido no mundo, a partir de hoje? Não quero sair daqui nunca mais. — Aumentei o ritmo e meti mais duro, mais forte e ela acompanhou e rebolou no meu pau.

— E será sempre seu. Eu te amo, Joaquim! — Totalmente fora de controle, estoquei mais firme. Senti o nosso prazer se alastrar, fazendo com que as nossas respirações se acelerassem loucamente. A intensidade dos beijos só aumentava. Sem tirar os dedos do seu clitóris, senti quando seu corpo lindamente alcançou o clímax.

Caralho! O meu gozo veio em seguida. Estremeci quando o prazer absoluto correu quente em minhas veias. Urrei e gritei o seu nome na gozada mais foda da minha vida!

Porra! Quando voltei a mim, estava com o chuveiro ligado e com a mão no pau. As pernas tremiam e estava ofegante. Tinha acabado de gozar, inebriado com as lembranças de Alana.

Assim que ela acordasse do seu coma, iria contar-lhe tudo. Dessa vez não lhe esconderia nenhum detalhe. Acho que só assim, seguiria em frente e a esqueceria de vez.

CAPÍTULO 16

ALANA

Fiquei um tempo na cama da Maria Eduarda, observando o seu quarto delicado. Ao subir, por antigo hábito, fui direto para o meu e me deparei com um aposento de menina, totalmente diferente. Assim como tudo, no interior da casa, havia passado por uma boa reforma. Entretanto, isso não foi suficiente para aplacar a dor da saudade que senti dos meus pais ao entrar no sobrado.

Os antigos móveis foram trocados por uma coleção moderna, em tons claros, o que proporcionava um ambiente mais amplo. A única peça que restou da antiga decoração foi uma cristaleira antiga, “a menina dos olhos” de nossa mãe. Era um móvel que ela trouxe consigo de Blumenau, quando se casou. Dizia ter pertencido à nossa bisavó. Não aguentei a carga emocional que me puxou para o chão. Deixei-me fraquejar na frente de Quim e da vizinha.

Apesar de toda a tensão do momento, não passou despercebido a gentileza exagerada de Regiane. Conhecia como ninguém o olhar de cobiça de uma mulher para um homem

“Fiz o seu prato predileto, Joaquim”

Levantei, segui para o quarto que era dos velhos. Outra pancada no coração! Mesmo com a nova decoração, as lembranças vieram arrastando um pouco da força que ainda restava. Lágrimas escorriam e nem me dei ao trabalho de enxugá-las. Exaurida, sentei e chorei de soluçar. O acidente, Adele, reencontrar Quim, o plano, a viagem, a casa, as lembranças... Sentia-me fraca.

Passado o desabafo, levantei, “sacudi a poeira” e abri o armário imenso de minha irmã. Levei um baita susto! A quantidade de roupas espremidas no interior, era de cair o queixo. Vasculhei alguns cabides e achei peças de marcas nacionais, mas não menos caras, ainda com etiquetas. Cintos, calçados e bolsas de grife também. Como uma pessoa que se diz praticamente na miséria, com um marido pobretão, tinha um guarda roupa considerável daqueles? Onde ficavam as roupas de Quim? Casa reformada, decoração moderna, bom carro... Carro?! Para quem não possuía nem uma bicicleta, era admirável e intrigante. A mesada e os extras que eu mandava eram o bastante para bancar o luxo de Adele, mas não as outras coisas.

Muitas dúvidas e perguntas, que logo seriam respondidas, pois foi para isso que me infiltrei naquela enrascada.

Peguei uma calça de moletom e uma blusinha simples. Abri a mala com certa dificuldade, pois o meu braço ainda estava dolorido. Peguei a minha própria lingerie, nem morta que usaria as calcinhas dela!

Fui para o banheiro e lá tive outro enorme susto! A quantidade de perfumes, cremes e maquiagens era impressionante. Será que a minha irmã era uma consumidora compulsiva?

Compulsão com o dinheiro alheio era fácil manter!

Tomei um banho e ao voltar para o quarto, deparei-me com a Regiane segurando uma bandeja.

— Antes de sair, Joaquim me pediu pra te trazer um lanche. Uma pena que não quis almoçar conosco. Quim adorou o que fiz. Aliás, tudo que eu faço, ele adora.

— A senhora é uma vizinha muito prestativa. Nem sei como agradecer. Pelo visto, gosta muito do Quim! — Não era a intenção, mas as minhas palavras soaram irônicas.

— O que você acha, Adele? Que é pra te agradar que faço tudo? Se não fosse por mim, o Joaquim e a Duda viveriam num chiqueiro, porque você é uma aventureira!

— Como é?! — Estava em choque com as revelações da mulher. Era nítido que ela não tinha a minha irmã em alta conta.

— Ah! Esqueci que você está com a memória fraca, então vou refrescá-la, querida: enquanto está nos bares com a sua turminha de maconheiros, eu garanto a vida saudável do Joaquim e da sua filha! — Definitivamente, ela não gostava de Adele. Desviou do meu corpo e soltou mais uma:

— O que mais desejo é que ele consiga se divorciar de você e que venha a se casar com a arquiteta, Paola.

— Paola?

— Sim. Você mesma me contou sobre a namorada dele. Será que a experiência de quase morte não amoleceu o seu coração? Se é que tem algum. Por que não deixa o Quim em paz? — Saiu batendo a porta. Se não bastasse, também ouvi quando fechou a da frente, estremecendo as janelas.

Droga! Acho que não comecei bem esse plano! Bares, maconheiros, divórcio, namor... NAMORADA!?

Arremessei um porta-retratos, com a foto de Adele, que se espatifou contra a

parede. Bati as mãos para limpá-las e assim, deitei-me, bem mais calma. Meu braço e a cabeça estavam doendo, precisava de repouso e dos meus remédios. Estava um caco, fechei os olhos, com os nervos à flor da pele. O dia nem havia acabado e já estava pirando.

Adormeci e talvez pelo lugar onde me encontrava, os sonhos me levaram, de novo, ao passado.

Abri os olhos. Estava no quarto, deitada e a minha mãe chorava ao meu lado.

— Filha! Ainda bem que acordou! Seu pai foi buscar o doutor Josué. Estamos preocupados! Sinto muito, Alana... — Sentei-me e fiquei zonda. Aos poucos recordei a terrível cena na sala. A última lembrança era do Quim, falando que o filho que Adele esperava era seu.

— Mãe, será que a senhora não percebe o absurdo que está falando?

— Eu tenho certeza que a sua irmã armou pra cima do Joaquim, mas agora não há nada que possamos fazer. O seu pai está irredutível. — Aos poucos as pontas se encaixaram na minha cabeça. A nuvem negra se dissipou e consegui raciocinar claramente.

— Se Adele armou alguma cilada, como pensamos, Quim não precisará casar com ela. Ele me ama! Nós nos amamos!

Ao levantar senti tonturas, no entanto precisava agir o quanto antes para desmascarar a minha gêmea. Não queria acreditar que o Quim transou com a vadia da minha irmã porque quis. Era óbvio que ela armara um plano ardiloso.

— Aonde você vai, filha? Seu pai está vindo com o médico.

— Mãe, onde está o Quim? — Agarrei em seus braços.

— Por favor, Alana você está muito nervosa. Sofreu um desmaio. Deite novamente e espere pelo doutor Josué. — Agarrei-lhe com mais força.

— Por Deus, mãe! Ele ainda está aqui? — Desci correndo a escada com ela atrás de mim.

— Espere, Alana! Seu pai mandou o rapaz embora. O coitado estava transtornado. Ele queria ficar com você, mas foi expulso. Aonde você vai, menina?

Eu me compadecia do desespero dela, mas ele não era maior do que o meu. Abri a porta, corri, peguei minha bicicleta e pedalei feito louca até a casa do Quim. Nem parei direito, joguei-a em qualquer canto do jardim e entrei correndo. Deparei-me com a dona Francine e o seu Raul na sala. Olharam-me assustados e percebi que a mãe dele chorava.

— Alana! Por favor, explique direito o que está acontecendo. Quim deu uma

notícia que até agora... — Interrompi a sogra, pois tinha urgência em encontrar Caribe antes que o seu Giovanni pudesse descobrir que corri atrás dele. Conhecia meu pai o bastante para saber que ele não me deixaria chegar perto do Quim.

— Explicarei depois, dona Francine. Agora preciso ver o Quim. — Corri até o quarto, abri a porta e o encontrei encolhido no chão, de cabeça baixa.

— Mãe, por favor, já disse que quero ficar sozinho, porra!

— Quim... — Ele levantou a cabeça rapidamente e num pulo, ficou em pé.

— Alana! — Caímos nos braços um do outro. Não sabia quem chorava mais.

— Perdão amor... Perdão. Ela se passou por você e caí na armadilha — falou entre soluços.

— Eu já imaginava algo assim, Quim. Não duvido, meu amor. Por que não me contou, Quim?

Sentamos na cama e enquanto ele acariciava os meus cabelos e rosto, revelou os detalhes repulsivos da armação de Adele.

Deus! Como ela pôde ser tão sórdida? De tudo que Adele já me fez na vida, por conta da sua inveja desmedida, esse ato cruel, superou todos!

Recordei da noite em questão. Aquela em que a Kelly me pediu para ir a Rio Novo dar uma aula extra para uma prova que nunca existiu, de acordo com a Jaque. O desinteresse dela pela aula, o carro sem gasolina, o celular que sumiu! Lembrei-me de ter pedido à minha mãe para avisar ao Quim que eu havia ido a Rio Novo, mas até isso Adele deve ter dado um jeito de impedir. Kelly, prima de Rebeca, melhor amiga dela ... Claro!

— Quim, suspeito de como tudo foi armado. Só preciso tirar satisfação com Kelly e Rebeca. Não se preocupe, porque eu conseguirei provar que Adele armou para... — Ele tocou os meus lábios para calar-me.

— Isso não importa mais, Alana. Você, acreditando em mim já me basta.

— Não! Eu preciso provar para o meu pai! Daqui a alguns dias Adele e eu não seremos menores de idade. Você não será obrigado a casar com a louca. Se o filho for seu mesmo, assumo somente a paternidade!

— Galega... — Ele levantou e virou de costas, enquanto arrepiava os seus cabelos.

— Quim, por Deus! Nós estamos no século XXI e não cabe mais um cara ser obrigado a casar porque engravidou uma garota, ainda mais nessas condições. Você foi enganado e...

— Alana! — Ele virou e me encarou e o que vi em seus olhos lacrimejantes

me arrepiou.

— Alana... E-Eu... Vo-Você não entende... Eu vou me casar com a sua irmã. Provando ou não a armação dela. — Suas lágrimas escorriam.

— Joaquim, você não ouviu o que falei? Não me importo que você registre o filho daquela vadia. Iremos nos casar em breve. Eu estou disposta a passar por cima dessa humilhação e enfrentaremos juntos. Adele não conseguirá nos separar!

— ALANA!! — Seu grito me estremeceu. — Eu sinto muito, mas casarei com a sua irmã e criarei o nosso filho. Já está decidido! — Virou as costas novamente, agarrou os cabelos com força.

— Quem decidiu? O meu pai não pode te forçar!

— Eu decidi! E-Eu não estou sendo forçado. Por favor, eu sei que é difícil pra entender, mas eu sou um cara honesto e íntegro. Vou fazer aquilo que a minha consciência manda e o que a minha família espera de mim!

— NÃO! Não acredito no que estou ouvindo! — gritei.

Ele se aproximou e segurou o meu rosto entre suas mãos e disse o maior absurdo que ouvi na minha vida:

— Eu te imploro pra esperar por mim. Eu me caso com ela e depois que a criança nascer, peço o divórcio e a gente fica junto novamente. — Afastei-me do seu toque e andei para trás devagar. Estava em choque com as suas palavras.

— Não... Não... — Neguei com as palavras, com a cabeça e com o coração! Ele ainda tentou me segurar, mas eu o repeli.

— Não toque em mim! Você não tem ideia do absurdo que acabou de propor. Você transa com a minha irmã, ela engravida e sem saber se é mesmo o pai da criança, casará com a vagabunda e acha que depois de tudo, te aceitarei de volta como ex-marido dela? — A porta abriu de repente e os pais do Quim entraram.

— Crianças! Parem de brigar, por favor! Vamos conversar, que a gente chega num consenso e...

— Criança?! A senhora está vendo alguma criança aqui, dona Francine? Esse desgraçado já vai até casar e ter um filho! É um adulto, porra! — gritei colérica.

— Minha filha...

Não deixei o seu Raul falar, corri, peguei a bicicleta no jardim e fui embora, sem olhar para trás. Minhas lágrimas turvavam a minha visão, porém, achei o caminho do lugar onde acharia a pessoa em que eu descarregaria todo o meu

ódio.

Entrei na casa de Rebeca sem bater e encontrei Adele e sua amiga, sentadas no sofá. No momento em que me viram, a primeira a correr foi minha irmã, que rapidamente se trancou no quarto, deixando sua cúmplice para trás. Rebeca ainda tentou abrir a porta, mas a vadia já tinha fechado à chave. Foi aí que a encurralei.

— Rebrega! — falei entredentes — na falta da minha gêmea, que correu com o seu rabo imundo entre as pernas, me restou “conversar” com você, querida.

Ela gritou quando a agarrei pelos cabelos e a arrastei até o quintal.

— Foi tudo ideia da Adele. Ela me forçou! — Não me rendi aos seus gritos histéricos.

Quebrei algumas unhas, machuquei as mãos, mas saí de lá com um bom punhado de cabelos entre os dedos e com a sua carne sob as unhas que me restaram. Com Adele me acertaria um dia!



Acordei assustada e ao abrir os olhos, meu coração se encheu de emoção ao me deparar com aquela criança linda. Ela me encarava seriamente.

— Maria Eduarda! Querida...

— Não me chame assim! — ela pediu, rispidamente.

— Mas, filha...

— Eu já te falei, Adele. Só a tia Alana pode me chamar de Maria Eduarda.

— Está bem! Desculpe, fique calma, venha aqui — pedi, com carinho, mas ela afastou-se de mim. — Duda, o que houve?

— Eu quero ir ao hospital ver minha tia. Eu vou contar tudo a ela! — A garota estava desesperada e gritava aos prantos. — Nunca mais vou mentir pra ela. Foi você que a machucou, não foi? Eu odeio você, Adele!

— O quê?! — Mal tive tempo de perguntar quando ouvi a voz grave de Quim:

— Mentir pra sua tia? Do que você está falando, Duda? — Nós duas pulamos de susto com as palavras de Quim. A menina passou correndo, pelo pai que seguiu atrás dela, aos berros.

— Dudaaaa! Espere, filha!

Deus! O que estava acontecendo naquela casa?

Levantei-me com dificuldade sem saber discernir sobre o que já havia descoberto em apenas um dia, naquele lugar. Meu corpo se recuperava, mas as

verdades que eu tanto buscava acabariam com minha sanidade. Corri, na medida do possível, atrás dos dois.

CAPÍTULO 17

ALANA

Com muito custo, cheguei ao quarto de Maria Eduarda esperando encontrá-la e também ao seu pai, mas estava vazio. Desci a escada devagar e notei que a porta da cozinha estava aberta. Ela levava ao quintal da casa, então resolvi procurá-los, mas ao chegar lá, um casal entrou pela porta da frente. Demorei alguns segundos para reconhecer Ivana e Perê. A última vez que os vi, foi em um dia muito triste para todos nós. Mal conversamos, pois fui embora logo após o enterro.

— Como vai, Adele? — Ivana perguntou-me friamente. A minha vontade era abraçá-la bem apertado. Ela me fazia recordar a minha mãe. Eram amigas inseparáveis e, portanto, muito presente na minha infância e adolescência.

— Melhorando. Vieram me visitar? — Dei-lhes um sorriso comedido, mas por dentro estava louca para correr e achar o Quim e a Duda.

— Sim!

— Não!

— Perê! — chamou a atenção do marido, — desculpe, Adele. Nós viemos te visitar e saber se está precisando de algo. — Olhou zangada para o homem que se manteve de braços cruzados e com um olhar indiferente.

— Eu vim falar com o Quim também. Ele está na suíte dele? — Perê não esperou por uma resposta e caminhou até à porta da cozinha.

— Na suíte dele? — Corri para passar na frente.

— É suíte, escritório, sei lá!

— Eu o chamarei. Vocês podem ficar à vontade, eu já volto. — Saí, mas ainda a tempo de ouvir Perê falar:

— É impressão minha, ou a Maligna está mais educada depois que bateu a cabeça?

— Perê! Por favor! Pare de implicância!

Deixei os dois discutindo e andei pelo quintal. Avistei uma construção que antes não havia no terreno. A tal suíte devia ser ali, por isso que eu não havia achado as roupas de Quim no armário de Adele. Pelo visto, não dividiam o

mesmo quarto.

Quando me aproximei, curiosa, parei imediatamente ao ouvir a voz trêmula de Quim.

— Por que não me contou, minha filha? Se eu soubesse, jamais deixaria que sua mãe fizesse uma coisa dessas contigo. Eu nunca vou me perdoar por tê-la deixado passar por isso tudo sozinha — ele dizia com dificuldade, as palavras pareciam embargadas e Maria Eduarda soluçava.

— Eu tinha medo, pai. Ela disse que se eu contasse pra alguém, me levaria pra morar nos Estados Unidos e que nunca mais eu veria você ou a tia Alana. Eu tinha que fingir todas as vezes em que elas conversavam pelo *Skype*.

— Meu Deus! Adele passou dos limites! Todas as mentiras, tantos anos... Duda, olhe para mim, meu amor. Há quanto tempo ela vem te obrigando a fingir ser doente, pra extorquir a sua tia? Consegue se lembrar?

Temí não chegar viva ao final daquele dia. Comecei a tremer e passar mal, minha vontade era de fugir, correr como Maria Eduarda havia feito e como Adele faria, mas Alana, jamais! Tentei me escorar, mas a porta se abriu e eu caí. Mal consegui levantar quando um Quim possesso, e com rapidez felina, pulou sobre a cama e avançou contra mim. Assustada, encolhi-me contra a parede. No segundo seguinte, uma de suas mãos segurava meu rosto, enquanto a outra era mantida em riste. Apertei os olhos e fiquei acuada e ao olhá-lo, senti seu hálito quente despejado com toda sua raiva contra mim.

— Sua ordinária! — vociferou e eu mantive meus olhos apertados. — De tudo de ruim que você me fez na vida, essa foi a pior de todas! Você é uma mulher repugnante, frustrada e uma criminosa! Essa foi a gota d'água! Você vai me dar o divórcio na marra, pois vou dar queixa da monstruosidade que você fez com a minha filha! — Ele gritou e chegou a cuspir no meu rosto.

Fiquei paralisada com a sua reação e então senti quando o tiraram da minha frente. Não ouvia mais nada. Perê o puxou pela cintura, enquanto Ivana ficava entre nós. Olhei para a Maria Eduarda e a encontrei em lágrimas e soluçando, desesperadamente, encolhida num canto.

— Gente! O que está acontecendo aqui? — Deixei a Ivana sem resposta e me arrastei até a minha sobrinha.

— Maria Eduarda... Sinto muito, querida... — Ela se afastou de mim e ao encará-la só o que vi em seus olhos, foi medo e raiva.

— Não se aproxime mais da minha filha, sua louca! — Olhei para o Quim e Perê ainda segurava a fera.

— Por favor, Adele. Vá para o seu quarto! Quim precisa se acalmar. Saia! —

Senti a Ivana me puxar pelo braço e gemi de dor. Lágrimas turvaram a minha visão, olhei mais uma vez para Maria Eduarda.

— Anjo... Sinto muito... — Passei por todos, subi correndo e fui para o quarto. Nem sei como consegui chegar lá. Eu sentia muita falta de ar, uma dor no peito que me impedia de respirar.

Respire, Alana, respire ... Calma, Alana... Calma...

Lembrei de ter visto uma garrafa de uísque no armário de Adele. Precisava de algo forte para passar aquela tremedeira incontrollável que se apossara do meu corpo. Não tinha a menor ideia se álcool combinava com pré-colapso, mas era o que tinha no momento. Achei a garrafa, abri e bebi no gargalo mesmo. O líquido âmbar desceu queimando minha garganta e logo uma ardência se fez em meu estômago. Depois da terceira golada, já não sentia tanto.

Andava de um lado para outro e não conseguia tirar da minha cabeça as palavras de Quim e o olhar triste da Maria Eduarda. Como alguém consegue ser tão cruel com uma criança? Pior! Com a própria filha? Adele conseguiu se superar!

Ouvi um telefone tocando, procurei em minha bolsa e achei o aparelho novo que Xandy havia comprado, antes da minha alta, porque o meu havia se perdido no acidente. Vi o seu nome na chamada, mas não atendi. Não tinha condições de falar com ninguém. Bebi mais um gole e comecei a me sentir zonz, entretanto, ainda não estava suficientemente calma para encarar aquela situação. A droga do celular tocou novamente. Apesar de tonta, consegui ler o nome da tia Dandara.

Inferno! Ela já devia estar sabendo de tudo. E os goles de álcool que ingeri associados aos remédios, não estavam fazendo nada bem. O quarto girava...

CAPÍTULO 18 QUIM

Depois que Perê e Ivana foram embora, saí com a Maria Eduarda para distraí-la um pouco. Eu também precisava me acalmar. Já tinha assustado a minha filha com o meu desabafo e não queria traumatizá-la mais do que ela já estava.

Esse tempo todo em que ela certamente sofreu com as constantes ameaças de Adele, fui incapaz de ajudá-la. Mesmo não sabendo, eu sentia que havia falhado como pai. A minha prioridade sempre foi a segurança e o bem-estar da minha menininha. Descobrir o mal que ela sofrera, nas mãos daquela que deveria proteger e lhe dar amor incondicional, deixou-me sem chão. Foi negligência ter permitido que ela convivesse com uma pessoa que eu sabia ser capaz de cometer maldades e principalmente de não ter capacidade de amar. Senti um nó na garganta, mas não podia mais me descontrolar, não na sua frente. Não queria deixar transparecer para ela, a angústia que tomava conta de mim.

Sentamos em uma lanchonete e fizemos o pedido. Eu faria um esforço para comer alguma coisa, só mesmo para acompanhá-la. Não queria que notasse o estado de nervos deplorável em que ainda me encontrava. Algo havia mudado no semblante da Duda desde a discussão. Ela estava sendo forte e tentava me animar. Chegou a sorrir como antigamente. Parecia aliviada. Até fez gracinhas comigo na hora de comermos, lambuzando-me com maionese.

E pedi a Deus que me perdoasse pelos maus pensamentos, mas a vontade que tive foi de esganar Adele. Durante anos, aguentei muita coisa daquela mulher. Enquanto só me atingia, dava para segurar, entretanto, com os últimos acontecimentos ficou impossível sustentar a situação crítica e a convivência com ela. Estava convicto de que no dia seguinte contrataria um advogado, prestaria queixa de Adele, entraria com o pedido de divórcio e sairia daquela casa com Maria Eduarda.

Quando chegamos, Duda seguiu comigo para a edícula e foi para o banho. Era normal ela dormir em minha cama quando assistíamos aos filmes juntos, então, já deixávamos algumas peças de roupas por ali. Tomei uma ducha, também. Vesti um short e uma camiseta regata. Como já havia decidido sair daquela casa

o quanto antes, resolvi arrumar as coisas dela para, na manhã seguinte, partirmos daquele inferno. Só esperava que a louca não estivesse dormindo, porque a minha revolta ainda estava me corroendo e eu precisava dizer algumas verdades para ela.

Subi a escada em silêncio e antes de entrar no quarto da Duda, percebi a porta de Adele entreaberta, com a luz acesa. Para azar dela, a infeliz ainda estava acordada. Aproximei, abri a porta bem devagar e a encontrei caída, com uma garrafa de uísque ao seu lado. Na certa havia enchido a cara novamente e devia ter desmaiado com o porre. Minha vontade era deixá-la no chão, sem socorro, mas como acabara de deixar o hospital, naquele dia, fiz o que a minha consciência mandava. Peguei a maldita no colo, levei-a para o banheiro e a enfiei debaixo do chuveiro. Ela despertou assustada, gritou e esperneou com a água gelada.

— Xeu disgaçaaado, tá muuuuito gelado! — resmungou com a voz enrolada.

— Foda-se, Adele! Termine logo com essa porra de banho, porque eu não tenho a noite toda!

Assim que ela começou a se despir, saí e peguei uma toalha no armário do corredor. Entregaria a ela e com o resto que se virasse. Tinha feito até muito! De volta ao banheiro, percebi que estava roxa e tremia de frio. Ela saiu do box e eu a observei com um pouco de remorso.

— Vou deixar a toalha aqui — avisei e dei-lhe as costas. Já estava no corredor, mas um pensamento me fez parar abruptamente. — A tatuagem, caralho! — disse a mim mesmo em voz alta.

A tatuagem com as iniciais das gêmeas estava do lado direito! Adele copiou o desenho que Alana tinha no lado esquerdo! Toda a cidade sabia que ela havia feito do lado contrário. A mulher dentro daquele banheiro tinha uma tatuagem no lado direito! Não podia ser! Voltei rapidamente e abri a porta, pasmo.

Ela ainda estava nua, com as mãos embaixo do queixo e tremia. Seu corpo era mais magro e torneado, tinha uma marquinha minúscula de biquíni e a tatuagem... No lado direito!

— Ca-Caribe... Tô com fi-frio, a-amor... Ajude a sua Ga-ga le-lega...

Porra!! É ALANA?!?!

CAPÍTULO 19 QUIM

Olhei mais uma vez para a sua nudez. Ela me chamou de Caribe, de amor!

Minha Galega! Não era possível! Ainda atordoado, senti medo com a possibilidade de ter sido um sonho ou fruto da minha imaginação.

— Ca-Caribe. Fi-frio... — Corri para ela e a enrolei na toalha. Peguei-a no colo e a sentei na cama. Meu coração batia loucamente. Achei uma camisola na gaveta e a ajudei a vestir, pois suas mãos ainda estavam trêmulas e geladas. Comecei a enxugar os seus cabelos e de repente ela abraçou o meu quadril e colou o rosto nele. Parei os meus movimentos e precisei me controlar.

— Ca-Caribe — resmungou agarrada as minhas partes íntimas. — Saudade do seu cheiro. — Respirei fundo e a deitei. Tentei me afastar, mas ela me puxou para perto e me abraçou novamente. Seus lábios roçaram a pele do meu pescoço.

— Fi-Fica comigo, amor. Não me deixe — disse com os lábios quase tocando os meus e chorando.

Caralho! Eu precisaria de muito sangue frio para não agarrá-la e matar a saudade que sentia. Estava excitado como nunca!

— Alana, fique deitada. Vou buscar um café bem forte pra você. Já volto. — Com dificuldade, desvencilhei-me dos seus braços e desci correndo.

Fiquei em êxtase por saber que a minha Galega estava ali, mas ao mesmo tempo tive muito medo de estar equivocado. E se Adele tivesse armado novamente? Poderia ter removido a tatuagem do lado esquerdo e ter feito outra no direito? Só havia uma maneira de saber. Investigar em sua pele se havia alguma cicatriz de tatuagem removida.

Teria de aguardar até que ela adormecesse. Assim que preparei o café, subi apressado, no entanto quando cheguei, ela já dormia serenamente. Deixei a xícara na mesa ao lado da cabeceira e olhei atentamente para ela. Esfreguei as mãos inúmeras vezes por meu rosto, andei de um lado para o outro, tentando ganhar coragem para levantar a camisola e verificar a tatuagem.

Aproximei-me lentamente da cama. Bem devagar, levantei a ponta da roupa e

observei o seu sexo liso e rosado, cheguei a salivar.

Porra, Quim!! Foco!

Passei a mão levemente pela pele macia e não havia sinal nenhum de cicatriz, pelo contrário, era lisinha e aveludada. Fechei os olhos e senti uma enorme vontade de chorar. Sem resistir, meus dedos acariciaram a sua barriga. Não! Não me aproveitaria da situação enquanto ela estivesse inconsciente. Tirei a mão como se tivesse levado uma descarga elétrica. Um choque de realidade. Era mesmo a minha Galega!

Alana estava na minha frente, mas com problemas de saúde. Era óbvio que ela estava com a memória afetada, devido ao trauma do acidente. Eu a deixaria dormir e na manhã seguinte a levaria de volta ao hospital. Doutor Juarez precisava examiná-la com urgência. Entretanto, já desconfiava que depois da confusão mais cedo e do desmaio, já tivesse recobrado a memória, levando em conta as suas últimas palavras.

Eu a cobri com uma manta, acariciei os seus cabelos loiros, beijei sua testa e quando estava para levantar, ela pegou a minha mão, colocou entre os seios e a levou até o seu mamilo enrijecido. Sua pele queimava.

— Olha como estou quente, amor. Estou assim por você. Faz amor comigo?
— Seu chamado ao prazer era somente um sussurro, mas causou uma descarga de adrenalina no meu pau. Tirei rapidamente a mão. Era muita tentação para uma noite!

— Durma bem. Amanhã você me faz essa proposta novamente. — Apaguei a luz principal deixando somente o abajur à meia-luz. Encostei a porta e desci para o meu quarto.

Antes de chegar, já havia tirado a camiseta. Terminei de me despir e entrei no chuveiro para mais um banho. Depois de tantas emoções, era eu quem precisava apagar o fogo. Deitei e relembrei as cenas do banheiro, do quarto e as suas palavras.

Porra! Eu não conseguia dormir! Levantei-me, e preocupado em não acordar a Duda, fui para a sala, que também era o meu escritório, e liguei para Jorginho. No quarto toque, ele atendeu:

— E aí, cara? O que houve pra você me ligar a uma hora dessas? — Uma voz de mulher resmungou ao seu lado.

— Desculpe, sei que está com a Francisca, mas preciso falar com você, com urgência. Será que poderia vir aqui? — Escutei quando ele falou algo com a sua namorada.

— Ok, Quim. A *mulé* liberou. Pra você me empatar, deve ser grave. Daqui a

pouco estarei aí — respondeu bocejando.

— Obrigado, cara. — Desliguei e antes de seguir para a varanda, dei uma conferida em Duda, que dormia tranquilamente. Munido de uma garrafa de vodca, sentei-me em uma das cadeiras e tomei alguns goles, enquanto esperava por Jorginho, que tão logo chegou, revezou o gargalo comigo.

— Alana perdeu a memória e está aqui em casa como se fosse Adele! — soltei a bomba sem pestanejar.

Ele parou com a garrafa no meio do caminho e olhou para o rótulo, fazendo cara de assustado. — Isso é vodca mesmo? Ou algum alucinógeno? — perguntou e eu tirei a garrafa das mãos dele.

— Ok. Vou começar do início. — Suspirei duas vezes.

— Acho bom, Quim. Estou começando a ficar preocupado contigo.

Contei tudo minuciosamente. Ele ouviu calado e quando acabei o relato, levantou e andou para dentro da casa.

— Aonde você vai, cara? — Corri atrás.

— Conferir também, ora! Você sempre foi tão obcecado por Alana que já está delirando, porra! — Segurei em seu braço, o impedindo de ir adiante.

— Conferir? Vai sonhando que vai olhar a tatuagem dela! Eu estou te falando, caralho! Já verifiquei!

— Joaquim! Deixe de ser ciumento! Se for Alana mesmo que estiver lá em cima, é a sua cunhada e não a sua esposa! — Gargalhou e passou por mim. Adiantei-me e o peguei pelo colarinho.

— Acho que não me fez entender, porra! Você não vai tocar nela!

— Olha, estou começando acreditar na sua loucura. Só com ela você teria um chilique de ciúmes. — Suas risadas começavam a me irritar.

— Não é chilique, Jorginho. Ela está inconsciente e não é correto olharmos o seu corpo enquanto dorme. Você tem de acreditar em mim!

— Tudo bem! — concordou, levantando as mãos, rendido. — E se quando ela acordar, não se lembrar de nada do que aconteceu hoje? Vai levá-la ao médico, certo?

— Humm... Se ela ainda acordar como Adele, acho que vou dar um tempo antes de levá-la embora de Campos Verdes.

— O quê?! Você tá louco, cara? Quer ficar com Alana como se fosse Adele? — disse alterado e temi que a acordasse.

— Psiuu! Fale baixo. Eu vou precisar de um tempo com a Galega. Tenho tanto pra contar pra ela, que...

— Insensato! Totalmente insano da sua parte! Eu vou fazer de conta que não ouvi essa asneira! — Colocou as duas mãos em meus ombros. — Meu amigo, se você quer somente esclarecer as pontas soltas da história de vocês, tudo bem, estou contigo. Mas, se a sua intenção é reconquistar o amor de uma mulher traída e machucada, depois de tantos anos, é loucura! É óbvio que ela só está aqui, porque acha que é Adele.

— Não, Jorginho! Não tenho essa pretensão. Eu só preciso de uma chance pra contar toda a verdade.

— Vai contar também que foi atrás dela quando a Duda fez um ano? E que não teve coragem pra se aproximar?

— Uma coisa de cada vez. Vou pensar se contarei essa parte humilhante. Ainda me dói falar daquela noite.

— Tá certo, amigo. Faz o que achar melhor. Pense bem pra não fazer mais bobagem. Eu tenho que ir. — Virou para sair, mas parou de repente. — Cara, você tem certeza de que não vai me deixar ver Alana Shultz, a famosa modelo, nuazinha em pelo? Vai negar isso para seu melhor amigo e parceiro?

— Vaza, seu filho da puta! — Ele correu e de longe ainda ouvia as suas gargalhadas.

Não entendia como ele ainda conseguia achar graça de um assunto tão sério. Antes de ir para o meu quarto, decidi averiguar se Alana continuava com o seu sono tranquilo. Com o corpo encolhido, sem a manta, parte de suas nádegas, com uma marquinha mínima de biquíni, estava de fora. Antes de cobri-la, beijei levemente a sua bunda empinada e cheirei a sua perna. Afinal, eu não era de ferro!

Alana... Alana... Que saudade!

Cobri o seu corpo, beijei a sua testa, peguei a xícara de café que já estava frio e fui para o quarto esperar o dia amanhecer, porque certamente seria impossível dormir naquela noite.

CAPÍTULO 20

ALANA

Acordei com uma claridade insuportável que invadia o quarto pela janela. Detestava dormir com as cortinas abertas. No momento em que sentei, a dor de cabeça veio como um relâmpago, carregado de raios. As pontadas pareciam agulhas perfurando o meu cérebro. Tinha um copo d'água na mesinha. Tomei quase me engasgando, tamanha sede. Meu estômago doeu assim que ela desceu. Olhei para a camisola que não me lembrava de ter vestido ou até mesmo de ter tirado a roupa que usava no dia anterior. Precisava de um banho, dos meus remédios e de comida, urgente. Minha barriga roncava, uma vez que só a havia enchido com o uísque barato.

Uísque?!

Para tudoooo!! Uísque, banho, Quim, Caribe! Puta merda!

Dei um pulo da cama e não me importava mais com a britadeira que martelava na cabeça. Andei de um lado para o outro, porém, as lembranças da noite anterior eram muito vagas. Lembrava do Quim me enrolando na toalha e eu quase o beijando! Para que servia um cérebro privilegiado se quando bebia um pouco além da conta, ficava burra e desmemoriada?

Uma ironia, uma grande ironia mesmo, pois fui parar naquela casa, mentindo ser Adele, que estava desmemoriada e eis-me aqui, sem lembrar de quase nada da noite anterior. A maldita amnésia alcoólica!

Será que eu havia falado demais?

Saberia da merda que fiz somente quando encontrasse com o meu querido cunhado. Peguei uma roupa qualquer e segui para o banheiro. Durante o banho, tive alguns flashes do que ocorrera na noite anterior, mas ainda não me recordava do que tinha dito ao Quim.

Sequei os cabelos, voltei para o quarto e quase desmaiei com a cena à minha frente: Caribe estava em pé e segurava uma bandeja de café da manhã. Colocou-a na cama, lentamente, sem desviar o seu olhar. Enfiou as mãos nos bolsos do jeans, que marcava as suas coxas e que fazia um conjunto perfeito com a camiseta preta que delineava o seu tórax. Lindo!

— Oi, bom dia. Trouxe o seu café. Não comeu nada desde ontem. Precisa se

alimentar para tomar os remédios. — Sua voz era suave. Sorriu de lado e se aproximou, pegou a minha mão e me levou até a cama. Eu obedecia como se fosse um robô.

— Sente-se e coma! Fiz café, suco, comprei pão fresquinho e bolo de aipim com coco que você... — Ele limpou a garganta, soltou a minha mão que já estava queimando com o seu toque. Sentou-se na poltrona que havia próximo à janela e lá ficou segurando o queixo, atacando-me com seu olhar quente.

— Obrigada. Você vai ficar aqui enquanto eu como? — Engoli em seco.

— Sim. Quero me certificar de que vai comer tudo. — Revirei os olhos. Estava morta de fome. Devorei o delicioso café da manhã em segundos.

Desconfiava de que ele já sabia que eu não era a sua esposa. Porque depois de tudo que falou para Adele na noite passada, jamais a trataria à pão de ló, ou melhor, à bolo de aipim, naquela manhã.

E agora senhorita cérebro privilegiado? Como sairá dessa?

— Muito bem! Tome os comprimidos que estão separados na bandeja.

— Sim, senhor. — Tomei os remédios com o suco de laranja. Limpei a boca e me levantei.

— Posso escovar os dentes, senhor? — Ele sorriu abertamente. Que lindo!

Corri para o banheiro e olhei no espelho, estava corada como uma pitanga. Em nada lembrava a mulher cheia de si. Escovei os dentes, olhei mais uma vez no espelho e conversei com a mulher rubra que me encarava:

É, Alana Shultz! Chegou a hora de enfrentar o cunhado delicioso!

O que eu precisava descobrir era até que ponto ele sabia da história. Se eu havia recuperado a memória e descoberto ser Alana ou se já sabia que eu estava mentindo aquele tempo todo e me passando por Adele deliberadamente?

Voltei e vi Quim em pé, com as mãos nos bolsos olhando pela janela. Fechei a porta e encostei nela. Meu coração parecia que ia sair pela boca e pular no colo dele. Se bem que não era bem o coração que queria fazer aquilo. Era outra parte minha que latejava, pulsava!

— Ham Ham — pigarreei — É... A Maria Eduarda já acordou? — Ele virou. Seus olhos da cor do mar caribenho em um dia límpido e quente, me devoraram. Com passos firmes, porém lentos, lentíssimos, parou na minha frente.

— A Maria Eduarda foi para a aula de inglês. Só chegará mais tarde. — Ele estava tão perto que dava para sentir sua respiração morna nos meus cabelos. Levantei o rosto e parecia que nunca estivemos longe por tanto tempo. Eu ainda conhecia aquele olhar.

— Você tem algo pra me dizer? — Com olhar brilhante, sua voz era somente um rouco sussurro. Fechei as pálpebras. Sentia que um tsunami de sentimentos arrastava as minhas forças e destruía o meu escudo. Tocou o meu rosto e com a outra mão pegou-me pela cintura. Segurou a minha nuca e encaixou os dedos nos meus cabelos. Estávamos ofegantes e a nossa respiração descontrolada só fez aumentar quando ele me espremeu contra a porta. Apertou o corpo ao meu e me fez sentir a sua rigidez.

Caribe era o homem que quase destruiu a minha vida, o meu cunhado, mas que Deus me perdoasse, eu o queria dentro de mim! Levantei o olhar faminto para ele. Meu corpo tremia de tesão e a sensação tirou o ar dos meus pulmões.

— Eu ainda conheço todos os seus olhares. — Levei um susto com a sua frase, mas não tive tempo de me recuperar, pois fui invadida por sua boca como se fosse uma tempestade.

Não foi um beijo suave e nem delicado. A colisão dos nossos lábios foi furiosa, devoradora, voraz e atroz. Um tesão violento, brutal e agressivo nos consumia. Nossos gemidos tinham voz. Não conseguia pensar em mais nada, só sentia a paixão violenta que me dominava e a intensidade do beijo só aumentava. Com a força dos seus movimentos ao me apertar contra a porta, senti toda a plenitude de sua virilidade. Ele largou da minha cintura e acariciou-me a coxa, achando o que procurava.

A mão passeava por cima da calcinha, que logo foi colocada de lado. Seus dedos deslizavam por minha intimidade que já estava encharcada. Friccionou o ponto inchado e carente. Não resisti e comecei a rebolar em sua mão. Perdi totalmente o controle e me entreguei ao prazer insano de estar com ele novamente.

— Loira, que delícia de... — Fomos interrompidos por um chamado que parecia vir da escada.

— Joaquim! Oi! tem alguém em casa? Quim? — Uma voz feminina o fez, ainda ofegante, parar abruptamente.

— Puta que pariu! Caralho! — esbravejou. Afastou-se, esfregando as mãos pelo rosto, balançando a cabeça em negativa como se não estivesse acreditando.

— Quem é? — O puxei para olhar em seus olhos. Muito nervoso, enterrou os dedos nos cabelos, arrepiando os fios castanhos.

— A Paola! Que merda! — resmungou.

Lembrava-me daquele nome, pois a Regiane disse ser a namorada de Quim! Custava a acreditar que a sua amante teve a ousadia e cara de pau de ir até à casa dele!

Que zona era aquela em que esses dois viviam?

— O quê? A sua amante tem a liberdade de entrar aqui quando bem quer? Você é um cafajeste e ela uma vagabunda! Esqueceram que ainda é um homem casado? — Com cara de ofendido, repousou as mãos no quadril e cravou a sua sentença:

— Analisando os últimos acontecimentos nesse quarto, parece que você também esqueceu desse pequeno detalhe, não é mesmo, Ga.le.ga? — Ouvir a confissão de que sabia quem eu era, tirou-me o pouco da sanidade que restava e explodi! O ódio me cegou e com toda a minha força, desferi uma bofetada em seu rosto, pegando-o de surpresa.

— Falou certo, meu querido cunhado! — Enraivecida, cuspi as palavras — Agora, que recuperei a memória, pode ter a certeza de que jamais esquecerei esse pequeno detalhe! Fora daqui! — Abri a porta e aponte para fora o enxotando dali.

— Nossa conversa ainda não acabou, Alana. Eu preciso muito falar com você! — Passou por mim bufando e com a porta ainda aberta, ouvi quando a sua amante o saudou com uma conversa mole.

— Joaquim! Desculpe aparecer aqui sem te avisar, meu amor. Eu estava preocupada, pois não retornou as minhas ligações e...

— Oi, Paola. Vamos conversar na sala. — Não ouvi mais nada.

Se aquela vagabunda pensava que podia entrar na minha casa, ou melhor, de Adele, como se já fosse sua, eu a ensinaria a ter bons modos!

Troquei de roupa às pressas, fiz uma maquiagem leve, deixei os loiros esvoaçantes e descí para defender o que não era meu. Encontrei os pombinhos sentados no sofá. Quim estava cabisbaixo e discutiam num tom moderado. Assim que me viram, levantaram assustados.

— Bom dia! Você deve ser a arquiteta que o meu marido contratou pra redecorar a nossa casa. Muito prazer, querida. — Fiz questão de frisar bem a palavra marido.

— Não! Não vim a negócios, querida. Vim falar com o meu namorado!

— Paola, por favor! Sem provocações! — Quim ainda tinha as marcas dos meus dedos na sua face e parecia estar perdido com a situação inusitada.

— Ela quem começou com a provocação, amor. — Olhou com seu fingido ar de superioridade, porque era nítida a sua insegurança.

— Eu estou na minha casa e este que você chama de amor, é o meu marido! — Controlei a raiva ao falar e a idiota gargalhou.

— Eu sei muito bem que você não é mais a esposa dele há anos. Só vivem sob o mesmo teto porque é uma interesseira e não quer dar o divórcio! — Aí sim, o seu ar de superioridade não era dissimulado.

— Porra, Paola! Eu te pedi pra não provocar! Vamos sair daqui! — Quim a puxou pelo braço, mas eu os interpelei.

— Amor, não demore muito! Precisamos terminar o que estávamos fazendo quando a arquiteta apareceu. Te espero em nosso quarto. — Dei-lhe uma piscadinha e sorri para a putana, quando percebi que havia marcado um gol. A coitada estava boquiaberta.

— Joaquim?! — Ele não a olhou nos olhos. Seu nervosismo chegava a ser cômico.

— Paola, por favor, vamos sair já daqui! — Se ela ainda tinha dúvidas sobre a veracidade do que revelei, só de olhar a vergonha estampada na cara de pimentão maduro do seu amante, já teria a resposta.

— Seu... Seu cafajeste! — Saiu correndo em lágrimas e antes que ele fosse atrás dela, provoquei mais um pouco.

— Ser chamado de cafajeste por duas mulheres em menos de dez minutos não é muito comum, algo deve estar errado, querido cunhado. — Gargalhei como há muito tempo não o fazia. Sentia-me com dezessete anos novamente. Seu olhar era fulminante, mas não me amedrontou, pelo contrário, senti tesão! Muito tesão!

— Espere aqui, sua Galega desaforada! — Correu, tentando alcançar a coitada da Paola.

Tão logo fiquei sozinha, a ficha caiu! Eu não tinha o direito de me intrometer nos problemas deles. Não podia me deixar levar por sentimentos antigos que já não cabiam mais em minha vida e nem em meu coração. Era chegada a hora de ir embora, pois o que viera fazer em Campos Verdes já estava solucionado. Descobri toda a farsa repugnante de Adele e também que o Quim nada tinha a ver com a mentira. De certa forma, estava aliviada, pois sabia que daquele momento em diante, ele protegeria Maria Eduarda.

Precisava desfazer a troca o quanto antes. Corria sério risco de ser desmascarada a qualquer momento por alguém do hospital. Quase me deixei levar pelo magnetismo que o Quim ainda exercia sobre mim, mas por sorte, fomos interrompidos, pois cometeríamos um tremendo erro.

Subi para arrumar a mala, mas antes verifiquei o celular, havia mais de dez chamadas de Xandy e mais umas dez da tia Dandara. Algo de muito grave devia ter acontecido. Liguei primeiro para o Xandy.

— Caramba, Alana! — respondeu, ao primeiro toque. — Por que não atendeu às minhas ligações? — O desespero da sua voz deixou-me aflita.

— Depois te conto, Xandy. O que houve?

— *Abandone agora essa novela mexicana e corra pro hospital. Estou desde ontem segurando a enfermeira Angelina pra não abrir o bico. Ela descobriu a troca e quer falar com a direção, com o Papa, com Deus.*

— Droga! — reclamei. — Era só o que me faltava.

Peguei a bolsa e desci às pressas para tentar conseguir um carro que me levasse à Vitória, o mais rápido possível. Mas as surpresas estavam longe de deixar de acontecer.

— Amiga! — Levei um susto ao abrir a porta e dar de cara com aquela peste. *Não!!! Rebrega?!!*

CAPÍTULO 21 QUIM

Aturdido, parei na calçada e observei o carro da Paola se distanciar. Consegui chegar a tempo para lhe prometer que esclareceria tudo quando nos encontrássemos à noite. Foi constrangedor ver em seus olhos a mágoa que havia lhe causado. Senti-me culpado por não ter respondido suas mensagens e nem retornado às ligações. Talvez evitasse aquela cena ridícula na sala. Também, não podia imaginar que ela fosse aparecer de surpresa, visto que nunca havia lhe dado tal liberdade.

Tudo que imaginei e ensaiei para falar com Alana quando a encontrasse pela manhã, caiu por terra quando a vi tão linda. No momento em que nossos olhares se encontraram, eu sabia que a sua memória estava totalmente recobrada. Só ela tinha aquele olhar quente, meigo e desafiador ao mesmo tempo. Ela estava de volta!

Atropelei e pulei etapas. Sem resistir ao seu fascínio, eu a peguei para mim, cometendo uma deliciosa loucura, porém um tremendo erro. Ainda não era o momento de dar vazão ao desejo que me consumia. Tinha muito que lhe falar e temia ter jogado fora a oportunidade única que a vida me deu novamente. Eu e Alana juntos! E não era apenas em pensamentos, era real.

O comportamento de minha cunhada, na presença de Paola foi no mínimo, surpreendente e infantil. Ainda estava encucado e louco para descobrir de que forma ela soube da existência da arquiteta.

Ao voltar, deparei-me com uma cena exasperante, em que Rebeca abraçava quem pensava ser Adele. O olhar da Galega era um pedido de socorro. Ela bem que merecia se safar daquela megera sozinha, depois de toda a merda que aprontou. Apesar de tudo, fui solidário a sua aflição, porque entendia a gravidade da situação. Ela não poderia revelar ser Alana sem antes comunicar ao hospital.

— Bom dia, Rebeca! Desculpe, mas preciso levar Adele ao médico em Vitória e já estamos atrasados. — Alana olhou-me agradecida.

— Puxa, amiga! Você teve alta ontem e já vai voltar? Não era melhor ter ficado lá para a tal consulta?

— Não acordei bem! Preciso falar com o meu neuro. Outra hora conversaremos, querida.

— Não vim ontem porque imaginei que você estaria muito cansada e preferi dar um tempo.

— Tudo bem, amiga. Vamos, Quim? — Já estava com a sua bolsa e caminhou em direção à garagem, com Rebeca em seu encalço.

— Não posso ir com vocês?

— Não!

— Não!

A unissonância de nossas respostas deixou a mulher chateada e intrigada. Que se danasse! Precisava tirar a Galega daquela saia justa o mais rápido possível.

Abri a porta, Alana entrou rapidamente e colocou o cinto de segurança. Sem olhar mais para a cara de espanto de Rebeca, entrei no carro e parti. Pelo retrovisor, vi que ainda estava lá, parada, com a mão no queixo.

Seguimos em silêncio até pegarmos a rodovia. Alana parecia muito nervosa, bem diferente daquele comportamento sapeca adotado na provocação à Paola. Algo havia acontecido naquele meio tempo.

— Você está preocupada com a Rebeca? Se for isso não...

— Não! Não estou. Obrigada por me salvar da situação com aquela louca. Antes de todos saberem que recuperei a memória, preciso comunicar ao médico e a direção do hospital, o mais rápido possível. — Enquanto falava não me dirigia o olhar e torcia a alça de sua bolsa, nervosamente.

— Você está assustada com tudo isso. Acalme-se, Alana. — Sem resistir, toquei em sua mão, mas ela retirou com rapidez, deixando-me no vácuo.

Estava fria e distante e em nada se parecia com a galega quente como o inferno, que me enlouqueceu com suas atitudes pela manhã e muito menos com a mulher irreverente que provocou a Paola. Tive medo de não conseguir mais uma chance para conversarmos civilizadamente.

— Galega... — Ela virou o seu rosto e me encarou, pela primeira vez, desde que entrou no carro.

— Não me chame de Galega, por favor! — Sua rispidez me deixou desconcertado e triste. — Joaquim, desculpe pela bofetada e pelo comportamento inusitado que tive na sua casa. Não tenho o direito de me intrometer na sua vida e da minha irmã. Não sei e nem me interessa saber que tipo de casamento é o de vocês.

— Não existe casamento nenhum! Só vivemos sob o mesmo teto porque

Adele se recusa a me dar o divórcio.

— Não quero saber, Quim! Já falei que não me interessa! — interrompeu aos gritos.

— Mas eu quero falar, porra! — Bati no volante, fazendo com que ela se sobressaltasse com o susto.

— A maldita quer tudo! Eu daria até as minhas calças pra me livrar da sua irmã, mas ela insiste em ficar com a Duda. Só que agora eu sei o motivo da sua insistência.

— Essa parte eu já entendi. Ela queria continuar com a Maria Eduarda para me extorquir pelo resto da vida. Que ódio! Pior é pensar no que estava fazendo com a própria filha!

— Por falar em Maria Eduarda, precisamos contar para ela que você é a tia Alana. Ela ficará eufórica.

— Sim. Nem tive a oportunidade de abraçá-la. Lamentável.

— Você já havia recobrado a memória quando falou com ela ontem? — Novamente seu olhar se fixou na estrada.

— É... Não. Minhas lembranças estavam misturadas e confusas desde que saí do hospital. Tinha flashes da minha vida como Alana e também como Adele. Após o seu rompante, quase entrei em colapso e recuperei as pontas soltas, porém, isso eu preciso explicar para o médico e não para você!

— Tudo bem. Não quero que fique nervosa. Eu só te peço pra voltar pra Campos Verdes depois que resolver essa confusão. Eu e Duda gostaríamos que passasse um tempo conosco. Nós precisamos conversar, Alana.

— Eu voltarei, mas será pela Maria Eduarda. Somente por ela! O que aconteceu mais cedo, nunca mais se repetirá!

Precisei de muito esforço para manter a seriedade e não dar vazão ao tamanho do sorriso e da felicidade que eu tinha dentro de mim.

Ela vai voltar! Vai pensando que me deixarei abalar pelo seu “nunca mais”.

Mesmo com alguns hematomas naquele rostinho perfeito, para mim, ela era a mulher mais linda que existia. Seu cheiro era inebriante, a pele de seda tinha um leve bronzeado, os longos cabelos dourados estavam soltos e cobriam o discreto decote. Sua presença ao meu lado parecia um sonho.

Alana... Alana... Porra! Quando eu colocar as mãos em você, vou te devorar!

Passei o restante da viagem muito excitado, nem tentei esconder ao sentir que era observado por duas lindas safiras. Mais uma vez, precisei de uma força tremenda para não sorrir de orelha a orelha. Suas coxas esfregavam uma na outra

de vez em quando, e parecia lutar contra o ardor que sentia entre elas. Ela me desejava ainda. Eu sabia!

Apesar da felicidade em tê-la ao meu lado, por quase duas horas, fizemos uma viagem tensa.

— Não precisa me esperar. Após a consulta, com certeza terei de ficar aqui ainda por alguns dias, porque certamente, darei uma coletiva à imprensa. — Ela estava me dispensando.

— Eu compreendo. Será uma tremenda revelação. — Saí do carro e gentilmente abri a porta. Segurei a sua mão, assim que desceu, e dessa vez, não me rechaçou.

— Você prometeu voltar. A Duda ficará ansiosa por falar com você. — Apertei a sua mão.

Precisava garantir que ela voltasse, não apenas por mim, mas garantir a saúde mental de minha filha.

— Já falei que voltarei para ver Maria Eduarda. Só não sei o dia que estarei livre. Tenho muitas questões a serem resolvidas aqui em Vitória. — Se esquivou mais uma vez. — Claro que tão logo esteja liberada procurarei minha sobrinha. — E sem olhar para trás, entrou no hospital.

Fiquei parado no estacionamento com uma sensação de vazio. Não queria me afastar. Tinha medo de nunca mais vê-la.

Notei quando uma elegante senhora deixou um carro estacionado próximo ao meu e seguiu apressada para a recepção. Era Dandara, a tia das gêmeas. Estava curioso para saber o que estava, de fato, acontecendo lá dentro.

Não queria ir embora, pois sentia uma angústia no peito, como se não fosse vê-la novamente. Não podia fazer o que havia me pedido.

Depois de um bom tempo de cabeça baixa, apoiada no volante, ponderando, decidi entrar. Se Alana foi até lá para revelar a sua verdadeira identidade, eu precisava saber o estado de saúde de Adele. Que Deus me perdoasse, mas havia até me esquecido dela. Era meu dever tomar algumas providências no papel de marido da paciente internada.

Identifiquei-me na recepção e fui direto para tentar falar com o médico. Tão logo entrei no corredor que levava ao consultório, paralisei! A cena à frente, me tirou o prumo. Tive um *déjàvu*! Um homem alto, maduro, vestido num terno elegante, abraçava Alana. Em câmera lenta, assisti o momento em que ele inclinou e a beijou na boca.

Porra! Parecia que eu tinha voltado no tempo, há uns dez anos, quando resolvi correr atrás da minha felicidade e revelar para Alana a verdade de tudo, depois

daquela fatídica armação de Adele. Ela estava no início da carreira, mas já fazia sucesso, quando descobri que faria um desfile em São Paulo. Não titubeei, corri para Vitória e peguei o primeiro voo.

Cheguei à capital paulista com grandes expectativas, na certeza de que ao revelar os detalhes sórdidos da chantagem que sofri na época, ela me perdoaria e assim poderíamos reatar e viver nosso amor plenamente. Ou melhor, o meu amor, porque na verdade a viagem só me serviu para descobrir de maneira humilhante que Alana já havia virado a página. Eu já não existia mais para a minha garota.

Estava eufórico para encontrá-la. Sabia que a minha filha já não corria mais riscos e senti segurança, para então contar-lhe tudo. Fui ingênuo, achando que era só chegar, explicar os meus motivos e assim poderíamos recomeçar de onde paramos.

Assisti todo o desfile e fiquei extasiado com a sua beleza e desenvoltura na passarela. Sabia que aquela não era a profissão que ela sonhava para o seu futuro, entretanto não deixei de sentir orgulho. Alana era boa em tudo que se propunha a fazer.

No final, tentei entrar nos bastidores, mas fui impedido pelos seguranças. Ao “molhar a mão” de um deles, consegui a informação do local onde aconteceria a comemoração das modelos. Fui de táxi e ao chegar à casa noturna, mais uma vez precisei subornar um segurança para conseguir furar a fila gigantesca. Não consegui entrar na área vip, onde acontecia a festa da agência, porém não desisti de falar com ela.

Após mais de uma hora vigiando a saída da área, vi quando Alana desceu e foi para a pista de dança. Estava acompanhada por outras modelos e de um cara boa-pinta que vinha logo atrás dela. Enquanto dançavam, tive a chance de me aproximar, me exprimi entre a multidão, porém quando enfim a encontrei, foi um baque!

Alana estava num amasso violento, vulgar e repugnante com o tal cara. Não consegui sair do lugar mesmo sendo empurrado pelas pessoas. Só conseguia ver o duelo de línguas e as carícias atrevidas e explícitas do casal. Ela usava um vestido curtíssimo, que facilitava a invasão da mão boba do escroto, que a devorava. Fiquei perplexo e enojado com a cena.

Apesar de estar casado com Adele, jamais a toquei e nunca havia saído com outra mulher. Não existia outra para mim, não sentia tesão por ninguém. Só pensava em minha garota, o tempo todo!

Virei as costas para o show erótico que eles protagonizavam na pista e saí

correndo daquele lugar. Andei a esmo pelo resto da noite, parei em alguns bares, enchi a cara e no colo de uma desconhecida, chorei feito uma criança. No dia seguinte, acordei com uma puta ressaca, ao lado da mulher estranha que me acolheu e secou as minhas lágrimas.

Voltei para Campos Verdes, tentei recomeçar a minha vida sem o meu amor, pois era fato que ela já havia me esquecido.

A história se repetia. Eu presenciava novamente a cena em que sua boca era invadida pela língua do coroa e seu corpo era apalpado por enormes mãos, em pleno corredor de um hospital.

Dei as costas e fui embora. Não corri. Não chorei.

O nó na garganta me sufocava e a dor no peito era excruciante, no entanto, eu já não era mais um adolescente bobo. Entendi que eu continuava sendo uma página virada para Alana.

“Ainda pior que a convicção do não, é a incerteza do talvez, é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata, trazendo tudo que poderia ter sido e não foi...” (Sarah Westphal)

CAPÍTULO 22

ALANA

Uma viagem tensa, onde o tempo inteiro, senti a presença marcante do Quim. A cada breve conversa, uma nova discussão. Não havia como relaxar. Em momentos nos quais eu disfarçadamente olhava de esguelha, percebia a sua excitação.

Foi um alívio quando, enfim chegamos ao hospital. Prometi que voltaria a Campos Verdes, mas sabia que se isso acontecesse, nossa relação de cunhados estaria seriamente ameaçada. Procurava uma saída para não cometer outro erro e nada melhor do que me distanciar da tentação para clarear os pensamentos e ideias.

Saí apressada, sem olhar para trás, pois a sua presença, o tesão estampado em seus olhos e em outras partes do corpo, confundiam-me e desnorteavam. O desejo que ainda sentia por ele era como um vício que ficava latente no corpo e quando menos esperava, dava sinais de vida.

Entrei e me identifiquei como Adele. Fui direto para o consultório do doutor Juarez. Naquele trajeto recebi outra ligação de um desesperado Xandy. Pelo que me contou, brevemente, até Olivier já sabia que não era eu internada naquela UTI.

A consulta, ou melhor, a conversa foi difícil e extenuante. Doutor Juarez era um renomado e experiente neurologista, portanto não poderia dar qualquer desculpa para justificar e fazer com que ele acreditasse na farsa que criei. Então, em segundos, tirei da cartola um diploma das artes cênicas e me tornei uma atriz digna de um Oscar.

No início ele me encheu de perguntas e demonstrou certa desconfiança. Sentindo-me acuada, resolvi que precisava contra-atacar.

— Doutor, eu realmente estou desapontada com a falta de responsabilidade desse hospital. Como identificaram as pacientes sem averiguação adequada, confiando apenas no testemunho de um manobrista sobre quem dirigia o carro? Aceitaram muito facilmente a informação de um desconhecido. Não tiveram nem a preocupação de nos identificar por meios mais concretos, como obter mais informações com parentes e, principalmente, com exames. Se vocês

falassem com o Sr. Alexander, com certeza ele daria informações precisas sobre como nos diferenciar.

— Senhorita Alana, não foi bem assim. O Sr. Alexander confirmou ser a senhorita também.

— Não! Ele só confirmou quem era a motorista do carro, mas em momento algum foi solicitado a ele que conferisse as nossas identidades por outros aspectos físicos que somente ele ou o marido de Adele poderiam diferenciar. Eles apenas aceitaram a informação que vocês passaram. Confiaram no hospital!

— Quando a senhorita acordou, respondeu como Adele naturalmente e só se queixou de lapsos de memória bem depois, portanto...

— Doutor Juarez! Por favor! Eu havia acabado de acordar do trauma de um acidente. Estava assustada e desorientada. Também acatei o que me foi dito, porém as lembranças se misturavam em minha cabeça. Eu tive alguns lapsos de memória, mas não estava convicta de quem eu era. Como já contei, só após o desmaio, foi que lembrei de tudo.

— Tudo bem. Vamos fazer o seguinte: Irei encaminhá-la ao psicólogo, mas antes iremos fazer mais alguns exames.

— Eu não preciso de exames e muito menos de psicólogo para saber que sou Alana Shultz! Já falei para o senhor! Eu deveria processar esse hospital. Tudo que eu quero é a minha vida de volta!

— Por favor, é meu dever informá-la de que o procedimento não é tão simples assim. Precisaremos de provas de que a senhorita é mesmo Alana Shultz. Iremos realizar o exame das digitais e assim desfaremos o equívoco.

— Pois sim! Agora fará o serviço que deveria ter sido feito antes. Tudo bem. Também quero resolver o quanto antes esse “equívoco”.

— Certo. Mas insisto que a senhorita tenha uma conversa com o nosso psicólogo para...

— Não! Eu não quero e nem vou consultar com psicólogos, terapeutas ou psiquiatras! Isso está decidido!

Ficamos ainda alguns minutos naquele imbróglio. Por fim, aceitei fazer o maldito exame. Precisava me livrar daquela inquisição o quanto antes. Fui encaminhada ao laboratório, porém assim que saí do consultório, encontrei Olivier no corredor. Emocionado, ele me abraçou.

— Alana, que alívio! Graças a Deus você está a salvo, mon amour!

— Olá, Olivier. Que bom te ver.

Fui surpreendida quando me agarrou e beijou avidamente. Não tentei impedi-

lo, talvez para recompensá-lo. No fundo, senti culpa por tê-lo feito sofrer. Ao beijá-lo, não senti nenhuma emoção ou desejo. Pelo contrário, fiquei aliviada quando Xandy e minha tia chegaram para acabar com aquela cena romântica e melosa no corredor do hospital.

O reencontro com Dandara não foi tão caloroso. Abraçou-me forte e mesmo em lágrimas, demonstrou, com seu olhar magoado, a reprovação pelo que eu havia aprontado. Na certa, Xandy já devia ter contado tudo.

Seguimos os três para a UTI, para visitarmos Adele, porém na minha vez, recusei. Ainda estava engasgada com as atitudes cruéis dela para com sua própria filha. Preferia vê-la quando a raiva amenizasse. Optamos por sair pelos fundos, porque a notícia já havia vazado na mídia. Xandy marcou uma coletiva no hotel para mais tarde, porém os jornalistas queriam as respostas para “ontem”.

Olivier quis se hospedar na minha suíte, mas dei a desculpa de que estava exausta e precisava descansar antes da coletiva. Recusei até a companhia da tia. Necessitava de um banho relaxante e comer alguma coisa. Estava só com aquele delicioso café da manhã que o Quim gentilmente havia preparado.

Quim...

Eu não conseguia esquecer o seu olhar carinhoso quando me pediu para voltar. Temia por uma reaproximação, tinha medo de que meus sentimentos, enterrados há tanto tempo, ressuscitassem das profundezas. Era fato que o meu corpo ainda o desejava com sofreguidão, porém eu não queria ser comandada pelo desejo rebelde que ainda nutria. Era o meu coração blindado ainda pulsando em dúvidas, quanto a voltar para Campos Verdes.

Após a tão esperada coletiva, em que Xandy falou mais do que eu, retornei ao quarto, acompanhada por Olivier. Ele insistiu para que jantássemos todos juntos, apesar do meu visível desânimo. Aceitei em consideração, pois estavam ali para me apoiar, entretanto, os meus pensamentos estavam a quilômetros de Vitória.

Aproveitei que o trio conversava animadamente, peguei o celular e fui para a sacada da suíte. Não poderia deixar Duda sem notícias. Foi lamentável não ter tido a chance de abraçá-la bem forte como sempre sonhei. Liguei para a sua casa e ninguém atendeu. Depois de pensar muito, resolvi ligar para o celular do Quim, pois certamente estariam juntos. Quando a ligação completou e ouvi a voz do outro lado da linha, precisei me sentar para não cair, de susto. Não podia ser quem eu estava pensando. Olhei rápido o nome do contato para me certificar de que era mesmo o celular do Quim.

— Alô! — Puxei o ar com força e tentei me controlar.

— Alô?! Alô?! – ela insistiu.

— Oi — Limpei a garganta antes de prosseguir — Eu gostaria de falar com o Joaquim.

A infeliz deu uma risadinha irônica e revidou, pagando na mesma moeda a raiva que eu a fiz passar mais cedo.

— Ahhh! A cunhadinha ex- desmemoriada está querendo o quê?

— Olha aqui sua...

— Ah! Não responda querida, até porque, qualquer coisa que queira falar com o meu namorado, será impossível. Ele está descansando nos lençóis suados com o nosso sexo selv... — Sem estômago para ouvir o restante, deliguei na cara dela.

Então, depois de tudo, ele ainda estava lá, fazendo sexo com a tal da Paola?! Que ódio!

Tasquei a mão no vaso de flores que ornava a mesa de vidro da varanda, que literalmente voou, indo para o seu trágico fim, ao encontrar pela frente uma parede. Estava no lugar certo, na hora errada.

— Malditos! Filhos da puta! — Quando dei por mim, o trio de escudeiros estava me olhando, todos boquiabertos com o meu destempero.

— *Jésus Christi! Que s'est-il passé, mon amour?* — Olivier me abraçou.

— Não houve nada, Olivier! Estava somente extravasando toda a tensão dos últimos acontecimentos. — Olhei para minha tia e Xandy, que estavam com as sobancelhas arqueadas. Já era para estarem acostumados com os meus desabafos!

— O jantar foi muito agradável, mas estou exausta e gostaria de ficar sozinha. Amanhã tomaremos o café juntos, Olivier.

Após muitos resmungos, foram embora. Enfim, ficaria sozinha com o meu desapontamento, com a minha raiva e sei lá mais o que. Que dia louco!

Doce engano! Ao sair da sacada, deparei-me com a tia Dandara sentada, com as penas cruzadas e saboreando o seu espumante predileto.

— Tia, por favor...

— Cale a boca, Alana! Sente-se, porque quem vai falar agora sou eu e você vai ouvir quietinha, sem quebrar nada! — Ofegou.

CAPÍTULO 23

QUIM

Fui embora daquele hospital e acabei esquecendo de visitar Adele. Não estava com cabeça para mais nada! Na volta para casa, optei por passar pela Rodovia do Sol e meio desiludido, após passar pela cidade de Anchieta, parei em Iriri, uma das tantas praias que havia curtido com Alana. Estacionei o carro próximo a um quiosque e me sentei para beber uma água de coco. Enquanto admirava o mar calmo, os poucos banhistas que ali estavam, mais uma vez, as lembranças tomaram conta de mim. E o dia escolhido foi aquele que mudou totalmente as nossas vidas.

Naquela tarde, eu e os meus pais jantaríamos na casa de Adele para combinarmos a festa do aniversário das gêmeas, a aprovação de Alana na UFES e o nosso noivado. Estava ouvindo música no meu quarto quando recebi a ligação de Adele implorando para falarmos pessoalmente. Após muita insistência resolvi ceder, mais por curiosidade do que por consideração, mas dessa vez não lhe daria a chance de me enredar em mais uma de suas tramoias. Aceitei ouvi-la com a condição de que fosse em sua casa, pois assim não ficaria sozinho com a louca. Eu sabia que Alana passaria a tarde na casa de Ivana, mas a dona Vallentina estaria presente, preparando o jantar.

Assim que cheguei, a gêmea do mal me levou para o quintal, para um barracão onde o seu Giovanni guardava suas ferramentas e outras tralhas. Ao perceber sua intenção, logo dei para trás.

— Epa! Já avisei que não converso contigo sem a presença de outra pessoa. Pode falar aqui mesmo!

— Por favor, Quim! É muito importante e sigiloso. Não pretendo armar nada novamente, pelo contrário, preciso da sua ajuda!

— Porra! Não adianta, garota! Não caio mais na sua!

— Eu estou grávida! — Levei um baque, principalmente quando olhei para os seus olhos e vi a verdade estampada neles.

O medo de ouvir a continuação da revelação deixou-me paralisado por alguns instantes. Perdi o ar, perdi a voz. Puxando-me pela mão, entramos no barracão e ela encostou a porta. Suspirou, passou a mão pelo rosto em

lágrimas.

— Quim...E-eu estou grávida de um filho seu. — Meu coração levou uma porrada e por alguns instantes acreditei na víbora, mas logo recobrei a lucidez.

— Sua maluca! — Possesso, eu parti para o ataque. — Você pensa que vou cair nessa armadilha ridícula? Esse golpe é mais antigo do que...

— É verdade! É verdade, porra! Não é uma armadilha! E-Eu nunca transei sem preservativo com ninguém. Aquela foi a primeira vez. Eu quase desisti de levar adiante a nossa transa, quando percebi que você não tinha colocado a camisinha. Errei em não parar a tempo. — Seu choro estava convulsivo e já atropelava as palavras.

— Você tá louca se pensa que eu vou cair no golpe da barriga e deixar Alana pra ficar contigo! — Minha fúria era o que ainda me deixava de pé.

— Eu não quero ter esse filho, seu idiota! Não estou dando o golpe da barriga, merda! Eu preciso de dinheiro, porque vou abortar!

— O quê?! — gritei. — Adele, você é desequilibrada?

— É isso mesmo! Não tenho nem dezoito anos, sou muito jovem para cuidar de uma criança. Não quero ter esse filho. Já marquei o aborto em uma clínica em Cachoeiro e preciso do dinheiro. Só por isso estou te contando. — Voltou a soluçar.

— Você é ainda mais louca do que pensei. Acha que eu vou compactuar com um crime e pior, tendo chances dessa criança ser minha? Nem fodendo que deixo fazer uma merda dessa! — Já havíamos deixado de sussurrar e com a voz alterada discutíamos, quando para ferrar de vez com a minha vida, o seu Giovanni entrou enfurecido.

— Seu canalha! — Quando virei para encará-lo, só vi o seu soco vindo como um trovão em direção ao meu rosto e caí por cima de alguns pneus. Não satisfeito, ele me pegou pelo colarinho.

— Eu vou te matar, seu bosta! — vociferou.

Dona Vallentina entrou e tentou afastar a fera, mas ele só parou com os gritos de Adele. — Eu armei tudo, pai! Ele não teve culpa! — Foi nesse momento de distração que a minha sogra conseguiu afastar o marido e ficou entre nós.

— Pelo amor de Deus, gente! O que está acontecendo?

— Esse crápula engravidou a nossa filha! Ela não é nem a namorada dele, caralho!

Passaram-se anos e nunca esqueci o olhar magoado e decepcionado da minha sogra.

Depois que Adele contou brevemente os detalhes da armação, percebi que o meu sogro ficou muito quieto. O que ainda denunciava o seu estado de nervos era a sua respiração semelhante à de um touro desafiado na arena.

— Saíam já daqui! As duas! Eu preciso ter um particular com esse moleque! — Humilhado e desmoralizado, eu mal sabia que o pior ainda estava por vir.

— Gio, por favor, não faça nada com o garoto. Vamos conversar com calma.

— Pode deixar, Vall. Não vou matar o infeliz, ainda! Vai depender da resposta desse moleque aqui! — O seu ódio escorria por sua boca e saltava dos seus olhos.

As duas saíram. Pensei em sentar-me num pneu, pois as minhas pernas estavam trêmulas, não de medo dele, mas sim de pavor, só de imaginar quando Alana soubesse daquela merda toda.

— Seu Giovanni, como o senhor já sabe, fui pego em uma armadilha e o meu erro foi não ter contado logo o que aconteceu. Não tem como voltar atrás, mas desde já, eu me comprometo a assumir a paternidade. Eu vou explicar tudo a Alana. No-Nós iremos nos cas...

— Cala a sua boca, seu merdinha!

O seu grito ainda ecoava em muitos dos meus pesadelos.

— Você acha que pode engravidar uma filha e casar com a outra, deixando uma delas como mãe solteira? Você é um jumento se pensa que eu vou permitir que ainda se case com Alana!

— Seu Giovanni, eu vou assumir o filho de Adele, mas eu amo Alana e ela também me ama. Eu tenho certeza que depois de explicar tudo pra ela...

— Não!! Você nunca mais chegará perto dela, seu merda! Você vai casar é com Adele, porque eu nunca aceitarei uma filha como mãe solteira!

— Nãooo! Não posso me casar com Adele. — Ele grudou novamente na minha camiseta, cuspiendo na minha cara, enquanto ordenava.

— Escute bem o que eu vou falar, ou melhor, vou determinar. Se você não se casar com Adele, amanhã mesmo eu pego a minha mulher e as minhas duas filhas e vou embora dessa cidade. Deixo o seu filho em qualquer orfanato desse mundo e ainda acabo com os sonhos de Alana de um dia ir para a faculdade. E não pense você, que eu estou blefando.

— O senhor tá louco! Não pode fazer uma coisa dessas com a gente! — Ele me soltou.

— Posso e farei! Você vai decidir aqui e agora o futuro do seu filho e das minhas filhas. Pode escolher, seu bosta! O que não farei, será ficar aqui na

cidade e andar pelas ruas sendo apontado pelas pessoas: “coitado, olha lá o seu Giovanni, tem um genro bígamo”, coisas desse tipo e ainda virar motivo de chacota. E tem mais, você não vai falar nada disso pra Alana. Tá pensando o quê, moleque? Tenho honra e não vou jogá-la fora. Pode escolher! Ou Adele e o filho da vergonha que estão causando, ou nenhuma!

Foi a partir daquele dia que mesmo depois de anos, não consegui olhar mais para o meu sogro sem lembrar da sua dura sentença. O odiei com todas as minhas forças até o fim da sua vida. Eu sempre fui um cara do bem, bom filho, bom amigo, estudioso, íntegro, mas infelizmente não consegui perdoá-lo nem no momento de sepultá-lo. Ele me afastou do meu único amor. Eu não poderia estragar o futuro dela e muito menos, perder minha filha, que não tinha culpa de nada.

Atordado com as más recordações, levantei-me, paguei a água de coco e segui viagem para Campos Verdes. Tinha que trabalhar, ver a minha menina e ir à faculdade. O passado estava mesmo morto, vida que seguia.



Aproveitei a viagem, visitei duas obras em Marataízes. Cheguei à empresa e encontrei Jorginho em sua sala, aos beijos com Francisca. Dei umas batidinhas na porta e interrompi o namoro.

— Opa! Desculpe. Preciso conversar sobre uns problemas que surgiram na obra da escola de Marataízes. — Ela fez uma careta e saiu resmungando.

— Quim, você virou um “empata” mesmo! Arrume uma namorada pra dar uns amassos.

Assim que ficamos a sós, desabei na cadeira e mais uma vez, desabafei com o meu amigo. Ele se levantou, abriu o armário que ficava atrás de sua mesa e pegou uma garrafa de uísque. Serviu dois copos e me entregou um. Sentou-se na mesa, saboreou lentamente o seu drinque. O meu ficou intacto, pois ainda teria de pegar a estrada para Cachoeiro. Eu já tinha faltado à muitas aulas e ainda precisava dar um fim digno ao meu relacionamento com a Paola. Seu silêncio já me enervava.

— Quim, você é um covarde! — disse com rispidez, bebeu o que restava no copo e o bateu na mesa de madeira, causando um efeito sonoro como se fosse o martelo de um juiz, dando sua maldita sentença.

— Não entendi, cara! Covarde por quê? Por que cansei de levar porrada da vida e agora pretendo, enfim, esquecer Alana de vez?

— Um covarde, sim! Desde o momento em que não contou pra ela o que

Adele havia armado. Desde que aceitou a chantagem do seu sogro e não revelou nada pra ela também.

— Eu não podia contar, cara! — gritei.

— Cale a boca, porque ainda não terminei! Se acovardou depois que decidi correr atrás de Alana, em São Paulo, e desistiu assim que a viu com outro homem e saiu correndo feito um bebê chorão. Resolveu fazer o mesmo agora! A verdade é que você nunca lutou de verdade por ela. Teu sogro tinha razão. Você é um merda.

Fiquei chocado com as duras palavras. Nunca pensei que o Jorginho tivesse aquela opinião a meu respeito. Não consegui argumentar.

— Meu amigo, quando a vida coloca empecilhos em seu caminho, você recua sem batalhar, sem lutar pelo que realmente deseja — ele falava com mais calma. — Aceita passivamente. É chegada a hora de crescer, amadurecer e virar homem de verdade, porra!

Peguei o meu copo e virei tudo num gole só. Continuava sem palavras e ele disposto a se fazer entender.

— Cara, a vida está te dando uma nova chance para reconquistar a mulher da sua vida, então lute com todas as suas forças, com todas as armas e traga a sua Galega de volta!

Ele encheu os nossos copos novamente e me encarava. Estava aturdido e envergonhado com seu puxão de orelha e só queria sair dali.

— Obrigado, meu amigo. Vou pensar em tudo que falou. — Jorginho me olhou desolado. Saí de lá com os pensamentos agitados e pisando firme, nem mesmo me despedi de Francisca.

Na estrada para Cachoeiro, tentava me acalmar e só então, as certezas fluíram como se um véu tivesse sido descortinado de meus olhos e eu pudesse ver tudo com um novo brilho e novas cores. Talvez pela primeira vez, estivesse sentindo uma baita garra para travar a batalha final e ganhar a porra da guerra toda!

CAPÍTULO 24 QUIM

Passei rapidamente na casa de Ivana para dar um beijo na Duda. Cheguei à faculdade com a primeira aula iniciada. Sem tempo para conversar, deixei para informar ao casal sobre as últimas notícias das gêmeas, na volta de Cachoeiro. Os meus pensamentos estavam a mil por hora. A conversa com Jorginho deixou-me nervoso e um tanto eufórico.

A parte mais extenuante do dia ainda estava por vir. Não adiaría mais, pois era chegada a hora de romper meu relacionamento, até porque, após a cena constrangedora com Alana, não tinha como não dar um fim, mas que pelo menos, fosse digno.

A Paola era uma amiga e grande parceira, antes mesmo de nos tornarmos mais íntimos. Trabalhamos juntos em várias obras e foi com ela que, pela primeira vez, desabafei com uma mulher, sobre o meu passado. Porém, omiti que os meus pensamentos ainda perambulavam pelas lembranças do que fora o melhor ano da minha vida, em que fui amado e amei profundamente.

Marcamos de nos encontrarmos logo que eu saísse do curso. Apesar de eu preferir que conversássemos num bar ou restaurante discreto, ela insistiu que ficássemos em sua casa. Paola me amava e eu não queria fazê-la sofrer, pois bem sabia como era difícil desejar e amar alguém e não ser correspondido, só que logo percebi que seria uma tarefa difícil. Ao chegar deparei-me com a mesa posta para um jantar à luz de velas. Ela tomava um vinho e estava “vestida para matar”, com roupa sensual que valorizava seu corpo.

Recusei a refeição e a bebida, constrangido com o seu plano de sedução. Concluí que a cena ridícula ocorrida mais cedo não a intimidou e nem a faria desistir. Sentei-me na poltrona de frente para ela, para manter certa distância.

— Paola, eu sinto muito por hoje.

— Não, meu amor! Eu que peço desculpas. Não deveria ter aparecido na sua casa. Eu estava preocupada com o seu sumiço e o coração de uma mulher apaixonada sente quando o seu amor está...

— Paola! Por favor! Eu sinto muito por não corresponder o amor que diz sentir por mim. Nunca escondi que o meu coração ainda estava anestesiado por

tudo que houve no meu passado e...

— Ela voltou! Eu já sei, Quim! Eu vi a entrevista da sua cunhada na TV. Não se fala noutra coisa. Era ela hoje na sua casa! — Abaixou a cabeça e fingiu enxugar uma falsa lágrima.

— Não sei de que entrevista está falando, eu não assisti, mas era sim. Ela recobrou a memória, após um desmaio.

— Não quero saber os detalhes, até porque isso já foi explicado durante a coletiva — interrompeu-me novamente. — O que você acha, amor? — frisou a última palavra de forma irônica. — Que essa mulher rica, famosa e poderosa vai te querer de volta, só porque deu uma pancadinha na cabeça e se esfregou em você, como uma cadela no cio? — Seu olhar era magoado e raivoso. Parecia estar tentando se controlar para não explodir, porém, com o fel que saía de sua boca, não estava dando certo.

— Não quero discutir isso com você. Antes de tudo acontecer, eu já não me sentia confortável sabendo que não te amo como merece. Lamento. — confessei, aliviado e ela levantou-se num rompante e começou a vomitar sua ira.

— Você é um tolo! — esbravejou. — Um ingênuo de merda e está muito iludido se pensa que conquistará Alana Shultz novamente. Pra ela, você não passa de um ex-namoradinho e, além de tudo, é o marido da irmã dela! Como pôde me usar dessa forma? Responda, Quim! — Muito chateado, levantei com rapidez ao perceber que não conseguiria manter uma conversa civilizada e por pensar que de certo modo, ela tinha razão.

— Eu pensei que pudéssemos conversar numa boa. Desculpe, mas eu desejo muito que encontre um homem que possa te dar o amor que você procura. Infelizmente, não sou eu! — Mais uma vez fui interrompido, porém, era o som do meu celular.

— Preciso atender. É a minha menina. — Tomei uma certa distância e atendi.

— *Pai! Pai!* — falou aflita.

— Oi, Duda. O que houve? — indaguei, assustado com o seu tom de voz.

— *Pai, eu vi a entrevista da minha tia. Por favor, me leve até ela. Eu quero falar com a tia Alana!*

— Filha, a sua... — Interrompi a conversa, no momento em que percebi que a Paola estava atenta ao meu diálogo. Fui para o banheiro e tranquei a porta.

— Se acalme, linda. — Reiniciei num tom mais baixo. — Sua tia prometeu voltar para ficar um pouco com a gente, quer dizer, com você.

— *Mas, e se ela não voltar? Me leve lá, pai, por favor!* — Sua voz era um

lamento triste. Doeu-me o coração ao perceber a sua carência. Mesmo que eu tenha sido um pai sempre presente em todos os momentos de sua vida, era nítido que ela sentia falta de uma mãe.

— Ela prometeu! Quando ela promete, cumpre. Confie em mim.

— *Tá bem. Posso ligar pra ela?*

— Estou saindo de Cachoeiro. Está muito tarde, então durma e amanhã ligaremos, tudo bem? — Ela deu um longo suspiro.

— *Promete, pai?*

— Prometo, meu amor. Eu prometo. Beijo.

Deus! Duvidei se havia agido certo ao falar para a Duda sobre a promessa de Alana, porém, a que eu conheci, jamais deixaria de cumprir sua palavra, no entanto, a nova era uma incógnita. Não gostaria que minha filha sofresse também com a rejeição da tia.

Eu sentia dores na cabeça e na nuca. Aqueles últimos dias haviam sido desgastantes e o meu corpo pedia um descanso. Aproveitei que estava no banheiro e passei uma água fria no rosto e no pescoço. Antes de seguir viagem passaria em uma farmácia e tomaria um analgésico. Naquele estado não conseguiria nem dirigir. Na saída encontrei Paola no corredor. Seu olhar parecia soltar faíscas.

— Quer dizer, que até a sua filhinha caiu de amores pela titia famosa?

— Se eu procurei outro lugar pra conversar com a Duda era justamente porque queria privacidade. Pensei que fosse mais educada.

— Você acha que eu vou me preocupar em ser educada enquanto vejo o meu homem me largar para correr atrás de uma vadia? Você é um idiota! — Agarrou a minha camisa e tentou me puxar para o seu corpo. — Seu descontrole era constrangedor. — Joaquim, você não significa nada para essa mulher! Alana vai foder com a sua vida novamente! Ela só quer se vingar de você! — Com muito custo consegui me desvencilhar de suas garras.

— Chega, Paola! Assim não dá pra conversarmos. Eu vou embora. Estou cansado. Boa noite!

— Seu canalha! Ordinário! — Abri a porta e desci a escada, enquanto ouvia os seus xingamentos. Seus gritos me acompanharam até eu fechar a porta atrás de mim.

Somente em Campos Verdes, percebi que não estava com o meu celular. Inferno! Havia esquecido no banheiro da casa de Paola! Preferia comprar outro a ter que ir lá para recuperar o aparelho.

Após um banho e um lanche rápido, não resisti e subi ao quarto de Alana. Sua camisola estava sobre a cama. Peguei a roupa e ao tocar a delicada peça, imaginei a sua pele de seda perfumada. Em desejo ardente, cheirei a camisola.

Porra, Galega. Quero você. Sempre quis.

Fui para o meu quarto, deitei abraçado à camisola e liguei a TV. Estava passando um antigo vídeo da banda Scorpions com a música Still Loving you, “Ainda Te Amo”.

Sua letra dizia tudo o que o meu coração sentia e o que eu gostaria de falar para a minha loira. O coro da plateia parecia cantar junto comigo, em um só coração:

“Tempo, é preciso de tempo

Para reconquistar seu amor

Eu estarei lá, estarei lá

O amor, apenas o amor

Poderá trazer seu amor de volta algum dia

Eu estarei lá, estarei lá

Lutarei, garota, lutarei

Para reconquistar seu amor”

Adormeci. Sonhei com ela.

Acordei assustado ao perceber que havia perdido a hora. Estava sem o despertador do celular. A Duda devia estar agoniada com a minha demora. Quando ela dormia na casa de Ivana, eu sempre procurava chegar mais cedo para estar lá, quando ela abrisse os lindos olhos azuis. Tomei um banho rápido e me vesti correndo. Já no quintal, antes de chegar à cozinha, senti um cheiro gostoso de café fresco, imaginei logo ser a Regiane. Ao abrir a porta da cozinha, os meus olhos demoraram a acreditar na cena que se desenrolava à minha frente. As batidas do meu coração eram tão fortes que pareciam sacudir o meu peito, o meu corpo inteiro.

— Bom dia, Joaquim! A Maria Eduarda não dormiu em casa? — Sorriu.

Alana estava em pé na pia, mais linda do que nunca, passando um café, tranquilamente.

CAPÍTULO 25
ALANA

Loucura.

Lou-cu-ra.

Loucura para conseguir driblar a todos e voltar a Campos Verdes. Primeiro, precisei enfrentar o sermão interminável da tia Dandara. Pior era saber que ela tinha razão e mesmo assim, não sentir arrependimento. Suas duras palavras fizeram-me reviver muitas mágoas do passado.

— *Alana! Você foi totalmente insensata! Inventar essa mentira ridícula, colocando em risco seu nome e a sua reputação que construiu com tanto trabalho e dedicação! Já imaginou se a imprensa descobrisse esse plano patético? O que mais me assusta é o motivo torpe.*

Argumentei, no entanto, nada a fazia concordar ou se calar.

— *Se tinha desconfianças quanto à conduta da Adele, não era necessário usar dos mesmos subterfúgios dela, enganando a todos pra conseguir o que queria. Considerando que você tinha outros meios pra investigar a sua irmã, só me leva a pensar que isso foi tão somente pelo Joaquim!*

Neguei e mais uma vez ela metralhou os meus ouvidos, e por fim, o meu coração.

— *Será que já esqueceu tudo que passou por causa do que esse rapaz fez? Você esqueceu de como ficou doente de amor e perdeu os períodos na faculdade naquele maldito ano? Porque eu não esqueci, Alana! Não me esqueci das vezes que precisei te alimentar, levar para o banho, porque você não tinha forças nem para se levantar!*

Por uma hora ininterrupta tive de ouvir aquele discurso, que desencavou o meu passado e cutucou minhas feridas. Mesmo após tantos anos, descobri que ainda não estavam cicatrizadas. Descobri que não tinha superado a ruptura drástica do meu relacionamento com o único homem que amei na vida. O buraco no peito ainda estava aberto. A dor era latente, camuflada, mas presente o tempo todo. Mas algo, naquela conversa, acabou por me enlouquecer ainda mais.

— *Tudo bem! O que o Giovanni fez foi muito duro com vocês, concordo, mas*

foi tudo pra proteger as filhas do julgamento e da execração que certamente sofreriam naquela cidade.

— E o que o meu pai fez, tia? O que a senhora sabe e nunca me contou?

— Somente protegeu a família! Se quiser saber de algo mais, pergunte ao próprio Joaquim. Não foi para ficar perto do marido da sua irmã que você armou tudo? Então, agora estou te dando um motivo plausível para correr atrás do seu cunhado.

— Tia Dandara, o que meu pai fez? Você precisa me contar, agora!

— Não sou eu quem deve te esclarecer. Termine o que veio fazer. Resolva logo a sua vida e o seu passado ou nunca terá sossego na vida. — Encerrou e se dirigiu para a saída. — Durma bem, Alana! — Saiu, bateu a porta e me deixou boquiaberta, sem saber o que pensar.

E foram as suas últimas palavras que me fizeram romper em definitivo com Olivier, ainda na madrugada. Eu precisava estar livre para voltar a Campos Verdes e exorcizar o meu passado de vez. Tivemos uma conversa difícil, mas senti-me aliviada. Não amava Olivier e, na verdade, nem ele me amava. Éramos muito amigos e parceiros de negócios e juntamos o útil ao agradável. Para mim, não existia mais o agradável.

Pensei que o mais complicado seria convencer o Xandy, entretanto ele me deu a força que eu tanto precisava.

— Angel, se for pra dar um fim à essa tormenta que te acompanha há anos, volte lá e descubra o que ainda sente por Joaquim. Se ainda o ama ou se ele é apenas um passado mal resolvido. E depois de tudo, retorne inteira pra gente, porque até hoje você viveu no escuro, viveu pela metade.

Aluguei um carro com motorista e saí ao amanhecer. Cheguei a uma Campos Verdes ainda escura e silenciosa. Se a imprensa descobrisse que Alana Shultz estava em sua cidade natal, seria um rebuliço. O sobrado estava fechado. Deduzi que Quim estava em casa assim que vi o seu carro na garagem. Meu coração disparou ao imaginar que em breve estaria frente a frente com ele novamente. Dispensei o motorista e antes que pudesse procurar por uma chave reserva sob algum vaso na varanda, avistei a Regiane que me observava da janela. Lembrei-me do nosso último e desastroso encontro e por um momento pensei em ignorá-la. Como não estava mais na pele de Adele, decidi ser mais educada.

— Bom dia, dona Regiane. Eu...

— Bom dia dona, Alana. Joaquim deve estar dormindo. Vi quando ele chegou ontem, e era bem tarde. — Pelo visto, a vizinha antenada, não facilitaria a minha vida.

— Então é melhor deixá-lo dormir mais um pouco. Será que a senhora poderia me emprestar a chave? Dispensei o motorista e não gostaria de andar até à casa da Ivana. — Ela pensou por uns segundos e saiu da janela. Demorou tanto que cheguei a pensar que iria me ignorar. Entregou-me a chave e um pratinho com uma generosa fatia de bolo.

— Querida, o Joaquim gosta do café bem forte e ele adora esse meu bolo de laranja. Bom dia. — Sorriu ironicamente e saiu com uma expressão no rosto de quem acabara de marcar um gol.

Entrei e segui direto para o quarto de Maria Eduarda, mas o encontrei vazio. Se o Quim havia chegado tarde, na certa tinha dormido na casa de Perê.

Olhei pela janela da cozinha e os aposentos do Quim estavam com as persianas fechadas. Resolvi fazer o tal café forte. Quando estava coando, senti a sua presença. Virei-me e lá estava o homem mais lindo que já vi na vida. Com os cabelos úmidos, cheirando a banho. Vestia uma calça jeans surrada e uma camisa azul.

Que delícia de homem! Talvez tivesse sido mais prudente ter ido para a casa da Ivana. Nunca fui covarde, no entanto, tinha medo. Muito medo em descobrir que ainda sentia por Quim algo além de desejo sexual. Medo de entregar o meu coração e ser preterida novamente. Medo de me deixar levar pela tristeza profunda como aconteceu no passado. Só havia a certeza de que ele ainda mexia muito com o meu corpo. Já sentia o calor que se alastrava e pulsava loucamente entre as minhas coxas. Falei qualquer coisa que veio na cabeça para tentar desanuviar os meus pensamentos libidinosos.

— Bom dia, Joaquim! A Maria Eduarda não dormiu em casa?

CAPÍTULO 26 QUIM

Demorei a reagir. Ainda estava muito surpreso com aquela presença. *Era mesmo a minha loira!* Minha vontade era gargalhar, mas sorri, apenas.

— Bom dia, Alana. A Duda dormiu na Ivana. Como entrou?

— A sua vizinha prestativa me deu a chave. Mandou esse bolo também.

Ela colocou o café na mesa e eu peguei as xícaras com as mãos trêmulas. Estava muito nervoso e precisei de muito autocontrole para que ela não percebesse o meu estado de euforia. Sentamos e ela me serviu. Bebemos o primeiro gole, sem desgrudarmos os olhos um do outro. Uma cena inimaginável até uns dias atrás: eu e Alana sentados, tranquilamente, saboreando um café.

Um café horroroso! Controlei-me para não cuspir a bebida amarga. Detestava quando era muito forte, mas vindo da minha Galega, tomaria até chá de boldo pela manhã. Ela dividiu a fatia de bolo, mas não comemos. Olhávamos um para o outro, como se o tempo tivesse parado ou como se nunca tivesse passado. Algo estava diferente em Alana. Não era a mesma que eu havia me despedido um dia antes. Apesar de sempre decifrar os seus olhares, não conseguia interpretá-los com o meu emocional abalado.

— A dona Regiane disse que você chegou tarde ontem. Foi à faculdade?

— É... Sim... Eu...

— Você sempre deixa a Maria Eduarda dormir na casa de Ivana para sair com a sua amante? — Levantou abruptamente, arrastando a cadeira e colocou a xícara na pia de maneira brusca.

Que porra de radar é esse das mulheres? Como ela sabia que eu estava com a Paola?

— Quando eu preciso esticar a noite, a Ivana fica com a Maria Eduarda. Ontem eu não fui a um encontro romântico. Fui conversar com a Paola. Depois do que você fez, ela merecia, pelo menos, uma explicação.

— Nossa! Espero não ter atrapalhado demais o seu caso com a vadia perfeita!
— Seu sarcasmo era nítido.

— Ela não é vadia e nem meu caso! Você sabe que eu e sua irmã não temos

uma relação de marido e mulher, há anos. Aliás, nunca tivemos. Só vivemos sob o mesmo teto porque...

— Não precisa repetir, Joaquim. Eu já sei da história. Vocês ainda não estão separados, portanto, a Paola é a sua amante!

— Tudo bem. Se você prefere denominar o que tive com ela dessa maneira...
— Ela virou repentinamente e olhou-me desconfiada.

— Teve? Não tem mais? Então, ontem você estava se despedindo dos lençóis dela? — Levantei da mesa e me aproximei. Antes que escapasse, posicionei um braço em cada lado dela e apoiei as mãos na pia, na qual ela estava encostada. Eu sentia a sua respiração morna, seu perfume doce e inebriante.

— Galega, não tive nada com a Paola ontem. Você está com ciúmes? — Ela gargalhou nervosa.

— Ciúmes? De você? Não seja ridículo, Quim! E já pedi para não me chamar de Galega! — Tentou escapar dos meus braços, mas isso só fez juntar mais os nossos corpos. Sabia que não deveria ir com muita sede para não a assustar, porém, era impossível estar perto e não desejá-la. Como não me sentiria excitado? Como fingir que não senti o tremor de seu corpo quando apertei a minha ereção contra a sua barriga?

— Eu não tive nada com a Paola, porque terminamos e mesmo se quisesse, não conseguiria mais. — Cheirei os seus cabelos e falei em seu ouvido, deixando um rastro de arrepio por toda sua pele.

— Meus pensamentos estão todos em uma única mulher... — Beije o seu pescoço. Ela ofegou e tocou nos meus braços levemente.

— Por favor, Quim. E-Eu não voltei para isso acontecer. E-Eu voltei para ver a Maria...

Não a deixei terminar a frase. Tomei aquela boca deliciosa para mim em um beijo insano e voraz. Ouvi o seu gemido, mas ele não foi maior do que o som gutural que saiu da minha garganta. Som quase selvagem, de prazer, saudade e muito amor guardado por todo aquele infundável tempo.

Mordi.

Devorei.

Chuí os seus lábios e fui correspondido.

Caralho! Eu queria essa mulher de volta, nua nos meus braços, na minha cama e na minha vida! Eu necessitava tomá-la e que se fodesse sobre ter que ir devagar! Que se danasse, porque eu tinha pressa. Uma pressa de anos e anos em que gozei pensando somente nela. Tinha urgência em dar vazão ao meu tesão e a

todos os sentimentos trancafiados no meu peito.

Fui pego de surpresa quando ela conseguiu se desvencilhar do meu abraço e correu para a escada. Fui atrás, porque tinha certeza de que ela também me desejava. Consegui alcançá-la ainda na escada.

— Ai! Você está louco?! Me solta, Joaquim! — Suas bochechas e seus lábios estavam rubros. Ela pedia, mas seu olhar não sustentava o meu.

— Não! Eu preciso fazer algo! Se depois disso, você não me quiser, eu a deixarei ir. Prometo! — disse arfante.

Alana não concordou e nem me rechaçou. Sua respiração estava descontrolada, logo a empurrei para que se sentasse no degrau e ela fechou as pálpebras e ofegou. Ergui o seu vestido lentamente, até revelar uma calcinha branca de renda. Deslizei a peça delicada por suas longas pernas, sob seus olhos semicerrados. Salivei ao olhar para o sexo liso, úmido e pulsante. Meus dedos afoitos tocaram com leveza a fenda quente e o prazer varreu o meu corpo, deixando-me mais rígido, como nunca. Eu necessitava sentir aquele doce sabor novamente! Afastei as suas coxas, e bem devagar passei a língua em suas dobras. Lambi bem devagar a carne macia e molhada. Fechei os olhos, inebriado com seu cheiro. Ouvi os suspiros e gemidos quando chupei o seu ponto pulsante.

— Ahhhh! Quim... — Ela se contorceu e puxou os meus cabelos. Segurei firme suas coxas e minha língua a penetrou. Mordi, sorvi e chupei com vontade. Quando percebia que ela estava prestes a gozar, eu diminuía o ritmo e a lambia, vagarosamente.

— Caribe... Não me torture mais... Ahhhhhh

Eu ainda a torturei. Queria que o tempo parasse ali. Saboreei mais um pouco de tudo que ela me oferecia e seus gemidos aumentaram quando recomecei a chupá-la com mais intensidade. Meus dedos deslizaram para seu interior e senti o seu prazer se aproximando pelos espasmos do corpo perfeito, que se contorceu. Seus gritos ecoaram pela casa. Deliciei-me com o seu descontrole. Gemi rouco e louco quando senti o seu corpo descontrolado estremecer por inteiro e o gozo explodir em minha boca. Enquanto seu êxtase diminuía, continuei chupando-a e sorvi até sua última gota.

Ansiava entrar naquela mulher, mas não faria na escada. Peguei-a no colo e a levei para o quarto. Alana ainda estava anestesiada pelo orgasmo. Tirei o seu vestido, meus olhos nem acreditavam no que viam. Seus seios eram mais lindos do que lembrava, pois eram de uma linda mulher e não mais de uma adolescente. Seu corpo era torneado, de formas e curvas deliciosas, de uma mulher adulta e exuberante!

Despi-me rapidamente e assim que ela percebeu minha nudez, sentou-se na cama. Comecei a me tocar sob o seu olhar guloso, mas ao mesmo tempo, indeciso. Precisei respirar fundo, fechei os olhos sem deixar de me tocar.

— Alana! Você me quer? — sussurrei com dificuldade. — Diz que me quer, caralho! Eu estou louco pra fazer am... Pra te foder!

Era difícil procurar as palavras, naquela hora, mas ainda não era o momento de falar de amor com Alana. Em resposta, ela me surpreendeu ao se ajoelhar e virar de costas em uma posição que revelava a sua bunda arrebitada e o seu sexo ainda úmido pelo gozo, ali, totalmente exposto para mim.

Agarrei forte em seus quadris, enlouquecido, puxei-a para a beirada da cama e como um animal faminto, urrei ao penetrá-la. Antes de alcançar o clímax, percebi que não bastava somente a penetração e gozar, necessitava olhar em seus olhos e beijá-la enquanto a amava. Não precisava falar de amor, mas ela saberia de todos os meus sentimentos. Não havia como negar. Estava explícito em meus olhos, em cada poro de meu corpo. Eu a posicionei de frente para mim e a cobri com o meu corpo. Alana, fechou os olhos.

— Porra! Olhe pra mim, Galega! — Ofeguei e ela obedeceu, fazendo com que me perdesse no azul dos seus olhos lacrimejantes. Eu ainda conseguia decifrar aquele olhar e descobri que ela também sentia o mesmo turbilhão de sentimentos.

—Caribe... Caribe...

Devorei a sua boca como um faminto e recomecei a estocar com força. Dalí em diante, enlouqueci! Não sei nem se fui grosseiro ou muito violento. Fiquei ensandecido e totalmente descontrolado com o prazer. Um desejo desesperado, com a satisfação plena ao sentir que enfim, estava novamente, dentro da mulher que sempre amei, que sempre desejei. Sentia que tinha vivido todo esse tempo somente à espera daquele momento sublime. Alcancei o ápice total, a felicidade extrema!

Amor. Fiz um louco e delicioso amor com a minha loira!

CAPÍTULO 27

QUIM

Linda.

E nua.

Alana dormia serenamente. Eu queria poder admirar o seu lindo rosto e o corpo delicioso pelo resto da manhã, porém, a Duda me aguardava. Tomei um banho e me vesti apressado. Colhi uma rosa amarela do pequeno jardim, subi e a deixei no criado-mudo, com um bilhete.

Alana,

Fui buscar a Duda. Não saia daqui.

Volto logo.

Beijo,

Quim.

Tive vontade de escrever beijo do seu Caribe, mas pensei bem, ainda não era hora de me revelar tanto.

Mais do que já revelara, Quim?

Só me faltou chorar de emoção. Segurei muito para não deixar as minhas lágrimas caírem. Eu tinha certeza do amor que sentia por Alana, mas também muitas dúvidas. Talvez eu estivesse sentindo medo de que a verdadeira intenção dela ao retornar à cidade, fosse apenas rever e conversar com a sobrinha, como havia dito. Havia grandes possibilidades de que, tudo que tivemos naquela manhã, não passasse de puro sexo para ela. Percebi o desejo e a atração que senti e toda a sua emoção quando fizemos amor, mas isso não era garantia de que ela ainda tivesse algum sentimento mais profundo por mim. Ela não disse uma palavra sequer a respeito. Resolvi lutar por ela. Tudo que eu mais desejava era reconquistar o seu amor.

Abri a porta para sair e tive de voltar para atender ao telefone de casa. Assustei-me quando disseram que era do hospital. Esqueci-me totalmente de visitar Adele! Sabia que sua tia estava lá, mas não lembrei de ligar. Conversei com o médico sobre o estado dela, que continuava inalterado e prometi que voltaria no dia seguinte.

Saí para pegar a Duda e enquanto dirigia, senti-me péssimo por ter esquecido de Adele. Apesar de tudo, era a mãe da minha filha, irmã de Alana e merecia alguma preocupação de minha parte.

Duda não me recebeu com o entusiasmo de sempre.

— Filha, perdoe meu atraso. Eu cheguei muito tarde ontem e acabei perdendo a hora.

— Poxa! — cobrou-me a promessa, com a cara emburrada. — Pai, você disse que hoje eu podia ligar para a minha tia! Eu quero o número dela! — Cruzou os braços e fez um lindo biquinho. Controlei-me para não rir.

— Farei melhor. Vista uma roupa bem bonita. Eu vou te levar para ver a tia Alana.

— Eba! Uhul! — Saiu correndo e esqueceu até do meu beijo. Eu ainda tinha um sorriso no rosto quando me deparei com Ivana encostada no batente da porta da sala.

— Eu ouvi direito? Você vai levar a menina para ver a tia em Vitória?

— Não. Alana está aqui.

— Alana voltou?!

— Hoje bem cedo. Ela estava fazendo café quando acordei e...

— Para tudo! Está dizendo que além de ter voltado, ela ainda estava fazendo café na sua cozinha? — Sua surpresa me incomodou, mesmo sabendo dos motivos. Por que era tão alarmante o fato de Alana estar fazendo um café em minha casa? Por que todos a viam apenas como uma celebridade, fria e distante?

— Sim, Ivana. Ela voltou para passar alguns dias com a gente, quero dizer, com a Duda. — Ela colocou a mão na testa e se sentou ao meu lado no sofá.

— Joaquim... Como falarei isso sem te magoar? — Passou a mão no meu rosto — Alana não é mais a sua Galega que saiu dessa cidade com o coração partido. Ela agora é uma celebridade, empresária de sucesso e tem uma vida bem diferente da sua. Em todos os aspectos! Tenho receio de que se iluda com a sua volta. Porque ela veio visitar a sobrinha, mas logo voltará para a sua vida glamourosa. Não sei nem se isso será bom para a Duda.

Senti uma pontada de dor no peito com suas palavras. Era tudo o que eu mais temia ouvir. Tinha total consciência de que a minha vida pacata não combinava com a de Alana. Temia que ela nem sequer pensasse na possibilidade de um dia ficarmos juntos novamente.

— Quim, você não pode esquecer também, que ainda é o marido da irmã dela. Adele está viva!

— Eu sei de tudo isso, mas não vou perder a esperança, nunca! O que eu achava impossível até alguns dias atrás aconteceu. Ela está lá em casa!

— Jesus! Pelo visto você está enfeitiçado novamente por ela. Meu filho, eu assisti tudo o que passou quando vocês foram separados. Temo que você passe por mais sofrimento. Não crie expectativas, por favor!

— Tudo bem, Ivana. Não se preocupe. Eu não sou mais aquele garoto — encerrei, demonstrando toda a impaciência que sentia.

Achei melhor não estender o assunto. Pelo visto, não a convenceria a imaginar um futuro meu com Alana. Tudo que sonhei por tantos anos tinha uma chance de se realizar. Pela primeira vez na vida, desde aquele rompimento traumático, eu tinha a oportunidade de fazer acontecer, de lutar para conseguir o amor de minha loira novamente e não queria que ninguém me tirasse essa motivação. Loucura? Não! Era amor. Muito amor!

Duda apareceu na sala e nos interrompeu, dando fim a nossa conversa tensa. Saí com uma menina saltitante ao meu lado e no momento que estacionei em frente à nossa casa, ela me olhou intrigada.

— Vamos entrar?

— Entrar? Pai! Você disse que a gente ia ver a tia Alana!

— Calma, filha. Tenho uma surpresa. Confie em mim.

Muito a contragosto saiu, bateu a porta do carro e marchou para a entrada. Ao chegarmos à sala, ela colocou as mãos na cintura e seus olhos brilhavam com as lágrimas contidas.

— Qual é a surpresa, pai? Fale logo! Tô com pressa de ir a Vitória.

— Desde quando você se apegou tanto à sua tia?

— Ai, pai! Foi pra isso que você quis entrar?

— Deixe de ser mal-educada. Responda o que perguntei, Maria Eduarda! — Ela se sentou no sofá e suspirou.

— Desculpe. — Revirou os olhos. — Desde que conheci a tia Alana através do vídeo, gostei muito. Depois, eu não podia falar com ela porque Adele me proibia. Tia Angel sempre foi muito carinhosa e gostava de mim. Mas Adele dizia que ela só iria gostar de mim, enquanto achasse que eu era doente. Ela disse... Você acha que ela vai continuar gostando?

Controlei a minha raiva. O que aquela louca fez com a minha filha foi cruel e desumano e ainda me deixava furioso.

— Duda, a sua tia ama muito você. Não se preocupe com isso. Você sabe que é impossível alguém não a amar.

— Seu pai está certo, Maria Eduarda. Eu nem sei o quanto gosto de você! Não dá pra medir...

— Tia Angel! — Duda pulou e correu ao encontro de Alana.

Elas puderam, enfim, se abraçar. Emocionei-me com a cena, pois estava claro que elas tinham grande sintonia. As duas choravam entre beijos e abraços.

— Desculpe, tia. Eu não queria te enganar.

— Tudo bem, linda. Eu sei de tudo o que aconteceu, mas já passou. Eu sinto muito, Maria Eduarda, meu amor. Não chore mais por isso. Vamos esquecer, ok?

— Ela enxugou as suas lágrimas e as de Duda também. — Nunca mais ninguém vai poder separar a gente, entendeu? — Seu olhar, encontrou os meus quando abraçou minha filha.

— Ok. Entendi e tô muito feliz! Você tá aqui. Voltou mesmo!

— Sim, querida. Eu voltei pra ficar alguns dias com você. Vamos curtir muito esse tempo. — Levei um baque com as palavras de Alana. Eu só teria alguns dias para reconquistá-la. Tinham que ser suficientes.

Um par de olhos brilhantes sorriu para mim. A galega levantou-se vestida num short curto e uma blusinha branca que revelava sua barriga lisa. Simples, mas linda e eletrizante, como sempre! O que eu mais queria era beijá-la naquele momento, no entanto, controlei o desejo na presença de Duda. Sorri discretamente e ela retribui.

— Bom dia, Quim.

— Bom dia, Alana. Descansou bem? — Olhei para as suas pernas e depois pulei para a boca carnuda e rosada. Ela mordeu os lábios.

— Sim. Estava muito cansada. — Seu rosto estava rubro, mas podia jurar que não era de vergonha.

— Tia, venha ao meu quarto. Quero mostrar um negócio.

Duda interrompeu nossa troca de olhares, pegou a tia pela mão e a puxou pela escada. Ela ainda olhou para trás enquanto subia e me flagrou, admirando descaradamente a sua bunda. Levantou as sobancelhas e sorriu maliciosamente. Dei-lhe uma piscadela e passei a língua pelos lábios antes de lhe jogar um beijo.

Caralho! Eu precisava me controlar! Já estava excitado novamente. Desconfiava que aquele seria o meu estado físico permanente sempre que estivesse em sua companhia. Estava agoniado, pois tinha de trabalhar, mas não queria sair, sabendo que Alana estava em casa. Desejava passar o dia com elas, mas deixaria aquele momento só para as duas. Subi e as encontrei assistindo o vídeo que a Duda fez.

— Meninas! Eu preciso trabalhar. Volto para almoçarmos juntos. Vamos a um lugar bem legal, topam?

— Claro, pai! Vou ficar muito bem com a minha tia. — Duda pegou na mão de Alana.

— Tudo bem. Não se preocupe. Nós ficaremos bem.

Sem pensar, beijei a bochecha de Duda e fiz o mesmo com Alana. Aspirava seu perfume quando ela virou repentinamente e quase nossas bocas se tocaram.

— Já volto, Ga. le. ga.

— Bom trabalho, Ca. ri. be.

— Caribe? Por que chamou o meu pai de Caribe?

— Hum... Vou contar essa história outra hora. Agora mostre mais um desses vídeos lindos que fez para mim.

Deixei as duas, com o coração partido. Eu queria muito poder ficar em casa e curtir o momento.



Ao chegar à construtora, saudei a Francisca com um largo sorriso.

— Bom dia, Francisca!

— Bom dia, Joaquim! Que carinha de felicidade é essa, hein?

— Deixe de ser xereta, mulher. Seu namorado chefe já chegou?

— Ainda não. Hoje ele vai atrasar.

— Vou para minha sala. Assim que ele chegar, avise, ok?

— Ok, chefinho. — Já estava a caminho da sala quando a voz de Francisca fez-me recuar.

— Adorei essa sua cara de felicidade! — gritou, divertida. — Devia usá-la mais vezes. Fica mais gato ainda! — gargalhei e lhe joguei um beijo.

Felicidade me definia! A primeira coisa que fiz foi ligar para Marcão, o mecânico. Pedi-lhe para buscar a minha antiga moto e dar uma geral. Tinha planos para os dias seguintes. Liguei para os meus pais também e passei todas as últimas notícias. Ficaram eufóricos com a visita de Alana e por saber que ela estava bem. Prometeram ir a Campos Verdes para revê-la. Dei mais alguns telefonemas e aquilo me fez lembrar de que precisava comprar um celular e recuperar o meu número.

Francisca passou a ligação de Ivana, que nos convidou para um almoço em sua casa. Meu plano era levar as meninas para almoçar em Piúma ou Maratáizes,

mas não tive como recusar. Liguei para Dandara, conversamos um pouco sobre Adele e avisei-lhe que iria ao hospital no dia seguinte. Nesse meio tempo Jorginho chegou.

— E aí, brother? Bom dia! Fran me contou que você chegou mais bonito hoje, segundo as palavras dela.

— Sua namorada é uma abelhuda!

— Te conheço, Quim. Está com outra cara mesmo. Sonhou com Alana novamente e melou os lençóis? — O filho da puta gargalhou.

— Não sonhei, babaca. Tomamos o café juntos.

— Café? Como assim? — Sentou-se.

— Ela voltou! Acordei hoje e ela estava fazendo o café. Linda...

— Hã?! Alana Shultz?

— Sim! Alana! Com seus lindos olhos cor de safira, seu doce sabor e suas curvas deliciosas. Minha Galega está lá em casa com a Duda. Vamos almoçar jun...

— Espera aí, cara! Doce sabor? Vocês não...

— Hum... Não. — Levantei as sobrancelhas, divertindo-me com a cara de meu amigo.

— Joaquim! Não disfarça, brother! O que rolou entre vocês? Conte-me tudo!

— Porra! Tá ficando abelhudo igual a sua namorada!

— Não me enrole. Desembucha! — Acabei contando quase tudo que rolou no café da manhã.

— Você tá louco, Quim? É desse jeito que pretende reconquistar a Alana? A mulher nem bem põe os pés na sua casa e você cai matando?

— Porra, Jorginho! Você mais do que ninguém sabe o que sinto por ela. O quanto desejo aquela mulher. O quanto a amo!

— Por isso mesmo que você deveria ter ido mais devagar. Já que esperou tanto tempo para tê-la perto de você novamente.

— Não! Você fala isso porque não se colocou no meu lugar. Nada do que me disser vai tirar a felicidade que estou sentindo por ter tido Alana em meus braços de novo. Eu precisava daquele momento.

— Tá certo! E agora? Serão amantes até ela ir embora? Já conversaram sobre o assunto? Ou só transaram? E se ela quiser apenas se vingar, Quim. Já pensou nisso?

— Vai à merda, Jorginho! Eu sei o que estou fazendo!

— Quim... Outro dia te incentivei a correr atrás do seu amor, mas não sei se fiz o certo. Alana não é mais a mesma menina apaixonada. Estou preocupado contigo. Cara, você sabe tanto quanto eu que ela não é muito melhor que a irmã. Então, vai com calma, cara!

— Caralho! Até você? Vai dizer que não posso pensar num futuro com ela porque eu não passo de um caipira pobre, enquanto ela agora é rica e famosa?

— Nada disso! Você esqueceu que ela era a mortífera? Estou assustado com essa volta repentina dela. Quem garante que a galega não continua uma mulher vingativa? Ela saiu daqui humilhada por você e Adele. Quantas vezes terei que repetir?

— Você tá louco, cara? Ela estava sendo enganada pela Adele, sofreu um acidente, perdeu e recuperou a memória. Agora quer curtir um pouco a sobrinha. As duas tem muita afinidade. Eu vi a forma como ela fala com a Duda. Ela não estava mentindo.

— E no meio está o cunhado...

— No meio disso tudo, está a nossa história inacabada, um desejo insano e um louco amor. Vou amar Alana pra sempre! Não importa quem ela seja agora. Não acredito que ela voltou pra se vingar. Ela podia ter muitos defeitos, mas não era uma pessoa mentirosa ou falsa.

— Foi mal, Quim. Não estou voltando atrás nos conselhos que dei, mas é que tenho dúvidas.

— Mais do que eu, você não tem. Mas, não vou desistir. Não mais!

— Quim, você tem visita. A Paola. Posso mandá-la entrar? — Francisca nos interrompeu.

— Paola?!

— Sim. A sua arquiteta.

— Francisca, ela não é a minha arquiteta! E sim. Pode mandá-la entrar e aproveite e leve o seu namorado embora daqui.

Estava pensando no motivo de sua visita logo cedo, já que o nosso último encontro havia sido um desastre, quando ela entrou e sorriu, envergonhada. Em nada se parecia com a fera da noite anterior.

— Bom dia, Joaquim. Eu estava de passagem pra visitar uma obra em Guarapari e aproveitei pra deixar o seu celular, e também me desculpar, por ontem.

— Tudo bem, Paola. Obrigado pelo celular e quanto à ontem, eu até já esqueci. Sei que estávamos nervosos.

Mentira.

— Então... Estou perdoada? — Ela se aproximou com o meu celular na mão e esticou o braço para entregá-lo.

— Claro, Paola. — Peguei o celular e antes que eu pudesse prever, ela enlaçou o meu pescoço.

— Sinto muito, meu amor — choramingou. — Eu não queria brigar. Eu... Eu te amo muito. — Segurei em seus braços tentando me desvencilhar de seu abraço.

— Pai!

— Quim!

Alana e Duda estavam paralisadas na porta de minha sala. Soltei-me de Paola e me dei conta da merda que estava acontecendo. Bastava olhar para Alana para entender o quanto eu estava fodido.

CAPÍTULO 28

QUIM

Olhei para as três mulheres na minha sala e por um momento, não tive reação.

— Quem é ela, pai? — Não tive tempo de responder, Paola se adiantou.

— Você deve ser a Duda, certo? Eu sou a Paola, uma grande amiga do seu pai, querida. Você é muito mais linda pessoalmente do que nas fotos que ele mostrou.

Até então, Alana continuava pálida e muda. Só o brilho mortífero dos seus olhos denunciava a sua ira.

— Obrigada, Paola! Essa é minha tia Angel, ou melhor, tia Alana. Eu coloquei esse apelido, porque ela parece um anjo quando desfila com as asas.

— Ah! Sim! Já vi alguns desfiles de sua tia... Ela desfila com as asas e quase nua. Como está, Alana Shultz?

A minha loira continuava muda e o seu olhar mortal parecia ter triplicado.

— Minha tia não desfila nua!

— Filha, a Paola já estava de saída — interrompi, prevendo que a situação se complicaria ainda mais, com aquela conversa. — Obrigado por devolver o meu celular. — Ela sorriu, mas os seus olhos eram brasa. A filha da puta estava a fim de me sacanear, pois não saiu do lugar, cruzou os braços e encarou o olhar irado de Alana.

— Maria Eduarda, a Francisca disse que tem uma caixa de bombons pra você na sala do Jorginho — Alana pediu, carinhosamente. — Vá pegar os chocolates, meu amor.

— Tá bom, tia. Tchau, Paola. — Por um segundo tive a impressão de estar vendo uma mini Alana à minha frente. Duda sentiu a tensão e dirigiu um olhar igualmente mortal para Paola, antes de sair, deixando-me no meio do fogo cruzado.

— Então, a famosa Alana Shultz lembrou que os parentes pobres existem? Resolveu descer do seu pedestal? — A Galega se aproximou dela, que precisou levantar o pescoço para encarar a loira.

— Não que isso seja da sua conta, mas em um ponto você acertou: Pedestal!

Estou em um patamar que você jamais alcançará, querida. Em todos os sentidos!
— Com um sorriso mordaz para Paola, posicionou-se ao meu lado e pegou a minha mão.

— Você não vale nada! Voltou pra se vingar do marido da sua irmã, só porque foi rejeitada por ele no pas...

— Cale a sua boca, Paola! Já pedi para se retirar, porra! — Eu tentava impedir que cabeças rolassem naquela sala.

— Ah! Agora, ele é o marido da minha irmã? Enquanto se refestelavam na cama, ele não era casado com ninguém, certo? — Paola não rebateu o comentário ácido, encarou-me com ódio e rogou a sua praga.

— Joaquim, você ainda vai sofrer muito na mão dessa mulher vingativa e manipuladora. Apesar de merecer, por se envolver nesse ninho de cobras, estarei esperando para te dar colo quando isso acontecer, meu amor — encerrou, saiu e bateu a porta.

O silêncio que se fez foi sepulcral. Só ouvia as nossas respirações alteradas. Alana estava vermelha, não me olhava nos olhos e andava em círculos.

— Nãoooo!!

Sem chegar a tempo de impedi-la, ela pegou a minha trena digital e a arremessou contra a parede.

— Galega! Calma, porra! — Abracei o seu corpo e quando pensei que ela fosse me afastar, retribui o abraço e me surpreendeu, quando agarrou os meus cabelos e me beijou com sofreguidão. Foi um beijo apaixonado, porém mesclado à sua ira.

Uma explosão! Fui devorado!

Ela enlaçou a minha cintura com as longas pernas quando a sentei na mesa. Não estava mais com o shortinho e usava um vestido branco. Acariciei as suas pernas e me infiltrei por baixo de sua saia. Éramos só gemidos quando afastei a calcinha e acariciei a sua fenda deliciosa. Gelei quando ouvi um resmungo vindo da porta.

— Opa! Vocês não podem esperar até estarem em um quarto? A Duda está na sala ao lado. — Abaixei o vestido de Alana rapidamente e sem me importar com a ereção gigante, virei, cobrindo a minha loira do olhar curioso de Jorginho, enquanto ela se recompunha.

— Já estamos de saída pra almoçar, Jorginho. — Ele olhou para Alana e sorriu sarcástico.

— Como vai, Alana?

— Olá, Jorginho! Estava ótima como você mesmo viu... — Trocaram mais algumas palavras, e antes que ele soltasse algo inconveniente, arrastei Alana da sala. Sua cara não era das melhores.



Sáímos da empresa e fomos almoçar. Assim que chegamos à casa de Ivana, as amigas se abraçaram.

— Você demorou muito pra vir nos visitar, menina. Não faça isso novamente, viu?

— Perdoe-me, Ivana. Você tem razão. Uma tremenda falha.

— Está perdoada. Agora venha se deliciar com o seu prato predileto. Se é que ainda é o seu preferido.

— Você está brincando? Fez galinha ao molho pardo?

— Isso mesmo! Por um momento pensei que a menina agora só comesse folhas e caviar.

— Não, Ivana! Detesto caviar.

— Tia, eu nunca comi caviar!

— Não está perdendo nada, querida. É um horror! Vamos nos lambuzar com a galinha?

— Oba! Também é o meu prato preferido!

— Vamos fazer de conta que é verdade, Dudinha. Venha me ajudar a colocar a mesa. — Ivana brincou.

Assim que elas saíram, puxei Alana e tasquei um beijo bem gostoso naquela boca carnuda.

— Depois de deixarmos Duda na escola, vamos pra casa? — propus, entre um amasso e outro.

— Pensei que fosse voltar para o trabalho. Por falar nisso, desculpe chegar lá sem avisar, mas a Maria Eduarda insistiu pra que eu conhecesse a construtora.

— Só não gostei mais da visita, porque você acabou assistindo a uma lamentável de Paola.

— Vamos esquecer essa mulher. Eu percebi logo o que estava acontecendo na sua sala.

— Que bom. Fiquei preocupado — concluí e dei-lhe outro beijo.

— Quim, precisamos conversar. A tia Dandara falou sobre certas atitudes do meu pai... — Enquanto falava, ela passava as mãos pelos meus cabelos, como

antigamente. Sabia que estava chegando a hora de revelar muita coisa, mas ainda não queria remexer no passado. Desejava curtir a sua presença com tranquilidade.

— Tenho muito pra contar, mas hoje eu só quero... — Ouvimos passos e nos separamos. Perê entrou na sala e estacou quando viu Alana.

— Opa! Se não é a nossa Mortífera de volta!?

— Como vai, Perê? — O cumprimento entre eles foi mais contido. Perê sempre teve uma cisma com as gêmeas, principalmente com Adele.

— A imprensa já sabe que você veio visitar os seus parentes esquecidos? — Alana fechou o semblante e cruzou os braços. Não respondeu a provocação dele.

— O finado Giovanni sempre reclamou da sua ausência — continuou.

— Por favor, Perê! — a esposa o interrompeu. — Convidei Alana para o almoço, mas se soubesse que implicaria com a menina, teria mandado você comer no restaurante da Beth!

—Tudo bem, Ivana. Perê tem um pouco de razão. Não retornei mesmo, mas o meu pai sempre soube o meu endereço. Eu também esperei muito por uma visita dele, entretanto, só a minha mãe foi me ver.

— Acho melhor não começarmos a falar do seu Giovanni agora. Não estou a fim de perder o apetite! — Todos olharam assustados para mim. Não costumava externar a mágoa que sentia do meu sogro, mas naqueles últimos dias, revivi muitas lembranças, o que fez aflorar a antiga revolta que sentia do velho Giovanni.

— Quim, vamos “molhar a palavra” no quintal enquanto a gororoba da Ivana não fica pronta? — Perê convidou.

— Está quase. Melhor mesmo que esperem lá fora. Venha comigo, Alana. Deixei a Duda sozinha, cuidando da minha louça chique, que uso apenas quando recebo celebridades.

Fui para o quintal com Perê. Ele colocou uma pinguinha em dois copinhos, mas recusei a bebida.

— É rapaz... Você ainda tem muito rancor do meu amigo Giovanni.

— Se tivesse sido com você, não teria também? O seu amigo me chantageou e separou duas pessoas que se amavam.

— *Pera aí!* Se você pensa assim até hoje é porque nunca se colocou no lugar dele. Qual pai deixaria uma filha casar-se com um cara que engravidou a própria irmã dela? Deixaria o cabra se casar com uma, enquanto a outra seria mãe solteira de um filho do marido da irmã? Em uma cidade como a nossa? Porra,

Quim! Nem fodendo que isso daria certo.

— Perê, ele separou duas pessoas que se amavam! Ele só pensou nele. Destruiu a vida de todos, pelo medo do que as pessoas diriam a respeito dele!

— Alana não suportaria tanta humilhação! Vocês já teriam se separado. Não se iluda, porque jamais ela teria aguentado aquela situação. E mais, a família de Giovanni já estaria aniquilada por esses linguarudos da cidade. Ele fez o certo!

— O velho ameaçou sumir com a minha filha. Ou já esqueceu?

— Ele estava blefando! Eu o conhecia bem. Meu amigo jamais daria um neto pra adoção.

— Perê, nada do que me disser, mudará a opinião que tenho sobre o meu falecido sogro! — Levantei-me, saí e o deixei falando sozinho. Meu dia estava ótimo e não pretendia estragá-lo falando daquele homem.

Apesar do clima tenso do início, o almoço foi muito agradável. Fazia muito tempo que não via a minha filha tão feliz. Após sairmos, deixamos a Duda na escola, mas foi difícil convencê-la a não faltar à aula. Alana achou melhor não ir ao portão do colégio e pediu-me para chamar a Jaque. Foi outro encontro emocionante. Tudo naquele dia estava sendo um sonho, e não cansava de olhar para a minha loira. Mais linda, educada, gentil e mais gostosa.

Ela aceitou o convite para um jantar em sua homenagem na casa de Jaque, e em companhia dos velhos amigos. Assim aproveitaria para conhecer a pequena Ellen, filhinha da amiga. Ainda não sabia o porquê, mas não apreciei muito a ideia do jantar. Logo a imprensa apareceria em Campos Verdes, e aquilo poderia ser um problema para nós.

Enquanto elas conversavam, liguei para Francisca e avisei que não retornaria à Construtora. Jorginho que tirasse suas conclusões. Talvez eu devesse esclarecer as coisas com Alana e concluí que não devia adiar mais um dia sequer. Chegamos à casa e ela subiu para um banho.

— Quer companhia? — Pisquei, torcendo por um sim.

— Não! Tentador, mas não, obrigada. — Retribuiu a piscadinha e subiu a escada correndo.

— Já que me dispensou, vou tomar um, sozinho. Aguardo por você, em meu quarto!

Embaixo do chuveiro, fiquei apreensivo ao pensar que em minutos revelaria à Alana tudo o que antecedeu à nossa separação. Não fazia ideia da sua reação ao saber o quanto o seu pai foi fora cruel. Perê estava certo numa coisa, eu jamais consegui me colocar no lugar do meu sogro, simplesmente porque não era da minha natureza chantagear, blefar, mentir, fosse por qualquer motivo.

Estava lavando os cabelos quando senti mãos acariciando as minhas costas, que se arrepiaram com o toque delicado. O prazer estendeu-se a outras partes e logo o tesão tomou conta do meu corpo.

— Não tem água quente no outro banheiro, Caribe... — Mordiscou a minha orelha e gemeu gostoso.

— É? Que sorte a minha, Galega... —Gargalhamos como nos velhos tempos. E mais uma vez no dia, cheguei a um clímax devastador. Fiz amor. Muito amor com a mulher da minha vida!

Mais uma vez, não conversamos, já que passamos a tarde toda na cama. A todo o momento, eu me segurava para não falar que a amava loucamente. Engolir aquelas palavras, aquele sentimento intenso e arrebatador começava a me fazer mal. Era angustiante esconder emoções, e o pior era não saber o que eu significava para ela. Mas, por outro lado, não podia pressioná-la. Precisava dar um tempo. Tempo que eu não sabia do quanto dispunha. Quanto e se ela realmente precisava. De repente, fui invadido pelo medo.

CAPÍTULO 29

ALANA

Loucura.

Loucura.

Desde que pisei em Campos Verdes, não me reconhecia mais. Não sabia onde havia ido parar Alana Shultz, mulher enérgica, dominadora, determinada e até mesmo implacável! Virei uma manteiga derretida, só emoção e zero de razão. Deixava-me governar por desejos, tesão e o que era pior, por antigos sentimentos que pensava estarem sepultados, mas estavam tão somente adormecidos. Era um perigo para o meu coração, cada dia que passava na cidade. Não podia deixar o desejo que sentia por Quim dominar-me. Não queria sentir nada mais profundo por ele. Não podia! Mas como? Nem bem cheguei e caí de boca, literalmente. Nem nos meus piores pesadelos, imaginava cometer tamanha loucura.

Piores pesadelos, Alana?!?

Tá! Nem nos meus melhores sonhos poderia imaginar que chegaria a Campos Verdes e em poucos minutos estaria me deliciando com ele em cada canto da casa. Não importava! Na escada, na cama, o fato é que ele era meu ex-namorado, meu cunhado. Droga! Detestava a palavra cunhado.

A verdade era que eu ainda flutuava. Tudo parecia um sonho muito louco. Não conseguia tirar os olhos e as mãos de Quim. Tentava convencer-me de que ao final, o que realmente importaria seriam os dias que passaria com Maria Eduarda. Estava sendo maravilhosa a convivência com minha adorável sobrinha, porém, a avalanche de sentimentos que o Quim me proporcionava era surreal.

Após tantos anos afastados, a impressão era que o tempo nunca passara. Sentia-me como se estivesse com dezessete anos novamente. Aquele farfalhar de asas no estômago, a ansiedade em vê-lo e a felicidade quando encontrava os olhos mais lindos já vistos. Minha vontade era fugir para longe do domínio que ele exercia sobre mim. Sempre fora assim e ao que parecia nada mudara. Continuava enredada pelo desejo e em algo mais que preferia ainda não denominar. A situação era bem diferente de anos atrás, pois o Quim ainda era o marido de Adele e tinha o agravante de que logo eu estaria retornando à minha vida no Rio de Janeiro e após, em Miami. Estava louca, boba, cega e havia

perdido completamente o juízo. De uma coisa eu sabia: não queria ir embora ainda. Precisava de mais.

Joaquim foi buscar Maria Eduarda na escola, tomei outro banho, para me recompor, pois o meu corpo denunciava nossa devassidão, que estava marcada por aquele cheiro gostoso do que fizemos a tarde toda. Sexo que com nenhum outro homem foi tão intenso e prazeroso. Era forte, marcante, incontrolável, ardente e eu sempre queria mais. Andei por esse mundo, conheci outros homens, porém nunca fui tão completa e satisfeita como quando estava em seus braços.

Que sina! Caribe passou por minha vida e deixou muito dele e levou tudo de mim.

Fiquei vazia.

Ficou tudo com ele.

Estava de volta e pretendia me levar, resgatar a mim mesma. Era chegado o momento de deixar de ficar parada no tempo. Parar de remoer o passado e pensar no que poderia ter sido e não foi. Estava decidido! Seguiria com os planos iniciais e logo voltaria para a minha vida.

Havia mais de quinze ligações perdidas no meu celular. Desde a minha chegada, ele havia ficado no modo silencioso, visto que não estava com disposição para falar com ninguém. Por fim, resolvi atender a ligação de Xandy, afinal eu ainda administrava uma empresa e poderia ser algo relacionado aos negócios.

— Oi, Xandy!

— Angel! Até que enfim atendeu! Estava pensando em ligar para o seu cunhado.

— Não o chame assim!

— Co-Como?

— Eu disse para não falar que ele é o meu cunhado. — Precisei afastar o celular do ouvido, aquilo me soou como um xingamento.

— Caralho!!! Até semana passada o cara era um cretino, imprestável e ordinário. E agora não posso chamá-lo nem de cunhado?! O que aconteceu, Angel? Vai dizer que fod...

— Por favor, Xandy! Eu por acaso te devo satisfações da minha vida?

— Alana, não precisa dizer mais nada.

Choraminguei ao telefone. Respirei fundo e cobri os olhos com uma das mãos, como se pudesse esconder do meu amigo a vergonha que sentia.

— Sim... — sussurrei, rendida.

— O quê? Não ouvi. Fale mais alto.

— Xandy, você é um filho da puta! SIM! Eu já transei com o Quim!

— Puta merda! Eu estava brincando! Você não está nem há vinte e quatro horas na cidade e já caiu na cama do cara? Aposto que já se arrependeu.

— Hum... Pior que não.

— Angel, você fez tudo errado! Primeiro você deveria ter conversado com o Joaquim. Você precisava preencher as lacunas do passado pra depois, com o passar dos dias, analisar o que ainda sentia pelo cara, mas não! Caiu de boca no cunhado e agora aposto que está com a cabeça a mil. Estou certo?

Não respondi. Fiquei muda e não sabia o que falar. No fundo eu sabia que ele estava coberto de razão

— Alô? Alana?

— Oi, Xandy! Para! Eu ouvi.

— Está arrependida? — repetiu, insistente, sem dar tréguas.

— Eu acho que sim! — Suspirei. — Sinto arrependimento sempre que estou longe dele, mas basta que se aproxime, para que eu perca o rumo, Xandy — confessei com muita sinceridade. — Perco o rumo, o chão, o prumo a sanidade. Eu me perco nele, cara!

— Alana! É você mesma? Não conhecia esse seu lado meloso.

— Xandy, eu estava adormecida. Inativa. Essa Alana, que fala contigo agora, é a verdadeira. Você e quase ninguém a conheceu, mas ela sempre existiu. Ela só entra em erupção quando está no Caribe.

— Angel, isso deve ser por causa da batida. Você perdeu o foco, e o senso de localização. Você está em Campos Verdes, não no Caribe!

— Deixe de ser burro, Xandy. Caribe é o Quim. É só um apelido carinhoso e como sempre o chamei quando namorávamos. Desde o primeiro dia em que o vi.

— Caralho! Cada vez que te ouço fico mais nervoso.

— Não mais do que eu, meu amigo. O que eu falo, penso, tudo isso está me deixando louca, mas em compensação, eu não sabia o que era felicidade plena fazia tempo.

— Estou muito preocupado contigo. E o tal Caribe? Também está sentindo o mesmo que você?

— Não sei. Não sei se para ele é somente o louco desejo que sempre nos consumiu ou ainda existe outro sentimento rolando. Nós ainda não conversamos nada sobre isso. Eu não sei nada! – gritei.

— Só foderam...

— Xandy! Em vez de me ajudar, está me deixando mais aflita! Chega dessa conversa. Como estão os negócios no Rio e em Miami?

Conversei mais um pouco com ele e desliguei assim que ouvi o barulho do carro entrando na garagem. Desci correndo para encontrar a Maria Eduarda. Quim trouxe algumas delícias para lancharmos, foi um fim de tarde muito agradável.

Enquanto ele ajudava Maria Eduarda com o dever de casa, eu aventurei-me a preparar o nosso jantar. Conferi a despensa e resolvi fazer espaguete à carbonara. Não tinha grande habilidade culinária, mas sabia me virar. Distraída na cozinha, não ouvi nenhum barulho, logo nem notei quando ela entrou. Levei um baita susto ao ouvir a voz estridente de Rebeca.

— Brincando de casinha com a família da sua irmã, Mortífera?

Deixei até a panela com a água para a massa cair dentro da pia espirrando para todos os lados.

— Rebrega! Você sempre entra na casa dos outros sem bater?

— Essa não é a casa dos outros, mas da minha melhor amiga. Ela ainda está viva! Então, continua sendo dela. Pelo que vejo, a invasora aqui é você. Não só do lar, como da vida de Adele!

— Essa casa também é minha, portanto retire-se. Você não foi convidada para o jantar!

— O que a tão rica e famosa Alana Shultz veio fazer na cidade? Visitar os parentes é que não foi. Nunca veio ver nem o pai.

— Já mandei cair fora! — A idiota conseguiu me tirar do sério com algumas palavras.

— Veio roubar o marido da irmã, enquanto ela está em coma num hospital? — Seu veneno escorria. Aproximei-me dela.

— Rebrega, se você não sair agora, vou esquecer que temos quase trinta anos e te dar uma surra novamente. Está com saudades das minhas unhas?

— Eu vou sair, mas não pense que estará livre de mim! Vou ficar de olho em você!

— Fora! — Apontei a rua para a cachorra, que ao sair bateu a porta da sala com força.

Ainda estava tremendo de ódio quando o Quim apareceu e me abraçou por trás. Beijou-me no pescoço.

— Quim, cuidado, Maria Eduarda está em casa.

— Ela está na internet jogando um pouco. Ouvi vozes. — Continuou com os

carinhos. — Com quem falava? Por que está tão nervosa?

— Precisamos deixar a porta da sala sempre fechada. A Rebeca entrou e foi logo destilando o seu veneno.

Ele virou-me e acariciou o meu rosto. O verde dos seus olhos estava mais claro e brilhante.

— O que ela disse? — perguntou entre um beijo e outro.

— Nada de importante. Esqueça.

— Galega, ouça! A Rebeca é só uma infeliz. Não se incomode com ela.

— Eu sei. Coloquei a cachorra pra correr, não se preocupe.

Ele sorriu com malícia, mordeu e chupou meus lábios. Invadiu-me a boca com sua deliciosa língua e beijou-me com avidez. Seu beijo ainda era o mais gostoso. Ele era um encanto de homem. Cheiroso, másculo, com uma pegada de deixar as pernas bambas só de olhar ou sentir o seu perfume delicioso.

Precisávamos parar com os amassos ou não terminaria o jantar. Ainda tinha o perigo de que a Maria Eduarda nos visse. Como explicar para uma criança, sua tia e seu pai aos beijos na cozinha enquanto a sua mãe encontrava-se inconsciente em um leito de hospital? Eu precisava conversar com o Quim e daquela noite não passaria.

Preparar o jantar se tornou muito prazeroso. Tomávamos um bom vinho tinto enquanto Maria Eduarda contava como foi o seu dia na escola. Parecíamos uma família. Deu-me um aperto no peito quando imaginei que teria sido assim se fosse eu a engravidar do Quim e não a minha irmã. O pensamento trouxe à tona toda a angústia e a mágoa do passado. Perdi o apetite, mas não demonstrei o meu estado melancólico. Por vezes, peguei Caribe observando-me com um vinco entre as sobrancelhas.

Após o jantar, atendi uma ligação da tia Dandara. Prometi que no dia seguinte iria visitar Adele e conversar com o médico. Iria com o Caribe, mas evitei contar isso a ela. Depois, conversei um pouco com os pais do Quim, que prometeram vir a Campos Verdes antes que eu fosse embora. Foi nostálgico ouvir a voz de dona Francine novamente.

Assim que Maria Eduarda dormiu, Quim puxou-me pela mão e abraçados, fomos para os seus aposentos. Ele levou mais uma garrafa de vinho e duas taças.

— Eu já bebi o bastante por hoje.

— Não tem o hábito de beber? Achei que no seu meio profissional o que mais rolasse fossem bebidas.

— Na minha profissão? Pelo visto você andou lendo muita revista de fofocas.

Eu sempre fui muito disciplinada. Não entrei no mundo dos desfiles por achar aquela vida atraente, mas foi o caminho mais curto que achei para chegar onde estou.

— Não precisa se defender, Alana. Eu sempre tive muito orgulho da sua trajetória. — Acariciou-me o rosto.

— Orgulho? — Seus carinhos eram um refresco a tanta inquietude dos meus pensamentos.

— Sim. Sempre. Cheguei até a assistir um desfile em São Paulo. Você estava deslumbrante na passarela.

— O quê? Quando foi isso? — Ele me soltou e virou de costas. Abriu o vinho e serviu duas taças. Acabei aceitando.

— Em outro momento eu conto como isso aconteceu e o porquê, mas agora preciso falar sobre... sobre...

— Meu pai?

Ele puxou-me pela mão e nos sentamos no sofá do seu escritório. Aquele espaço de trabalho era pequeno, mas trazia uma decoração de bom gosto. Fiquei imaginando se foi a tal arquiteta quem projetou ou ele mesmo, porque era notório que Adele não teria capacidade. Tinha uma mesa de vidro com os pés cromados, uma prancheta de desenhos bem iluminada por duas luminárias clássicas, vários projetos enrolados ao lado, uma estante com livros de engenharia, arquitetura e outros de ficção. Um abajur moderno ao lado do sofá e uma mesa de centro contrastando com a poltrona de canto. Quadros minimalistas e uma persiana clássica cobria as janelas.

— Antes de contar, gostaria que soubesse que na época, éramos muito jovens e que só tomei a atitude de me casar com a sua irmã porque...

— Sem rodeios, Quim. Fale logo! — Meu coração parecia que sairia pela boca. Sentia muito medo do que poderia ouvir dele.

O tempo todo em que ele falou, eu só ouvi. Um nó se formou em minha garganta. Sem conseguir contê-las, as lágrimas desciam incontrolláveis pelo meu rosto e molhava o meu colo. Quim tentou enxugá-las por vezes, mas afastei a sua mão.

— Então, depois que Duda fez um ano, eu já me sentia seguro e sabia que o seu Giovanni nada mais poderia fazer para me afastar dela. Então fui te procurar em São Paulo, quando soube que iria desfilar.

Levantei e comecei a andar. O lugar ficou abafado de repente. Quim tentou me puxar de volta para o sofá, mas desvencilhei-me e continuei a perambular pela sala sufocante.

— Continue, por favor. — Minha voz saiu rouca.

— Depois do desfile, tentei falar contigo, mas fui impedido pelos seguranças. Descobri onde seria a festa das modelos e fui até lá.

Ele serviu-se de mais vinho, abaixou a cabeça e a balançou em negativa por diversas vezes. Era óbvio o seu desalento, porém não mais do que o meu, com todas as revelações.

— Eu lembro desse desfile. Foi no início da minha carreira. Você foi até a boate e? — Ele continuava de costas para mim.

— Sim. Mas não consegui falar com você. Estava muito ocupada nos braços de outro homem. Fui embora.

— Você estava casado com minha irmã! — Ele virou para me encarar.

— Não estou te julgando e muito menos cobrando nada, porra! Só que eu não tinha consumado o meu casamento e nem transado com outra mulher até aquela noite. Não conseguia parar de pensar em nós. Não sentia tesão ou desejo por outra que não fosse você, Galega! — Suas lágrimas deslizaram e ele não tentou contê-las.

— Na época me senti traído, perdido! Eu não conseguia imaginar outra pessoa no meu coração, na minha cama e percebi que pra você não foi tão difícil assim. Percebi que tinha superado muito antes de mim.

— Você não sabe de nada, Quim! Não sabe o que passei após chegar a Vitória e nem o que aconteceu até me tornar modelo. Eu precisei sair do país e ficar longe de tudo! Queria esquecer, superar e tive de passar por cima de muitos sonhos e convicções pra isso.

— Galega, por favor...

— Não acabei! Eu que fui a preterida, a traída e a rejeitada. Você revelou somente agora a chantagem do meu pai. Você teve escolhas, mas eu não tive a chance de escolher, porque não me contou! Decidiram a minha vida e de um dia para outro, tudo que eu tinha, perdi! Fiquei sem chão. E agora você vem...

— Se eu te contasse na época, você enfrentaria o seu pai e as consequências poderiam ser terríveis. Você está certa! Eu decidi por nós dois. Até hoje me pergunto o que teria acontecido se tivesse revelado tudo.

— O meu pai jamais abandonaria o neto em um orfanato!

— Quem garante isso? O pai que você conhecia era capaz de chantagens também? Pois foi o que o filho da puta fez!

— Eu conheço meu pai!

— Mas eu não o conhecia. E depois do que fez, achei que seria capaz de tudo.

— Não quero ouvir mais nada! Chega por hoje! Estou muito confusa.

— Precisamos resolver nossas vidas. Eu tinha que te contar isso tudo, Alana.

— Chega, Quim! Por favor! Hoje não! — pedi, quase implorando que ele me desse aquele tempo. — Vou para o meu quarto. Amanhã nos falamos.

Saí correndo, não antes de ouvi-lo gritar o meu nome. Tranquei a porta e chorei por toda a noite.

CAPÍTULO 30 QUIM

Acordei com a música do despertador do celular. A canção que explodia os meus ouvidos era “Fui fiel”, de Gustavo Lima. Logo, concluí ter sido uma provocação da Paola.

Sem conseguir dormir, cochilei somente ao amanhecer. Eu sabia que quando eu contasse sobre a chantagem de seu Giovani, não seria nada fácil para ambos. Durante a noite, pensei ter exagerado ao demonstrar a raiva que eu sentia do velho, afinal ele era o pai de Alana.

Por diversas vezes pensei em ir atrás dela, mas recuei, pois eu também merecia aquele tempo. Falar do passado ainda era muito doloroso, fazia emergir sentimentos nada bons. Sendo assim, decidi deixá-la em paz durante a noite, até porque, eu não seria uma boa companhia naquele momento.

Depois de um banho para espantar o sono e a sensação de ter areia nos olhos, liguei para Francisca e avisei que passaria o dia fora. Já havia combinado com Alana que iríamos a Vitória visitar Adele e conversar com o doutor Juarez.

Na entrada da cozinha, senti o aroma de café. Percebi a mesa arrumada com capricho. Ouvi vozes que vinham da rua e, da janela, avistei Alana conversando com algumas pessoas, logo deduzi que fossem jornalistas. Até que demoraram a descobrir que ela estava em sua cidade natal. Ainda não sabia como aquilo poderia atrapalhar os planos de reconquistá-la, mas sabia que tê-los ao seu encalço não seria nada confortável.

Ela dispensou os caras, entrou e tão logo me viu, parou abruptamente. Estava com olheiras e parecia não ter dormido também. Senti vontade de abraçá-la e confortá-la. Estava linda como nunca e mesmo com o rosto cansado, a minha loira era a mulher mais bela do mundo.

Meu coração transbordava de amor, mas preso em meu peito não conseguia transformá-lo em palavras. Por outro lado, o único sentimento que aflorava nos olhos da minha garota, era a incerteza. Cauteloso, tomei a iniciativa e acariciei levemente o seu rosto. Ela tombou a cabeça, se aninhou na minha mão, como uma gatinha manhosa.

— Bom dia, Galega. Diz que o café não está muito forte — brinquei.

— Por quê? Você não gosta de café forte? A sua vizinha disse que... Hum... Aquela coroa intrometida! Me enganou?! — Rimos e assim o clima tenso foi quebrado. — Fui à padaria e na volta, me deparei com jornalistas no portão. — Levantou uma sacola mostrando-me o pão fresco.

— Eu vi. O que disse a eles?

— Falei a verdade. Que estava na cidade visitando alguns parentes e que hoje mesmo voltaria para Vitória e depois para o Rio.

Meu coração bateu descompassado. Não!

— Vo-você vai embora hoje?

Ela acariciou os meus cabelos, olhou com desejo para a minha boca. O beijo foi doce, como uma carícia.

— Não. Só disse pra ganhar uma folga até descobrirem que fiquei em Campos Verdes por mais um tempo. Iremos hoje a Vitória?

— Sim. Marquei com o doutor Juarez. — Ela me serviu de café. — Alana, quanto ao assunto de ontem...

— Não vamos falar nisso, por favor. Meu pai já não está mais entre nós para se defender ou para que possamos cobrá-lo por algo que fez.

— Tudo bem. Você está certa. Eu acho que apesar de tudo, ainda podemos mudar a nossa história.

— Como? Você se casou com Adele, teve uma linda filha, eu segui com a minha vida. Está feito.

— Podemos mudar o final, Alana. Eu... eu...

— Pai! Tia! Bom dia.

— Bom dia, filha. — Mais uma vez, precisei engolir os sentimentos, desta vez pela chegada da Duda.

— Bom dia, Maria Eduarda. Sente para tomar café. Trouxe pão fresquinho. Quer leite?

— Sim. Obrigada. Sabe tia, Adele nunca fazia o café ou comprava pão.

— Não?

— Ela só acordava após o meio dia. — Meu comentário saiu mais ríspido do que esperava. De repente a cozinha ficou silenciosa, cada um perdido em pensamentos.

— Duda, eu e sua tia vamos ao hospital visitar Adele. Deixarei você no inglês e depois ficará com a Ivana. Tudo bem?

— Tá ótimo, pai. Mas, a tia vai voltar, né? — Olhei para Alana, tão ansioso

ou até mais que minha filha.

— Claro! Eu voltarei com o seu pai. — Sorriu para mim.

— Eba! Tia, você podia morar com a gente, *né?*

Alana tossiu e se engasgou com o café. Resolvi tirá-la da situação embaraçosa, mesmo estando curioso para saber a sua resposta.

— Filhinha, vai atrasar para o inglês se não subir agora, escovar os dentes e pegar a mochila. Corre!

Ela saiu resmungando. Ajudei Alana a tirar a mesa. Eu ainda tinha tanto para lhe falar, mas o momento passou e só me restava esperar por outro mais oportuno.

— Vou deixá-la no curso e já volto — avisei. — Vista uma calça leve e coloque um biquíni na bolsa.

— Não vamos a Vitória?

— Vamos, mas depois vamos passear, como nos velhos tempos! — Dei-lhe um beijo e saí apressado, pois ainda guardava uma surpresa.

Peguei a moto, na oficina do Marcão, tão logo deixei Duda no inglês. Coloquei um dos capacetes que já estavam no carro e levei o outro no braço. Foi lindo o sorriso que recebi de Alana, que já me aguardava na varanda.

— Não acredito! — Ela veio apressada ao meu encontro. — Você ainda tem essa maravilha?

— Nunca pensei em me desfazer dela. Sonhava com o dia que a levaria na garupa novamente. — Seus olhos se perderam dos meus e a Galega ficou pensativa.

O arrependimento me bateu logo após o comentário. Não era a hora, tendo em vista que a nossa relação era muito frágil ainda.

Devidamente munidos dos acessórios de segurança, e com o coração falhando desde que Alana montou na moto e contornou minha cintura, como nos velhos bons tempos. Atravessamos a cidade e pegamos a rodovia, num lindo dia de sol.



Ao chegarmos ao hospital, seguimos direto para a UTI. Visitei Adele primeiro e logo depois a irmã entrou. Ficamos aliviados com a sua boa aparência. Ela estava melhor, pois o inchaço havia diminuído. Doutor Juarez nos deu a boa notícia de que ela estava respondendo bem ao tratamento e logo a retirariam da sedação e conseqüentemente do respirador artificial. Após tal procedimento, e se tudo corresse bem, em pouco tempo, ela poderia sair da UTI e finalmente iria

para o quarto.

Angelina seguiu conversando com Alana, pelo corredor, a caminho da tesouraria, onde assinaria alguns documentos. Estava sozinho, quando sua tia chegou.

— Como vai, Dandara? — Ela não retribuiu o meu sorriso.

— Olá, Joaquim. Estou bem. Alana veio com você?

— Sim. Ela foi à tesouraria.

— É até bom que estejamos a sós. Preciso falar com você. Podemos ir a um lugar mais reservado para conversarmos?

— Podemos tentar a capela, se estiver vazia.

Sentamo-nos no banco de madeira, ela fez o sinal da cruz e me encarou.

— Joaquim, eu vou ser direta. Não sei o que está acontecendo com você e Alana, mas precisa saber que sou totalmente contra qualquer relacionamento entre vocês novamente.

— Posso saber por quê?

— O principal motivo nem preciso citar, não é? — Revirou os olhos.

— Eu vou me divorciar de Adele assim que ela melhorar.

— Você ainda é casado com ela, portanto isso já seria suficiente para não se envolver com mais ninguém até que já esteja divorciado, mas esse não é o único motivo. — Ela suspirou e olhou emocionada para o altar da capela.

— Alana sofreu muito quando foi morar comigo. Pensei que a minha sobrinha fosse morrer de amor e de dor. Cuidei dela como se fosse um bebê. Não queria mais estudar, não comia, não dormia. Foi um período muito difícil, mas ela conseguiu superar e deu a volta por cima. O seu poder de resiliência foi incrível. Ela é uma guerreira, mas não acho que deveria arriscar tudo por uma aventura com o cunhado.

— Dandara...

— Deixe-me terminar, por favor!

— Ok. Tudo bem. — Respirei fundo, fechei os olhos e a ouvi, mas sabia o quanto ia doer.

— É insano arriscar a reputação, o nome conquistado com tanto esforço. Sim, porque no momento que a imprensa desconfiar de um suposto caso de Alana Shultz, com o próprio cunhado... Querido, em questão de segundos o nome dela estará na lama! E aí, será o fim da sua carreira.

— Acho que está exagerando. Nós temos o direito de refazer as nossas vidas, de ficarmos juntos, se assim desejarmos.

— Não! Não estou exagerando! Se você ainda tem algum sentimento por ela, deixe-a em paz. Esqueça o passado. Esqueça Alana! Ela estava muito bem com Olivier, mas só foi te encontrar pra começar a fazer besteira. Dispensou um homem maravilhoso como ele.

— Ela o dispensou? — Sem me conter, dei um sorriso gigantesco. Não consegui disfarçar a felicidade que senti com a notícia.

— Não pense que isso não possa ser revertido. Olivier é apaixonadíssimo por Alana. Assim que ela retornar a Miami, eu tenho certeza...

— Eu amo Alana! Sempre amei! Vou amá-la eternamente, e se ela me aceitar de volta e esperar o meu divórcio, não haverá nada que nos impeça de ficarmos juntos. Nem a senhora, nem o francês e nem a droga da mídia.

— E você acha que ela ainda te ama? — A pergunta saiu cheia de crueldade e eu resolvi que o melhor era dar um basta naquilo.

— Se isso era tudo, com licença. Agradeço a sua preocupação. Passe bem, Dandara!

Levantei e não olhei para trás. Estava cansado de tanta gente indo contra a minha relação com Alana. Não me deixaria abalar por mais uma.

Entre na fila ou junte-se ao time, dona Dandara!

Avisei Alana que aguardaria no estacionamento. Assim que a vi saindo, sorridente, percebi que se a sua tia também tentou dissuadi-la, não tivera êxito na campanha contra a nossa união.

Partimos rumo às praias capixabas mais lindas do estado. A primeira parada foi em Guarapari e curtimos a bela orla da Enseada azul. Um bálsamo sentir o vento no rosto, o cheiro da maresia misturado ao seu perfume, seus braços que apertavam a minha cintura e vez ou outra, suas mãos que acariciavam as minhas coxas. Era maravilhoso e por vezes pensava estar sonhando acordado.

Paramos em uma pequena loja para comprar um chapéu e aproveitamos para vestir nossos trajes de praia. Tomamos banho de mar, brincamos e namoramos como se ainda fôssemos dois adolescentes apaixonados. Tomamos água de coco, almoçamos num restaurante pequeno e charmoso à beira mar para depois seguirmos para outras praias. Tentamos ser discretos, pois não queríamos que ela fosse reconhecida e deu certo. Passamos uma tarde inesquecível.

Na volta, resolvi aprontar mais uma surpresa e passei por outro caminho que nos levou até Princesa. Parei em frente à obra da casa.

— Caribe... A nossa casa! — Ela desceu, tirou o capacete e sacudi os lindos cabelos loiros. Os olhos brilharam e parecia não acreditar no que via.

— Sim, nossa casa. Nunca desisti de construí-la. Eu tinha um desejo, ou sonho, sei lá. Queria muito trazê-la aqui um dia. — Abracei o seu corpo por trás e por alguns instantes admiramos a fachada inacabada. Senti seu corpo balançar e ao ouvir soluços, percebi que ela chorava. Ficamos de frente, enxuguei as suas lágrimas.

— Meu amor, não chore.

— Por que, Quim? Por que construiu a nossa casa?

— Porque... Nunca te esqueci. Sempre te amei... Eu te amo, Alana. — Seus olhos azuis se fecharam. Mais uma vez sequei as suas lágrimas e deixei que as minhas caíssem livremente. Nossos lábios colidiram num beijo que transcendia o desejo e me perdi no delírio daquele instante.

Tomei-a em meus braços e a levei para dentro da casa inacabada. Tão logo conseguimos um refúgio, tirei o seu biquíni e como um faminto, sorvi todo o sabor dos seus lindos seios. Adorei todo o seu corpo trêmulo, mais uma vez. E novamente a emoção regeu o nosso momento memorável e dessa vez senti que era mais forte, real e verdadeiro. Em cada beijo eu agora podia declarar o quanto a amava.

Alana em momento algum disse que também sentia o mesmo. Independente dos seus sentimentos, o meu amor jamais se apagaria, no entanto eu nutria esperanças de um dia ouvi-la dizer que também me amava.

Ao chegarmos em Campos Verdes, tomamos banho, mais uma vez nos perdemos um no outro e amei o seu corpo bronzeado como um viciado. Não queria mais me afastar do seu cheiro, do seu gosto. Deixei-a descansando, liguei para Ivana e combinei de buscar Duda mais tarde. Tinha planos de levá-las à pizzeria.

Estava mais aliviado por ter revelado os meus sentimentos, pois já não suportava guardá-los no peito. Agora era Alana quem levava consigo o sol que iria iluminar e dissipar as neblinas das nossas vidas, tornando o nosso céu mais azul. Estava em suas mãos o que seria de nós.

“A Esperança é um sentimento muito ligado ao Amor. Pois enquanto existir, sentirás vivo. Nunca deixe morrer os dois juntos. Você viverá sem um deles, mas sem os dois não haverá vida.” (Kepler Machado)

CAPÍTULO 31 QUIM

Os dias não poderiam ser melhores. Até poderiam, se eu tivesse a certeza de ser definitivo. Mesmo com o medo batendo insistentemente à minha porta, não deixei de curtir todos os momentos com Alana. Em todas as vezes mandei a esperança atender o medo e dizer para ele que não havia ninguém em casa.

Fizemos diversos programas inesquecíveis. Duda e Alana, a cada dia estavam mais apegadas e eu mais apaixonado. Não deixei de ir à faculdade, mas os meus pensamentos ficavam todos em casa. Tudo o que eu queria era estar sempre perto delas.

Pela manhã, saía para trabalhar, enquanto as mulheres de minha vida preparavam o almoço ou pedíamos comida no restaurante da Beth. A hora em que ficávamos à mesa era sempre muito especial, parecíamos uma família de verdade. Depois de levar minha menina à escola, voltava para casa e caía nos braços da minha loira. Passávamos a tarde na cama.

Sabia que estava negligenciando o trabalho, mas o meu grande amigo e sócio, prometeu segurar as pontas. Pelo menos, até que eu decidisse meu rolo com Alana, assim ele dizia. Não nominava como um rolo, caso, ou qualquer outro adjetivo que soasse de maneira pejorativa tudo que estava acontecendo entre nós. Não encaixava a palavra amante ou cunhada, pois tudo era muito especial. O que nós tivemos no passado e o que vivíamos, naquele momento, não encaixava numa categoria banal ou vulgar.



Chegou a noite do jantar na casa da Jaque. Ainda não tinha um bom pressentimento quanto aquele evento. Não poderia ir como namorado e muito menos como o homem de Alana e isso também me incomodava. Já começava a me sentir angustiado porque não tinha nada resolvido entre nós. Sentia medo até de pensar que ela estivesse na cidade curtindo um caso ardente enquanto tirava umas férias. Andar na corda bamba estava me matando! Precisava perder o medo e perguntar o que realmente ela queria. Se pensava em nós como um casal e se via um futuro em nossa relação.

Também não queria mais esconder da minha filha o que acontecia. Ela era uma menina crescida e entenderia perfeitamente, visto que sabia que eu e Adele não vivíamos como marido e mulher. Duda não tinha qualquer lembrança dos pais como um casal. Ela só não sabia das chantagens e dos detalhes sórdidos que me impediam de conseguir o divórcio. Depois de tudo que descobri sobre a sua mãe, esses detalhes perderam a relevância.

Vesti uma calça jeans preta, camisa azul escura, blazer, sapatos pretos e finalizei com um perfume. Na sala, encontrei uma mocinha com um vestido encantador e uma linda trança lateral que a deixava como uma princesa.

— Seu cabelo está bonito, minha filha.

— Obrigada, pai. Foi a minha tia quem fez. Ela também me ajudou a escolher esse vestido. — Girou. Sua alegria emocionou-me.

— Você está muito linda!

— Linda está a tia Angel. Ela é a pessoa mais bonita que conheço. A mais legal também.

— Opa! Perdi o primeiro lugar pra sua tia? — brinquei.

— Não, pai! É diferente. — Beijou-me.

— Eu sei. Eu sei...

— Você gosta dela, né?

— O quê?!

— Eu notei, bobinho. Você gosta da tia e ela de você também. Vocês podiam se casar, né? — Sua cara era puro divertimento.

— Ah, Duda! Pra que isso possa acontecer, antes, preciso me divorciar de Adele e o principal, sua tia precisa querer se casar comigo.

— Você escolheu a irmã errada, pai!

— O que é isso, Duda?

— Eu ouvi quando a vó Ivana e o vô conversavam. Vocês já foram namorados?

— Sim. Há muito tempo.

— Por que não ficou com a tia? Por que escolheu a Adele? Tia Alana podia ser a minha mãe agora — lamentou.

— Filha, é uma história complicada. Um dia explicarei porque escolhi a outra gêmea.

Nossa conversa foi interrompida quando Alana desceu. Meu queixo caiu ao avistá-la. Fiquei boquiaberto com tamanha beleza da minha loira. Vestia um

elegante vestido vermelho escuro que moldava perfeitamente o seu corpo. Acima da cintura, o modelo cobria o seu colo e braços, mas o impacto do visual era a revelação das suas lindas pernas através do detalhe transpassado na altura das suas coxas. A minha galega estava vestida de Alana Shultz! Linda!

Peguei sua mão e a beijei. Seu perfume era excitante, uma mistura de fragrâncias que remetiam a uma mulher sofisticada, sensual e urbana. Certa noite quando elogiei o aroma, ela contou que era exclusivo. O ciúme me corroeu quando imaginei que o tal perfumista, Olivier, criara o seu aroma.

— Está maravilhosa! Você é uma mulher estonteante.

— Obrigada. Você também está muito gato, como sempre. — Ela olhou de soslaio para Duda e notei certo desconforto. Mal sabia que já tínhamos uma torcedora.

— Obrigado. Vamos, Alana Shultz? A corte te espera.

— Claro! Meu príncipe — sussurrou.

— Serei o homem mais sortudo da festa. Estarei com as duas mulheres mais lindas do mundo!

Sáímos como uma família feliz.



Ao chegarmos à casa da Jaque, assustei-me com a quantidade de carros estacionados. A casa era afastada do centro, localizada numa área com muito verde e um pequeno lago. Um paraíso escondido em meio à cidade.

— Uau! A casa é espetacular! — Admirou a fachada. Olhou para mim, piscou e sorriu. Ela sabia!

— Meu pai quem fez o projeto, tia.

— Imaginei. A casa é linda! Seu pai é muito talentoso.

— Ele também é muito bonito e superlegal! — Olhei para Duda e lhe dei uma piscadela. Toda ajuda era bem-vinda. Alana surpreendeu-se com o comentário.

— Sim... — pigarreou. — Claro! Vamos entrar?

Fomos recepcionados pela Jaque e o Cleiton, seu marido. Assim que adentramos à ampla sala, assustei-me novamente com a quantidade de convidados. Pensei que fosse somente um jantar, mas tratava-se de uma baita festa.

Só não fiquei perdido em meio a tanta gente, porque já conhecia a maioria daquelas pessoas. Cumprimentei os mais íntimos e fiquei em um canto saboreando um vinho com o Jorginho, Francisca, Ivana e Perê, enquanto

observava a minha loira brilhar. Ela distribuía abraços, beijos, autógrafos, selfies e muita simpatia. Tinha certeza de que os jornalistas estariam no dia seguinte à nossa porta.

CAPÍTULO 32
ALANA

Estava sendo uma noite maravilhosa. Nunca pensei que sentisse tanta saudade dos amigos de Campos Verdes. Acho que acabei colocando todos dentro do mesmo pote quando saí magoada da cidade. Mesmo com a loucura que foi a minha vida de modelo e depois de empresária, bem que poderia ter reservado um tempo para visitá-los. Perdi o casamento da Jaque, o nascimento da Ellen, sua linda filha, e outras ocasiões tão importantes quanto. Reencontrei muitos amigos dos meus pais e estava adorando rever as meninas do colégio.

Kelly me cumprimentou e na hora me veio à lembrança amarga do último dia que nos vimos. O dia em que fui à sua casa para revelar ao seu pai a cumplicidade dela no episódio da armadilha de Adele. Ao que parecia, a sua prima Rebeca a chantageou por algum motivo que não me recordava, até porque não tinha mais importância. Era chegado o momento de deixar o passado para trás! Não o trouxe na minha clutch, por isso abracei a Kelly e ainda conversarmos um pouco.

A todo instante encontrava o olhar quente do meu Caribe. Estava sendo atenciosa com todos, mas não tirava os olhos do meu lindo. Vi quando Francisca grudou no braço dele e cochichou algo em seu ouvido.

Era bom o Jorginho cuidar da namorada dele!

Quim se aproximou em um único momento, quando tocava a música “Talking to the moon” de Bruno Mars.

— Eu pedi pra tocar essa música, porque é muito especial pra mim — sussurrou ao meu ouvido. — Desde a primeira vez que a ouvi, pensei em você. Só dormia ouvindo essa canção. Gostaria de poder dançar contigo... — Sua respiração era quente.

— E por que não me convida? — Ele olhou para a minha boca, umedeceu os seus deliciosos lábios e sorriu de lado.

— Hoje não, Galega. Um dia... — Saiu e me deixou pegando fogo. Estava pulsando!

Olhei ao redor e na pista de dança montada no jardim, havia muitos casais. Aproximei-me e toquei em seu ombro. Ele virou e lhe estendi a mão, sob os

olhares arregalados de Jorginho e Francisca.

— Dance comigo.

— Alana... — Olhou para os lados, cheio de preocupação.

— Por favor, Caribe. Não podemos deixar passar esse momento. — Ele aceitou minha mão e a beijou.

Fomos para a pista e o tempo todo, Quim cantou a música em meu ouvido. Já não me importava com os outros. Fechei os meus olhos e flutuei em seus braços. Uma gostosa insensatez. Mais uma.

Eu sei que você está em algum lugar lá fora

Em algum lugar longe

Eu quero você de volta

Eu quero você de volta

Meus vizinhos pensam que eu sou louco

Mas eles não entendem

Você é tudo que eu tenho

Você é tudo que eu tenho

Ele parou de cantar por instantes, respirou forte. Eu consegui sentir a emoção em sua voz.

— Meu amor! Eu te amo tanto, Alana! — Voltou a acompanhar a música, cantando baixinho com a sua voz rouca:

Porque todas as noites

Eu fico falando com a Lua

Tento chegar até você

Na esperança de que você esteja do outro lado

Falando comigo também

Ou será que eu sou um tolo aqui sozinho

Conversando com a lua?

Ohoo

Eu sei que você está em algum lugar lá fora

Em algum lugar longe...

Quando acabou a música, não saímos do lugar. Ficamos olhando um para o outro, até que Ivana o chamou. Na certa, preocupada com o pequeno show que protagonizamos.

Tranquei-me no banheiro, tentando controlar as lágrimas que teimavam em

cair. Esforcei-me para não pensar na emoção que senti ao dançar com Quim enquanto ele cantava para mim. Era incontornável e já não conseguia deixar de pensar no tempo que havíamos perdido por ficarmos longe um do outro e o que foi feito com o nosso amor. Saí do banheiro e o encontrei no corredor.

— Quim? — Ele pegou em meu rosto com as duas mãos, seu olhar era intenso. Beijou-me.

— Eu precisava fazer isso, Galega! — Saiu e mais uma vez deixou-me em brasa.

O jantar estava maravilhoso, tudo de muito bom gosto. Jaque era uma excelente anfitriã, mas eu já sentia vontade de voltar para o meu novo ninho, que era a casa de Quim e Maria Eduarda. Precisava desabafar e falar para ele tudo que sentia. Daquela noite não passaria! Iria ter uma conversa definitiva com Caribe!

De repente fui surpreendida por um burburinho na entrada. Meus olhos não quiseram acreditar na cena à minha frente: Tia Dandara acompanhada de Olivier! Mil perguntas pipocavam em minha mente.

O que ele veio fazer aqui? Por que minha tia o trouxe, mesmo sabendo que nós terminamos e que eu estava com Quim?

Olhei para Caribe e sua raiva já era nítida. Aproximei-me deles rapidamente. Percebi que Dandara pretendia levar Olivier para cumprimentá-lo primeiro. Um mau presságio atravessou os meus pensamentos.

— Tia Dandara, Olivier... Que surpresa! — Sorri amarelo e dei um olhar mortal para ela.

— *Ma chérie!* — Olivier abraçou-me apertado. Não correspondi.

— *Que fais-tu au Brésil, Olivier?* ¹

Tia Dandara não o deixou responder. Pegou em seu braço e o levou até Quim, que até então, estava com cara de poucos amigos e parecia que explodiria a qualquer momento.

— Olivier, deixe-me apresentar o marido de Adele, cunhado de Alana. Esse é o Joaquim! Joaquim, esse é o famoso Olivier Dupont, perfumista consagrado na França e...

— *Bonsoir, Olivier. Comment ça va?* ²

— *Bonsoir, très bien, Joaquin.* ³

Olhamos espantadas para Joaquim. Eu sabia que ele dominava o inglês e espanhol, desde rapaz, mas realmente foi uma surpresa ouvi-lo falar em francês com Olivier. Sorri de orelha a orelha e olhei para a Dandara que ainda estava

boquiaberta. Minha vontade era fazer uma careta para ela! Quim o apresentou ao Jorginho e a Francisca.

Meu Caribe era um homem lindo, inteligente, educado, honesto e gostoso. E me amava!

Aproveitei que estavam todos distraídos na conversa dos dois homens, peguei minha tia pelo braço e a levei para um canto.

— Como veio parar nessa festa? Por que trouxe Olivier? — perguntei entredentes.

— Eu não sabia da festa, querida. A Regiane, a vizinha da sua irmã, estava vindo para cá e nos informou que era um evento em sua homenagem. Que sorte chegarmos logo hoje, não é mesmo?

— Deixe de ser sonsa, tia! Mais tarde teremos uma conversinha!

Não lhe dirigi a palavra o restante da festa. Cansada de me esquivar dos avanços de Olivier, pedi ao Quim para irmos embora.

— Jaque! Obrigada, minha amiga. Estava maravilhoso! Ficarei aguardando você e sua linda família, no Rio.

— Claro, Alana. Foi um enorme prazer recebê-la!

Na volta para casa, Olivier ainda tentou segurar a minha mão para irmos embora juntos. Apressei-me em pegar a mão da Maria Eduarda e andei rápido até o carro.

— Vocês estão hospedados onde, tia?

— Para falar a verdade ainda não vimos isso. Pensei em ficarmos com vocês.

— A senhora sabe que não temos quarto de hóspedes, portanto, melhor aceitar a oferta da Ivana ou então, irem para a pousada da cidade.

— Naquela espelunca de pousada? — Fez uma careta de nojo.

Revirei os olhos. A pousada era uma construção nova, moderna e bem agradável.

— Perê e Ivana já estão saindo, seria bom decidir logo. Maria Eduarda está com sono, boa noite.

Entrei no carro, onde Quim já aguardava com o motor ligado. Os ânimos em nosso caminho da volta eram bem diferentes da ida. Maria Eduarda dormiu assim que se acomodou no banco traseiro, eu estava ainda indignada com a atitude de Dandara e Quim parecia estar chateado.

Acompanhei minha sobrinha até o quarto, ajudei-a tirar o vestido e colocar o pijama. Estava doida para ficar a sós com o Quim, porém percebi certo distanciamento da sua parte e tinha certeza de qual era o motivo. da sua

educação ao receber Olivier, seu olhar magoado denunciava os seus sentimentos.

— Caribe, sinto muito. Não convidei os dois para vi...

Fui surpreendida ao ser empurrada contra a parede do corredor e ao ter os meus lábios esmagados em um beijo voraz! Demos vazão ao desejo e tesão que nos consumiu a noite toda. Ele pegou-me no colo e me levou para o banheiro. Tirou a minha roupa, entre beijos e carícias desvairadas. Tomamos banho e fizemos um louco amor. A noite inteira ele me possuiu e eu me entreguei de corpo, alma e coração. Eu o amava. Sempre amei.

“Amor não é quando duas almas se unem, mas sim quando duas almas se encaixam.” (Autor desconhecido)



1: O que você está fazendo no Brasil, Olivier?

2: « Boa noite, Olivier. Como vai você? »

3: « Boa noite, tudo bem, Joaquim.

CAPÍTULO 33
ALANA

Acordei com a campainha tocando. Quem estava lá fora, tinha muita pressa de entrar, tamanha insistência desagradável. Ainda sentia muito sono. A madrugada com o Caribe foi magnífica, e o corpo marcado, dolorido, e lábios inchados denunciavam a nossa devassidão. Lamentei não poder dormir agarradinha com o meu amor.

A noite de sexo maravilhoso foi tão intensa que acabei por não tocar no assunto do nosso futuro. Não disse que o amava e não sabia porque travei com a declaração. Acho que preferia estar sem o efeito do louco tesão que nos dominava. Queria dizer-lhe que o amava, o perdoava e que sonhava viver para sempre com ele e com a Maria Eduarda. Formarmos finalmente a nossa família. Tinha planos lindos para nós!

Ouvi vozes alteradas. Corri para o banheiro e depois desci o mais rápido possível. Encontrei Dandara e Quim numa inflamada discussão.

— O que está acontecendo aqui? — indaguei aflita.

— O que está acontecendo? Aquilo que tanto alertei! Vocês dois estão com as suas caras estampadas na imprensa! — Entregou-me o celular.

— Esse aí não tem nada a perder, mas você, Alana, tem muito! Já estão falando da sua vida de amante do cunhado e o que é pior...

— Tia, por favor! Eu não quero saber de nada! — Minha enxaqueca já dava sinal de vida.

— Não quer?! Pois fique sabendo que os abutres estão dizendo que você jogou a sua irmã em um hospital para roubar o marido dela! Leia isso aí!

Não li e lhe devolvi o celular. Olhei para o Quim e o encontrei de cabeça baixa. Seu desconforto com as últimas notícias era evidente. Aproximei-me dele e toquei o seu braço.

— Caribe...

— Alana! Por Deus! — Dandara me interrompeu aos gritos. — Não é possível que você não enxergue a gravidade da situação! Isso é uma tragédia anunciada desde que cometeu o desatino de se fingir de...

— Tia! Venha até o meu quarto pra terminarmos essa conversa! Agora! — Puxei-a pelo braço. Antes de subir, tentei confortar o meu lindo:

— Não se preocupe, Quim. Resolverei tudo. Vá trabalhar, ok? — Joguei-lhe um beijo e subi correndo, puxando a tia comigo.

— A senhora está louca? O que estava tentando fazer lá embaixo? Me entregar para o Quim? — desabafei, porém, tomei o cuidado de falar baixo.

— Ah! Então, eu estava certa! Você não contou pra aquele idiota que não perdeu a memória coisa nenhuma, não é?

— Psiu! Fale baixo! Não contei porque...

— Eu sei porquê! No momento que aquele pobretão soubesse que você veio disfarçada de Adele para descobrir os podres dele e de sua comparsa, sua libertinagem iria acabar, não é?

— Cale a boca, tia! — gritei e gemi. Minha dor de cabeça só aumentava.

— Se conheço um pouco desse rapaz, ele jamais irá te perdoar quando souber que você mentiu quando disse ter perdido a memória! E tudo por um motivo torpe, vil. Tudo para desmascará-lo!

— Eu pensei que fosse por esse motivo, mas depois que cheguei aqui...

— Claro que tinha mais um motivo! No fundo você queria mesmo era se vingar dele e da sua irmã!

Coloquei as mãos na cabeça e apertei as têmporas. Já começava a sentir tonturas. Mesmo assim não podia deixar que ela falasse aqueles absurdos.

— Diga, Alana! Confesse que foi por pura vingança!

— Nãoooo!!! Não é nada disso! Nunca foi por vingança. Eu... Eu amo o Joaquim! Nós nos amamos e ficaremos juntos. Não importa o que os fofoqueiros irão dizer a meu respeito. Nada é mais importante na minha vida do que o desejo de formar uma família com Quim!

— Você está louca! Se o Giovanni estivesse vivo, jamais aceitaria tamanha loucura! — Gargalhei histericamente, com o maior absurdo que já ouvi dela.

— Meu pai ia apelar pra chantagens novamente? Dessa vez ia ameaçar com o quê? Matar o Quim? Sumir com a Maria Eduarda?

— Ele fez o certo! Ele pensou na família dele primeiro!

— Ele não pensou em mim e nem em Adele. Ele só pensou nele próprio. Na sua vergonha, honra e o cacete!

— Alana! Não fale assim do seu pai!

— A senhora acompanhou o meu sofrimento e todo o tempo sabia da chantagem dele! — Minhas lágrimas escorriam.

— Querida, foi melhor assim... Veja onde chegou! É uma mulher de sucesso agora. Se tivesse ficado com esse caipira, estaria como a sua irmã.

— Fora! — explodi.

— O-O quê?

— Fora daqui! Suma da minha frente! Volte pra Vitória, Rio, Miami, ou pro inferno! E leve Olivier com você! — Abri a porta do quarto.

— Minha querida, pense bem. Venha conosco e diga para a imprensa que é tudo mentira e que você está aqui com o seu namorado francês. Estamos hospedados na casa da Regi...

— Foraaaaa!!!! Saia agora!!!

Bati a porta com tanta força após a sua saída que parecia ter sido contra a minha cabeça, tamanha a dor dilacerante que aumentava a cada segundo. Procurei o remédio e ouvi o celular tocando, na certa devia ser o Xandy. Não queria falar com outra pessoa que não fosse Quim. Liguei para o seu celular, tocou até cair a ligação. Tentei na Construtora e Francisca disse que lá ele ainda não tinha aparecido.

Tomei o remédio e fui ao quarto da Maria Eduarda. Ela dormia tranquilamente. Que maravilha ser criança, pensei ao perceber que nada do que aconteceu abalou o seu sono. A cobri, beijei a sua testa e encostei a porta do quarto. Liguei novamente para Quim, mas ele não atendeu. Após tomar um banho, liguei mais uma vez e nada!

Caribe, onde você está? Meu amor...

Ouvi vozes e olhei pela janela. A frente da casa estava tomada por jornalistas! Meu desespero só fez aumentar quando avistei Rebrega sendo entrevistada por um jornaleco de fofocas, entretanto, não era aquilo que tirava o meu sossego.

Liguei novamente para a Construtora e dessa vez Francisca deu-me uma notícia que me fez ficar mais apreensiva. Quim havia ligado e avisado que não iria para a empresa pela manhã porque a sua casa estava cercada por jornalistas.

Se ele não saiu, estava em casa aquele tempo todo! Corri para os seus aposentos, mas a porta estava fechada. Bati e não obtive resposta. Olhei pela janela, o avistei sentado somente com uma toalha na cintura, de cabeça baixa e com os cotovelos nos joelhos. Parecia estar chorando.

— Quim! Abra a porta! O que houve, meu amor? Por favor, abra! — Esmurrava a porta em desespero quando lembrei que ele deixava uma chave reserva com Maria Eduarda.

Corri até o quarto dela e procurei na mochila. Assim que achei, desci a escada

voando. Minhas mãos tremiam quando a introduzi na fechadura. Abri a porta e o encontrei ainda sentado, e parecia não ter notado a minha presença.

— Quim, o que houve? Por que não atendeu as minhas ligações?

Ele parecia surdo. Não se mexia. Fiquei de joelhos à sua frente para olhar o seu rosto. Seus olhos estavam fechados, sua boca era uma linha fina e o seu maxilar estava tenso. Havia marcas de lágrimas em suas bochechas. Senti um calafrio e toquei em seu rosto.

— Meu amor, fale comigo. Não ligue para as bobagens da imprensa. Eu sei lidar com eles. Não se preocupe, vida... — O abracei. Caí sentada quando ele se levantou e seguiu em direção ao closet. Levantei e o segui. Quim arrancou a toalha, pegou uma boxer e uma calça.

— Quim! Por Deus! O que houve, meu amor? — Ele parou de se vestir e pela primeira vez, olhou-me.

— Amor? Você não sabe o que é amor! Você é fria, calculista e mentirosa! Eu ouvi a sua conversa com a Dandara! Não precisa disfarçar mais!

— Não! Não é verdade o que ela falou, ou melhor, nem tudo. Eu posso explicar! — Respirei fundo. — Joaquim... Eu... Eu te amo! Eu te amo, Caribe!

Ele sorriu com escárnio e com desdém proferiu as palavras que feriram fundo a minha alma:

— Você não sabe amar, Alana Shultz! Descobri que a minha Galega não existe mais. Só existiu nos meus sonhos. A mulher à minha frente, hoje é uma total desconhecida!

— Amor, eu posso explicar! Se você ouviu a minha conversa com minha tia, deve ter ouvido o que falei pra ela sobre nós e...

— Não aguentei escutar tudo! Estava enojado com o que já tinha ouvido.

— Vida, por favor, me ouça! — Ele terminou de se vestir, pegou o capacete e a chave da moto. Entrei na sua frente antes que ele saísse.

— Joaquim! Vamos conversar! Aonde você vai?

— Alana, eu preciso ficar sozinho pra pensar. Depois a gente se fala. Já liguei pra Jaque vir buscar a Duda e levá-la pra casa dela. Não quero que a minha filha seja alvo do circo armado lá fora. Por favor, ajude Duda a arrumar algumas roupas na mochila.

— Ela pode ficar comigo. — Minha visão estava turva com as lágrimas.

— Não! No momento eu prefiro a minha filha longe... De tudo!

Sua frieza era aterrorizante. O meu coração estava tão pequenino, encolhido de medo. Medo de perdê-lo novamente e dessa vez seria por total culpa minha,

somente minha! Colocou o capacete, subiu na moto e não me olhou antes de partir. Corri para o seu quarto e peguei uma de suas camisas. Abraçada a ela, deitei-me na cama e chorei. Perdoe-me, Caribe. Eu te amo!

CAPÍTULO 34 QUIM

Acionei o controle remoto do portão da garagem ainda montado na moto e saí em disparada, sem dar tempo para os caçadores da vida alheia me alcançarem.

Mesmo depois de chorar como um idiota, ainda sentia um nó na garganta. Estava sufocado, com uma vontade louca de gritar. E foi o que fiz assim que peguei a estrada para o litoral.

Gritei! Gritei e gritei!

Soltei o que estava comprimindo o meu peito. Parei em uma praia, passei algumas horas, olhando o mar e pensando no dia em que conheci Alana, em nosso primeiro beijo, a noite que a fiz minha, que a amei com ternura e loucura. O meu desejo sempre foi alucinado quando se tratava da minha Galega.

A garota por quem um dia me apaixonei era uma menina voluntariosa, destemida, obstinada e até marrenta, mas nunca foi uma pessoa inescrupulosa e mentirosa. Descobrir que ela se transformou em uma mulher capaz de cometer tamanha insensatez, deixou-me desnortado. O que pensar de uma pessoa que enganou a família, os médicos, os fãs e os amigos? Precisava ter muito controle das emoções e autodomínio para levar adiante tamanha farsa. Frieza absoluta! Lembrei-me das advertências dos amigos:

“Joaquim, você não significa nada pra essa mulher! Ela vai foder com a sua vida novamente. Essa mulher só quer se vingar de você!”

“Alana não é mais a mesma menina apaixonada. Estou preocupado contigo.”

“Você esqueceu que ela era a Mortífera? Estou assustado com essa volta repentina dela. Quem garante que não continua uma mulher vingativa? Ela saiu daqui humilhada por você e Adele.”

“Alana não é mais a sua Galega que saiu dessa cidade com o coração partido. Ela agora é uma celebridade, empresária de sucesso e tem uma vida bem diferente da sua. Em todos os aspectos...”

“Joaquim, você ainda vai sofrer muito na mão dessa mulher vingativa...”

Não queria pensar mais no que os outros falaram, contudo, as palavras de

Dandara tiraram-me o chão e me deixaram desnorteado. Havia desistido de sair de casa quando percebi a quantidade de jornalistas no portão. No instante em que subi para avisar Alana que não sairia, ouvi a discussão delas e fiquei em choque com a revelação.

“Você não contou pra aquele idiota que não perdeu a memória coisa nenhuma, não é?”

“No momento em que aquele pobretão soubesse que você veio disfarçada de Adele pra descobrir os podres dele e da sua comparsa, sua libertinagem iria acabar, não é?”

“Ele jamais irá te perdoar quando souber que você mentiu quando disse ter perdido a memória! E tudo por um motivo torpe, vil... Tudo para desmascará-lo!”

Depois disso não quis ouvir mais nada. Era inacreditável o absurdo dos atos de Alana. Tentei imaginar o que lhe aconteceria se tudo fosse descoberto pelo hospital e pela imprensa. Ela não medira as consequências dos seus atos imaturos, insensatos e levianos. Se queria descobrir a verdade, poderia utilizar-se de outros meios bem mais simples, como contratar um detetive, já que grana não lhe faltava.

Por que então correr um risco desnecessário? Vingança? Amor?

Sua declaração entrou na minha mente e invadiu o meu corpo. Só então consegui ouvi-la:

“Joaquim... Eu... Eu te amo! Eu te amo, Caribe...”

Será? A incerteza corroía o que ainda restava do fio de esperança de um dia podermos ficar juntos novamente e dessa vez, para sempre.

O celular tocou, estava preparado para recusar qualquer ligação que não fosse da minha filha quando vi que era do hospital.

— Senhor Joaquim Benício Padovani? Esposo da Sra. Adele Shultz Bianchi Padovani?

— Sim, é ele.

— Senhor Joaquim, precisamos da sua presença no hospital, pois o doutor Juarez precisa falar com o senhor o mais rápido possível.

— Aconteceu alguma coisa com Adele?

— A sua esposa acordou e está chamando pelo senhor!

CAPÍTULO 35

ALANA

Não sei por quanto tempo fiquei deitada na cama de Quim, até lembrar que precisava ajudar Maria Eduarda arrumar algumas roupas para ir com a Jaque. Sentia uma tristeza imensa quando lembrava que ele não permitiu que ela ficasse aos meus cuidados.

Na vida fazemos escolhas, trilhamos caminhos estranhos, mesmo sabendo das sombras e dos perigos, mesmo com os alertas de que poderiam ser caminhos sem volta. Não acreditava que não haveria um retorno ou uma saída de emergência. Existe um ditado turco que diz: “Não importa o quanto você foi longe pelo caminho errado. Volte atrás.” Era disso que eu precisava: voltar atrás para buscar o perdão, corrigir os erros e tirar lições deles.

Conclusão interessante, mas precisava ser sincera comigo mesma, e a verdade nua e crua era que eu não me importava se aprenderia e tiraria lições com os erros cometidos, porque o que realmente me interessava naquele momento era o perdão do meu amor.

Arrogância? Egoísmo? Não. Desespero mesmo. Depois pensaria nos aprendizados que poderia obter ao me dar mal com as merdas que aprontei na vida.

Maria Eduarda saiu com a Jaque, contra a sua vontade. Tentei explicar que o seu pai não queria que os jornalistas a perseguissem. Mesmo assim, a sua carinha magoada ao se despedir, cortou o meu coração. Não queria me afastar dela e nem de Quim. Não queria deixá-los nunca mais!

Não atendi a campainha e fiquei grudada no celular na esperança de que ele ligasse. Não ligou e nem respondeu minha mensagem. Conversei um pouco com o Xandy, que ficou chocado com as atitudes de Dandara. Pedi-lhe, mais uma vez, que fosse o meu relações públicas e declarasse o que achasse melhor à imprensa. Assim como eu, ele também achava que a fofoca tinha saído de algum convidado da festa, ou até mesmo da intragável Rebeca.

Eu entendia que Quim precisava de um tempo para digerir a verdade, mas também não queria deixá-lo sozinho para pensar muito. O que eu mais necessitava era estar com ele e fazer com que entendesse ou tão somente me

perdoasse. Seria péssimo ele ficar remoendo o que ouviu da minha tia, sem antes escutar as minhas justificativas.

Da janela do segundo andar, percebi que Olivier e Dandara ainda estavam hospedadas na casa da Regiane. Não entendia o porquê daqueles dois ainda estarem em Campos Verdes.

Enviei mais uma mensagem para Quim, mas ele nem ao menos visualizou. Decidi ligar, mas caiu na caixa postal. Estava explodindo de nervoso, angústia, arrependimento e medo. Muito medo! Passar todos aqueles anos longe do meu amor foi sofrido, penoso e ficar longe dele novamente, depois do nosso reencontro mágico, após o renascimento do nosso amor, seria a morte em vida. Não suportaria perdê-lo novamente!



Acordei na escuridão do quarto de Quim. Anoiteceu e ele ainda não tinha voltado para casa. Não respondeu às minhas inúmeras mensagens e não me ligou ou teria registro de ligação perdida. Veio-me a preocupação, tão logo lembrei que ele havia saído de moto e com a cabeça atormentada. Liguei para o Jorginho.

— Jorge, é Alana. — Tentei controlar o tremor na voz.

— Oi, Alana. Tudo bem?

— Não. Estou preocupada com Quim. Saiu cedo e ainda não retornou para casa e o celular está na caixa postal. Você tem notícias dele? — Fez-se um silêncio incômodo

— É... Sim. Ele ligou mais cedo e disse que não irá à empresa amanhã também.

— O quê? Como assim? Não voltará pra casa hoje?

— Não sei, Alana. Ele só falou isso. Eu estava com um cliente e não pude conversar mais tempo. Não se preocupe, ele está bem.

— Que droga! Você sabe onde ele está e não quer me dizer, não é?

— Porra, não sei! E mesmo que soubesse não falaria pra você e nem pra ninguém, se assim ele me pedisse!

— Vá à merda, Jorginho! — Desliguei na cara do idiota. Minha vontade era jogar o celular bem longe, porém, respirei fundo e me controlei!

Respira Alana... Calma...

Imaginei que ele não voltaria, enquanto eu ainda estivesse em sua casa. Pelo visto, o imenso amor que dizia sentir por mim, era tão fugaz que se desfez na primeira ventania. Não quis nem saber de ouvir as minhas explicações ou o meu

pedido de perdão.

Liguei para a Maria Eduarda e o que ela disse quase me fez cair da cadeira. Seu pai avisou que não dormiria em casa e que ela poderia ficar na Jaque ou na Ivana. Dessa vez não consegui poupar o celular, e joguei-o longe!

Tomei um banho, engoli um comprimido tarja preta e fui dormir, no meu quarto! Na manhã seguinte, ressurgiria como Alana Shultz!



Apesar dos remédios, a noite foi conturbada, repleta de pesadelos, e acordei com olheiras horríveis. Após um banho e um café forte, olhei pela janela e respirei aliviada ao notar que finalmente os abutres já tinham levantado acampamento. Restava conferir se a dupla ainda estava na vizinha. Seria bom demais se também tivessem partido. Droga! Tomavam o *brunch* tranquilamente no jardim da Regiane.

Procurei pelos destroços do meu celular e me xinguei mentalmente. Era sempre assim, quando eu não conseguia controlar os meus ímpetos, depois da raiva dissipada vinha o remorso, o arrependimento. Principalmente quando era algo precioso como um celular. Tudo o que eu queria, naquele momento, era o meu prezado aparelho funcionando normalmente. O jeito era sair e comprar outro, já que o chip estava intacto. Arrumei-me, peguei a carteira e assim que abri a porta deparei-me com a Paola.

— Ahhhh! Não! Não acredito que hoje terei que aturar a sua cara nojenta!

— Bom dia, Alana Shultz! — Seu sorriso irônico era insuportável.

— O que você quer? Se for para falar com Quim, pode dar meia volta que...
— Ela gargalhou, e minha nuca arrepiou.

— Não, querida! Estive com ele ontem à noite. — Não tive reação ao seu comentário. Devo ter ficado pálida, pois ela abriu um sorriso vitorioso.

— Ele não te contou ainda? Coitadinha... Pobre menina rica. Vai perder o brinquedinho preferido.

— Do que está falando, sua idiota?! — Em instantes a bruxa perdeu a compostura e deixou escorrer a crueldade.

— Idiota aqui, só tem uma! E é você! Se ele ainda não deu a notícia, minha querida, eu faço questão! Eu e Joaquim teremos um filho!

Senti uma dor alucinante na cabeça e uma enorme vontade de vomitar.

— E mais uma vez ele irá assumir o filho, casando-se comigo! A poderosa Alana Shultz dançou novamente! Quem é a idiota agora, hein? — De repente

tudo foi ficando escuro.

— Não vai falar nada? A sua gêmea já acordou.

Muito escuro...

CAPÍTULO 36

QUIM

— Não aplicamos um tratamento específico no caso de Adele. Cuidamos da sua saúde, aguardamos a evolução e fomos surpreendidos por sua excelente recuperação. No caso dela havia risco de sequelas na visão e na audição, mas isso foi superado. Por ora, ela está com alguma dificuldade de locomoção, porém responde bem aos estímulos. Creio que em alguns dias já se locomoverá mais facilmente. Vamos reforçar as sessões de fisioterapia e...

Fiquei ainda por quase meia hora ouvindo o doutor Juarez e depois fui levado para ver Adele. Estava muito apreensivo com o reencontro. Entrei no quarto e a encontrei com os olhos fechados, parecia dormir.

Sentei-me e esperei que despertasse. Acho que acabei dormindo na poltrona, e quando acordei, assustei-me ao deparar com olhos azuis me fitando intensamente. Sem maquiagem, pálida e com um semblante sereno, em nada se parecia com Adele.

— Quim...

Levantei e me aproximei, tentei sorrir, porém os meus lábios travados não respondiam ao comando. Estava aliviado com sua plena recuperação, por outro lado, o seu retorno trazia à tona a indignação por suas maldades e as chantagens feitas para concordar com o divórcio. A mulher sorridente a minha frente fazia-me lembrar todos aqueles velhos problemas.

— Oi, Adele. Como se sente?

— Bem. Um pouco lenta nos movimentos, mas do resto, estou muito bem.

— Isso é bom. — Ela quis sentar-se e corri para ajudá-la.

— Como está a Duda? — Sua pergunta surpreendeu-me.

— Duda? Está bem.

Não era o momento de despejar tudo que estava engasgado pelas atrocidades cometidas contra a minha filha. Tentei manter o esquisito diálogo sem me alterar.

— Já me contaram que Alana não sofreu muitos ferimentos no acidente. Fiquei aliviada. Eu não me recordo do que aconteceu, mas lembro que era eu quem estava ao volante. Trocamos de lugar porque ela não conseguia dirigir o

carro e...

— Isso não importa mais, Adele. O importante é que vocês duas estão bem.

— Sim, tem razão! Eu sei que ainda ficarei alguns dias internada, mas gostaria de ver Duda e Alana também.

— O que você quer com a minha filha? — Acabei sendo ríspido.

— Eu preciso falar com ela, por favor, Quim.

— Adele...

— Desculpe, Quim! Eu não quero mais brigar e gostaria também de me desculpar com a Duda porque... porque... É... Eu quero que saiba que irei te dar o divórcio, sem chantagens. Gostaria de entrar em um acordo justo.

— Co-Como? — Era inacreditável o que tinha acabado de ouvir.



Depois da longa e satisfatória conversa com Adele, deixei-a aos cuidados da enfermeira e fui à lanchonete do hospital. Ainda estava muito surpreso com suas palavras. Pelo visto, passar por uma quase morte a deixou mais complacente.

Precisava ligar para Duda, Jorginho e Dandara também. Pediria à tia das gêmeas para avisar Alana que sua irmã havia acordado. Ainda não estava preparado para conversar com ela. Queria estar mais tranquilo e o que tínhamos para discutir não poderia ser por telefone. Enquanto lanchava, o celular tocou. Imaginei ser Alana novamente, mas quando vi que era a Paola, fiquei intrigado, imaginando o que aquela mulher ainda poderia querer comigo. Após nosso último encontro, tinha certeza de que ela não me procuraria nunca mais. Resolvi atender, pois imaginei que poderia ser algo relacionado a algum projeto.

— Oi, Joaquim. Tudo bem? — Sua voz soou suave.

— Oi, Paola. Tudo bem. O que você quer?

— Joaquim, eu preciso falar pessoalmente. É muito importante!

— Pode falar.

— Não! Por favor! Onde está? Eu irei a Campos Verdes. Estou em Vitória, mas na volta pra Cachoeiro, posso passar na empresa?

— Paola...

— Por favor! É urgente!

— Tudo bem. Estou em Vitória também. No hospital...

— Aconteceu alguma coisa com Adele?

— Não. Sim! Ela acordou do coma.

— Eu sei qual hospital ela está. Em meia hora estarei aí. Um beijo. — Desligou.

Terminei de lanchar e liguei para Dandara. De início, a ligação não foi bem recebida, mas assim que falei de Adele, ela amoleceu um pouco. Surpreendeu-me quando disse que só visitaria a sobrinha no dia seguinte. O que me fez pensar que eu teria de dormir lá. Liguei para Duda e para Jorginho também. Pensei várias vezes em responder às mensagens de Alana, no entanto, preferia conversar pessoalmente. Na certa, ela viria com a sua tia no dia seguinte para visitar a irmã e assim conversaríamos com calma.

Não via a hora de tê-la em meus braços novamente. Sentia uma imensa falta dos seus beijos, do seu cheiro, do seu corpo quente e macio. Perdido em lembranças da minha loira, recebi a mensagem da Paola avisando que me aguardava na recepção.

Assim que me avistou, levantou-se rapidamente, veio ao meu encontro e abraçou-me.

— Fala logo o que quer. Adele está me esperando. — Retirei os seus braços do meu pescoço.

— A esposa está esperando o maridinho? Ela já sabe que você está de caso com a gêmea dela?

— Porra! Eu sabia que não deveria ter confiado em você! Só veio aqui para me atormentar! — Virei-me para ir embora, mas ela agarrou o meu braço.

— Não! Desculpe! O assunto é muito sério. Não tem um lugar mais tranquilo pra conversarmos?

— Não! Fale logo, Paola!

— Ok. Tudo bem. Então, será aqui na recepção mesmo, na frente de todos.

— Você tem dez segundo ou...

— Eu... Eu estou grávida de um filho seu! — Ela soltou, como uma bomba.

Parei alguns instantes para digerir a notícia e explodi numa gargalhada nervosa!

— Você pensa que sou algum parvo? Nós nunca fizemos sexo sem preservativo! Nunca!

— A camisinha não poderia ter furado? — Seus lábios tremiam, mas os olhos denunciavam muito mais que medo.

— Poderia, mas isso nunca aconteceu! Se estiver grávida mesmo, com toda certeza esse filho não é meu! Isso me faz chegar à conclusão de que fui traído enquanto mantínhamos um relacionamento! — Ela olhou constrangida para os

lados.

— Eu ainda não tenho certeza. Só fiz um exame de farmácia e...

— Paola, se você confirmar a gravidez com outro exame, irei aguardar tranquilamente o nascimento do bebê e farei questão de fazer o exame de DNA para esfregar na sua cara de pau!

— Joaquim... — Fomos interrompidos por uma chamada no meu celular. Tirei o aparelho do bolso e vi que era outra ligação de Alana. Estava muito nervoso para atender e resolvi desligar. O fato era, que não teria serenidade para conversar com ela naquele momento.

— Era a sua amante? Não vai atender? Já brigaram?

— Não é da sua conta, porra!!

— Seu grosso! Eu vou esfregar o exame e depois o nosso filho na sua fuça!

— Você é patética, Paola! Chega! Já ouvi muita merda hoje. — Virei as costas e me afastei da mulher vingativa e mentirosa que ela era.

Se não bastassem todos os problemas que caíam em minha cabeça, apareceu uma louca para tentar aplicar um golpe, sem queouvéssemos transado pelo menos uma única vez sem preservativo em um ano de relacionamento. A única mulher na minha vida com quem fiz sexo sem preservativo foi a Galega, não esquecendo aquela escorregada com Adele, e mesmo assim, achando que era Alana.

Passei o resto da tarde no hospital com Adele e no início da noite resolvi ligar o celular. Duda poderia querer falar comigo. Percebi que estava sem bateria e sem o carregador.



Adele passou a noite tranquila, em compensação a minha foi terrível. Pesadelos com Duda e sua tia, fizeram-me acordar suado e agoniado. Tomei um banho, mas passei o resto da noite em claro. Pensei muito em Alana.

Ela disse que me amava.

Assim que a primeira luz da manhã despontou, pulei do sofá-cama que eu mal cabia e fui para a lanchonete. Não consegui comer nada, tomei apenas um café puro. Estava muito ansioso com a chegada da loira.

Pensava na possibilidade de contratar uma enfermeira para ficar com Adele até a sua alta. Não poderia passar os dias e noites trancafiado em um hospital. Distraído em pensamentos, não percebi quando Dandara entrou na recepção. Só a vi quando seguia pelo corredor em direção ao quarto de Adele e corri para

alcançá-la.

— Dandara! — Ela virou e fez uma careta quando me viu.

— Bom dia, Joaquim. Vim visitar a minha sobrinha.

— Eu sei. Alana já entrou? Estava distraído e não percebi quando vocês chegaram.

— Alana? Poxa, meu filho, sinto muito, mas acho que ela esqueceu de te avisar. — Seu deboche gelou a minha alma.

— Onde está Alana?

— É isso que estou tentando falar, Alana foi embora hoje com Olivier. Sinto muito, querido, mas eu avisei que isso aconteceria. Ela percebeu a burrada que fez ao dispensar um homem maravilhoso como o francês e voltou atrás. — Deu um sorriso maléfico e saiu.

Eu continuei ali, imóvel, paralisado. Não conseguia esboçar qualquer reação.

Sem ar.

Sem acreditar.

Não! Não! Não!!

CAPÍTULO 37 QUIM

Um mês.

Um mês que Alana foi embora. Um mês que o meu coração se partiu. Lutei, entreguei-me e acreditei no amor novamente. Deixei-me levar pelo sentimento verdadeiro que nutria por ela e que infelizmente não foi o bastante. Amar era uma via de mão dupla e caminhar sozinho não era mais possível. O simples fato de amar alguém já nos deixa vulnerável e após o reencontro com Alana, não cabia mais sentir sem fazer sentido. Eu precisava esquecê-la, porém a dor era constante, desde acordar até o último pensamento.

— Quim! Está me ouvindo?

— Oi, Jorginho? O quê disse?

— Cara, estou falando há um tempão sobre a obra do Colégio Liceu. Está pensando na gêmea ainda?

— Alana?

— Não! Adele!

— Vá à merda, Jorginho!

— Porra, Quim! É claro que é na Galega!

Suspirei, levantei-me, abri a persiana e olhei o tráfego de caminhões que passava pelo centro de Campos Verdes. As reclamações dos moradores eram constantes, mas o que muitos não entendiam era que a cidade ainda dependia muito da rodovia que a cortava. Alimentava o comércio local, principalmente lanchonetes, restaurantes e postos de gasolina.

— Joaquim!

— Eu ouvi a sua pergunta. Tá foda cara... Eu ainda estou inconformado com a atitude de Alana.

— Eu já falei e vou repetir: Você foi muito rígido com ela. Podia ter ficado e discutido o lance. Mas, além de sair sem ouvi-la, ignorou as suas ligações e mensagens.

— Caralho! Eu já expliquei! Fiquei inseguro, e tive medo de descobrir que estava sendo enganado. Que realmente ela fosse vingativa e estivesse só

brincando com os meus sentimentos. Depois que o susto passou, eu pude pensar com clareza. O que eu mais queria era encontrá-la pessoalmente para conversarmos e...

— Foi tarde demais.

— Será? Se no primeiro revés ela foi embora com o francês, então não me amava. Tentei ligar várias vezes e como punição ou total falta de interesse em dar uma satisfação, ela não atendeu.

— Quim, eu ainda acho que deveria ter ido atrás dela no dia seguinte. Deixou passar muitos dias e ela já não estava mais no Rio.

— Não podia viajar e deixar a Duda mal. Teve febre e ficou deprimida quando Alana foi embora de maneira tão repentina.

— Alana se despediu dela, não é?

— Sim. Disse que tinha de resolver alguns problemas de trabalho fora do país. Prometeu que nas férias a levará para o Rio ou Miami.

— E você deixará Duda passar as férias lá?

Gargalhei sem achar graça.

— Você acredita mesmo que ela buscará Duda para passar as férias com ela?
— Fomos interrompidos pela Francisca.

— O diretor do Liceu já chegou. Mando entrar?



Ao chegar em casa, encontrei Ivana e Adele lanchando.

— Oi, Quim. Ainda bem que chegou mais cedo. Perê já ligou sentindo minha falta, mas não queria ir antes de você chegar. A Duda não quis descer pra lanchar.

— Ela está com febre novamente?

— Não. — Foi Adele quem respondeu. — Ela está com saudade da tia. Agora pode ir despreocupada, Ivana. Obrigada pelo bolo delicioso!

— Imagine, comprei da Talita. Você sabe que não tenho mão pra bolos. Eu vou indo. Tchau crianças!

— Quim! Sente aqui pra comer e tomar um café. Eu subo pra falar com a Duda. — sugeriu quando eu me dirigia à escada.

— Eu prefiro subir e convencê-la a descer e lanchar comigo.

— Você tem notícias do doutor Rodrigo?

— Falei com ele hoje. Já deu entrada nos papéis do divórcio, e acredito que

logo sairá.

— Eu já falei que pode continuar morando nos fundos.

— Obrigado, Adele, mas prefiro alugar uma casa, até a minha ficar pronta.

— Você que sabe. — Deu de ombros e voltou para cozinha.

Eu e Adele entramos em acordo; ela receberia uma pensão e o carro, e eu ficaria com a guarda da Duda, a casa inacabada e as cotas da Construtora. O imóvel de Campos Verdes já era dela, assim poderia alugar o apartamento que construí nos fundos.

Subi e ao entrar no quarto, encontrei minha filha encolhida. Doía ver a tristeza da menina.

— Minha filha... — Acariciei os seus cabelos loiros.

— Oi, pai.

— Ivana disse que você não quis descer pra comer o bolo delicioso da Talita.

— Não estou com fome.

— Você tinha melhorado dessa tristeza. O que houve, Duda?

— Ela não ligou hoje.

— Ela quem?

— A tia Angel! — Levei um baita susto e num pulo estava em pé.

— Alana?!

— É pai. Da última vez, ela disse que ligaria hoje, mas ainda não ligou e não retornou a minha ligação.

— Como assim? Desde quando a sua tia está ligando?

— Desde a segunda semana que foi embora. Desculpe pai, mas ela pediu pra não falar nada pra ninguém.

— Não é possível! Poxa, filha! Você tinha que ter me contado!

— Vocês brigaram, né? Pensei que vocês fossem se casar...

— Eu também pensei. Ela está em Miami?

— Ela chegou ao Rio na segunda. Você vai buscar a tia?

— Na-Não filha...

— Por quê?

— Por quê? Porque ela deve estar muito bem com o tal francês. Melhor esquecer esse assunto.

— Não!

— Sim, Duda! Vamos esquecer esse assunto de namoro, casamento e...

— A tia não está namorando Olivier!

— Você perguntou isso a ela?

— Não! Ele está namorando a nossa vizinha.

— A Regiane? De onde tirou essa ideia? Que bobagem é essa?

— Ouvi uma conversa da Vó Ivana com a dona Regiane. Eles estão namorando e ela e o Lukinha já estão até de viagem marcada pra Paris. — Meu coração disparou. As batidas frenéticas levaram-me a sentar novamente.

Então... A Galega não havia ido embora com o francês da forma como a Dandara falou. Velha mentirosa! Como eu fui idiota por acreditar.

— Pai, você tá bem? — Senti sua mãozinha me afagar os cabelos.

— Mais ou menos. O que mais vocês conversaram? Ela perguntou por mim?

— Não. Só perguntou por Adele e por sua amiga, Paola!

— A Paola? O que respondeu?

— contei pra tia que Adele já estava em casa.

— Não! O que respondeu sobre a Paola?

— Oras! Eu disse a verdade.

— E essa verdade seria?

— Que a tal Paola ligava quase todos os dias.

— O quê? Como eu não fiquei sabendo disso?

— Adele disse que você não gostava mais dessa amiga. Que ela tentou fazer você de idiota. Por que ela te fez de idiota, pai?

— Duda!

— Desculpe. Foi Adele quem disse isso. É mentira?

— O que a sua tia falou quando você contou das ligações da Paola?

— Nada.

— Como nada?

— Ai, pai! Nada, puxa! Ah! Vou descer pra comer o bolo. — Levantou-se e deixou-me com cara de... de... Idiota!

Não sabia o que pensar, mas pelo visto, até Alana sabia que a Paola tentou dar-me um golpe. Na certa, a Ivana contou ou então, Adele mesmo. Desci correndo e a encontrei na sala, assistindo TV.

— Você tem falado com sua irmã?

— Só na primeira semana, após sair do hospital — respondeu sem tirar os olhos da TV. — Eu pensei que vocês dois fossem se acertar. — Deixou a TV de

lado e me fitou. — Dona Regiane contou que achava que vocês estavam de caso.

Não respondi ao seu comentário. Fazia tempo que a minha vida pessoal não era mais da conta dela.

— Como soube que a Paola tentou me enganar?

— Algumas enfermeiras contaram. Pelo visto você foi a fofoca predileta delas. Você conseguiu alvoroçar aquele hospital mais do que a famosa Alana Shultz! — Gargalhou.

Deixei Adele com as suas gargalhadas, não me contive e fui falar com Regiane. Enrolei um pouco na conversa até encontrar uma maneira de entrar no assunto.

— Duda contou que você e Lukinha vão para Paris. É isso mesmo?

— É verdade! Nem tivemos tempo pra conversar ultimamente. Você anda sempre ocupado. Depois que Adele voltou, quase não fica mais em casa.

— Ando mais despreocupado. Eu e Adele já combinamos o divórcio.

— Ela está bem diferente mesmo. Que bom, Joaquim. E sim, é verdade. Viajarei mais tranquila agora. Se dependesse de Olivier nós já estaríamos lá, mas precisei levar Lukinha ao psiquiatra, pegar umas receitas e...

— Olivier? Vocês estão namorando? — Ela corou e sorriu envergonhada.

— Sim. Ele se hospedou aqui em casa. Fomos nos conhecendo e ficamos amigos. Depois começamos um namoro virtual. Se ele não tivesse partido às pressas pra acompanhar Alana.

— Às pressas? Como assim?

— Não soube? Alana desmaiou no dia em que você ligou pra Dandara avisando que Adele havia acordado. Ela achou melhor não te contar nada pra não se preocupar.

— Alana desmaiou? Por quê? O que houve com ela?

— Dandara me falou depois, que foi estresse e que pediu a Olivier para acompanhá-la ao Rio de Janeiro, para uma bateria de exames, pois poderia ser ainda algum reflexo do acidente.

— Eu não fazia ideia disso — expliquei, tentando lembrar as palavras duras de Dandara.

— Alana estava péssima, naquele dia, muito abatida. Só não entendi o motivo de ir embora, de repente. Eu estranhei muito, porque achava que vocês estivessem juntos e bem.

— Eu também...

Despedi-me de Regiane e voltei para casa, com a cabeça a mil. Após um

banho, tentei dormir, mas sem conseguir desligar o cérebro, desisti. Fiquei tentando encaixar as lacunas de tudo que ouvira.

“A tia não está namorando o Olivier!”

“Só perguntou por Adele e por sua amiga, Paola!”

“Eu pensei que vocês estivessem juntos e bem “

“Olivier resolveu acompanhá-la.”

Minha cabeça fervilhava! Desisti de dormir, peguei uma garrafa de uísque e me sentei na sala. Precisava pensar. Enquanto ouvia a música “Love Of My Life” do Queen.

Amor da minha vida, você me machucou

Você partiu meu coração

e agora me deixou

Amor da minha vida, você não vê?

Traga de volta, traga de volta

Não tire isso de mim

Porque você não sabe

O que isso significa para mim

Amor da minha vida, não me deixe

Você levou meu amor

E agora me abandona...

Nos últimos acordes, já havia decidido. Não esperaria nem mais uma noite! Buscaria Alana no Rio, Miami, França, ou na China se preciso fosse

CAPÍTULO 38
ALANA

Um mês.

Um mês sem ouvir a sua voz.

Sem sentir o seu cheiro.

Sem sentir o seu gosto.

Eu estava morrendo um pouco a cada dia que ficava longe dele.

Uma dor excruciante que fazia o meu peito arrebentar. Queimava como se uma brasa estivesse alojada no meu coração. Como eu previ, estava muito mais doloroso esquecê-lo. Eu me permiti sonhar novamente. Sonhei em construir uma família com ele e com a Maria Eduarda. Sonhei em cair em seus braços todas as noites. Sonhei em dar-lhe um filho. Foram tantos planos desfeitos.

— Angel! Ei! Acorda! Ouviu o que eu disse?

— Hã? Desculpe. O que foi, Xandy?

— Caramba, Alana! Estou há horas falando sobre os preparativos do evento de hoje. Está com a cabeça no seu Caribe?

— Meu? Eu não o tenho mais! Vamos mudar de assunto, por favor.

— Não! Vamos falar sobre o Joaquim, porque é visto que está vegetando desde que voltou de Campos Verdes. Ainda acho que foi precipitada ao largar tudo e sair correndo de lá com o rabinho entre as pernas. Você foi uma covarde, o que me surpreendeu bastante.

— Covarde? O que você queria que eu fizesse, quando outra infeliz apareceu grávida de Quim?

— Alana! Essa história é ridícula! E mesmo que a Paola estivesse grávida, você acha que o Quim se casaria com ela? Você contou que ele só se casou com sua irmã por causa das chantagens do seu pai.

— Eu conheço o Joaquim! Poderia até não se casar, mas teríamos aquela cobra entre nós pra sempre. Não suportaria ter que dividi-lo com aquela mulher horrorosa!

— Caralho! Você é tão inteligente e está agindo como uma toupeira! É obvio que aquele homem é louco por você. Fugiu pra deixar o caminho livre para

Paola? Se foi isso, então palmas para ela, e não para a sabichona Alana Shultz!

Xandy aplaudiu e me fitou com olhar debochado. Minha vontade era dar uns tapas naquela careca. Primeiro me chamou de covarde e depois de burra. De tudo o que ele falou, o que me deixou mais inquieta foi que o Quim era louco por mim.

— Angel! Está aérea novamente? Precisa superar esse trauma. É uma mulher adulta e não mais uma adolescente. Se eu fosse você...

— Mas não é! Chega! Fora! Quero ficar sozinha.

— Vou utilizar a sua palavra predileta nos últimos dias: Você é uma idiota! Uma tremenda medrosa! Medo de correr atrás, de amar, medo de ser feliz. Prefere chorar e se acabar pelos cantos! Pronto, falei, e agora eu saio! — E o fez e bateu a porta com força.

Meu amigo não entenderia nunca! Não foi nos seus olhos que a pimenta afogueou. Não foi em seu coração que o punhal transpôs. Só eu sabia o que havia padecido e o quanto ainda as lembranças me atormentavam.

Quando Paola apareceu com a história da gravidez e falou que eles se casariam, imediatamente recordei-me das palavras do Quim quando disse que se casaria com Adele.

Mesmo sabendo dos reais motivos que o levaram a agir assim, eu sabia que não suportaria, não aceitaria aquela mulher repugnante ter um filho do homem que eu amava. Acho que no fundo eu ainda carregava muita mágoa.

Em uma coisa, Xandy tinha razão: eu não era mais uma adolescente, e por isso mesmo tinha certeza de que jamais conseguiria conviver com Paola. Jamais teria a mesma atitude do passado quando propus me casar com ele, mesmo com a minha irmã grávida. Tinha dúvidas se conseguiria manter um relacionamento naquelas circunstâncias.

A verdade era que preferi não pagar para ver. E, mais uma vez, o Xandy tinha razão. Tive medo. Muito medo de descobrir a verdade e o que era pior, acabar aceitando. Decisão que fatalmente acabaria com o lindo e imenso amor que sentia por aquele homem. O meu coração sabia que jamais amaria outro alguém como o amei. Caribe foi o meu único e eterno amor.

No momento em que a víbora soltou aquela bomba, o desespero foi tanto que desmaiei aos seus pés. Quando acordei, estava no sofá ao lado de Dandara, que chorava enquanto eu era examinada por um médico. Olhei ao redor, ainda com receio de encontrar Paola, mas só avistei Olivier.

Respondi às perguntas do médico sob o olhar astuto da minha tia.

— *Está tudo bem, Alana. Foi somente uma queda de pressão causada pelo*

estresse. Recomendo uma boa alimentação e repouso pelo resto do dia. Qualquer coisa é só me ligar. — disse o médico

— Como está, ma chérie?

— Estou bem, Olivier. Foi só cansaço e falta de me alimentar corretamente. Vou lanchar agora e...

— Nada disso! Você irá almoçar conosco na casa da Regiane.

— Tia! Por favor, não insista. Eu gostaria de ficar sozinha.

— Ainda bem que eu vi a porta aberta e resolvi entrar. Onde está aquele seu cunhado?

— Não sei e não quero saber! Vou embora hoje, portanto, deixe-me só. Preciso arrumar a mala e ligar pra Carol pra que providencie a minha viagem.

— De maneira nenhuma a deixarei viajar sozinha. Você está debilitada! O jatinho de Olivier está no aeroporto de Vitória. Ele irá acompanhá-la, não é mesmo, Olivier? — Ele levantou as sobrancelhas. Parecia indeciso.

— Não precisa me acompanhar. Cedendo o seu jatinho estará ótimo. Quero partir o mais rápido possível.

— Non! Eu irei.

— Mas é claro que Olivier irá contigo, querida. Eu não posso acompanhá-la porque ainda tenho alguns compromissos aqui no Espírito Santo. Marquei com alguns amigos. — Limpou a garganta — Vou preparar um lanche reforçado e depois a ajudarei com as malas.

— Vou tomar um banho, tia. — Subi a escada e a cada degrau, sentia um peso enorme no coração. Formou-se um nó em minha garganta, queria chorar, mas as lágrimas não vinham, estava seca. Daquele momento até a minha partida agi como um robô. Após me despedir de Maria Eduarda, enfim consegui deixar as lágrimas se libertarem e os soluços explodirem. Sentia-me derrotada.

No avião, não consegui relaxar e com muito esforço e insistência de Olivier, tomei um suco de laranja. Meus pensamentos estavam todos em Quim. Ele recusou todas as minhas ligações e não respondeu às minhas mensagens. Estava magoado, com raiva e deve ter ido chorar nos braços da outra. Lembrei-me das suas duras palavras:

“Você não sabe amar, Alana Shultz! Descobri que a minha Galega não existe mais. Só existiu nos meus sonhos... Essa mulher na minha frente hoje é uma total desconhecida!”.

Ele não quis falar comigo, mas se encontrou com a Paola.

“Não querida. Estive com ele ontem à noite...”.

Chorei. Chorei muito.

Logo chegamos ao Rio de Janeiro e aterrissamos no Aeroporto Santos Dumont. Precisei colocar o meu disfarce novamente, temia ser reconhecida. Durante o voo, não respondi às perguntas de Olivier e não o queria como companhia, por isso não o hospedei. Precisava lamber as minhas feridas em paz. Ele deixou-me no apartamento e seguiu para o hotel e então, completamente arrasada desabei na cama.

Pela manhã, pedi à Carol que providenciasse um novo celular e recuperasse o meu número. Nos dias posteriores, Quim ligou várias vezes. Prefiri não atender, pois não poderia fraquejar novamente. Nunca deveríamos ter reatado o nosso relacionamento. Ele conseguiu facilmente transpor a minha blindagem, porém não mais me deixaria levar.

Após dois dias no Rio, segui para Miami com Olivier. Nos dias seguintes, sem aguentar mais de saudades de Maria Eduarda, liguei para ela. Esforcei-me para não cair em prantos enquanto falava com a minha menina. Após a primeira ligação, não consegui ficar sem ouvir a sua doce voz e ligava quase todos os dias. Pedi-lhe para não contar para ninguém que estávamos nos falando.

E foi o toque do celular que me fez acordar do transe. Tocava insistentemente, mas não estava com cabeça para conversar com ninguém e muito menos resolver qualquer droga de problema. Tinha um evento mais tarde e precisava descansar. De casa, eu ligaria para Maria Eduarda.

Assim que cheguei, tentei algumas vezes, mas caiu na caixa postal. Lamentável, pois só poderia ligar novamente no dia seguinte. À noite iríamos apresentar os novos modelos para o lançamento de roupas íntimas para homens. O evento seria no requintado salão de festas do mesmo edifício que instalava os escritórios Alana Shultz.

Vesti um pretinho, mas de básico, o vestido não tinha nada. Era frente única, preso a uma grossa gargantilha e com uma generosa fenda entre os seios. Prendi o cabelo e fiz uma maquiagem à altura do look. Antes de sair, liguei mais uma vez para Maria Eduarda, mas novamente a ligação foi desviada para a caixa postal.

Ao chegar no evento, os jornalistas e boa parte dos convidados já se encontravam. Tirei várias fotos e dei algumas entrevistas. Meu coração falhou uma batida e acelerou loucamente, quando, no momento em que posava com os modelos, avistei uma pessoa e paralisei. Não estava acreditando no que os meus olhos viam.

Quim.

Ele estava lindo, vestido com um terno elegante, os cabelos com um penteado diferente. Ao seu lado estava Dandara e no instante em que fiz um movimento para ir ao seu encontro, um dos modelos segurou e apertou a minha cintura e os flashes pipocaram. Sorri, fiz caras e bocas, respondi uma pergunta ao jornalista e quando voltei o olhar em direção a Quim, tanto ele, como minha tia já não estavam mais. Corri por entre os convidados e garçons. Alcancei o hall dos elevadores, e com muita agonia o esperei chegar. Entrei e passei minutos aflitivos até chegar ao térreo, onde tropecei em Dandara, que me segurou para que eu não caísse.

— O que a senhora está fazendo aqui? Onde está o Quim?

— Vim só acompanhar uma amiga que estava de saída. O seu cunhado só passou para dar um “olá”. Estava com muita pressa, parece que tinha um compromisso importante. Ele deixou um abraço e...

— Não! Não! — Saí correndo para fora do edifício e andei como louca pela calçada a sua procura.

Estava desesperada! Não podia acreditar que ele esteve tão perto de mim e o perdi. Ele não devia estar muito longe. Voltei em disparada e no elevador, apertava o botão, em desespero, como se aquilo fosse fazer a viagem ser mais rápida. Ignorei todas as pessoas que me chamavam. Eu só precisava pegar meu celular na bolsa e ligar para Quim. Quando ia fazer a ligação Xandy aproximou-se.

— Angel...

— Agora não, Xandy! — respondi, sem lhe dar atenção. — Se for algum problema, se vire!

— Alana, eu preciso falar com você!

— Que droga! Já disse que agora estou ocupada. Preciso fazer uma ligação urgente! — Minhas mãos tremiam ao procurar o seu contato.

— Angel, é sobre o...

Sem escutar as suas lamúrias, virei as costas e apressada, saí com a intenção de procurar um lugar mais tranquilo para falar com Quim. Peguei o elevador e ainda consegui ver Xandy tentando me alcançar. Dei-lhe um tchauzinho e corri para a minha sala. Estava ofegante e muito nervosa quando fiz a ligação. No terceiro toque percebi que o som estava muito próximo.

— Galega... — Virei-me. E lá estava ele!

— Caribe...

CAPÍTULO 39 QUIM

Mais uma noite mal dormida. O motivo era somente a ansiedade. Tão logo decidi ir ao encontro de Alana, não sosseguei. Pesquisei na internet a sua agenda no Rio e descobri que participaria de um evento promovido por sua empresa e em seguida retornaria a Miami. Eu teria de agir rápido se quisesse encontrá-la ainda no Rio de Janeiro.

Liguei para Jorginho, avisei da minha viagem e comprei a passagem. Em seguida fui comunicar à pessoa mais interessada no objetivo da minha ida ao Rio de Janeiro, depois de mim. Duda dormia como um anjinho quando acariciei seu rosto.

— Minha filha, acorde, por favor. Eu preciso te contar algo. — Abriu os olhos lentamente.

— Bom dia, pai. — Bocejou.

— Vou ao Rio de Janeiro. Preciso conversar com a sua tia Alana. — Ela sentou e esfregou os olhos.

— Oba! Posso ir junto? — Sua animação era cativante.

— Não, Duda. Esqueceu que hoje terá prova de português?

— Puxa, pai. Pede à tia Jaque pra eu fazer quando a gente voltar. — Fez um lindo biquinho, mas não foi o suficiente para convencer-me.

— Nem pensar! Faltar a uma prova, somente em caso de doença. Eu preciso resolver algumas coisas antes de pegar o voo em Vitória. Só chegarei à noite no Rio e justamente no horário da festa de Alana.

— Eu também quero ir à festa!

— Não insista, filha. Será uma festa de adultos, ou melhor, será um evento. Mando notícias assim que chegar. — Ainda com seu biquinho, suspirou e sorriu travessa.

— Então eu quero ir ao evento!

— Engraçadinha! — Rimos juntos.

— Tá bem. Mande notícias logo que conseguir falar com ela.

— Será a primeira a saber. — Ela pulou no meu colo. — Torce por mim?

— Uhul! Boa sorte, pai!

Arrumei a mochila e dei uma conferida no único terno que eu possuía. Foi sorte ter mandado para lavanderia em Cachoeiro, depois de usá-lo em uma reunião de prefeitos em Vitória. Usaria na viagem, pois do aeroporto seguiria direto para o local do evento. Liguei para Ivana e pedi que a Duda dormisse em sua casa. Estava bem com Adele, mas não arriscaria viajar e deixá-la sob seus cuidados. Ainda era muito cedo para confiar totalmente nela, principalmente em assuntos relacionados à minha menina. Antes de sair, fui procurá-la e a encontrei descendo a escada vestida com roupa de ginástica.

Ela me olhou dos pés à cabeça, passou a língua no lábio inferior e levantou uma sobrancelha.

— Uau! Bom dia, Quim. Vou à academia, mas já que vai sair, posso ficar com a Duda e depois...

— Não há necessidade de cancelar sua academia. Duda ficará com a Ivana. Não voltarei hoje.

— Outra reunião em Vitória? Vai dormir lá?

— Não. Irei ao Rio de Janeiro.

— Ri-Rio? Fazer o quê? — Estranhei o seu súbito interesse.

— Não é da sua conta. Tchau, Adele! — Ela correu, parou na minha frente.

— Eu não acredito! Não acredito que você vai correr atrás de Alana novamente! Não tem orgulho? Vai se rebaixar, rastejar aos pés dela?

— Porra! Quantas vezes preciso falar que minha vida pessoal não é da sua conta. Me deixe em paz, Adele. Me deixe em paz! — Desviei e segui para o carro. Tudo o que eu mais ansiava era sair e pegar a estrada rumo ao aeroporto. Ela insistiu e agarrou o meu braço.

— Seu otário! Será que não percebe que não faz mais parte da vida dela? Agora ela é podre de rica! Acha que ela vai querer um pobretão como namorado? — cuspiu as últimas palavras.

— Isso quem vai decidir será ela! E quanto ao orgulho, minha resposta é não! Quando o assunto é minha loira, não me deixo levar por orgulho bobo. Só tenho amor dentro de mim. Sempre amei a sua irmã e amarei pra sempre, ela me querendo ou não!

— Vai fazer papel de bobo! Vai quebrar a cara! — Ela largou o meu braço e sorriu debochada.

Saí e ao passar pelo portão, olhei pelo retrovisor e a vi com as mãos no rosto como se chorasse. Não entendi.



Estava uma pilha de nervos quando peguei o táxi que me levaria até a sede da *Alana Shultz*, onde seria o local da festa. O voo atrasou, deixando-me mais aflito. Meu plano era encontrá-la antes do evento, mas devido ao atraso, quando cheguei já havia começado.

Aconteceu o que eu previ, fui barrado na portaria, pois eu não tinha convite. Liguei para Xandy que autorizou a minha entrada imediatamente e me recebeu na recepção. Fiz bem em vestir o terno, pois tudo era muito requintado e luxuoso.

— Olá, Joaquim. Que surpresa agradável! — Sua alegria pela minha presença era intrigante. Pelo visto, a sua opinião a meu respeito havia mudado bastante.

— Oi, Xandy. Preciso falar com Alana. Eu sei que ela está ocupada agora, mas gostaria de esperar aqui mesmo, tudo bem?

— Claro! Fique à vontade. Alana vai levar um tremendo susto quando souber que está aqui. Essa eu não perco por nada! — Sinalizou ao garçom e pegou duas taças de champanhe.

— Preciso dar atenção a um cliente que acabou de chegar. Com licença. — Sorriu e me entregou uma taça.

Virei o líquido gelado de uma só vez. Queria mesmo era algo mais forte, tamanha ansiedade que me consumia. Dei uma volta e não demorei a vê-la. Meu coração deu um salto! Estava linda, trajando um vestido preto decotado e com o cabelo preso, acentuando o seu pescoço esguio. Sua pele estava mais bronzeada, mas nem mesmo a maquiagem conseguia disfarçar o seu olhar triste e cansado.

Alana... Saudade desmedida, meu amor. A saudade dói, mas também é bonita, pois quando a sentimos, foi porque tivemos momentos inesquecíveis, foi porque amamos aqueles momentos. E eu amei cada segundo vivido ao lado da minha loira.

Admirava a beleza e a desenvoltura com que ela tratava os seus convidados, quando senti o perfume enjoativo da última pessoa que gostaria de encontrar.

— Joaquim! Posso saber o que está fazendo aqui? — soou ríspida como sempre.

— Boa noite pra você também, Dandara.

— Não me respondeu! O que faz aqui? — Sorri de lado e olhei bem em seus olhos.

— Não te devo satisfações. Nem adianta vir com as suas mentiras hoje. Já estou vacinado contra as suas artimanhas.

Nosso agradável diálogo foi interrompido, pois voltamos nossa atenção para Alana, que na passarela, posicionou-se entre os modelos para ser fotografada. Eram todos homens musculosos e estavam seminus, vestindo somente cuecas. Não mentiria em afirmar que não senti um pouco de ciúmes assistindo a cena. Mas, nem isso a infeliz da velha deixou-me sentir.

— Você nunca desiste? Será que não entendeu ainda que não está à altura da minha sobrinha? Olhe bem para esse ambiente luxuoso, para as pessoas aqui presentes e por fim, olhe bem para ela. Aquela mulher jamais...

— Cale a sua boca! Eu amo a sua sobrinha. Ela é a mulher da minha vida e nada do que você disser mudará esse sentimento ou me fará desistir, portanto, desista você, Dandara! — Deixei-a falando sozinha e com olhos esbugalhados.

Resolvi aguardar o término da festa no hall do edifício, onde havia um *lounge* confortável. Assim que me acomodei, percebi que a velha havia me seguido e deveria estar disposta a continuar com aquela ladainha, quando Xandy surgiu para me salvar.

— Graças a Deus! Quando te vi entrar no elevador pensei que estivesse indo embora — disse ofegante

— Ele vai embora agora! — vociferou a bruxa.

— Não vou! Ficarei esperando Alana aqui! Porra! Já falei pra você desistir!

— Seu grosso, mal-educado e...

— Chega, Dandara! Joaquim, por favor, venha comigo. Você vai esperar Alana no escritório dela. É aqui mesmo no edifício.

Respirei aliviado. Não queria ter que aturar aquela mulher mentirosa no meu ouvido.

— Pronto! Aguarde aqui. Vou avisar que a espera.

Após a sua saída, deixei a mochila na elegante cadeira postada de frente para a mesa sofisticada. Aliás, tudo naquela sala era de muito bom gosto. As paredes eram todas em vidro temperado, proporcionando uma ampla visão de quase todos os ambientes da empresa. A sala se integrava a uma área de estar com um elegante sofá e quadros de artistas modernos. Mas o que mais me roubou a atenção foi uma gigantesca foto da galega, quando modelo. Passei a mão pelo sua face, cabelos e corpo.

Entrei no banheiro para lavar o rosto, que àquela altura estava pegando fogo, na esperança de me acalmar um pouco. A noite que passei em claro e durante a viagem, tentei ensaiar o que falaria. E quando tudo estava tão próximo de acontecer, não tinha a menor ideia do que dizer. Olhei-me no espelho, meu rosto estava vermelho, e a nuca doía. A verdade era que eu estava muito nervoso.

Parecia um adolescente no primeiro encontro.

Calma, Joaquim. Abra o seu coração, fale que a ama, fale que... O celular tocou. Saí do banheiro.

— Galega... — Ela virou e nossos olhos se encontraram.

— Caribe... — Sua respiração estava alterada assim como a minha. Ficamos algum tempo nos olhando.

— E-Eu... Eu achei a sua festa muito bonita. — Decidi quebrar o silêncio. Balbuciei feito um tolo.

— Veio a passeio ou a trabalho? — A sua veia jugular pulsava.

— Eu vim... — limpei a garganta — Eu vim ver vo... — Fomos surpreendidos com a entrada intempestiva de Xandy.

— Ah! Você está aqui? Porra, Angel! Por que correu de mim?

— Não corri de você. Só estava com pressa. Agora entendi o que você queria me falar. Desculpe.

— Ok. Juízo, crianças! — Fez uma careta, deu a volta e fechou a porta.

— Desculpe, Quim. O Xandy...

— Tudo bem. Ele foi muito legal. Eu não tinha convite pra participar do evento.

— Por que veio, Quim?

— Por que foi embora, Alana? — Toquei o seu braço. Ela estremeceu e afastou-se. De costas, observava a vista da cidade.

— Será que preciso mesmo responder à sua pergunta? — Sua voz soou dura. Senti medo. Eu não recuaria por nada. Tentaria reconquistá-la até o final dos meus dias.

— Sim. Eu gostaria de saber... Não! Eu necessito saber a razão da sua saída repentina de Campos Verdes. Não consigo imaginar um motivo plausível que a tenha feito sair correndo antes de conversarmos. Agora eu sei que não foi pelo francês. — Ela virou subitamente.

— O que tem Olivier a ver com isso? Você não ficou pra me ouvir, não atendeu às minhas ligações e nem respondeu às mensagens. — Seu olhar tinha um brilho indefinido. Ora parecia mágoa, ora raiva.

— Desculpe! Sei que errei por não ter esperado pra ouvir as suas explicações, mas estava muito confuso. Desde que voltou a Campos Verdes, fiquei te defendendo das acusações que fizeram sobre vingança e mentiras. — Respirei fundo e continuei: — Alana, em momento algum eu acreditei, mas, descobrir que você foi capaz de montar um plano ardiloso para se passar por sua irmã,

pirei. Porra! Aquilo me deixou inseguro!

— E foi por isso que correu para os braços dela?

— Corri para os braços de quem? Do que está falando?

Alana começou andar pela sala. Passou por mim como uma fera enjaulada. De imediato consegui identificar perfeitamente aquele olhar. Ela estava furiosa!

— Você é um cara de pau! Eu custo acreditar que na primeira rusga em nosso relacionamento, você correu para os braços dela!

— Você está louca? O que poderia fazer quando o hospital ligou? Eu era o responsável por Adele! Agora estamos com o divórcio em andamento e... — Ela parou na minha frente.

— Que Adele? Estou falando da vadia da Paola!

— Paola? Ah! Sim, é verdade... Ela esteve no hospital. Falei rapidamente com ela.

— A sua noiva esteve em Campos Verdes. Bateu na minha porta e me jogou na cara que passou a noite com você e ainda disse que está grávida de um filho seu!

Suas palavras saíam rápidas e ríspidas. Ela estava quase gritando, rosnando, respiração ofegante e tinha as mãos na cintura. Por fim, entendi o que havia acontecido. Respirei fundo e aproximei-me de mansinho. Com a visão periférica, sondei se havia algum objeto próximo a ela. Não tinha medo da sua ira, mas todo cuidado era pouco.

— Galega, eu posso explicar. Naquele dia, o hospital ligou para avisar que Adele havia acordado e...

— Pula essa parte, porque já entendi! Eu quero saber da Paola! Ainda não entendi em que parte essa vadia entra na sua história!

— Eu vou explicar. Fique calma. — Recuei um pouco. Avistei em sua mesa, um porta-retrato que estampava a foto da Duda e parecia ser pesado.

— Sem enrolação, Quim! — A fera voltou a circular pela sala. Disfarcei e peguei o porta-retrato.

— Calma! Eu contarei tudo! Naquele dia, a Paola me ligou e insistiu para conversarmos. Disse que era urgente e importante. Como ela estava em Vitória também, aceitei encontrá-la na recepção do hospital. Ela inventou o lance da gravidez, mas eu não lhe dei ouvidos. Tinha certeza de que não era o pai do seu filho.

— Filha da puta! E como você sabia que não era o pai? Ela está grávida mesmo?

— Não! Já fiquei sabendo por fontes seguras que ela tentou me dar um golpe, mas eu já sabia que não era o pai porque nós nunca... É... nunca...

— Por quê, droga?

Alana chegou bem perto. Consegui sentir o vento das suas narinas. Parecia uma linda gansa quando armava as suas asas para correr e bicar as suas vítimas. Fui bem generoso quando a comparei com uma gansa. Dei alguns passos para trás.

— Porque eu nunca... Sempre me precavi. Você foi a única mulher que tran... que fiz sexo sem preservativo.

Seu silêncio e seu escrutínio pelo meu rosto eram enervantes. Eu suava em bicas. Alana aproximou-se com um sorriso esquisito e levantou as mãos em direção ao meu rosto. Dei dois passos para trás.

— Fique frio, Caribe. Só quero afrouxar um pouco a sua gravata.

Seu sorriso mexeu com as minhas partes baixas. Puro tesão! Toquei em sua face enquanto ela fechava os lindos olhos. Não a beijaria até esclarecer todas as pontas soltas.

— Por que você fingiu ser Adele? Se queria só descobrir as tretas da sua irmã, não precisaria mentir e enganar tanta gente e principalmente arriscar o seu nome.

— Não está óbvio? — Suspirou e revirou os olhos.

— Não! Sem enrolação! Fale logo!

— Tudo bem. É... — Fomos interrompidos novamente com a porta se abrindo, mas dessa vez não era o seu amigo.

— Carol! Espero que o assunto seja muito importante pra me interromper! O que houve, garota?

— De-desculpe. Alexander pediu para avisá-la que o senhor Matteo Agnelli acabou de chegar e gostaria de vê-la.

— Droga! Perdoe-me, Quim, mas preciso falar com esse italiano. É um cliente importantíssimo.

— Sem problemas. Posso continuar aguardando aqui?

— Claro! Ou melhor, aguarde no meu apartamento.

Imediatamente deu ordens à sua secretária para que o motorista me levasse à sua casa e passasse a chave e a senha do apartamento. Antes de sair ela ainda me olhou uma última vez.

— Fique à vontade. Tem ingredientes na geladeira pra fazer um bom sanduíche. Se quiser tomar um banho, ouvir uma música ou beber um vinho...

— Não se preocupe. Eu me viro. Vá atender o italiano.

- Tá. Me espere acordado, ok?
— Com certeza. Não tenha dúvidas.



Meu queixo caiu, ao entrar na suntuosa cobertura. O projeto era magnífico e por onde andava, a decoração exalava riqueza. Ao subir a escada, deparei-me com a piscina e uma área de lazer que colocava no bolso a área do clube de Campos Verdes.

Imediatamente lembrei-me da Duda. Ela surtaria se visse a impressionante piscina. Nunca tive a oportunidade de levar minha filha para viajar para fora do Espírito Santo. Era tempo de me dedicar mais a ela.

Tomei um banho no primeiro quarto de hóspedes que encontrei. Fiz um sanduíche de salmão defumado, queijo brie, rúcula e me servi de uma taça de vinho.

Perambulei um pouco pela imensa cobertura e tentei descansar um pouco na área externa. Apesar de ainda não termos finalizado a nossa conversa, já me sentia bem mais calmo. Entendi perfeitamente o motivo da sua saída repentina de Campos Verdes. Na certa, sentiu medo, pois já havíamos passado por algo semelhante.

Liguei para Duda, mas ela não atendeu, então deixei uma mensagem. Devia ter cochilado, pois assim que despertei, não ouvi mais o barulho da metrópole. Desci e notei que a luz da suíte de Alana estava acesa. Ao me aproximar ouvi barulho de água. Na certa devia estar no banho e não pensei duas vezes, tirei a minha bermuda e entrei no quarto. Abri a porta do banheiro, ansioso para encontrá-la.

— Alana! — Assustado, corri para ajudá-la. Estava encolhida no chão enquanto a banheira transbordava — O que aconteceu?

— Quim! Você não foi embora!? E-Eu te procurei... — Soluçou.

— Eu estava na área da piscina. Prometi esperar acordado, mas acho que peguei no sono. Desculpe, meu amor. — Levantamos do chão e sentamos na borda da banheira.

— Meu amor? Você disse, meu amor?

— Ainda tem dúvida da imensidão do que sinto? Sempre te amei, Alana. Deixei esse sentimento escondido no meu peito por tantos anos, e ansiava pelo dia que o libertaria. — Afaguei o seu rosto em lágrimas. — É um amor lindo, poderoso e intenso. É seu. Eu sou seu, Galega. — Enxuguei as nossas lágrimas.

— Caribe, eu te amo, sempre te amei. Fiz aquela loucura de fingir que era minha irmã, porque... — Pegou a minha mão e a beijou na palma. — Eu sabia o motivo, mas não queria admitir nem pra mim. Fiz tudo por amor, pra ficar perto de você novamente, mesmo que fosse como outra pessoa. Eu sou louca por você! — Entre choro e risos, nos beijamos como dois desesperados.

— Caribe, você está nu!

— Venha, meu amor. Vamos aproveitar a banheira. — Dei-lhe o meu sorriso mais sacana e a despi.

A noite foi sonho, amor, realidade, desejo e perdão. Amamo-nos sem mentiras, sem medo, sem culpa. Livres!

“Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?” (Fernando Pessoa)

CAPÍTULO 40

ALANA

Bem de mansinho, levantei-me da cama para não acordá-lo. Meu príncipe dormia lindamente e nu. Ficaria por toda a eternidade admirando o seu corpo másculo e a sua boca deliciosa.

Inacreditável, improvável, inimaginável, porém, o mundo dava voltas e o destino mais uma vez nos uniu. Enfim, juntos novamente e com a serenidade que selava o “para sempre”, como Quim prometera há muitos anos.

Vesti a sua camisa me abrigando do frio e fui à varanda. Estremeci com a brisa do mar. O frescor da madrugada com o cheiro da maresia e o barulho das ondas era tudo que eu precisava naquele momento.

Quantas noites imaginei e sonhei em tê-lo de novo. Fantasiava que ao entrar no quarto, deparava-me com o seu corpo emaranhado aos meus lençóis que ainda exalavam o cheiro do nosso sexo, do nosso amor alucinado. Suspirei de felicidade ao pensar que o sonho se realizou.

Estava indignada e magoada com as atitudes de Dandara. Tantas mentiras e tantas pessoas contra o nosso amor. No fundo, eu compreendia a minha tia. Em sua cabeça torta ela tentava somente me proteger. Apesar de entendê-la, não a perdoava pelas humilhações que impusera ao Quim, fazendo-o sofrer amargamente. Por outro lado, eu também nunca havia admitido para ela que ainda amava loucamente o meu cunhado. Pelo contrário, quando tinha oportunidade, sempre falava algo ruim a seu respeito.

No dia em que conversei com ela sobre a troca das gêmeas e confessei o meu novo e velho amor por Quim, ela jamais poderia ter se intrometido entre nós, entretanto, infelizmente não foi o que aconteceu. Suas atitudes levianas e grosseiras só nos causaram mágoas e infelicidade. A certeza era de que havia chegado a hora de deixar tudo para trás e começar uma nova vida com a minha querida Maria Eduarda e com o meu Caribe. Finalmente uma família.

Na varanda, com o vento da madrugada e a lua brilhante como testemunha, fiz algo que não fazia há anos. Rezei e agradei a Deus por ter trazido de volta o meu grande amor e uma linda filha. Por ter nos concedido mais uma chance. Meu peito estava transbordando de felicidade.

Somente um detalhe não me deixava ficar totalmente em paz. Os meus negócios em sua maioria estavam concentrados em Miami e isso me impossibilitava de morar definitivamente no Rio. Precisaria convencer os dois e com urgência, da necessidade de se mudarem comigo. Temia que Quim não compreendesse e não aceitasse morar nos Estados Unidos. Precisávamos transferir a sua faculdade e a escola da Maria Eduarda. Quanto ao seu trabalho, eu tinha ótimas ideias.

— Amor, aqui está muito frio. Vamos pra cama, lá está bem quente, pegando fogo. — Senti braços fortes que me agarravam e aqueciam.

Beijou-me o pescoço e como sempre, estremei em seu abraço. Virei-me e fui recebida com um beijo de tirar o fôlego. Sua língua macia era a minha perdição. Gemi em sua boca e passei as mãos no corpo nu e ardente. Deslizei por suas costas, apalpei a sua bunda, sentindo a rigidez dos músculos e sem resistir acariciei as coxas e o membro rígido. Delícia de homem!

— Vamos sim. Vou apagar esse fogo, Caribe. — Enlacei a sua cintura com as minhas pernas e gemi ao senti-lo tão próximo.

— Eu te amo!

— Eu também te amo, Galega!

Em perfeita sintonia, mais uma vez fizemos amor e muitas loucuras transparecidas na madrugada.



Acordamos perto da hora do almoço e após um banho com direito a mais sexo quente e delicioso, tomamos um café reforçado preparado por meu amor e seguimos para o aeroporto. Ao chegarmos a Vitória, seguimos viagem para Campos Verdes no carro de Quim, pois ele o havia deixado no estacionamento do aeroporto.

Durante a viagem, que foi relaxante e maravilhosa, ele me colocou a par da situação do processo do divórcio. Senti que aquele seria o momento ideal para abordar o assunto que tanto me afligia.

— Caribe... — Ele olhou-me com carinho, pegou a minha mão e a beijou.

— Fala, minha loira. — Esse homem me desorientava. Foco!

— Você sabe que a minha residência oficial é em Miami. Estou iniciando os negócios no Rio e morar aqui no Brasil seria inviável no momento, então... — O medo da sua resposta deixou as minhas mãos completamente molhadas de suor.

— E? E o quê, Galega? — Seu rosto estava sério demais. Comecei a rezar,

pedindo a Deus que realizasse mais esse sonho. — Alana?

— Você e a Maria Eduarda poderiam... poderiam... — Assustei-me! Ele jogou o carro no acostamento, desligou e encarou-me com os lábios apertados. De repente explodiu em uma gostosa gargalhada.

— Meu anjo, você está dando voltas pra me perguntar se eu aceito morar em Miami? Eu e a Duda? — Ainda sorrindo, ele acariciou o meu rosto.

— É isso. Eu sei que você construiu a sua vida profissional aqui, mas você pode terminar a sua faculdade lá e depois...

— Sim! — Seus olhos brilhavam.

— Você aceita?

— Sim, mas com uma condição.

— Co-Condição? Qual?

— Casa comigo? Só vou pra Miami se for casado contigo. Afinal, tenho uma reputação a zelar. O povo de Campos Verdes vai comentar que você está só abusando de mim. — Suas risadas eram contagiantes.

Aturdida com o seu pedido, demorei a responder-lhe. O acompanhei na gargalhada, montei no seu colo, agarrei o seu rosto e disse-lhe olhando em seus olhos verdes cristalinos.

— Senhor Joaquim, sim! Sim! Eu aceito me casar! Farei de você, um homem honrado. O meu homem, primeiro e último amor da minha vida. Vou te amar pra sempre. Pra sempre! — Ele parou de rir de repente.

— Porra! houve um tempo em que eu sonhava todos os dias com esse momento. — Segurou o meu rosto — Depois, precisei trancar esse sonho bem no fundo do meu coração, mas, eu nunca tive controle sobre ele e a saudade me consumia dia e noite.

— Quim, não chore mais meu amor. — Percebi que também chorava quando ele enxugou as minhas lágrimas.

— Alana Shultz, você me completa, dá sentido à minha vida. Você é o meu sonho, a minha realidade e o meu amor. Te amo!



Chegamos a Campos Verdes e assim que entramos na garagem, seguimos para seus aposentos. Não queria me encontrar com Adele naquele momento. Tomei banho enquanto Quim foi à Construtora e depois pegaria Maria Eduarda na escola. Estava morrendo de saudades da minha menina.

Acabei de me vestir e senti a sua presença. Não precisei me virar para saber

que a minha irmã estava no quarto.

— Boa tarde, Adele. — Olhei para ela. Seus olhos eram duas chamas.

— Boa tarde, gêmea. Esqueceu alguma calcinha na minha casa ou veio roubar a minha vida novamente?

Respirei fundo. Era chegado o momento de colocar as cartas na mesa. Com uma calma fingida, peguei a escova de cabelo e lentamente penteei os cabelos sob o olhar irado dela.

— Nem uma coisa nem outra. Vim resgatar o que você tentou me roubar, mas não conseguiu. Sabe por quê? Porque ele NUNCA foi seu. Até a filha que você teve com o meu homem, não foi capaz de amá-la. Adele, você nunca amou, nunca foi amada e nunca teve uma família de verdade!

— Você não sabe nada da minha vida! Não sabe o que aconteceu nesses anos todos e nunca se interessou em saber! Jamais se preocupou com os meus sentimentos! Nem sabe o que sinto pela minha filha, portanto...

— Eu sei muito bem! Sei por que fui extorquida por você durante anos. Usou a própria filha para me explorar e me enganar. E se não bastasse tanta canalhice, ainda fez chantagens e a coagiu. Você sempre foi uma pessoa interesseira, egoísta, invejosa e...

— Cale a boca, Alana! Eu cansei! Cansei de ser humilhada por você e por todos. Essa gentalha que fala de mim, mas tem podres piores que os meus e vivem posando de puritanos. Cansei de viver na sua sombra a minha vida inteira. Mesmo sendo gêmea, eu nunca era a mais bonita, eu era a burra, a devassa, a mentirosa, a volúvel! — Gesticulava, circulava pelo quarto e continuou o desabafo com sangue nos olhos. — E Alana? A preferida do papai e da mamãe, a estudante brilhante, a princesinha! Até os caras que eu pegava acabavam interessados em você! Só se aproximavam de mim pra conseguir chegar até a princesa Alana. Estou farta! Estou farta de você e dessa minha vida medíocre! — gritou.

— Adele, você sempre se colocou em posição de vítima, mas esquece de que nós tivemos oportunidades iguais na vida, mas preferiu seguir por outro caminho. Nós nascemos até com a mesma cara, mas foi você que se excluiu, se diminuiu e nos separou. Sua vida virou uma disputa ridícula. Nunca quis ser minha amiga de verdade e eu passei a vida inteira tentando me defender das suas maldades e da sua inveja repugnante!

— Eu que me excluí? Que me afastei? Você nunca me deixou entrar no seu mundo. Quantas vezes ouvi de você que eu era burra, ignorante e que nunca ia ser nada na vida? Você sempre me humilhou! Foi só por isso que armei para o

seu namoradinho. Queria me vingar de você! Deu errado porque eu não queria ser mãe tão cedo e muito pior, casar aos dezoito anos!

— Ah! Então foi somente por um capricho que resolveu acabar com a minha vida e com a dos nossos pais?

— Você pode não acreditar, mas eu não pretendia ir tão longe. Eu queria somente tirar o seu sorriso nojento da cara, queria machucar a garota apaixonada e amada por todos! Só consegui mesmo foi foder com a minha própria vida!

— Essa sua brincadeira de mau gosto, só trouxe dor e tristeza para a nossa família. Separou um casal que se amava e o que foi pior, me separou dos nossos pais! E ainda foi infeliz no casamento, fez o Quim infeliz e foi uma péssima mãe!

— Eu queria abortar, porra! Mas o Quim não aceitou! Preferiu assumir o filho se casando comigo. Que culpa eu tenho?

— Sua tola! Ele se casou porque foi coagido por nosso pai. O seu Giovanni o chantageou dizendo que se ele não se casasse com você, nunca mais veria a mim e ao seu filho! — Adele arregalou os olhos. Pela sua surpresa, percebi que ela também não sabia de nada.

— Se eu tivesse conseguido fazer um aborto, nada disso teria acontecido, mas o seu namoradinho me impediu e o pai acabou ouvindo tudo! Ele também é culpado!

— Nem fale uma merda dessas! A Maria Eduarda pode chegar a qualquer momento e não quero que ela ouça as suas palavras horríveis!

— Eu quero que a Duda, o Quim e a cidade se fodam! Eu estou cheia dessa porcaria de vida! Eu não aguento mais!

De repente, Adele começou a chorar como uma histérica, a andar pelo quarto e a jogar objetos no chão e nas paredes. De início me assustei com a sua reação intempestiva, mas enfim consegui mexer-me e tentei segurá-la antes que destruísse o quarto de Quim. Seu descontrole era assustador!

Após muitos anos, abracei a minha irmã novamente e não senti a repulsa que sentia antes. Apesar de nada apagar as suas maldades, compadeci-me da sua solidão, angústia e da sua infelicidade. Ali estava uma Adele totalmente despida da sua arrogância. Ela havia tirado a máscara e me deixado ver toda a sua fragilidade e fraqueza. Enquanto ela soluçava em meu colo, fiz uma retrospectiva e puxei as mais antigas lembranças.

Lembrei-me o quanto éramos unidas quando crianças, mas não consegui lembrar-me em que momento tudo desandou. Quando foi que não dividíamos mais as bonecas, quando deixamos de fazer as nossas traquinagens e a não

sentarmos mais juntas na escola.

Fora uma separação muito dolorosa, pois ainda muita criança, não entendia o porquê desse seu distanciamento, mas eu também nunca fiz sequer um gesto de reaproximação, pelo contrário, a cada dia eu me distanciava mais um pouco da pessoa que deveria ser a minha melhor amiga. Desisti sem nem ao menos tentar. Lamentável. Triste. A deixei deitada, para pegar uma água, quando percebi que ela estava mais calma.

— Adele... Eu preciso avisar que vou me casar com Quim, assim que o divórcio sair. Iremos morar em Miami e a Maria Eduarda irá conosco. — Ela tirou o braço que escondia o seu rosto, revelando os olhos inchados.

— Já imaginava — disse baixo. — Por mim, tudo bem. Ontem falei com o Doutor Rodrigo. O divórcio está para sair a qualquer momento. — Sentou-se na cama e esfregou o rosto. Parecia exausta. — Sabe, Alana, eu pensei que você nunca fosse querer o Quim de volta. Sua vida agora é tão diferente. Você tem o mundo aos seus pés. Não entendo.

— Adele, você já amou algum homem, de verdade? — Ela ficou parada, olhando para o nada, como se estivesse procurando uma resposta, que não veio.

— Pois eu amo o Quim. Sempre amei. Não tem glamour ou dinheiro que supere o grandioso, puro e louco amor que sinto por ele e pela Maria Eduarda. — Ela sorriu de lado e balançou a cabeça em afirmativo.

— Que bom. Os dois merecem ser amados. Mas, o Quim é um duro. Você terá que sustentar a Duda e a ele também. — Consegui impedi-la de terminar o seu raciocínio infeliz.

— Não fale bobagens! O dinheiro é um mero detalhe em nossa história. Ele é um homem íntegro, inteligente e um profissional muito capacitado. Tenho certeza de que não deixará o orgulho impedir a nossa felicidade. Darei todo apoio necessário para que ele possa concluir a faculdade e trabalhar com o que ama.

— Entendo. Vocês merecem ser felizes depois de tudo que passaram. Prometo não ficar mais no seu caminho. Estou muito cansada de tudo...

— Você também, Adele. Merece encontrar um amor, um trabalho que te inspire.

— Um amor? Um trabalho? Em Campos Verdes? Eu bati a cabeça, mas não fiquei doida, minha irmã! — E o inusitado aconteceu. Caímos na gargalhada. Foi nesse momento louco que tive uma ideia brilhante.

— Tive uma ideia! Você adora moda, então...

— Ai, Alana! Não venha me dizer para eu estudar moda! Não quero mais

estudar!

— Calma garota! Pensei em montar uma loja de roupas e acessórios aqui em Campos Verdes, talvez em Cachoeiro ou até mesmo em Vitória. O que acha?

— Hum... E você quer que eu seja a sua gerente? O salário é legal?

— Não é pra ser gerente. É pra ser proprietária. Eu montaria uma loja maravilhosa, como nenhuma outra aqui nas redondezas e você seria a única proprietária, mas eu mandaria uma das minhas gerentes pra te dar total apoio até você aprender a administrar uma loja desse porte. E então? Topa?

Ela não respondeu. Ficou parada com um olhar atônito e a boca aberta. Já estava preocupada com a sua inércia, quando enfim ela piscou.

— Por quê? Por que está fazendo isso por mim? Mesmo depois de tudo que aprontei? — Levantei da cama e comecei a colocar cada objeto no seu devido lugar.

— Eu estou muito feliz e gostaria que você também fosse feliz. Não quer dizer que já esqueci tudo que aprontou, mas é um passo importante pra quem sabe um dia, possamos ser novamente amigas. Agora é a sua vez de dar um passo. Aceita?

— Uau! Agora estou começando a acreditar que você é mesmo mais interessante do que eu. Já foi mais malvadinha, hein? É claro que aceito, gêmea!

— Rimos mais uma vez e foi então que notamos a presença da Maria Eduarda e do Quim, boquiabertos com a cena.

— Tia Angel!

— Maria Eduarda!

Nosso reencontro foi regado a muitas lágrimas, beijos e abraços. Senti muita falta da minha pequena e não via a hora de levá-la comigo.

Naquela tarde, aconteceu mais um episódio inusitado. Os quatro, sentados juntos na mesma mesa, lanchando em total harmonia. Adele disputava com Maria Eduarda o título de miss euforia. Minha irmã não parava de falar da sua futura loja e minha sobrinha de nossa mudança para Miami. Eu e Quim nos desligamos das duas matracas e nos recolhemos numa bolha, onde os olhares falavam mais do que as palavras. Ele me comia com os olhos e eu me contorcia de desejo.

— Gente! Preciso contar a novidade pra Beca! Nem acredito que serei uma empresária! Será que posso contratar a Rebeca como minha funcionária?

— Claro, Adele. Será a proprietária. Você decide!

— Ótimo! Vou contar a novidade agora mesmo, até porque já estou enjoada

de ver essa melação! Vocês continuam os mesmos pegajosos, sabiam?

Ela saiu correndo da mesa com o celular na mão, enquanto Maria Eduarda foi para o quarto contar a novidade para as amiguinhas. Olhei para o meu amor, e o seu olhar dizia algo mais.

— Galega, tenho uma notícia que vai completar o nosso dia maravilhoso.

— Oba! Mais notícias boas? — Sentei-me no seu colo e mordi o seu lábio e capturei a língua macia e doce.

— Falei com o doutor Rodrigo e iremos assinar o divórcio amanhã. Depois disso, já podemos marcar a data do nosso casamento.

— Parece um sonho! Precisamos comemorar! — Embrenhei os dedos nos seus cabelos e dei-lhe um beijo, sugando os lábios carnudos, enquanto ouvia os gemidos roucos.

— Podemos fazer o casamento aqui mesmo?

— Aqui? Em Campos Verdes? Tem certeza, Alana? — indagou, sem conseguir esconder a satisfação.

— Tenho! Aqui ou em qualquer praia do Espírito Santo. Pode escolher.

— Adorei a sua ideia. Podemos fazer a cerimônia na praia de Iriri. É bem próxima a Campos Verdes e todos os nossos amigos poderão comparecer. Não vejo a hora de me casar com você, minha gostosa. — Entre beijos e afagos, sussurrou: — Amor, agora preciso de um banho.

— Precisa de ajuda, Caribe? — Seu sorriso sacana era delicioso.

— Sempre, Galega. Sempre!

EPÍLOGO

Alana dormia serenamente. Deixei a bandeja de café na cama, mas não encontrei coragem para acordá-la. Recostado nos travesseiros, admirei a sua pele, o seu corpo e os cabelos dourados.

Minha esposa.

A força de um amor é linda e inacreditável. É surpreendente o poder desse sentimento. Traz consigo a capacidade de mover e mudar totalmente a nossa vida e ainda nos faz ver que ela só terá sentido se vivermos plenamente e intensamente ao lado da pessoa amada. Para muitos, amar assim pode ser loucura, insensatez, mas não para mim. A vivacidade que esse sentimento avassalador me traz, compensa o medo e a insegurança de não dar certo.

Já deu certo.

Hoje celebramos seis anos de casados. Uma união regada com muito amor, respeito e cumplicidade.

— Papai!

A porta escancarou batendo com força contra a parede. Juliana tinha a cor dos meus olhos, mas os cabelos dourados e a personalidade marcante eram todos da mãe.

— Psiu! Não faça barulho, meu anjo. Sua mãe ainda está dormindo.

— Eu também *quelo* café na cama. Posso *comê* esse?

— Não, filha! Você já tomou o seu — sussurrei para não acordar Alana.

— Mamãe tá *dumindo*... Casa comigo, papai?

— O quê? Eu já sou casado, Juh. É minha filha, portanto pode esquecer essa ideia de casamento. Ainda é só uma garotinha.

— Puxa, pai. Também *quéio* ganhar café na cama e rosa *vemeia*.

— Vermelha! Não seja por isso. Não precisa casar-se pra ganhar café na cama. Prometo que amanhã, levo pra você. Agora vá acordar a Duda. Ela vai acabar se atrasando.

—Oba! Oba!

— Psiu! Não grite! — Antes de sair, parou na porta e deu um sorriso encantador.

— Pai? Vou ganhar a rosa *vremeia* também, né?

— Ver.me.lha! Sim!

— Eba! Eba! — gritou e bateu a porta com força.

Depois da euforia de Juliana, a minha linda esposa abriu os olhos e sorriu.

— Bom dia, meu amor. Não consegui controlar a Juh.

Ela espreguiçou e deixou o colo desnudo escapar dos lençóis. Seus seios arrebitados me chamavam. Não resisti ao convite e suguei-os, dando-lhes um bom dia especial.

— Hum... Que delícia, Caribe.

— É? Essa boca pode fazer muito mais...

— Estou falando do café que preparou. — Dei-lhe um olhar ofendido e sua gargalhada gostosa me contagiou.

— Te peguei! Vem fazer a sua mulherzinha mais feliz hoje. É nosso aniversário de casamento, portanto nós merecemos o céu.

— Galega, para o que pretendo fazer agora, melhor que não seja no céu. Lá ficariam scandalizados. Parabéns vida!

— Parabéns, amor! — Suspirou — Quim, viver ao seu lado é um sonho que se tornou realidade. Você e as nossas filhas serão sempre a razão de todos os meus sorrisos e da minha felicidade. Eu te amo!

— Uau! Que linda declaração! Eu também te amo todos os dias. Para sempre!

Selamos o momento com um beijo macio e quente. Apressado, tirei a bandeja da cama e comecei a me livrar da bermuda quando a minha galeguinha abriu a porta novamente.

— Pai! Pode ser rosa *amalhela*?

— Amarela! Pode ser azul, roxa, lilás... — falei impaciente.

— Uhul! — Saiu saltitante.

Tranquei a porta e levei minha esposa ao céu.



Cheguei atrasado à empresa, porém o motivo foi justíssimo. Não que todos os nossos dias não fossem especiais, porém naquele, o sol nasceu diferente e até os pássaros estavam mais cantantes. As belas lembranças me invadiram logo pela manhã e me levaram a um dos dias mais felizes da minha vida, ao do nosso

casamento.

A cerimônia se realizou em um Resort na praia de Iriri, com todos os amigos e parentes presentes. Nossos padrinhos foram a Jaque com Cleiton e Jorginho com Francisca. Ivana e Perê ficaram no altar, simbolizando os pais de Alana. Meu pai travou uma batalha com Xandy para levar Alana ao altar, que só concordou após a sua Angel prometer que ele seria o padrinho do nosso primeiro filho.

Dias após o casamento, nos mudamos para Miami. Nossa adaptação transcorreu de maneira bem tranquila. A felicidade por finalmente estarmos todos juntos compensava qualquer contratempo.

Maria Eduarda se tornou uma adolescente linda, feliz e totalmente adaptada à vida nos Estados Unidos. Minha filha já até passou pela fase do primeiro amor. Sofri junto com ela, pois conhecia bem a dor da perda. Emocionei-me quando lhe respondi sobre em que circunstâncias ela fora concebida. Senti que já havia chegado o momento e que a Duda merecia minha sinceridade. Surpreendi-me com a sua maturidade:

— *Pai, a verdade é que fui concebida com muito amor. Da sua parte, pelo menos. Naquele momento era Alana quem estava sendo amada por você. É isso que importa.*

Sempre que podíamos visitávamos os amigos em Campos Verdes e os meus pais, que moravam na casa dos nossos sonhos em Princesa. Quando concluí a obra, os convidei para morarem lá. Vez ou outra nos visitavam em Miami, apesar da saúde do meu pai ainda necessitar de cuidados constantes.

Adele veio nos ver somente duas vezes nesses seis anos. Sua vida mudara bastante ao se tornar uma empresária. Mesmo com toda evolução do seu espírito atormentado, eu ainda não ficava muito à vontade em sua presença. Imaginava que ela ainda poderia aprontar algo para Alana, enquanto sentia que a inveja ainda não havia se desprendido daquele coração.

Em sua última vinda, trouxe a tiracolo, sua amiga Rebeca. O comportamento inconveniente da amiga fizera a minha loira ficar fora dos eixos. Talvez tenha sido a última vez que presenciei um rompante de Alana, quando ela arremessou mais um vaso contra a parede.

— *Eu vou romper a face dessa Rebrega!*

As visitas inoportunas terminaram aquele dia infernal hospedadas em um hotel.

Dandara amargou um longo afastamento da sobrinha, mas por fim, desculpou-se e se mostrou uma avó maravilhosa para as nossas filhas. Ela e o Xandy foram de grande ajuda para que pudéssemos seguir com nossas vidas profissionais sem

maiores preocupações com as meninas.

Desde a mudança para Miami, minha vida parecia um sonho. Nem acreditei quando a minha esposa anunciou que estava grávida de Juliana. Foram meses muito especiais em que curtimos e nos emocionamos com o crescimento da sua barriga e a cada ultrassonografia. A decoração do quarto ficou por conta do padrinho babão, Xandy.

Outro acontecimento emocionante foi a minha formatura. Após tantas adversidades, finalmente formei-me engenheiro civil, enquanto a minha loira cuidava da expansão dos seus negócios.

No início fiquei um pouco envergonhado em ser praticamente sustentado por ela, entretanto, assim que me adaptei à faculdade, ingressei em um programa de estágio de uma renomada construtora, na qual fui contratado, tão logo me formei.

Eu e Jorginho tínhamos planos de num futuro próximo, montar uma empresa de Engenharia em Miami. Alana nos ofereceu apoio financeiro, porém recusei, momentaneamente. Não por orgulho, e sim por achar necessário adquirir mais experiência em terras estrangeiras. O momento certo chegaria. Jorginho estava se especializando nas técnicas e normas da construção civil americana, enquanto o seu namoro com a Francisca, continuava na mesma enrolação.

Eu estava com trinta e seis anos de idade, mas não encarava como um empecilho para sonhar, planejar, persistir e realizar. Sentia-me muito mais vivo do que há dez anos.

Deixei as lembranças de lado e liguei para o restaurante preferido da Galega, para confirmar as reservas da mesa e da suíte presidencial do hotel. Passei as instruções de como deveria ser a decoração do quarto, e na hora do almoço pegaria o seu presente na loja.

Já havia combinado com Dandara, que dormiria com as meninas, para que pudéssemos passar a noite fora.

Recebi uma ligação de minha esposa, no final da manhã. Na certa, era para agradecer as rosas que enviei para o seu escritório.

— Oi, loira. Tá procurando o seu homem? — atendi a chamada de vídeo.

— Não. Estou procurando a minha calcinha. Não sei onde a perdi. Pensei que pudesse ter esquecido aí quando fui te visitar na semana passada.

— Ela está aqui comigo. Cheiro esse lencinho várias vezes ao dia. — Peguei a delicada peça de renda azul e a cheirei.

— Hum... Então, hoje serei obrigada a trabalhar sem calcinha. — Afastou o celular e focou na sua intimidade nua. Quase caí da cadeira ao assistir a cena em

que ela se tocava.

— Porra, Alana! Quer me deixar louco?

— *Está bem. Deixarei você trabalhar em paz. Sairei pra almoçar com alguns italianos. A gente se vê à noi...*

— Nem fodendo! Vista uma calcinha, agora! Ou melhor, estou saindo daqui pra almoçarmos juntos. Aguarde aí!

— *Ai, Caribe, sorry, mas não poderei cancelar o almoço com os italianos. Sinto muito, amor. Um beijo bem gostoso nessa boca cheia de vida. Te amo!* — Desligou.

Caralho! Levantei-me às pressas para tentar alcançá-la antes que saísse do seu escritório, porém dei-me conta de que estava com uma ereção gigantesca. Soltei um palavrão quando ouvi duas batidinhas na porta. Pensando ser a secretária, sentei-me a fim de esconder de Mrs. Rose, a minha barraca armada.

Assim que ela entrou, meu coração se uniu às partes baixas. Desci o olhar para as pernas torneadas, a cintura delgada e seios delicados. Toquei-me enquanto ela fechava a porta e desfilava literalmente pela sala.

Porra! Que delícia de mulher. Como resistir?

— Venha aqui, gostosa. Senta aqui no meu colo. — Bati na perna, acariciei o meu pau e me diverti com a sua salivação. O seu cheiro me excitava a um nível insuportável.

Ela sentou no meu colo e posicionou as pernas em cada lado da cadeira. Esfregou a intimidade úmida, e molhou a minha calça cinza. Embrenhei os dedos em seus cabelos, deixei o lindo pescoço disponível, enquanto mordiscava e chupava a pele macia e cheirosa.

— Quer dizer que a loira está a fim de brincar? Você ligou do banheiro daqui da empresa, não é? Sua sacana! Foi de lá que filmou essa delícia? — Ela gemeu como uma gata no cio.

— Não. Eu estava na recepção. — Parei.

— O quê? Porra! Você enlouqueceu?

— Te peguei! Brincadeira amor.

— Ainda bem!

— Estava no elevador...

— Caralho! Sua safada mentirosa. Merece um castigo. — A fiz sentar à mesa, abri as suas pernas e dei vida aos meus lábios. Aos nossos lábios. Fizemos um amor desvairado! Em casa, no escritório, na praia, no carro, em qualquer lugar, em qualquer tempo, fazer amor com a minha mulher, era sempre especial. Após

um sexo suado, nos recompomos e destranquei a porta.

— Quim, logo mais, podemos passar em um evento antes de irmos para o nosso jantar?

— Evento, Alana? — resmunguei.

— Será o lançamento do livro de uma grande amiga. Não a vejo desde que foi morar na Espanha. Recebi o convite há meses e gostaria muito de prestigiá-la. Nalí Fernandez é uma escritora brasileira que está fazendo um enorme sucesso com as suas obras. Sou muito fã do seu trabalho e...

— Me convenceu! Já li seu livro, Arquivo X. — Beije as suas mãos delicadas.

— Ok. Vamos almoçar?

— E os italianos?

— Era mentira! Ah! Obrigada pelas rosas. São lindas!



Precisei de muita lábia para que a Juliana entendesse o porquê da impossibilidade de servir o seu café na cama, na manhã seguinte, como havíamos combinado. A espertinha me fez prometer que serviria o seu café o resto da semana para compensar a falha e ainda pediu a irmã para me substituir.

Após o lançamento do livro, seguimos para o restaurante. Jantamos sem parar de nos provocar. Alana vestia um elegante e sexy vestido vermelho com um generoso decote, capaz de tirar a sanidade de qualquer homem sensato. Meu desejo queimava por dentro. Não via a hora de estarmos a sós novamente. Estávamos provando a sobremesa quando recebi uma ligação de Duda.

— Oi, filha.

— Pai, você me deixou numa fria. Onde acharei uma rosa amarela, pra Juju?

— Caramba! Não pensei nesse detalhe. Darei um jeito. Não se preocupe. Sua mãe quer falar contigo. — Passei o celular para Alana.

Enquanto as duas conversavam, fui até o maitre e lhe pedi um enorme favor. Ele deixou-me aliviado quando confirmou que o hotel poderia atender ao meu pedido, então passei-lhe o endereço. Voltei para a mesa e as duas ainda conversavam. Pedi para falar com a Duda novamente.

— Duda, um funcionário do hotel entregará em casa, as rosas amarelas e algumas outras de cores variadas também. Só me ligue se for uma urgência. A partir de agora eu e sua mãe estaremos muitos ocupados. Te amo! Beijo.

— Também te amo, pai! — Desligou.

- Quim! Isso é coisa que se fale pra Maria Eduarda?
- Estou com pressa e não quero ser interrompido novamente.
- Uau! A noite promete... Vamos subir?
- Já subiu... — Mordi os lábios. Com um rápido olhar, ela confirmou.
- Caribe, vamos para a nossa suíte, agora!
- Sim!

Sentíamos que estávamos sendo recompensados após tantos desafios e desencontros. A nossa felicidade advinha do perdão concedido, do amor resgatado e dos frutos dessa união. Sem perder a esperança, com garra e perseverança, contrariamos o improvável, superamos os equívocos, a distância, e a dor da saudade. Agora somos, juntos, autores da nossa própria história.

Viver e amar, vale a pena!

Existe uma frase da Clarice Lispector que me define bem: “Não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito”.

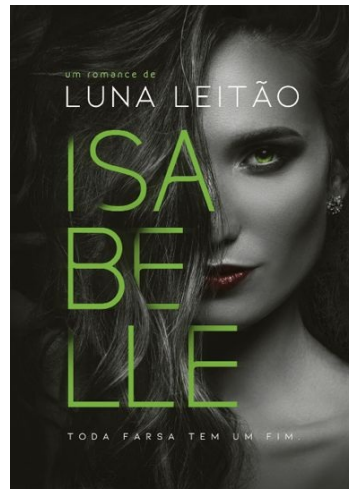
FIM



LUNA LEITÃO é capixaba, vive em Vitória/ES, com o marido e o(s) filho(s). Adora ler, principalmente, histórias de amores proibidos, onde encontrou inspiração para escrever o seu primeiro romance: “Isabelle”.

Quando não está à frente do computador criando histórias, está envolvida na leitura dos seus romances preferidos ou nos cuidados do seu pequeno.

Apesar de viver no agito do litoral, Luna adora o aconchego das montanhas e boa música para relaxar.



ISABELLE

TODA FARSA TEM UM FIM

Isabelle, uma linda estudante mineira, divide um apartamento com seus dois melhores amigos, Pedro e Javier, em Londres. Seu mundo vira de cabeça para baixo quando, em nome da grande amizade que nutre por seu amigo, resolve ajudá-lo participando de uma farsa, até Pedro ter maturidade e segurança suficientes para assumir sua homossexualidade à família e provar ao pai o seu valor profissional antes de revelar a verdade.

Cassiano de Alcântara Maldonato, grande empresário capixaba do ramo de mármore e granitos, é um viúvo lindo e cobiçado pelas mulheres. Homem sério vive para o trabalho e os dois filhos, sendo que um deles é especial. Desde que enviuvou, nunca quis ter relacionamentos sérios, até conhecer uma ruiva estonteante na praia e ser surpreendido por um louco amor à primeira vista. A paixão entre ambos é explosiva! Ele tinha encontrado uma linda “sereia” e caído em seu feitiço; porém, nada o preparou para a surpresa estarrecedora ao conhecer a noiva de seu amado filho.

- Conteúdo adulto.
- ISABELLE, disponível em formato digital pela Amazon Unlimited: <https://goo.gl/egNTxt>, e físico direto com a autora.



www.instagram.com/lunaleitao/
www.facebook.com/luna.leitao.587
lunafleitao@gmail.com

Table of Contents

[FICHA CATALOGRÁFICA](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[SINOPSE](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[capítulo 21](#)

[capítulo 22](#)

[capítulo 23](#)

[capítulo 24](#)

[capítulo 25](#)

[capítulo 26](#)

[capítulo 27](#)

[capítulo 28](#)

[capítulo 29](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

[capítulo 32](#)

[capítulo 33](#)

[capítulo 34](#)

[capítulo 35](#)

[capítulo 36](#)

[capítulo 37](#)

[capítulo 38](#)

[capítulo 39](#)

[capítulo 40](#)

[EPÍLOGO](#)

[BIOGRAFIA](#)

[OBRAS](#)

[REDES SOCIAIS](#)